

EUSÍNIO LAVIGNE

Os Espiritualistas perante a Paz e o Marxismo

ou

A perfectibilidade do Espírito, pelo Socialismo

(Interpretação progressista do Livro dos Espíritos)
Contendo uma carta de *Leopoldo Machado*,
e outra de *Antonio José Alves*,
e um capítulo de *Carlos Imbassahy*

Prefácios de *Anibal Vaz de Melo* e *Jorge Amado*

Editôra **RENOVAÇÃO**, Limitada

Niterói — 1955

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Eusíbio Gaston Lavigne

Sumário

Prefácio de Aníbal Vaz De Melo	4
Prefácio de Jorge Amado	9
Explicação	10
De Eusíbio Lavigne a Leopoldo Machado	13
O Individualismo das Religiões	15
Fatos que Sepultaram o Individualismo	19
A Influência do Socialismo no Conceito da Paz	25
A Personalidade Espírita de Leopoldo Machado	28
Natureza de sua Tese sobre o “Espiritismo De Vivos”	29
Incoerências do Autor com a sua Própria Tese	35
Primeira Série de Incoerências	37
Ismael Braga na Onda das Mesmas Contradições	44
A Prece	50
A Segunda Incoerência	52
A Terceira Incoerência	54
Obscuridades e Contradições de Emmanuel	55

O Problema da Educação e a Economia Humana	59
O Progresso e a Ação do Homem	61
De Leopoldo Machado a Eusínio Lavigne	63
De Eusínio Lavigne a Leopoldo Machado	66
Seu Livro “A Caravana da Fraternidade”, e as Críticas	67
A Relatividade do Papel dos Oradores e Publicistas.	79
A Preponderância da Realidade Objetiva	81
“Livro dos Espíritos” E a Atualidade. Natureza do “Partido Comunista”	83
O Pensamento Progressista de Kardec	88
A Produção Econômica, A História, A Moral e a Consciência Social.	90
Natureza do Materialismo Marxista	93
A Dialética Materialista e a Doutrina dos Espíritos. Moral Científica	95
“Espiritismo” Reacionário	100
Propagandas Espíritas Utópicas. A Caridade.	105
A Liberdade - O Livre Arbítrio.	107
O Caráter da Violência ou da Força	109
Violenta Contradição da Burguesia sobre a “Força”	112
O “Livro Dos Espíritos” também se Interpreta em Espírito e Verdade	113
Absurdos do Misticismo	117
Espíritas, em Tremenda Contradição. A Relatividade dos Conceitos.	120
Espiritismo Religioso	124
A Liberdade Econômica e a Cidade Espírita de Palmelo	127
Os Espíritas E Os Partidos Políticos	128
Preleções Morais Inócuas; Importância Capital da Fenomenologia Espírita.	129
A Fenomenologia e a Origem da Vida	132
A Liberdade Religiosa e a União Soviética	133
Kardec e as Massas Populares	134
Reforma do Espiritismo. Agenda de Possível Convenção Nacional.	137
O Neutralismo, Contestado por atos Passados da Federação Espírita Brasileira	139
Ato ou Documento	141
2º Documento	145
3º Documento. Ainda o Neutralismo e Espíritas de São Paulo	150
A Moral Espírita, A Moral Comunista e A Assistência Social.	155
O Marxismo, Instrumento de Visão Social	159
Um exemplo concreto, em face da moral burguesa e da moral comunista. notas contraditórias e reacionárias de “Reformador”, da Federação Espírita Brasileira.	160

Influência reacionária do ensino religioso da Federação Espírita Brasileira, nos meios espíritas. Um belo estudo de Aníbal Vaz de Melo	171
A Federação Espírita Brasileira, e a Memória de Augusto Elias da Silva	177
Voltando ao Exemplo Concreto, do Juiz de Minas	180
A Base Imutável das Coisas	181
O Materialismo em Função da Espiritualidade, e a Moral Comunista	182
Onde a Diferença Entre a Moral Espírita e a Moral Comunista	185
Conclusão.....	189
IV	191
Natureza Sociológica da Paz.....	191
A Lei da Evolução e a Paz.....	192
A Onu e o Movimento Mundial da Paz.....	193
A Paz, A Liberdade do Comércio Internacional e Os “Trustes”	196
A Paz e o Colonialismo	200
Origem dos Conflitos Atuais. Adulteração Maliciosa do Movimento da Paz, pelos Desafiadores de Guerras.	202
O Movimento da Paz é a Defesa Da Humanidade.....	209
V	212
O Cristão e o Socialismo	212
VI	238
Sousa Do Prado, A Federação Espírita Brasileira, As “Palavras De Emmanuel” e o “Centro Espírita 18 De Abril”	238
VII	264
Recreação.....	264
VII	273
“Tartufo Desmascarado”, de Sousa do Prado	273
IX	293
Cristianismo e Espiritismo	293
X.....	303
Carta de um Espírita a um Pregador de Espiritismo.....	303
Nota Complementar Nº 1 (Nótula Nº 3).....	334
Nota Complementar Nº 2 (Nótula Nº 4).....	339
Nota Complementar Nº 3 (Nótula Nº 6).....	341
Nota Complementar Nº 4 (Nótula Nº 12).....	342
Nota Complementar Nº 5 (Nótula 5c).....	345

Prefácio de Aníbal Vaz De Melo

Belo Horizonte, Vila Betânia, Julho, 55.

Meu caro amigo Eusínio Lavigne,

o meu grande abraço fraternal.

Acabo de ler os originais de OS ESPIRITUALISTAS PERANTE A PAZ E O MARXISMO. Livro empolgante, formidável mesmo. Deixou-me uma impressão indelével. Livro corajoso, intrépido, sadio, testemunhando uma alta cultura social, científica, filosófica e literária.

Após a leitura, mais convicto fiquei de que, depois de Jesus, Lênin e Stálin foram os homens que mais trabalharam pela redenção da Humanidade. Sempre pensei assim, como Você e Sousa do Prado. Jesus foi comunista antes de Marx, Engels, Lênin e Stálin. A Primeira Internacional realizou-se no silêncio daquela Igreja grande dos “homens do! Caminho” — as Catacumbas de Roma. A Igreja nasceu pobre, no meio de pobres, operários, lavadeiras, prostitutas, escravos, tecelões e pescadores. A Noite de Natal, a casa de Nazaré, a escolha dos primeiros apóstolos, são testemunhos eloquentes destas palavras. - Jesus era filho natural de um humilde carpinteiro; trabalhou na oficina do pai; quando saiu para pregar a Boa Nova do Reino, escolheu para discípulos 12 homens anônimos do povo, trabalhadores. O Cristianismo foi um movimento pela redenção das massas, uma luta heroica contra os vendilhões do Templo, contra todos que, poucos e astutos, exploravam

os muitos de boa-fé. Por isso mesmo, vamos encontrar no Velho Testamento o núcleo do marxismo. “Ganharás o pão com o suor do teu rosto” (Gêneses, III, 19). Aí está a base da dialética de Lênine. São Paulo, no Novo Testamento, o confirma. “Quem não trabalha não deve comer.” E este preceito figura no texto da Constituição dos Sovietes. O fundamento do capitalismo é a propriedade privada. O fundamento do Comunismo é o trabalho. Mas a vida, diz Berdiaeff, repousa sobre a energia e não sobre a lei. “Ora a terra nada produz. O que produz é a energia, quer dizer, o trabalho aplicado à terra”, como ensina Henri Perrin-Jaquet. Portanto, materialistas não somos nós — os marxistas — que vamos buscar na Bíblia o fundamento da nossa doutrina.

Vem muito a propósito transcrever aqui, como corroboração ao que pensamos e temos escrito — Você, o Sousa do Prado e eu — as últimas palavras de Mauriac, no Congresso Católico de Florença, há pouco ali realizado. Disse ele, entre outras coisas, num resumo que acabo de ler na nota internacional do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, do Rio. Edição de 3 do corrente:

Quando Marx disse que era preciso não apenas compreender, mas transformar o mundo, enunciou uma verdade cristã. O Reino de Deus começa aqui mesmo, na Terra, e a nós cabe fazer disso um ideário, e não, como em tantos casos, uma mistificação. A classe privilegiada, na qual nasci, e à qual economicamente pertenço, faz correr o sangue para garantir a sua perpetuidade. É necessário que os cristãos entendam que um mundo novo está surgindo, e,

se teirmos em o repelir, ou em o envolver apenas em preces, seremos nós os repelidos. É um mundo que nós preparamos, é um mundo cristão, na sua essência, mas é preciso que o seja na sua totalidade, para não desmentir pelos atos o mistério da sua origem e da sua finalidade.

Depois, escreve o diretor da revista católica ETUDES, R. P. Daniel:

Muitas vezes, falta-nos a esperança porque não participamos do sofrimento dos trabalhadores. Os cristãos devem ter o sentimento agudo de que é para eles um dever participar da vida da Cidade, e, nela, da vida dos que lutam. Deus julgará os cristãos pela maior ou menor participação na vida, nos sofrimentos e "as lutas da classe menos protegida. O mundo tem os olhos voltados para nós", e, se não estivermos à altura da nossa missão, os que historicamente nos acompanharam e acompanham, em breve decidirão abandonar-nos, como amorosos desiludidos, buscando uma nova fonte de esperança. Se a Igreja se não ocupar senão da vida interior, os proletários irão buscar noutras doutrinas motivos e metafísicas de ação. Os cristãos que desprezam os Evangelhos deviam ser punidos como outrora Ambrósio proibiu a

entrada de Teodósio na Igreja, por ter permitido o massacre de uma população inocente. E a condenação à miséria econômica é um massacre, e os cristãos que dele participem deviam ser punidos pela sua ofensa aos princípios, e o seu desprezo à sua aplicação no mundo temporal.

A verdade, meu caro amigo Eusínio Lavigne, a verdade é que a experiência político-social-econômica do Ocidente foi um fracasso nestes vinte séculos de Cristianismo. Atestam esta verdade o sofrimento inenarrável de milhões de homens desajustados em todo o mundo, a impiedade, a fome, a miséria, o ódio, a guerra, a prostituição e a loucura viva de milhões de seres humanos espalhados pela Terra.

A gigantesca experiência soviética é a primeira grande e formidável experiência em massa, a primeira e grande tentativa de colmeização que se processa na História da vida humana e social. A cooperação substituindo a competição. Se o individualismo falhou, é justo que experimentemos agora o coletivismo. E essa é a experiência dos Sovietes, que tentam dar novo sentido à vida, fazendo-a melhor do que tem sido até aqui. Por isso mesmo um grande poeta do nosso século iniciava assim um de seus poemas: — “Santa Rússia, jamais houve na História feito mais belo que o teu, ó suave Cristo das Nações...”

“Cristo das Nações” — mas que formidável síntese de um pensamento exato.

Finalizando quero agradecer ao meu nobre amigo e irmão os felizes e agradáveis momentos que passei lendo e saboreando as páginas de OS ESPIRITUALISTAS PERANTE A PAZ E O MARXISMO, para, então, recordar o pensamento do padre Ricardo Lombardi — a grande trombeta de Deus nos auditórios da Europa: — “O Comunismo prepara o mundo para o Evangelho¹, pensamento que reafirma a grande profecia do nosso Euclides da Cunha: “A Rússia tem uma missão histórica a cumprir: — recristianizar o mundo.”

Por mais incrível e paradoxal que nos pareça, a União Soviética vai, sim, recristianizar o mundo pela aplicação da Sociologia avançada do Evangelho: — vai libertar o Homem da era atômica da injustiça social para atingir o primado da Justiça Econômica, dentro do princípio da liberdade individual.

Não importa que a União Soviética de hoje seja uma nação materialista. Ela não crê no Deus antropomorfo do Ocidente, mas acredita nos postulados da Ciência e a Ciência, no seu progresso continuo, caminha para Deus, porque avança para a Unidade.

Na União Soviética todos os deuses morreram, para apenas sobreviver um ídolo: — a criança, a Humanidade do Futuro!

E lembramo-nos desse adorável Novalis: — onde existe o culto à criança, aí existe uma nova Idade de Ouro.

¹ Ver o jornal católico “O DIÁRIO”, de Belo Horizonte, edição de 18-9-49, pág. 3.

No mundo de amanhã não haverá materialistas por falta de matéria no seu antigo conceito clássico, isto é, tudo aquilo que ocupa lugar no espaço; a matéria hoje só existe em função da energia, que é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz, na fórmula einsteiniana.

Assim o Deus da Bíblia — o Deus de Moisés e de Jesus — é o mesmo Deus de São Paulo, de Spinoza, de Einstein e de São João, isto é, o Deus-Energia e o Deus-Luz.

As conquistas da Ciência são divinas e sagradas! Físicos e químicos, astrônomos e matemáticos, a balança, a retorta e a máquina são também poderosos e maravilhosos instrumentos da Fé a serviço do Espírito e de Deus !

Cordialmente, o

ANÍBAL VAZ DE MELO

(Professor Catedrático da Universidade de Minas Gerais)

Prefácio de Jorge Amado

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1955

Ao Dr. Eusínio Lavigne Querido amigo:

Só agora, ao voltar da Europa, pude ler os originais tão interessantes de “Os Espiritualistas perante a Paz e o Marxismo”.

Evidentemente, não me sinto autorizado a emitir um julgamento sobre a parte filosófica do livro.

Toda uma série de problemas que é nele debatida escapa às limitadas fronteiras de um romancista como eu.

No entanto, o que desejo de logo lhe dizer é que esse livro é uma importante contribuição à causa da Paz entre os povos, sobretudo porque define de forma clara e peremptória, a posição dos espiritualistas ante o problema da guerra e da paz.

Aliás, as ideias expressas nesse livro apenas completam a sua nobre e corajosa atitude de cidadão que tem sido, no Brasil, um dos mais destacados e ativos partidários da Paz.

No momento em que os povos obtêm a vitória da Conferência de Genebra, é uma alegria ver-se que um dos homens entre os que mais combateram no Brasil para o esclarecimento da opinião pública a respeito do problema da paz, continua, através a sua atividade de publicista e de cidadão, a lutar por essa causa sagrada dos povos.

Creio que o seu livro será importante ajuda à causa da Paz, sobretudo entre a massa Espírita do nosso país.

Um grande abraço do seu velho amigo e admirador

JORGE AMADO

Explicação

Allan Kardec foi o coordenador da mais conseqüente filosofia espírita desta, em face da qual as religiões e as demais doutrinas da imortalidade do espírito pecam, por falta de lógica

documental.

A falsidade da teoria Espírita dos fenômenos psíquicos importaria no afundamento de todos os espiritualismos.

Mas, também é certo que, dadas as novas descobertas da Ciência, as obras de Kardec não podem ser interpretadas por declarações isoladas, suas ou dos seus reveladores, mas pelo seu conjunto, combinado com o espírito evolutivo da doutrina, a que ele dedicou os últimos anos de sua vida modelar.

Pois bem. Segundo a filosofia espírita, a vida terrena — ou encarnação — é escola obrigatória do aperfeiçoamento espiritual (resp. 13, 2 do Livro dos Espíritos).

Mas, o processo educativo (resp. 813, id.), nos longos períodos da História, relaciona-se com a origem e o destino da produção alimentar, (resp. 718 - 723, id.), isto é, desenvolve-se pari passu com a natureza das relações sociais da economia reinante. Ou, como se depreende das respostas 930, 781 e 793 do “Livro dos Espíritos”: esse desenvolvimento determinará uma “organização social, criteriosa e previdente”, ou uma civilização, onde “ninguém morrerá de fome”, e o trabalho cooperativo, por força do conhecimento prático das leis naturais da Economia Política, assegurará um clima estável de fraternidade, de paz e de cultura (comentário à resp. 717).

Quer dizer, então, que o progresso do Espírito começa pelos cuidados da existência material, como se pode verificar nos “Prolegômenos” do “Livro dos Espíritos”, que, nisso. São explícitos: “só mediante o trabalho do corpo, o espírito adquire

conhecimentos", — CORPO, que está sujeito à produção dos bens materiais ou “à posse do necessário”, de que “o solo é a fonte primacial” (resp. 922, 706 e 711, combinadas, do citado “Livro dos Espíritos), Razão por que o nível da Humanidade espiritual (“população oculta”) decorre do da Humanidade terrena (“costumes dos povos”), conforme o ajuste das palavras finais do comentário de Kardec à resp. 521 do seu aludido livro. Eis como, até certo ponto, se explica a estreiteza filosófica, em geral, dos “comunicados” das nossas costumeiras sessões espíritas, onde, em regra, só há manifestações sobre assuntos de ordem pessoal e religiosa; reflexo ambiental da assistência, educada no individualismo.

Ora, o Socialismo, ou Comunismo, fundamentado, com “lógica assombrosa”, pelos gênios de Marx e Engels, é o único sistema, precisamente por ser científico, capaz de preparar aquela “organização social, criteriosa e previdente”, a que se referiu Kardec. Isso, porque, acabando não só com a “exploração do homem pelo homem”, mas com a concorrência de classes entrededorantes, o Socialismo, à Marx, liquida com o egoísmo e possibilita, inelutavelmente, o aprimoramento da inteligência e do coração humano (resp. 913 - 916, id.). E, por isso mesmo, abrirá ilimitadas perspectivas à liberdade das investigações psíquicas.

Assim, a doutrina materialista do Marxismo, paradoxalmente, por seu amor à Paz e à Ciência, nos assegura, através do Socialismo, que é o seu campo de luta proletária, o mais propício ambiente ao estudo do verdadeiro espiritualismo, com resultados definitivos para o secular

problema da imortalidade do espírito.

Eis a tese que procuramos sustentar nas cartas trocadas com o nosso prezado amigo Leopoldo Machado, e, aliás, em outros escritos nossos,

Daí o termos colocado, depois do título deste livro — Os Espiritualistas perante a Paz e o Marxismo — o subtítulo: A perfectibilidade do Espírito, pelo Socialismo, e o parêntese; (Interpretação progressista do Livro dos Espíritos).

Tanto para os materialistas — segundo os quais o homem, unitariamente, se confunde com o espírito —, como para os espiritualistas que, dualisticamente, distinguem do homem o espírito imperecível —, a verdade é que a doutrina política do Socialismo unifica as aspirações do progresso humano, sem distinção de crenças e filosofias, porque repousa numa base comum e imutável, que é o direito de viver (Resp. 880, Liv. Esp.).

Bahia, 25 de dezembro de 1954.

EUSÍNIO LAVIGNE

De Eusínio Lavigne a Leopoldo Machado

(1ª CARTA)

Bahia, 2 de setembro de 1953 Velho amigo e querido Leopoldo Machado:

Paz para a humanidade, que, só daí, virá a paz definitiva para todos nós, individualmente.

Começo, assim, por uma proposição, que é contrária à que a maioria dos espíritas, desde a Federação Espírita Brasileira até V., costuma pregar. Era verdade, V.V. ensinam que a perfectibilidade do homem — ou o progresso, enfim, sob todos os seus aspectos — será uma consequência do aperfeiçoamento moral do indivíduo. Eis aí o erro, de que não escapou o próprio Allan Kardec, ainda sob a influência da filosofia individualista, ao escrever em “O Livro dos Médiuns” (n. 350), que o Espiritismo, para transformar a Humanidade, precisa melhorar as massas, “o que se verificará geralmente, pouco a pouco, EM CONSEQUÊNCIA DO APERFEIÇOAMENTO DOS INDIVÍDUOS”.

A mesma coisa diz o Mestre, como opinião pessoal, no início do comentário ao nº 789 de “O Livro dos Espíritos” — “a Humanidade progride, por meio dos indivíduos, que, pouco a pouco, se melhoram e instruem”.

Temos um trabalho inédito, para ser publicado, quando as finanças no-lo permitirem, sobre esse tema. E chegámos à conclusão do que afirmamos, em virtude de um melhor estudo na natureza social do Espiritismo. Estudámos a doutrina, sem levar em conta opiniões pessoais, e verificámos, à luz dos princípios cardeais da mesma, dentre os quais sobreleva a lei do progresso, que ele, o progresso, não é obra de um homem, mas do movimento coletivo, obediente a leis naturais (Liv. Esp., nº 781); e verificámos que esses erros resultam do falso

conceito de ser o Espiritismo “uma religião”, ou “a religião”, ou “religião”, como queiram.

O Individualismo das Religiões

Qualquer religião, é por origem e fim, uma manifestação do individualismo.

Foi o homem que criou, à sua imagem, a ideia de um Deus pessoal. Para melhor efeito impressionista dos domínios da moral, materializou a fé divina em objetos, sagrando-os ainda com a liturgia. Foi o egoísmo primitivo a fonte das religiões. A política dos “chefes” e “conquistadores” (V. nº 58d Liv. Esp.) aproveitou-se da “religião” para a perpetuação das dinastias e exploração do povo ou das massas trabalhadoras².

Allan Kardec, em falta de mais significativo vocábulo, admitiu o nome de “religião” no Espiritismo; mas, com os seus subsequentes, estudos, ele, como em “Obras Póstumas”, ressaltou que o Espiritismo era, substancialmente, uma filosofia e, por conseguinte, de caráter moral e científico.

Ainda temos em mente a resposta de Lipman Oliver, no “Um Inquérito Original”, publicação feita por V., e onde o

² Como, ainda hoje, os novos conquistadores dos povos (os imperialistas norteamericanos, ingleses e franceses) prestigiam, material e moralmente, perante a opinião pública os chefes das Igrejas, principalmente o PAPA, diariamente invocado, como “Sua Santidade”, pelas agências internacionais desses imperialistas, que são, de fato, os maiores ateus e hipócritas do mundo, porque não acreditam em “santo” algum, senão no da força bruta, pelo dinheiro, pela espada e pelo canhão.

entrevistado provou, com as próprias expressões de Kardec, que o Espiritismo não é religião.

Agora mesmo, um artigo em “Mundo Espírita”, de Curitiba, do médico Sérgio Vale, demonstrou que o Espiritismo “NÃO É MAIS RELIGIÃO”. Deparam-se-nos, nesse artigo os mesmos argumentos do nosso citado trabalho inédito.

A crença em Deus, na alma, na vida futura e na prece não é razão bastante para se enquadrar a doutrina na categoria religiosa, porque a convicção proveniente daí é o residuo de uma prova real da existência de leis naturais. A prece é um fenômeno explicável cientificamente, ligado às leis do magnetismo (o Espiritismo e o Magnetismo são duas ciências, que, a bem dizer, FORMAM UMA ÚNICA — Comentário nº 555 do Livro dos Espíritos).

Por isso, é de admirar que V. insista em declarar que a música favorece a prece, o que é dizer que a prece não é produto da vontade, mas de exterioridades, eis que essas influem, sobretudo, na importância daquela. Ainda, no livro que, obsequiosamente, me ofereceu, “Graças sobre Graças”, V. declara: “Vimos, ali, na prática, destruídas as teorias que condenam, por inútil ou inócua, a música em tais trabalhos, para preparação de ambientes...” (pág. 27).

Nesse particular, a Federação Espírita Brasileira tem razão em recusar apoio ao uso da música nas sessões espíritas, excetuando nas festividades. Aliás, a Federação se contradiz, porque, se reconhece a essência religiosa do Espiritismo, deveria admitir a música, no caso.

Mas, a verdade é que, desde que o Espiritismo deixa de ser “culto”, não pode ser religião, não pode apegar-se a exterioridades, que, não raro, nos levam ao misticismo.

Se há sessões festivas, como aquela de sua referência no citado livro seu, nas quais o comunicante solicita música, — existem, todavia, outras sessões, em que o espírito pede silêncio. Naturalmente, é possível crer que haja médiuns que se predisponham para agir melhor num ambiente mais vibratório, como que para suprir a insuficiência das vibrações mentais dos assistentes. Um auxílio ao médium, porquanto, como se costuma declarar, tudo, no mundo, é vibração. Quanto mais vibração, mais energia; quanto mais energia, mais força mental. De qualquer modo, apela-se para um motivo que, nas sessões espíritas, favoreça o intercâmbio entre os dois mundos, deste e do além, entre os encarnados e desencarnados. Esse mecanismo está sujeito a leis, que ainda não conhecemos de todo, pois, como V. escreveu, no seu aludido livro, “o Espiritismo é uma doutrina complexa, da qual se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última”.

Permitir, entretanto, que artificializemos as vibrações mentais ou, digamos, A CONCENTRAÇÃO ESPIRITUAL, com os acordes musicais, nas sessões doutrinárias, será, no fim, abrir caminho ao enfraquecimento da vontade, que deve ser a única fonte da concentração. E, insensivelmente, cairemos no misticismo, que é elemento próprio das religiões, misticismo que, por sua vez, é inerente ao espírito individualista, gerador do personalismo, sob variantes matizes.

Uma vez, porém, que se encare o Espiritismo como filosofia, sem nenhuma ligação com o religiosismo, acontece que porções de problemas podem ser logicamente apreciados e julgados, na vida de relação, humana, como não o poderiam ser com o Espiritismo-religião. Assim com a música, assim com outras ordens de fenômenos.

Em verdade, as grandes questões sociais do momento, como a educação, a assistência social, o trabalho, a política, a liberdade, a democracia, os direitos do homem, o socialismo, o comunismo, a paz, toda uma série de ideias, de atos, de fatos, de pensamentos e de relações humanas recebe um conceito diferente, conforme sejam eles coados através do prisma religioso ou do prisma científico.

O caráter da ciência é ser evolutivo, objetivo e social. A religião é estacionária, subjetiva e individual.

— Ora, o Espiritismo, pela sua origem e finalidade, caracteriza-se por não ser obra de ninguém, e tem por fim a perfeição das massas populares, isto é, do todo, da coletividade, seja neste, seja no outro plano da vida infinita.

Logo, Espiritismo, fora da Ciência, que é a Verdade, embora relativa, não é Espiritismo. A relatividade dos conceitos científicos, e, pois, o fato da existência dos erros posteriormente relevados não diminuiu nosso respeito pela Ciência, que sempre se baseia na experiência e na observação, e nunca em apriorismos, como é próprio da religião. Nesse sentido, não conhecemos definição mais exata e mais bela da história das Ciências do que a que nos legara o filósofo materialista, F.

Engels, ao considerá-la “a história da eliminação progressiva dos erros, isto é, da sua substituição por um erro novo, MAS CADA VEZ MENOS ABSURDO” (Revista “Divulgação Marxista”, V. 17/18, pág. 72).

Foi por isso que. Allan Kardec, genialmente, matou a questão, penetrando, fundo, no âmago da doutrina, quando,) tanto em “A Gênese”, como em “Obras Póstumas”, sustentou que — “o Espiritismo, caminhando de par com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro a cerca de um ponto qual quer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma novidade se revelar, ele a aceitará” (Gen., n. 55, cap. I). “Repudiar a ciência é repudiar a obra de Deus”. (Ob. Post., 9ª ed., págs. 209 e 244).

Fatos que Sepultaram o Individualismo

A ciência provou que o sentido anarquista do individualismo, pelo qual o ensino deve partir do indivíduo para a reforma da coletividade, — conforme a predicação da Fed. Esp. Bras. e de suas congêneres — foi, sobejamente, superado pelo princípio socialista, em face do qual a modificação do ambiente, pela prévia educação das massas, e a mais segura causa para a completa e rápida reforma do indivíduo.

A religião não pensa assim. Agora mesmo, secundando decisões de congressos anteriores, o tal “Congresso Eucarístico de Belém” recomendou nos educadores que, sem a prévia paz íntima de cada pessoa, não haverá a paz social.

A mesma teoria do “espiritismo religioso”. Ora, em face da comprovação dos fatos, essa é uma teoria caduca, porque sem a paz social, nunca atingiremos a segurança da paz individual. Enquanto as nações não reconhecerem o princípio da coexistência pacífica, através de acordos econômicos e culturais, entre si, com o respeito à independência e à liberdade: de cada povo, não haverá paz neste planeta. Essa coexistência, entretanto, que, ontem, era difícil, porque a ciência agro-biológica estava atrasada, é, hoje, praticável, porque os meios de produção, no campo econômico, se desenvolveram de tal modo, que, aplicado o trabalho à cultura do solo, “que é fonte primacial da nossa subsistência” (n. 706 do Liv. Esp.), teremos uma produção suficiente para a regularidade nas relações mercantis internacionais.

O grande e extraordinário fenômeno social, que enterrou a filosofia individualista, e fez ressurgir a filosofia socialista, repousa na revolução soviética de 1917, que se tornou uma aplicação, na economia política, das leis enunciadas pelos filósofos Karl Marx e F. Engels.

Dessa sorte — e esse é um dos capítulos de um nosso livro inédito — o Marxismo simbolizou (espiriticamente falando) “aquela dor, a realizar uma obra que ao amor não foi possível edificar por si mesmo”, para nos servirmos da transcrição, que ao seu mencionado livro V. após, de palavras de Emmanuel.

Já o iluminado Kardec nos advertira que não fugíssemos, dos materialistas, pelo só fato do seu materialismo, porque “entre

os seus erros se encontram grandes verdades” (n. 145, Liv. Esp.), e merecerá, por isso, a nossa estima (Introdução VII).

Estudando-se o Marxismo, apura-se que ele não prega a violência por amor à violência, mas submete os fenômenos revolucionários aos efeitos da lei do progresso, na qual se inclui a da luta dos contrários, isto é, o que é velho, por não mais convir à época, tem que ser substituído pelo novo, sob pena de explosão violenta, Tratando-se de interesses humanos, de respeito à vida corporal, o Marxismo condiciona o curso da história à primazia da posse do alimento, para, daí concluir que o fenômeno econômico é a causa das lutas de classe. Em virtude de tais lutas, caiu o feudalismo e subiu capitalismo, com o seu “liberalismo econômico”, com base na propriedade particular e na iniciativa privada.

Esse capitalismo, por sua vez, devido às suas incongruência e contradições, como o caso da produção social (oriunda do trabalho coletivo de homens, a título de empregados, operários ou trabalhadores assalariados) ser distribuída para poucos ou para os donos do capital, gerou diversas crises: superprodução, criando a crise da baixa dos preços, e sub-produção, aumentando os preços, com as consequências do desemprego e da carestia da vida.

O acúmulo de tais crises periódicas determinou o desequilíbrio do trabalho e da economia geral, e, por via de consequência, do trabalho e da economia particular³.

As vítimas, - no caso, os desempregados e os explorados pela classe endinheirada, a que se deu o nome de burguesa ou capitalista - gritaram, reclamaram, apelaram para a justiça e para a equidade. Os poderosos não costumam entregar o poder pela persuasão do argumento, porque só se rendem ao argumento da força material. Daí, a luta sangrenta entre a classe operária, organizada em partido, e a classe burguesa, na Rússia czarista, em 1917, da qual resultou a revolução proletária, análoga, nos seus efeitos universais, à revolução francesa de 1789.

O partido proletário denominado "Partido Comunista", porque seus estatutos se regem pelos postulados do Marxismo, tratou, logo no poder, de aplicar, na prática, esses postulados, cujo rigor foi abrandado pelo gênio político do dirigente do Partido, Wladimir Lênin, de onde o Marxismo-Leninismo.

³ As atuais ditaduras e golpes militares têm sua origem na ignorância, pelas classes dirigentes, das leis da Economia. Ante a incapacidade de solucionar a desordem econômico-financeira, fazem como os brutamontes, vencidos pela lógica do adversário: lançam mão da brutalidade da força, a fim de se não deixarem humilhar, e de não perderem a sua autoridade dominadora.

O governante, porém, sinceramente cristão, ciente dos princípios científicos da doutrina socialista, domina os seus instintos egoísticos, sobretudo se é um adepto da moral espírita-cristã, que nos manda respeitar as leis da Ciência (Kardec, citado).

Assim, pois, o espírita tem que ser socialista, por amor à Humanidade. Mas para conhecer o verdadeiro Socialismo, é necessário que conheça o Marxismo, da mesma forma que o melhor caminho, para o conhecimento do Cristianismo, é o estudo do Espiritismo filosófico.

Um dos primeiros atos do novo governo foi a celebração de um tratado de paz com a Alemanha, em Brest-Litowsk. Seguiu-se uma tremenda campanha contra o regime marxista, por parte das potências ocidentais, vencedoras da Alemanha. Afinal, consolidou-se o regime, com a derrota dos contra-revolucionários, auxiliados, ostensivamente, pela Inglaterra, França, Estados Unidos e outros. Ainda, na Liga das Nações, o embaixador soviético Litvinov, propôs: “O governo soviético está pronto a abolir todas as armas, caso os outros Estados tomem a mesma resolução. Queremos uma resposta imediata, sem comitês. Nossa proposta é perfeitamente clara”.

Pergunta-se: por que defendia o Governo soviético a coexistência pacífica das nações e o desarmamento geral? Por causa dos princípios do Socialismo, cujo fundamento principal é a cessação da exploração do homem pelo homem, da qual a guerra é a mais horrenda das manifestações.

E por que é que as demais nações capitalistas recusaram a proposta soviética? Responde muito bem Emil Ludwig, em seu livro “Stálin”, pág. 255: “Porque todas elas eram CONTROLADAS pelos interesses particulares dos fabricantes de armamentos”.

Assim, enquanto um governo socialista, à Marx, queria, como quer, “acabar com a guerra, porque ela arruína ambas as partes — os vencedores e os vencidos”, os governos capitalistas não sabem como acabar com as guerras, porque eles estão subjugados pela classe dos que se enriquecem à custa delas e do comércio de armas.

Perante o Socialismo, a economia da nação (a produção das fábricas, dos bancos, da indústria, da agricultura, todos os meios de produção geral, enfim, pertencem ao povo) é retirada das mãos particulares, que só dispõem da propriedade privada, oriunda do seu próprio trabalho.

Perante o capitalismo, a propriedade pública é explorada pelos particulares, à custa do trabalho alheio; e o respectivo lucro, em vez de se canalizar para os trabalhadores ou para a nação, canaliza se para o capitalista, ou para uma classe que constitui uma minoria absoluta e que vive, ainda assim, de concorrências conflitantes, que açulam o egoísmo geral e o utilitarismo, e terminam no mais baixo materialismo.

Temos, então, no palco da realidade presente, duas filosofias que se contradizem: uma, a do Socialismo marxista, que parte do geral para o particular, isto é, ponha-se a infra-estrutura da economia na posse das massas populares, e tudo que daí derive terá, primeiro, o carácter social, para maior segurança dos indivíduos contra a exploração de particulares, em grupos ou partidos, que se armam até os dentes, para a exclusividade do seu poder político e econômico. A outra filosofia é a que pretende conservar o conceito individualíssimo da propriedade, e, portanto, defende, indiretamente, a permanência de uma civilização, dividida em classes entredevorantes, que sustentam uma democracia unilateral, de que sô podem gozar as classes privilegiadas ou as que possuem dinheiro.

A Influência do Socialismo no Conceito da Paz.

Como a civilização socialista abrange quase a metade do globo, e a sua luta com a civilização burguesa pode degenerar em conflitos armados, de âmbito universal, entenderam eminentes homens de espírito, inspirados, naturalmente, pela lei do progresso, que é “uma força viva” (Liv. Esp., comentário ao n. 781) e que, no caso em apreço, se traduz pela lei do Socialismo, entenderam, como íamos dizendo, esses homens de espírito, que estava chegado o tempo de uma organização da paz, de acordo com os novos princípios da ciência social. Daí, a criação do Conselho Mundial da Paz, fora do oficialismo sectário dos governos, e sob a nutrição principal das forças populares, que, despertadas em todos os cantos da Terra, determinaram o Congresso dos povos pela Paz, em Viena, em dezembro de 1952.

Em tempo algum da História, se reuniu um Congresso de tanta significação para a vitória da Paz, como esse, de Viena. O movimento dos “Partidários da Paz” empolga, hoje, o mundo inteiro. Por ele se quer evitar uma nova conflagração, tanto entre nações diversas, como dentro de nações, entre cidadãos. O estado a que chegou a cultura do espírito autoriza a nossa confiança na solução pacífica de todas as divergências sociais e políticas. Não há mais necessidade de novas revoluções sangrentas, como a de 1917, porque, respeitando-se a soberania de cada nação, pode muito bem qualquer delas alcançar a etapa socialista, em ordem e por vontade eleitoral dos cidadãos, — da mesma forma que não foi preciso, para cada país que se quis libertar do feudalismo, uma nova e cruenta Revolução Francesa.

Recentemente mesmo, temos, como exemplos, os casos da Polônia, da Tchecoslováquia, da Hungria, da Romênia e da Bulgária, que passaram do capitalismo para o Socialismo, por transições desacompanhadas de guerras civis.

Mas, para o êxito precisamente da sua humanitária campanha, o Movimento da Paz, como o próprio nome indica, não pode ser platônico, metafísico, individualístico, subjetivo, religioso, mas, ao contrário, tem que ser militante, objetivo, organizador das massas populares, com cuja unidade de ação é que poderemos contar, para vencer a organização poderosa dos imperialistas, isto é, dos que exploram, financeiramente, os povos, como ora faz a política dos círculos dirigentes dos Estados Unidos, enfeixados nas mãos dos trustes avassaladores e ladravazes, de assassinos e loucos.

A paz, justamente por sua natureza sociológica, requer vigilância, movimento contínuo, no sentido de despertar a consciência das massas, através de um organismo homogêneo, unitivo, que exprima, realisticamente, um objetivo comum, sobre o qual não haja divergências separatistas, como é o do direito de viver, “o primeiro dos direitos do homem” (Liv. Esp., n. 880).

Por isso, o Movimento da Paz não admite, em seu seio, discussões ideológicas, sobre política, religião e filosofia, eis que o direito de viver, base de sua constituição jurídica, não distingue ideologias, não é um ato de vida interior, não é uma questão da consciência ou de alma, mas uma condição humana, da vida em sociedade, que só progredir pode em paz, mediante a troca de

relações econômicas e culturais, inerentes ao próprio direito de viver.

O religioso, entretanto, em tese, e para ser coerente, não concebe a paz por esse prisma social, porque suas necessidades se formam num círculo introspectivo, por onde ele afere a extensão do bem e do mal, como figuras subjetivas, ligadas, correspondentemente, a uma responsabilidade pessoal. Em termos claros: Se o religioso é católico, basta-lhe obedecer à prática dos sacramentos - ir à missa, confessar-se, etc. - para se dizer em paz, porque “serviu a Deus”. O bem ou o mal é ralar com Deus, ou não, e, por conseguinte, o prêmio é a entrada, post mortem, no “céu” e o castigo — a ida para o “inferno”. Desta forma, o conceito da paz é exclusivamente individual, ao critério de uma concepção da justiça de Deus, que, por tal concepção, seria a negação da própria justiça, uma vez que a justiça prima por sua universalidade e indivisibilidade.

Se o Espírita é religioso, também, de qualquer modo, toma a paz como um atributo do ser individual. Ele abstrai da vida de relação em geral, para concentrar os objetivos de sua atividade em fazer o bem e não praticar o mal, porém um bem e um mal, julgados pela consciência particular, desligada da relação objetiva da vida social. Uma paz metafísica, que só servirá ao egoísmo, e, portando ainda, contrária ao espírito universal e indivisível da justiça. Aí está por que a paz deve vir do exterior ou da sociedade, para o nosso interior. Só assim ela participará também universalidade e da indivisibilidade.

Eis por que a maioria dos espíritas do Brasil, dominados pelo religiosismo, se furtam a entrar nas fileiras dos “Partidários dá Paz”, sob o ridículo fundamento, ou sob o falso pretexto de que esse movimento visa enfraquecer as forças da Democracia, para que o Comunismo encontre menor resistência à sua ação.

Os espíritas, entretanto, que se colocam ao lado do Espiritismo, doutrina filosófica e moral, penetram, facilmente, nos problemas humanos, inclusive no da Paz, nos termos da nossa exposição.

A Personalidade Espírita de Leopoldo Machado

Desenvolvidas, por alto, as considerações supra, podemos agora — para V. melhor nos compreender ou compreender as razões doutrinárias, que nos movem — emitir o nosso parecer, como V. nos solicitou, sobre os livros que, generosamente, nos tem oferecido, sobretudo o último, que já lemos há meses, “Graças sobre Graças”.

O que a gente vê, com franqueza, deixando à parte qualquer motivo pessoal, de simpatia ou amizade, nas suas atividades espíritas, meu boníssimo Leopoldo Machado, é a sua capacidade de agitador da Doutrina Espírita, ou do Espiritismo, em todo o Brasil, com reflexos além das nossas fronteiras, auxiliando, sobretudo, nessa encruzilhada de ideias elevadas, o seu talento oratório, a cuja sombra sabe desferir eloquentes orações, que encantam os ouvintes. Os bons oradores são bandeiras de sucesso em todas as campanhas. Além da fluência e facúndia dos seus discursos, V., Leopoldo Machado, mostra possuir também conhecimentos gerais, com que os ameniza.

Mas, não se limita a sua capacidade de trabalho e de inteligência à arte da palavra. Além de teórico, é prático do mesmo modo, embora com as inseqüências que diremos adiante. Nas suas excursões inúmeras por todo o Brasil, máxime nas cidades do Sul, V. também constrói, ainda que se possam considerar construções ligeiras, mas que predisõem o terreno para novos grandes edifícios, as obras que planeja e executa.

Podemos resumir em três categorias principais os seus serviços à causa espírita, os quais, por sua vez, se unificam, teoricamente, no pensamento da educação.

Assim, são relevantes: 1º - as suas excursões de propagandista e semeador; 2º - a sua especial campanha do “Espiritismo de vivos”, que suscitou controvérsias apaixonadas, e, pelas quais, Você ampliou o sentido da “caridade” às obras de “assistência social” e recomendou a organização das “Mocidades Espíritas”, como complemento à obra educacional; 3º - a efetiva montagem de estabelecimento de instrução, como o colégio “Leopoldo Machado”, de Nova-Iguassu, e o incentivo a similares, em outros centros populosos de país,

Natureza de sua Tese sobre o “Espiritismo De Vivos”

Alguns confrades, inclusive elementos da Federação Espírita Brasileira, criticaram, desfavoravelmente, a inovação do “Espiritismo de Vivos”, por exteriorizar, demais, o Espiritismo, que deveria ficar alheio a mundanismos, desde quando sua função é educar a alma, ligando-a a Deus: “nosso reino não é deste mundo”, como está na Bíblia.

Essa crítica provém da predominância do religiosismo na Doutrina Espírita ensinada. Responsável por esse desvio doutrinário tem sido a política da “Federação Espírita Brasileira”, que, ainda agora, colocou o ensino Espírita sob a égide da “religião”, como se vê da mudança de sub-título da revista “Reformador” — “órgão religioso de espiritismo cristão”. Quer dizer: para os dirigentes da Federação, o Espiritismo é profundamente, primacialmente, uma “religião”, ou, como dizem outros, piorando a emenda, “a religião” do Cristo.

Não lemos — e, se lemos, não nos lembramos — qual teria sido a natureza básica, exposta pelos seus defensores, do “Espiritismo de Vivos”.

Lendo a digressão de José Petitinga, em “Graças sobre Graças”, sentimos que ele iria tocar no fundamento, quando anunciou que — “no Brasil do cristianismo redivivo, jamais esqueçamos nosso dever perante a vida”. Com a sequência, porém, da leitura do comunicado, verificamos que Petitinga desenvolveu o assunto, literariamente, com a doçura peculiar àquele espírito acrisolado de poeta, mas para revelar que a vida nossa não deve ser dominada por ideias tristes, porque “o Evangelho não é um romance da Dor”, Preconizou, portanto, o uso das festas, para a alegria do espírito, como condição natural do êxito do “nosso dever perante a vida”. “A existência é cântico divino”, “O próprio Senhor nunca ensinou sem alegria e confiança”. Deu, assim, um sentido restrito ao movimento.

Sem nenhuma diminuição de nosso preito pelo inolvidável, bondoso e lúcido José Petitinga, a quem devemos, como V,

também, o ingresso no estudo da Doutrina Espírita, ousamos dizer que o fundamento da iniciativa, bem interessante, do “Espiritismo de Vivos”, não se relaciona diretamente com a “alegria do viver”, senão que a alegria é uma das consequências das leis que presidem à nossa vida planetária.

Uma dessas leis é a encarnação, (Estamos argumentando com os princípios do Espiritismo). Encarnar é viver a vida do corpo, antes de mais nada. Para a vida do corpo, antes de mais nada, se faz mister a ingerência do alimento material, que começa pelo leite.

E por que a encarnação? A resposta encontrámo-la no cap. II, onde, na resposta 132, do Liv. dos Espíritos; se diz que “Deus impôs aos espíritos a encarnação, COM O FIM de fazê-los chegar à perfeição”.

São muitos os derivativos dessa lei, que precisa estar associada, para ser devidamente cumprida, ao comando da lei da sociedade (cap. VII, cit. Livro).

Assim: 1º, o homem necessita do alimento, que conserve a integridade física e a saúde do corpo; 2º, o alimento, ou a produção, requer o concurso de outros homens, o que vale dizer que é obra coletiva e, portanto, cada ser não pode viver fora da sociedade, que se torna a condição *sine qua non* da unidade social; 3º, a sociedade é um composto de relações, em movimento permanente, acima dos subjetivismos de cada; unidade, e, portanto, se o seu caráter é objetivo, real e econômico, os atos humanos para a manutenção lógica dessa reciprocidade de interesses — devem, antes de tudo, ser

objetivos, reais e econômicos; 4º, quer perante a filosofia materialista, à Marx, quer perante a filosofia espiritualista, à Kardec, é evidente que o ponto de partida do progresso da Humanidade se firma no problema econômico, sem cuja solução, sem cujos recursos não se pode cuidar do desenvolvimento espiritual;” 5º, logo, o Espiritismo, antes de tratar da educação dos mortos, ou “desencarnados”, deve cuidar dos vivos, ou dos “encarnados”, para haver coerência com a finalidade da encarnação, que, como vimos, objetiva o aperfeiçoamento da alma ou espírito.

A verdade dos fatos, coordenados linhas acima, convence de que a campanha do “Espiritismo de Vivos” teve um fundamento filosófico e, pois, científico, e não pessoal ou demagógico, sem embargo da impropriedade da expressão, aliás reconhecida pelo próprio autor. O “Espiritismo de Vivos” implica o dos “mortos”, quando, em verdade, só existe um Espiritismo, ainda mesmo que, de futuro, se convencie outra nomenclatura para ele.

Mas, de qualquer modo, Leopoldo Machado, conscientemente ou não, foi levado pelos impulsos naturais da lei do progresso. Revelou o sentido científico, e não religioso do Espiritismo, porque a religião é indiferente ao progresso, é uma expressão do fôro íntimo, emanada da fé, da crença. Religião é crença, e, para a crença, não existem outras leis senão as do arbítrio e das convenções humanas, ao passo que a Ciência representa um corpo de leis superiores à vontade humana.

Também entendemos que, quando se reconhece a natureza científica do Espiritismo, não se quer dizer que ele seja a ciência ou “tudo”, como, em seu entusiasmo incontido, o chamou, de uma feita, o mesmo Leopoldo Machado, inconsequentemente. Não. O Espiritismo “é o conhecimento das leis do princípio espiritual”, escreveu Kardec, em “a Gênese”, cap. n. 16. Mas, é através das diversas ciências, especificadas, que penetramos nos arcanos da Natureza, e como a biologia, as matemáticas, a física, a química, a geologia, a astronomia, a medicina, a zoologia, etc., etc.

Todas essas ciências visam aperfeiçoar o espírito. E as ciências sociais, como a política e a economia, completam o estudo, para mostrar, precisamente, a coexistência integral entre o homem e a sociedade, e, pois, entre o espírito (sentido espiritual) a matéria e a coletividade espiritual, no mundo do Além.

Por conseguinte, voltando ao tema do “Espiritismo de Vivos”, quando o propagandista preferiu, hermenêuticamente falando, os cuidados pela vida humana, ele defendeu a lei do desenvolvimento social. Por isso, não podia concordar com a orientação educativa da Federação Espírita Brasileira, perdendo tanto tempo com a reforma de obsessores do Espaço, e continuando a imprimir à caridade o conceito de “esmola aos pobres do Natal”. A caridade, pela assistência social, está mais de acordo com o progresso e com o “fundo filosófico do Espiritismo.

Ainda, nesse particular da preferência dos “vivos” aos mortos, ela conta com o apoio das próprias palavras de Allan Kardec, no final do comentário ao n. 521 de “O Livro dos - Espíritos”. “Fazendo reinar em seu seio a justiça, os homens combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, CONTRÁRIAS A HUMANIDADE, os bons Espíritos ficam EM MINORIA, e a multidão, que aflui, dos maus, mantém a Nação aferrada às suas ideias, e PARALISA AS BOAS INFLUÊNCIAS PARCIAIS, QUE FICAM PERDIDAS NO CONJUNTO, como isoladas entre espinheiros”.

“Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma ideia da POPULAÇÃO OCULTA que se lhes imiscui NOS MODOS DE PENSAR E NOS ATOS”.

Da transcrição se colige: 1º — que devemos preparar, primeiro, a nossa Humanidade terrestre com leis justas, porque a espiritualização dos desencarnados — ou da “população oculta” — é uma consequência desse preparo educacional; 2º — que é o conjunto que modifica o caráter das unidades pensantes, e, por conseguinte a boa política, progressista é aquela que inicia a reforma dos indivíduos pela prévia reforma das MASSAS populares; 3º — que por “leis justas” se compreendem aquelas que facilitam e fomentam o humanismo, que é uma fonte de espiritualização, porque implica, NECESSARIAMENTE, o desenvolvimento da solidariedade e o da cultura e, pois do amor e da instrução; 4º — que nestas condições, se afere a civilização de um povo pela “abolição dos vícios que desonram a sociedade”, de modo a formar-se uma coexistência social, fraterna e

trabalhadora”, “onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário” (resposta n, 793, Liv. Esp., e o respectivo comentário), pois “numa sociedade segundo as leis do Cristo, NINGUÉM morre de fome” (n. 930, Liv. Esp.); 59 — que como consequência ainda, a civilização prescinde de religiões, porque “Deus abençoa sempre os que fazem o bem, e o melhor meio de honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos” (n. 673, Liv, Esp.), o que quer dizer: — hoje, perante as novas leis da sociologia e da agro-biologia (ter em vista o citado n. 55 do cap. I de “A Gênese”), “fazer o bem” é dar ao povo uma organização econômica, que o prive da fome e do desemprego, e uma organização cultural que lhe proporcione a franquia de todas as portas da Ciência.

Eis aí como — uma vez que o Espiritismo, como disse Kardec, “é uma questão de fundo” (Obras Póstumas, “Constituição do Espiritismo”, cap, VI *in fine*) — harmonizamos a resposta do Gap. II, parte 2ª, e do cap. VII, parte 3ª, de “O Livro dos Espíritos”, em face das quais chegamos à conclusão da justiça do movimento pró “Espiritismo de vivos”, que deve ser interpretado como o início de uma nova era de espiritualização do Espiritismo, através da humanização da Humanidade, pelas leis do Socialismo.

Incoerências do Autor com a sua Própria Tese

No entanto, ou porque o ambiente espiritual do Brasil não se compenetrara do sentido revolucionário da campanha de Leopoldo Machado, ou porque esse, em razão disso mesmo ou por um relaxamento involuntário de sua visão progressista,

restringisse o movimento ao campo da filosofia individualista, sem coragem para transpor as suas divisas ou para entrar no campo da filosofia socialista, — a verdade é que o autor desse movimento tem-se revelado um dos seus contraditores, isto é, o seu pensamento de hoje e os seus atos não traduzem o espírito progressista do referido movimento. Eis aí uma razão por que nunca devemos julgar uma doutrina ou qualquer princípio científico pelas palavras do próprio autor. O que deve prevalecer em casos tais e a interpretação progressiva, em harmonia com os novos conhecimentos e descobertas científicas, e não a interpretação pessoal, nem mesmo a chamada histórica, porquanto — citando ou repetindo o conceito de Engels — “a história das ciências é a história da eliminação progressiva dos erros, isto é, da sua substituição por um erro novo, MAS CADA VEZ MENOS ABSURDO”.

Para demonstrar o nosso assêto, procuremos ressaltar três incoerências do valente doutrinador, que é V.: a primeira, quando insiste em considerar “religião” o Espiritismo; segunda, quando rematou o “Espiritismo de vivos”, sobre educação e assistência social, numa obra de serviço particular, o que quer dizer: não fez dos objetivos do seu movimento social um meio, para maiores movimentos, mas um fim, como se os problemas da educação e da assistência ficassem, definitivamente, resolvidos com a política aconselhada pelos espíritas do Brasil, de criação de escolas e de obras de caridade, sem a prévia modificação do regime econômico e político, entre nós; a terceira, quando supõe que o Espiritismo é o único remédio para a vitória da paz entre os homens, paz, que é o primeiro problema moral do Cristianismo,

de vez que, sem ela, que é amor, nada se constrói de sólido e real na vida de relação, entre seres e entre nações.

Primeira Série de Incoerências

A primeira incoerência. O autor consigna, a pág. 71 do seu “Graças sobre Graças”, uma sua palestra sobre o tema — a evolução das ideias religiosas. A “Revista Internacional do Espiritismo”, de Matão, S. Paulo, publicou-a. No seu número de julho, deste ano, lê-se este tópico do publicista:

Assim, procurando curar, a um tempo, as chagas do corpo e da alma, o Espiritismo entraria no “Brasil”, como “religião”, “seu melhor clima”, para o Brasil. À verdade é que, só no Brasil e na língua portuguesa, é o Espiritismo pregado e sentido como religião.

O título “evolução das ideias religiosas” já é, por si só, em tese, uma contradição, porque a religião é, por natureza e por finalidade, um sistema de concepções personalistas, e, portanto, não pode obedecer às leis da evolução, que é uma força da Natureza, superior à vontade dos homens. A religião é, por isso mesmo, desordenada, ou, melhor, é contra a ordem científica, e seu papel é de servir ao conservadorismo, em função estática, que só é dinâmica na profusão requintada de exterioridades, com que imbeciliza a ingenuidade humana.

Se fosse o contrário disso, isto é, se, de fato, só houvesse trazido remédios contra “as chagas do corpo e da alma”, a religião espírita, justamente por ser peculiar ao Brasil, “único país em que

o Espiritismo é pregado e sentido como religião”, já teria feito do Brasil a mais civilizada nação do mundo. Mas, os fatos contestam semelhante juízo, só admissível num visionário ou num ignorante. Infelizmente, o Brasil é um dos países mais atrasados do mundo, em todos os sentidos, moral e intelectualmente. E isso, porque herdamos de Portugal um clericalismo ferrenho, que dominou a política dos círculos dirigentes da nossa monarquia, e ainda continua, no fundo, a mandar na república, que de república e de independência só tem o rótulo. A nossa imprensa, como as principais organizações financeiras, reflete os interesses dos *trustes* estrangeiros, por suas filiais aqui. A nossa agricultura debate-se nos costumes do primitivismo agrário colonial. À miséria estiola os nossos patrícios do interior; os nossos trabalhadores do campo morrem de fome e de analfabetismo ou de ignorância. Os livros de Josué de Castro constituem um valioso documento da nossa indignação e da exploração dos povos fracos pelos imperialistas, sobretudo norte-americanos.

Em matéria de barbarismo, bastam as proezas da Polícia, a começar da Capital Federal, para se verificar o horror dos sofrimentos aplicados, com sangue frio, por nossas autoridades contra os presos desarmados!! E se a prisão é por “crime político” ou “ideológico” (como agora, contra os comunistas), a iniquidade do castigo toca às raias do inconcebível!! Os jornais independentes publicaram, há pouco, uma entrevista do advogado Francisco Chermont (que conheço pessoalmente e por tradição, como homem de bem, humanista, corajoso, inteligente e culto, incapaz de mentir, filho desse grande brasileiro, que se chama Abel Chermont, que abandonou as vantagens pessoais

da política brasileira em voga, para se dedicar à causa da Paz, a serviço do povo e da solidariedade humana), entrevista que divulgou os padecimentos a que as autoridades do Rio Grande do Norte sujeitaram um médico distintíssimo e caridoso, competente cirurgião, Dr. Vulpiano Cavalcante, só porque esse impoluto cidadão, por trabalhar pela Paz, como presidente dos “Partidários da Paz”, no Rio Grande do Norte, fora classificado como “comunista”. Dentre as originalidades do martírio, que, para o modo de ver de certos espíritas religiosos, só trouxe benefício ao martirizado, que, por isso mesmo, não precisaria ser socorrido materialmente, mas apenas, por “preces”, de vez que o “nosso reino não é deste mundo” (sempre as mecânicas citações da Bíblia), .dentre tais originalidades, como íamos dizendo, apareceu a de introduzir um besouro na garganta da vítima, para que os carrascos gozassem de estranhos risos, diante do esforço instintivo com que ela procurava expelir o inseto!! E, ainda não contentes com o incrível sadismo, tentaram quebrar os dedos das mãos do cirurgião para incapacitá-lo do exercício profissional ou da sua missão nobre de acudir aos necessitados de serviços cirúrgicos !!! O preso político Berger, alemão, foi tão maltratado, no cubículo, (que só dava para uma pessoa em pé) e por tanto tempo, em sevícias diárias, que ficou louco, apesar da sua formidável resistência física. Nos primeiros meses da sua prisão, ao sentir a presença do Ministro Macedo Soares (M. do Exterior, no governo Getúlio Vargas), Berger gritou, em altas vozes: “Sr, Ministro! Sr. Ministro!! Estou aqui, há um mês, nesta posição de pé, sofrendo os mais duros castigos físico. Tenho percorrido várias prisões, e diversos países, inclusive no China, mas, em nenhuma, foi comparável o que sucede comigo. Nunca vi coisa

igual à desumanidade, porque passa o preso político no Brasil”. Diante do patético quadro, capaz de cortar o coração de uma fera, foi que o Ministro fez diminuir a dor daquele homem indefeso, que, afinal, de tão torturado, como dissemos, terminou perdendo a razão, — motivo por que, com a anistia de 1945, os seus companheiros de ideologia trataram de repatriá-lo, via Alemanha Oriental.

Não se diga que se trata de casos isolados. O argumento é falso. Todos os presos políticos, máxime os que não contam com algumas amizades no Governo, passam por vexames, que variam da deficiência da alimentação e do desconforto físico e intelectual (negando-lhe a leitura de livros) até os mais selvagens espancamentos, alguns dos quais inutilizam, por toda a vida, os pacientes, quando não os fulminam com a morte por “suicídio”.

Ainda nos recordamos do protesto da nossa Faculdade de Medicina, através da veemência oratória do Anísio Circunes, professor ilustre, contra as barbaridades do nosso Exército, em Canudos. Éramos menino de colégio. Estudávamos no colégio de S. José, fundado pelo barão de Macaúbas, dr. Abílio d Cesar Borges, então dirigido pelo dr. Joao Florêncio Gomes, médico que se dedicou exclusivamente à educação da infância e da mocidade. Lembramo-nos dos comentários gerais sobre o discurso sensacional de Anísio Circundes. Ele protestou, com indignação de patriota, contra o uso das “gravatas vermelhas” por oficiais e soldados. “Gravata vermelha” queria dizer o degolamento, à espada, dos jagunços aprisionados. Cenas horríveis contra os pobres fanáticos, nossos irmãos que

precisavam de pão, carinho e instrução, e não da estupidez dos “mantenedores da ordem pública”.

Meninos que eram pegados e atirados ao ar, para serem espetados na ponta das lanças !!

— As calamidades públicas, como sejam as secas e as enchentes, têm sido fonte de enriquecimento de autoridades. Enriquecer à custa do infortúnio e das amargurara dos flagelados!

Enfim, meu caro Leopoldo, as religiões no Brasil, da católica ou protestante à espírita, nenhuma delas diminuiu o panorama do sofrimento do povo brasileiro. Um hospital Espírita não deixa de ser uma obra meritória, mas é uma gota no oceano crescente das necessidades coletivas. Dois hospitais que se levantem, no mesmo local, tempos depois, já representam menos que a gota do primeiro, por causa da desproporção demográfica, entre o ontem e o hoje.

Para ajudar o nosso argumento, vamos aos fatos (já Allan Kardec relevava que “pelos fatos é que chegamos à teoria” — (Livro Médiuns, cap. III, n, 34).

Não se compara, nem de leve, o progresso do Brasil com o da União Soviética. A religião, entretanto, não se intromete, ali, nos assuntos administrativos. Os seus principais dirigentes são ateus, adeptos do materialismo filosófico marxista. No entanto, o progresso moral, intelectual e material ali, já ultrapassou o de todos os países capitalistas, inclusive os Estados Unidos. Moral, porque é o povo mais pacifista do mundo, ao lado da China e das repúblicas populares da Europa Oriental, pois é o que lidera a

campanha do desarmamento e da coexistência pacífica entre as nações, pela qual as discórdias ou desentendimentos se resolvam por acordos e não por conflitos armados. Intelectual, porque é onde maior é o número de pessoas instruídas. Desapareceu, na União Soviética, o analfabetismo. A instrução secundária é obrigatória, e, no próximo ou próximos “Pianos Quinquenais”, a obrigatoriedade se estenderá à instrução superior. Material, porque a agricultura está toda mecanizada; as indústrias, desde a pesada à mais leve, cresceram, de 1917 até agora, numa proporção de 29%, enquanto os Estados Unidos, na de pouco mais de 2%, e ainda, por outro lado, todos os serviços públicos obedecem a um ritmo acelerado, de melhoria e conforto. Resumindo: de acordo com os termos, de Allan Kardec, já mencionados (n. 793 L. Esp. e comentário), a União Soviética é o país mais civilizado deste planeta. Não há desemprego. Todos os estudantes que se formam encontram logo colocação. Não existem mendigos. A assistência social sanitária é gratuita. Os doentes não se preocupam com honorários de médicos. A distinção entre pobres e ricos, para efeitos da educação e do bem-estar individual, foi coisa que desapareceu. Agora mesmo, inaugurou-se uma Universidade em Moscou, que possui apartamentos para 6 mil alunos internos, e está dotada de tudo quanto há de mais moderno no aparelhamento científico. Mil salas para laboratórios, com suas especializações adequadas. É uma cidade. O conjunto de edifícios, cujo corpo central mede 32 metros de altura, denomina-se “Palácio da Ciência e da Cultura”. — Os meios de transporte, na União Soviética, os mais rápidos e seguros. Na União Soviética, não há desastres de avião, como, todos os dias, se vêem entre nós. Simplesmente por isto: porque,

ali, se considera sagrada a vida humana, respeita-se a personalidade humana, e esse respeito e essa segurança derivam da natureza filosófica e científica do regime político.

Não é só a União Soviética que se beneficia da revolução de 1917. A China, em 4 anos de governo, moldado nos princípios do Marxismo, deixou muito atrás países que ridicularizavam a explorabilidade do chinês, pelo seu atraso, a ponto de se dizer que “um negócio da China” era um negócio de lucro estupendo, à custa de uma esperteza, logro, exploração ou o que fosse. Pois bem: a China, o ano passado, isto é, o Governo de Pequim edificou, em 2 meses, um prédio de cimento armado, para alojar quinhentos e tantos delegados estrangeiros, para um Congresso de Paz. Um prédio com 32 andares, todo mobilado. Sessenta mil operários na construção.

A admiração não vem da presteza do tempo nem do número de operários. O que se deduz do fato é a organização técnica do serviço, a ordem na divisão do trabalho, a disciplina, o alto grau do poder de administração que ora revoluciona a China. Pequim era tido como cidade imunda e anti-higiênica, em meses, o governo decidiu um ataque concentrado contra os ratos e as moscas. Duas pragas que se expurgaram da grande cidade.

Influiu a religião nesse formidável progresso? Não, em absoluto. Pelo contrário: enquanto dominavam os sacerdotes, a se meterem nos meandros da administração, tudo era desordem e personalismo. Tanto na Rússia como na China.

É bem verdade que a maioria dos jornais do Brasil esconde a realidade do progresso, nos aludidos países, e, ainda, inventa

as mais sórdidas mentiras, como a existência de “campos de concentração” de presos políticos e de perseguições religiosas,

É que essa “imprensa”, como já mostramos, é uma dependência do capital imperialista. O Espírita que se torna eco dessas fantasias revela, com isso, que ignora o fenômeno revolucionário de 1917, uma continuação das revoluções Francesa e Americana, segundo Emil Ludwig (ob. cit., pág. 198). Já escrevemos um trabalho, com o título “Como se ligam o fenômeno econômico e o fenômeno espírita”, um dos capítulos da nossa obra inédita, cuja designação está por ser ainda decidida.

[Ismael Braga na Onda das Mesmas Contradições](#)

Agora mesmo, Ismael Gomes Braga, escritor que aprecio por sua capacidade de trabalho e conhecimentos gerais, e que sabe dizer o que sente, com clareza de expressão, é, infelizmente, um dos espíritas que estão concorrendo para a confusão, na espécie em lide. Há tempos, ele, discorrendo sobre a “objetividade da alma”, a propósito do livro de um positivista, condenou o Marxismo, “porque prega, por princípio, a violência”. Contestamo-lo em artigo pelo “Jornal de Debates”. O Marxismo não é o que ele supõe. Não se confunda a filosofia do materialismo, em geral de Marx-Engels, com a filosofia das ciências sociais, de que foram eles os mais altos representantes, O Socialismo, que é a ciência da sociedade humana, nas suas relações econômicas e culturais, é uma obra prima do marxismo, que se impõe à verdade, pelos resultados maravilhosos de sua Aplicação prática nos governos da União Soviética, da China e

outros, Se o Marxismo é a revolta do povo contra a exploração multifária do homem pelo homem, - como pensar que ele se funda na violência, quando o fato é que ele prova que a violência dos exploradores gera a contra violência — legitima defesa — dos explorados ?!

Poucos dias ainda, lemos outro artigo de Ismael Braga contra a perseguição aos esperantistas na Tchecoslováquia. Ele aproveitou o fato para atacar o absolutismo dos “regimes totalitários”, como o comunista. Equiparar o fascismo ao comunismo é uma prova — ou da ignorância da doutrina comunista, ou de hipocrisia.

É preciso sermos conscienciosos, no caso.

O imperialismo norte-americano, em desespero de causa, não recua diante dos processos mais indignos contra um regime, cuja vitória importa na liquidação da classe burguesa, detentora das forças do capitalismo.

Dentre as instituições que os imperialistas procuram, para o manejo oculto de suas maquinações, contam-se as religiosas e as culturais, que, por sua própria natureza, não aparentam qualquer suspeita de política e partidarismo, mas, desgraçadamente, nem todos os sócios e membros das instituições compreendem os seus deveres. À corrupção e a venalidade são meio empregados pelos homens dos trustes para conspirações, e é a sombra dos sócios traidores que eles exploram o bom conceito das mesmas instituições.

Ninguém pode garantir que, abusando da sua qualidade, de esperantistas, alguns desses não se tenham comprometido com a espionagem norte-americana.

Mas, ainda que se concretizasse, mesmo, um abuso das autoridades da Tchecoslováquia, — seria isso o bastante para se condenar um regime político, que tem por base a luta contra todos os abusos?

O professor Ismael Braga noto que é um tanto extremista. Para ele, o esperanto será o fator, por excelência, da confraternização dos povos. Dessa forma, a língua influi, decisivamente, na infra-estrutura social e na super-estrutura. O originalíssimo trabalho de Stálin sobre “Problemas de linguística” desanuvia a dúvida a respeito. Os fatos estão aí provando que a diferença de línguas é um fator secundário na vitória da solidariedade humana.

A União Soviética é uma organização ou um Estado multinacional, com povos de costumes e línguas diferentes, e, apesar disso, são unidos, num mesmo ideal de trabalho e de paz, os seus habitantes.

Como espírita, Ismael Braga é de opinião que “quem não admitir, como verdade, os “Quatro Evangelhos”, de Roustaing, não é Espírita (V. “Elos Doutrinários”, pág. 63). Isso é faciosismo.

Ultimamente, lemos outro artigo de Ismael, no “Reformador”, onde, de novo, anatematiza o Comunismo, “que padece do mesmo vício do capitalismo, porque ambos são

materialistas”⁴. E, então, preconiza como solução para a grande questão social do momento, a prática do cooperativismo.

Ora, no sentido filosófico, nem o capitalismo, nem o Comunismo são materialistas. Tanto assim que, em ambos os regimes, vivem, em paz, os materialistas e os espiritualistas.

Os sistemas políticos são sistemas que adotam uma organização constitucional, para o desenvolvimento, em ordem, dos interesses comuns, como os direitos à vida, à educação e ao alimento, tudo isso, especificamente, distribuído e executado, através de múltiplas instituições, É claro que a liberdade de pensamento e de associação é inerente a todas as constituições, dignas desse nome, liberdade que é assegurada nas dos Estados Unidos, da Inglaterra, na França, do Brasil, países sob regime capitalista, como, de igual modo, nas dos países socialistas (V. art. 125 da Cons. Soviética).

À filosofia marxista, sim, que é materialista e que defende o Comunismo com o tipo de organização econômica destinada a assegurar a felicidade relativa nas relações humanas.

Alegar que o cooperativismo é a finalidade ideal, na política dos governos, contra o capitalismo e o Comunismo, é mostrar-se alheio ao problema. Há 150 anos, a mais, que se tem utilizado o cooperativismo, e ... as crises continuam no mesmo diapasão, ora baixo, ora agudo. No Brasil, o número de cooperativas ascende

⁴ Veja a Nota complementar n.º 1, no fim do livro.

a 3 mil e pico, o que é menos de uma gota d'água no oceano da crise econômica.

O cooperativismo, que também nada tem com as ideias filosóficas, religiosas ou políticas de cada associado, pouco se desenvolve nos regimes capitalistas, sobretudo agora, que as forças imperialistas tentam absorver todas as iniciativas particulares que contrariem a liberdade do monopolismo.

Nos países socializados, todavia, as cooperativas tomam extraordinário impulso.

Por que essa diferença? É que o cooperativismo, por si só, não erradica a causa das crises e das contradições sócio-econômicas. Entre nós, os capitalistas se unem em cooperativas, que, dessa forma, se revelam uma das modalidades do uso do capital, com os mesmos defeitos daí decorrentes.

O cooperativismo permite a exploração, por particulares, da riqueza nacional e da produção do trabalho coletivo. Basta, pela legislação brasileira, o número de sete associados para a constituição de uma cooperativa. Sete fazendeiros podem fundar uma cooperativa de produção. Temos, aí nesse exemplo característico, a propriedade da terra — um bem nacional sendo explorada por particulares, em favor dos quais, ainda, se divide o lucro da produção, que foi obra principal dos trabalhadores rurais.

Isso não ocorre na União Soviética, nem nos países que adotam ou empregam, gradualmente, os princípios da economia marxista. Porque, então, os frutos da propriedade pública (terras, águas, minérios, estradas, aviões e navios de transporte coletivo,

telefones, energia elétrica, etc.) pertencem ao Estado, e os frutos da produção coletiva se repartem — o: líquido, depois de pagas as obrigações do Fisco — entre os mesmos produtores (fábricas, cooperativas, kolkoses). Assim, num kolkose, — tipo de fazenda coletiva e modalidade cooperativista — as terras são arrendadas ao Estado, todos trabalham para todos e, no final, a produção apurada é dividida entre os trabalhadores respectivos, na medida da capacidade de trabalho de cada um. Cada kolkosiano, entretanto, além do rendimento básico dos kolkoses, que fazem parte da propriedade pública socialista, pode usufruir um pedaço de terra anexo, à sua casa. Essa propriedade é privada, porque só o dono nela trabalha com sua família e, por conseguinte, a respectiva produção cabe à sua pessoa, isto é, a quem trabalhou diretamente.

As cooperativas, portanto, nos Estados socialistas, cingem-se ao lema marxista: de cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo o seu trabalho. Vedadas estão de explorar, privativamente a propriedade dos meios gerais de produção, e o trabalho humano.

Portanto, o fundamental, para o desenvolvimento cooperativista, não é a velha doutrina do cooperativismo dos pioneiros de Rochdale como apregoam os seus adeptos, mas a solução socialista, com base econômica na “abolição da propriedade privada dos utensílios e meios de produção, e na eliminação da exploração do homem pelo homem”. O fundamental — repisemos — é modificar, radicalmente, a estrutura do Estado, tirar o domínio de uma classe para a nação, isto é, para todos os trabalhadores de todas as condições. Logo,

a doutrina cooperativista, ou melhor, as organizações cooperativistas, para prosperar, dependem do tipo de Estado. Logo, não são elas causa da solução econômica, mas efeito de uma solução econômica, que, no caso, outra não será, para ser justo, senão a do socialismo, na base dos princípios da política econômica ensinados pelo marxismo-leninismo.

Estendemo-nos um pouco no comentário sobre as ideias de Ismael Braga, para esta conclusão: se um escritor espírita, da responsabilidade de Ismael Braga, propaga falsos conceitos sobre o Marxismo e sobre o Comunismo (e, pois sobre o Socialismo, que é um antecedente do Comunismo), não é de admirar que, a respeito, reine a mais deplorável confusão nas fileiras espíritas do Brasil. E atribuímos o fato, precisamente ao religiosismo que se empresta ao Espiritismo.

A Prece

Diz-se que negar ao Espiritismo o caráter religioso é abolir a prece.

O Espiritismo é uma doutrina moral, sistematizada à luz de uma fenomenologia. Dessa fenomenologia resultou a convicção da existência do Espírito, como potência da Natureza destarte, sujeito às leis naturais, objeto das ciências.

Logo, a prece não deve ser encarada como fenômeno religioso, mas científico, isto é, como uma necessidade do espírito, que é uma unidade do Todo Universal.

O sentimento evocativo é função da lei de afinidade e da coesão. O homem, diante de qualquer desgraça, apela para uma

força qualquer que o socorra. Se é um espiritualista, à Kardec, invoca a assistência do mais forte poder da Natureza, que é a ação dos Espíritos protetores, que, por sua vez, só agir podem, em face das condições ambientais.

Nas reuniões espíritas, costuma-se usar da prece inicial, porque tem um fim lógico: homogeneizar o ambiente, para mais facilidade da unidade do pensamento coletivo, que é mais capaz de facilitar, por sua vez, a intervenção acolhedora dos guias espirituais. É uma lei de física, ou de metapsíquica, como queiram, mas sempre uma lei da Natureza. Até os materialistas praticam, sob forma diversa a prece. Que é o silêncio, requerido, nas sessões do parlamento ou em lugares outros, para a memória, homenageada, dos mortos, senão uma prece?

O silêncio faz concentrar o pensamento de todos sobre a personalidade do morto, sua vida e suas obras dê gratidão.

Alguns espíritas pedem, além do silêncio, uma exortação oral, à cargo de um dos assistentes. Mas, a prece não é o fato material da oração suplicante. Materializa-se ela, para um efeito formal, isto é, para unificar, melhor, os pensamentos. Quer dizer, que é possível o uso da prece, nas sessões espíritas, pelo simples silêncio, sobretudo quando a assistência é composta de elementos esclarecidos, senhores da significação do fenômeno.

O Espiritismo, como religião, incentiva a vida contemplativa, a pieguice, a covardia, a subserviência, a falta de confiança nas energias criadoras do próprio espírito, que se esmaga, vencido, diante das desditas, para atribuí-las a castigos divinos, e, por isso, resigna-se a pedir a misericórdia de Deus.

V. mesmo, meu caro Leopoldo Machado, no seu “Teatro da Mocidade” em que pese à sua fulgurante inteligência, cometeu desvios desse quilate. A pág. 13, V. pôs na boca do “homem” a confissão do dever de se resignar à miséria, “como um convite direto que Deus faz aos que desejam chegar a Deus”, — quando a verdade é que os costumes sociais, a supremacia dos poderosos e a injusta organização da econômica social são da responsabilidade exclusiva dos homens (V. Liv. Esp. ns. 862, 863, 930, 932, etc). Se “Deus não exerce ação direta sobre a matéria” (n. 536, L. Esp.), como haveria de dividir os homens entre ricos e pobres, fortes e fracos, felizes e sofredores?

Coisas de religião, que se sobrepõe às leis da Natureza, e faz dos homens os agentes de um Deus pessoal, arbitrário e anarquista.

Ainda, à página 32, do mesmo Teatro, V. convida a mocidade a preferir o ignorante, com Deus, ao sábio, sem Deus. Absurdo, porque a ciência é que nos há de guiar para a perfeição, independentemente de crenças religiosas. O seu desacerto, no convite, ainda é consequência do individualismo das religiões, que imputam aos homens, de per si, o destino da História.

A Segunda Incoerência

A segunda incoerência vem de que os espíritas, segundo a programação Leopoldo Machado, devem sair da estagnação, em que viviam, para dar ao Espiritismo um sentido mais social. Está certo. Daí a campanha do “Espiritismo de Vivos”, a que já nos referimos. Campanha progressista, como asseveramos. Mas, acontece é que ela parou nos simples serviços de assistência

educativa, como abertura de escolas, e de assistência à saúde, como hospitais, alimentação, abrigos etc.

Não condenamos tais iniciativas, como seria um contrassenso que o fizéssemos com relação ao cooperativismo, entre nós. O que achamos contraditório é pregar, na presente fase da História, a solução da assistência social, dentro do Estado capitalista. É carregar água no cesto. A vantagem, no caso, só aparece, como uma prova do espírito humanista — de solidariedade e fraternidade — da Doutrina Espírita.

O lógico é, concomitantemente, fazer as obras e lhes reconhecer a precariedade, para, daí, se deduzir que elas só deixarão de ser precárias, com a substituição da estrutura estatal.

Em verdade, na União Soviética, os particulares não perdem tempo em organizar instituições de caridade, uma vez que a caridade é uma concepção da burguesia que necessita da divisão de classes, - origem, em última análise, da divisão em pobres e ricos. As religiões tiram um grande proveito disso, porque os “ricos” são os privilegiados da graça de Deus, que lhes manda os “pobres”, para, pela caridade para com os últimos, ganharem o prêmio do céu.

A caridade foi substituída, nos países socializados, pelo dever de assistência, pelo Estado, a todos os necessitados, de qualquer espécie de assistência (V. arts. 118 - 123, da Const. Soviética, de 1936). Logo, ao lado da caridade, resquício de uma civilização atrasada, os espíritas, de acordo com o espírito progressista da doutrina de Kardec (que não é de Kardec bem se vê o sentido da frase), precisam levantar a bandeira da

socialização estatal da assistência. Convém notar: o Estado popular é uma coisa, e o Estado burguês, outra.

No entanto, os Centros Espíritas não falam nesses temas, que estão na ordem do dia, O pretexto é que o assunto é da alçada da Política e não do Espiritismo. Mas, assim só se manifestam os espíritas religiosos, os profitentes da “religião espírita”. Aliás, uma tremenda contradição nesse retraimento cívico. Se o progresso é uma formação de vontade de homens, como querê-lo, sem chamar a atenção desses homens?

A verdade, porém, é que a política é imanente à sociedade. A sociedade, para manter-se em ordem, carece de ORGANIZAÇÃO, que é um trabalho político. O apoliticismo dos espíritas é o resultado do ensino religioso. Pelo contrário: em face da Doutrina Espírita, desaçaimada da religião, o homem precisa “ser político, para, lutar contra o faciosismo partidário e todas as ideias obscurantistas que atravancam o progresso.

A Terceira Incoerência

A terceira incoerência é o conceito que V. confere à Paz, encafuando-a na passividade, que reflete, por si só, a eiva do religiosismo. Uma paz abstrusa e platônica.

É o que exprime um comunicado de Emmanuel que V. inseriu em “Graças sobre Graças”, e que nos indica um “remédio” para as dores humanas e para a paz. E V. grifa as passagens que parecem proféticas, mas que assim — pensamos nós — não se devem considerar. Toda profecia precisa, ser objetiva e certa, e não indefinida.

Diz ele que a “angústia coletiva de todos os povos” advém de “desvios de antagonismos irreconciliáveis, tão somente feridos pela mentalidade humana, dentro do seu abuso de liberdade”.

Obscuridades e Contradições de Emmanuel

Eis aí uma metafísica incompreensível. De que ordem são esses “antagonismos irreconciliáveis”?

Por que originados de condições subjetivas (“mentalidade humana”), e não objetivas?

Porque tanta “angústia” e tantas “dores amargas”, a pesar da “super-produção”?

Onde já se viu “abundância e super-produção”, num mundo, onde a fome é crônica? O que há é sub-produção. A super-produção é aparente, porque os monopolistas retêm uma grande quantidade de mercadorias, para especulação de preço.

Portanto, nenhum raio de luz nos deu o dito comunicado sobre as causas materiais da “aluvião de escombros que se prenuncia terrível para os próximos anos”.

Sob o ponto de vista moral, a decepção é angustiante. Enquanto a moral comunista conforta a Humanidade, anunciando que a Paz vencerá a guerra, e, portanto, se os povos não se apassivarem e, pelo contrário, se organizarem em lutas de defesa da paz contra os vivedores de guerra, o mundo não passará por tamanha desgraça almejada pelos belicistas, — a moral espírita, da safra dos comunicados de espíritos, desconsola os terrícolas

com a certeza de uma conflagração! “Dores amargas se anunciam nesse paiol de abundância e de super-produção, que a inteligência da Humanidade criou para a sua vida” — são dizeres de “Emmanuel”.

E, em seguida, depois de reduzir “os antagonismos inconciliáveis” a um “antagonismo entre o homem físico e homem moral”, como a “causa da subversão de todos os valores morais” da atualidade, o comunicante profeta apavora os nossos corações, com iminentes “cataclismos no ar, sem que os poderes humanos consigam deter-lhes a marcha”. E acrescenta que “nem os economistas, nem os sociólogos podem dirimir as profecias singulares e dolorosas, impossibilitados de recursos, desconhecendo o remédio necessário à paz coletiva e à prosperidade mundial”.

E, por fim, confirma que — “a dor há de vir realizar a obra que não foi possível ao amor edificar por si mesmo”.

O interessante é que “Emmanuel” apresenta um “remédio”, que só poderá ser aplicado depois da guerra, cuja marcha “os pobres humanos não podem deter”. E mais claro ainda se apresenta no passo subsequente, quando nos adverte: “os servos de última hora” (os espíritas) estão incapazes de “afastar do espírito coletivo das multidões delinquentes o quadro nefasto da guerra e do extermínio.

Ninguém, de ânimo sereno, decifra o emaranhado do palavrório de Emmanuel. Quais as “multidões delinquentes”? Só poderá ser o povo. Mas, precisamente o povo é que é o primeiro inimigo da guerra e do extermínio.

Uma vez que aos homens é vedado apagar o quadro negro dos tempos presentes, inclusive aos espíritas, que são também homens, só concluiremos que a Deus, unicamente, estaria reservado esse poder.

Mas, a profecia reconhece a fatalidade da guerra próxima. Logo, a guerra é uma predestinação, derivada da vontade de Deus, o que discorda dos ensinamentos de Kardec (n. 872 Liv. Esp.), que condena o fatalismo, pois “é possível ao homem modificar o curso dos acontecimentos.

Curioso: enquanto materialistas, à Marx, lutam pela Paz, espiritualistas, à Kardec, não lutam pela Paz, por causa da fatalidade da guerra. Ora, Kardec condenou o mussulmanismo, e ordenou a necessidade do trabalho contra as imperfeições sociais, de que a guerra é a mais nefanda.

Mas, afinal de contas, que remédio milagroso para o estabelecimento da paz nos oferece Emmanuel? De logo, foram excluídos do serviço redentor os que se pavoneiam com “o cientificismo do século”. Fora “o tóxico do intelectualismo”. Como que vemos, nessa tirada vazia, de Emmanuel, uma reprodução subconsciente de ideias de outrem. Parece-nos que ele estava a repetir o mesmo pensamento de Leopoldo Machado (presente à sessão em que foi recebido esse comunicado), no livro que esta publicara sob título “Cientismo e Espiritismo”. Nesse livro, o autor escarnece das vanglorias dos cientistas, e, de certo modo, das descobertas científicas, como das vitaminas, da endocrinologia, vivisseccção, etc. Não deixando de reconhecer a inteligência, servida por generalizados conhecimentos, com que — polemista

valente que é — discutiu os variados assuntos de ciência, (e as suas restrições ao freudismo provam o que dissemos) não achamos, contudo, que suas considerações fossem rigorosamente exatas, para concluir pela existência da única ciência, que é o Espiritismo. E, por isso proclama que “O Espiritismo é tudo”...

Exatamente é o que se infere da comunicação de Emmanuel, pela qual nem os poderes humanos, nem os intelectuais, sábios ou professores, resolverão o problema da paz coletiva. Esse papel sublime — diz ele — cabe “aos trabalhadores humildes do Espiritismo”, os quais começam o trabalho “pela educação, único meio eficaz e seguro da realização almejada”. Isso faz-nos lembrar um tópico de Ismael Braga, em “Elos Doutrinários”, onde ele escreve que os “Quatro Evangelhos de Roustaing são o curso superior do Espiritismo, que explica tudo que nos ocorre à interrogação do Espírito” (pág. 33).

Todas essas explanações pecam pelo seu religiosismo. Um verbalismo sem fim. Não há lógica. Exagera-se a preocupação pela vida do Além, a ponto de, como está em “Cientismo e Espiritismo”, pág. 133, recomendar-se a prioridade dos cuidados d’alma, ou de aceitar, como verdadeiro, este conceito — “o corpo será são, se o espírito for são”, A realidade, entretanto, é que o princípio da encarnação (origem e fim) nos obriga a cuidar, primeiro do corpo. A criança solicita o alimento, antes de tudo, como a sociedade, sem a ordem econômica (matéria), não pode nutrir-se, e, portanto, não se realizariam os objetivos da encarnação e da reencarnação, já esflorados linhas atrás.

Entoxique-se o organismo de um homem puramente cristão, um santo que seja, e ver-se-á se ele pode praticar as virtudes de seu espírito.

O Problema da Educação e a Economia Humana

Como será essa educação preconizada por Emmanuel? Uma educação platônica, metafísica, religiosa, individualista, que faz com que os homens abstraíam das “coisas positivas e sérias”, onde, só nessas, encontraremos a felicidade, e não “nas utopias” (palavras de Kardec, em comentário ao n. 707). A coisa mais positiva e séria é a cultura do “solo, fonte primacial donde dimanam todos os outros recursos” (Liv. Esp., n. 706).

Portanto sem o alimento do corpo, sem a organização da economia social, não se poderá organizar a educação, que é, assim, uma dependência, para a sua estabilidade da solução econômica.

E a sistematização de todos os serviços sociais não é obra do Espiritismo, mas de todas as ciências, cujos erros não devem servir de motivo ao desprezo das mesmas. Queríamos saber se, nos livros de Roustaing ou de Kardec, nós aprendemos os meios de construir aviões, de descobrir os remédios contra as moléstias em geral de fazer uma infinidade de coisas, que, sem o conhecimento das ciências especializadas, seriam impossíveis de fazer.

O Espiritismo se preocupa com a prova ao Espírito e de suas correlações do Universo.

É uma revolução na concepção filosófica da Vida. “O Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte” — escreveu Kardec, em “Introdução”, pág. 27, do “Livro dos Espíritos”. Logo, as ciências continuam no seu campo material e prestam, com isso, grandes serviços ao Espiritismo experimental. O Espiritismo surgiu, à margem da crença; surgiu, sob a realidade dos fatos, isto é, apresentou se com a mesma indumentária da Ciência, que é um efeito da objetividade e não da subjetividade dos fenômenos⁵. E a religião é um fenômeno subjetivo. O Espiritismo, como se vê não pode ser a ciência, mas a revelação de um mundo, sobre o qual têm surgido dúvidas seculares, — revelação que não exclui em absoluto, o concurso das ciências, nem a responsabilidade dos homens por tudo quanto resulte do estudo dessas ciências. (Ver Gênese) cap. I, ns. 16-18, de A. Kardec).

Portanto, a educação os sistemas de constituição política e econômica depende dos poderes humanos. À inteligência do homem é capaz de vencer a Natureza, ao contrário do pessimismo e das inexpressivas considerações, de fundo religioso e metafísico, de “Emanuel”.

Essas, como tantas ideias outras do fértil moralista, brigam, por suas extravagâncias e desconexidades, com a doutrina progressista de Kardec.

⁵ Veja a Nota complementar n.º 2, no fim do livro.

O Progresso e a Ação do Homem

Em “Gênesis” cap. XVIII, n. 25, observou Allan Kardec: “O Espiritismo NÃO CRIA A RENOVAÇÃO SOCIAL; a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma NECESSIDADE”.

Ele “secunda o movimento de regeneração”.

Ainda em “Obras Póstumas” cit., pág. 209, “Não será ele que fará as instituições do mundo regenerado; os HOMENS é que as farão, sob o império das ideias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo”. Logo, ao contrário do que pretende, utopicamente, Emmanuel, há de ser, através da sociologia e da ciência, que haveremos de encontrar o remédio necessário à paz coletiva e à prosperidade mundial”. E melhor compreenderemos essas verdades, lendo a doutrina espírita, em espírito e verdade, como ela foi prevista por Kardec, naquele passo, já mencionado, do n. 55, cap., I, de “Gênesis”. Foi, por isso, que, diante da desorientação, sobretudo de espiritualistas, sobre o problema da Paz, escrevemos uma: pequena conferência, a respeito, sob o título “Natureza sociológica da Paz”, que oferecemos, por cópia, ao prezado Leopoldo Machado, para ser tomada como complemento final: desta já longa carta.

Não lhe pedimos desculpas pela extensão, ou xaropada, desta correspondência, porque foi V. mesmo quem, por duas vezes, ou três, em carta, nos solicitou dizer algo sobre o livro que ultimamente nos ofereceu.

“Ao Eusínio, Exma. família e filhos: meu último rebento, para ser, de fato, lido e comentado”.

Aproveitamos, para responder-lhe, as férias da nossa convalescença, oriunda da operação que, com estupendo êxito (sem dor nem hemorragia), fizemos das amígdalas. Num velho de 70 anos, hipotireoidiano, emotivo, o fato apenas confirma o progresso da ciência e a proficiência do cirurgião, o nosso patrício, filho de Alagoinhas, Dr. José Elesbão Cirne Dantas, que nos mereceu sólida confiança, não obstante o desassossego de que nos cercaram, a mim e à família, vários amigos, receosos, com os casos que citavam, dos riscos e do insucesso da operação. Um amigo, médico da família, foi mesmo contra. Recolhi-me ao “Sanatório Manoel Vitorino”, no dia 20 de Agosto; de manhã, no dia seguinte, 21, operei-me; a 23 saí para a casa, e já estou restabelecido, alimentando-me normalmente, apenas não querendo abusar de muito falar, para não irritar a garganta, que só com um mês se reconstituirá definitivamente.

Claro que, escrevendo-lhe tão longamente, só tivemos em vista emitir um voto sincero, por amor à Verdade e ao progresso, e, concomitantemente, render homenagem a um trabalhador sincero. A sinceridade de ambos foi a causa moral desta extensa missiva, porque, de outro modo, um homem, de poucas luzes, como eu, não iria incomodar um luminoso, espírito, como o seu, hoje adoentado por excesso de trabalho, em bem da propaganda da causa espírita.

Não falei dogmaticamente, nem procurei argumentos, com raízes em minha cabeça, o que seria um despautério, mas no espírito da Doutrina Espírita, que está acima de todos nós.

Com os votos de Odília, que sempre fala em seu nome, e dos filhos e meus, pela sua saúde e sua paz, sou o mesmo irmão pelo coração,

EUSÍNIO LAVIGNE

De Leopoldo Machado a Eusínio Lavigne

N. Iguassu, 25 de outubro de 1953.

Meu caro Eusínio Lavigne:

Paz e alegria, extensivas a todos os seus.

Principalmente PAZ. Essa paz que todos a desejam, mas que só pode existir quando cada espírito se desarmar contra seu irmão, na consciência de que é do particular que se chega ao geral; essa paz por que todos lutam, até os comunistas, que a querem, que a pregam, que a desejam, mas que a insuflam, aqui e ali, provocando guerrinhas e guerrilhas.

Como vê, começo contrariando-o, opondo-me a seus pontos-de-vista.

Li sua carta admirável, enlevado e deliciando-me, sem, entretanto, de modo algum, deixar contagiar-me de seus argumentos. Tanto mais admirável, se se levar em conta que se trata de uma carta elaborada por um cérebro de 70 anos, a serviço de um corpo que foi recém-operado, aliás, com a

interferência de Espíritos amigos. Admirável por seus argumentos, refertos de cultura e precisão, embora coloque, já não direi a mim, que nada valho, mas, ao Kardec e ao Emmanuel em plano inferior aos doutrinários comunistas; encontrando até no Emmanuel e no Kardec ausência de lógica, e contradições, E no Espiritismo, senão semelhança, inferioridade à doutrina comunista.

Porque não conheço o comunismo?

Engano. Conheço-o bastante para sentir que, na hora presente, só duas doutrinas interessam fortemente o povo, à humanidade: o Comunismo e o Espiritismo. O Comunismo mais do que o Espiritismo, porque o homem continua, ainda, muito escravo à objetividade imediata da Vida, aos sentidos, humanos. Ao passo que o Espiritismo, dando mais, muito mais do que o comunismo, prepara mais o Espírita para “viver no mundo sem ser do mundo”. Ora, se eu não fosse espírita, creia que só seria comunista, que se me afigura mais lógico do que os fascismos. Mas, comunista mais no sentido-político, simplesmente. Leio o que posso do seu comunismo sem me deixar contagiar por sua doutrina. Agora mesmo, acabo de ler JUÍZES BRASILEIROS ATRÁS DA CORTINA DE FERRO, de Osny Duarte, prefaciado por Sady Cardoso de Gusmão.

Muita coisa bonita, que serve como meios. E o Espiritismo ensinou-me a ver que o Fascismo, o integralismo inclusive, transmite uma noção exagerada de pátria. A pátria acima de tudo, O comunismo contagia de exagerado fanatismo, a preocupação do bem-estar humano.

Seu humanadismo acima de tudo. O Espiritismo, que não desmerece o amor à Pátria (e eu gosto tanto do Brasil!) nem se opõe ao humanadismo do comunismo (e as obras de assistência social, que o comunismo acha só o governo deve delas cuidar, aí estão a atestá-lo !) abre-nos a cortina de uma vida eterna, que o fascismo não leva a sério e o comunismo nega. Assim, seus horizontes são amplos e vastíssimos. Por isso é que já escrevi, uma feita, que o Espiritismo é tudo, da tudo, prepara-nos à solução de todos os problemas, dispensa muletas de comunismo, de fascismos, de demoratismos. O espírita, assim não precisa de ser outro *ista* qualquer para vencer...

Já chegou, então, aos setenta?

Meus parabéns. Eu já passei dos 62. Mas, já me sinto, mole, abatido, fisicamente arriado, com a consolação de dizer, apenas: “Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer. (Lucas 17.10).

Aqui vão os prospectos do CARAVANA. Os últimos. E você está, inteirinho, dentro dele, já pela gentileza com que nos hospedou, já pela grande e bela página que, com a sua carta extraordinária ao Júlio Abreu, autorizada por você a transcrição...

E escreva-me sempre que suas cartas são lições magníficas, que a gente pode não aceitar, mas nunca deixa de admirá-las, creia.

Recomendações a todos os seus, Exma. Esposa e filhos.

Cordialmente,

LEOPOLDO.

De Eusínio Lavigne a Leopoldo Machado

(2ª CARTA)

Bahia, junto de 1954

Caríssimo Leopoldo:

Sem a Paz da Humanidade, não é possível a segurança definitiva de cada Nação. Nem, outrotanto, a dos direitos humanos. E nem mesmo as pessoas estão livres de uma bomba de avião, estejam onde estiverem, ainda que no meio tranqüilo das “caravanas da fraternidade”.

Já acusamos, em cartão, o recebimento de seu último livro “A Caravana da Fraternidade”, e avisamos a remessa de um cheque de cem cruzeiros, a benefício do “Lar de Jesus”, a que vai servir o resultado financeiro do livro.

Em sua dedicatória, pede-nos V., como na sua anterior oferta, que opinemos sobre a sua nova produção.

Vamos ver se, desta “Retiro S. Luís”, nova residência que construímos, e onde ora repousamos, poderemos, com o auxílio de terceiros, pelos livros, corresponder ao seu grato pedido.

Concomitantemente, pedimos-lhe permissão para replicar à sua carta de 25 de outubro de 1953, em resposta à nossa, de 2 de setembro do mesmo ano.

Seu Livro “A Caravana da Fraternidade”, e as Críticas

O seu “A Caravana da Fraternidade”, a começar pela precisão do título, é um livro que se harmoniza com os objetivos teóricos da propaganda espírita, sem embargo das restrições que, fraternalmente, vamos apresentar, não ao sentido da obra, mas à sua eficiência.

Como dissemos anteriormente, V. é um agitador da causa espírita. Ninguém, que saibamos, faria o que V. fez, nesse mistér de despertar da apatia o problema psicológico do Espiritismo.

Razões: sua capacidade oratória; sua operosidade invulgar; seus recursos de polemista; seus conhecimentos de religião e da Bíblia; a prontidão de seu talento; sua presença de espírito; sua argúcia; sua sinceridade, de adepto convicto da existência do Espírito imortal e dos ensinamentos de Allan Kardec.

O conjunto desses predicados fá-lo um bom professor das primeiras letras do Espiritismo. Só isso bastaria, como basta, para consagrá-lo um dos mais assíduos propagandistas da teoria espírita.

Toda doutrina requer um professor primário. Ensinar os prolegômenos de uma disciplina é mais difícil do que ensinar o seu conteúdo, cuja compreensão depende exatamente das suas noções preliminares.

No nosso tempo de estudante no Colégio de S. José, do saudoso educador, Dr. João Florêncio Gomes, conhecemos um grande latinista. O Dr. Arthur Rodrigues de Macedo. Todavia, os seus alunos sentiam dificuldade em assimilar o latim, porque ele

era mais um mestre para curso superior. Imagine V. uma pergunta destas, a meninos que, pela primeira vez, frequentavam aulas de latim; “Quantos casos em a na primeira declinação?” Já o mesmo não sucedia com o padre Turíbio Fiuza, cujos discípulos, crianças de 10 - 12 anos, nos davam quinaus, porque o professor Macedo não tinha a paciência do outro, acostumado ao mistér do ensino primário do latim.

Na propaganda do Espiritismo, perante um público, como o nosso, atrasado, não se ministram altos conhecimentos da doutrina, senão o que é capaz de interesse imediato. Mas ainda assim, o público precisa de receber do predicante uma impressão agradável, para evitar o tédio.

V. compreendeu essa psicologia, tornando-se um agitador da ideia espírita, viajando, e pregando, com simplicidade, as noções elementares da moral cristã, e, ao mesmo tempo, despertando as simpatias populares por meio de obras que atendessem, mais de perto, às aspirações do homem necessitado e sofredor.

O seu livro de agora, “A Caravana da Fraternidade”, teve o mérito de agitar a causa, o que não deixa de ser um serviço prestimoso.

Ele mostra que V. é um bom cronista. Sabe expôr os fatos em todas as suas minúcias, com naturalidade, sem monotonia. Isso se observa em todos os capítulos do livro, desde quando, espirituosamente, revela aos companheiros o seu “bairrismo” — “isto aqui é Bahia” — ante o lindo panorama dos coqueirais à beira-mar, na rodovia Itapoã, até os casos pitorescos e gracejan:

da menina arteira que se fingiu de médium, para comer o queijo; do juiz de Amarante, que se recusou aderir aos protestantes, por “ser religião de beira de rio”; daquele Wilson Lugon, que não combatia os inimigos da doutrina, porque Jesus ordenou que “amássemos aos nossos inimigos”... (págs. 23, 32, 99 e 37).

Nenhum dos nossos festejados propagandistas espíritas, como Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Pedro Granja, Ismael Braga, Júlio de Abreu, etc., despertaria tanto interesse na alma popular quanto Leopoldo Machado. Simplesmente por isto: por causa de suas preciosas qualidades de orador. Só podia ser essa a razão daquele formidável entusiasmo do “velho Lindolfo Coutinho”, ao dizer: “já posso morrer, porque abracei Leopoldo Machado” (pág. 74).

Entretanto, se o livro é uma obra de crônica, não revela ele que V. abandonasse o religiosismo espírita, em contraste com os objetivos do “Espiritismo de Vivos”, de sua autoria, e cuja progressividade V. mesmo está contrariando.

O Espiritismo é cultura, porque é ciência. Se fosse “religião” seria “culto” e não “cultura”...

Se a poetisa Elmira Lima discorda de V., por causa do fundamento religioso, ela tem razão.

V. já escreveu, várias vezes, repetindo Kardec, que “fora da Ciência, o Espiritismo morreria” (Gênesis, cap. 1, n. 55). Agora mesmo, V. repete, por vezes, em “Caravana da Fraternidade”, que “Espiritismo é educação” (pág. 121), é “evoluído no tempo e no espaço” (pág. 312), e admite que “a Federação Espírita

Brasileira se afastara do seu programa” (pág. 314). E expende verdades, como estas: “a Doutrina Espírita não é dogmática” (pág. 166); “já é tempo de colocar-se a doutrina acima de tudo” (pág. 137); “deixemos os homens e as instituições e vamos servir à Doutrina” (pág. 314).

Também Ismael Braga confessa que “a Doutrina é mais cara do que as instituições” (Elos Doutrinários, 97), mas a verdade é que V.V. se prendem mais às instituições.

Certos ateus estão mais senhores da teoria Espírita do que afamados escritores espíritas.

Agora mesmo, em “A Tarde”, de 29/5/54, o prof. Pinto de Carvalho escreveu que —

— “as premonições constituem um dos capítulos, aliás dos mais interessantes e enigmáticos, dessa ciência — a Metapsíquica — ciência novíssima, ainda “a titubear nos seus passos iniciais, mas que promete uma floração magnífica e belíssima para um futuro mais ou menos próximo”. “Ciência grandiosa e de múltiplos esgalhos, que vão desde os domínios do simples animismo, com o sexto sentido criado por Charles Richet, até os territórios vastíssimos e curiosos da telepatia, da criptestesia em geral, das monições e das premonições, psicometria, quiromancia, telecinesia, chegando aos de natureza

espírita ou espíritoide, como levitações, transportes de objetos, ectoplasmas, materializações, incorporações, etc, etc.”

E o culto professor baiano, mostrando-se a par do assunto, com a citação de fatos e de autores, como Richet, Bozzano, Myers e Podmore, conclui: “monições e premonições, visões à distância e visões no futuro, existem indubitavelmente ainda que se nos afigure isso impossível”.

A resposta que V, nos deu à longa carta de 2 de setembro de 1953, e o seu último livro referido demonstram o nosso asserto de ser V, pouco versado na sociologia do Espiritismo ou do neo-espiritualismo.

V., por exemplo, ao responder ao Clero (págs. 77, 264, 269, 261-262, 258) neste seu livro, como em outras conferências, nunca deu ao conhecimento público as razões por que o Clero combate as demais religiões. Em vez disso, V. alimenta uma inútil discussão, com base em textos bíblicos e revelações medianímicas.

Entretanto, se houvesse lido o trabalho de um materialista (sentido filosófico), como O. Arturov, na revista “Problemas”, n.17, 1949, V. ficaria sabendo que a política clerical é uma consequência da aliança do alto Clero com o capitalismo internacional. O publicista com lógica indestrutível retratou a política reacionária do Vaticano.

Daí se deduz que os debates religiosos, entre espíritas e católicos, entre católicos e protestantes, entre protestantes e

espíritas, agradam às classes dominantes, porque tais discussões são diversivas, distraem dos grandes problemas da Humanidade e da Nação uma parte considerável do povo.

Aos poderosos convém o alheamento, pelas massas populares, da política de emancipação nacional, precisamente porque eles se nutrem à custa da ignorância político-social do povo.

O alto clero, que por sua vez, através de uma hierarquia, intencionalmente organizada, procura alhear os padres e os fiéis das Jutas, emancipacionistas sob o pretexto de que o clero não se mete em política, porque a Religião é apolítica, participa, também em recompensa que lhe dá o Governo, dos benefícios do obscurantismo popular.

O mesmo sucede com todas as religiões, inclusive a "espírita", que, pelas colunas do "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira, conclama os seus adeptos a se afastarem da Política, porque sua política é a do Evangelho religioso, místico e apassivador das energias do espírito humano.

Leia-se este pensamento do contraditório e nebuloso Pietro Ubaldi, aproveitado, para "roteiro espírita", por um propagandista de Kardec, no "Diário da Bahia", 30/5/54, sob o pomposo título "Renovação espiritual":

"Não vos ensino a gozar das coisas da Terra, porque elas são ilusões, mas vos indico as alegrias do Céu, porque estas são verdadeiras".

Mais adiante, mostraremos que semelhante propaganda diverge da verdadeira doutrina espírita, “em espírito e verdade”.

À pág. 143, você admira-se do mandonismo generalizado do futebol. Entretanto, isso convém aos círculos dominantes, sobretudo na fase atual da reação imperialista. Afasta-se a educação física dos seus fins eugênicos, para se tornar, nesse setor do jogo, uma distração obsidiante, lucrativa e mercenária. Não fosse assim, e o “Repórter Esso”, instrumento do imperialismo norte-americano, não lhe consagraria atenção especial.

Tudo quanto concorre para a divisão do povo, como as lutas partidárias e religiosas, e a rivalidade entre instituições, constitui, no fundo, manifestações “de uma luta de classe burguesa, apavorada com a unidade da classe operária do mundo.

Somos insuspeitos para assim falar, porque pertencemos à classe burguesa. Mas, aqui fala a consciência impessoal, o espírito de honestidade intelectual, por amor à Doutrina, que, como V. mesmo reconhece, deve superar os homens e as instituições.

Por que, então, os espíritas vivem tão divididos, à procura de uma unificação, que V. e seus dedicados companheiros pregaram na “Caravana da Fraternidade”, e que V. diz “ser obra do Alto e não dos homens”? (pág. 160 e 314). É que os espíritas, desse modo, querem resolver os problemas do espírito fora das leis da sociedade, condição essencial à vida individual (resp. 766, Liv. Espíritos).

Ora, é pelos meios de investigação, comuns a todas as ciências, que apreendemos o sentido dessas leis e as aplicamos nas relações do método científico.

No entanto, nas controvérsias espíritas, predomina a logomaquia, o misticismo, o aspecto formal das teses em lide, o personalismo, uma porção, enfim de vícios desvirtuantes da metodologia pedagógica ou científica.

V. mesmo deu um exemplo, que não levamos à conta de sua incultura geral, senão de um lapso momentâneo.

Em Fortaleza, Ceará, V. fez uma conferência, “num improviso de magistral cultura científica”, segundo a “Gazeta de Notícias” daquela cidade, na qual V. atribui ao “materialismo dialético”, por estar “em flagrante contradição com os princípios da verdade”, “o corrosivo maléfico do Edifício Social” (pág. 255).

Ora, o materialismo dialético é um método de lógica, que nada tem a ver com as ideias e os sentimentos de ninguém. É o oposto à lógica formal e apriorística ou puramente idealística.

Ainda em Recife, V. tomou como tema de sua “conferência positivo-espirítica” a legenda de Comte — “Os mortos governam os vivos” (pág. 56).

Mas, Comte não se referiu aos mortos, que esses, para ele, materialista ou incrédulo na sobrevivência da alma, simbolizavam a obra civilizadora das gerações passadas, ao passo que, pelo sentido espiritual, para o qual V. apelou, os mortos são as almas sobreviventes, sob o nome de “espíritos desencarnados”,

peças e não coisas e obras. A diferença é patente: Comte quis positivizar o trabalho da Humanidade transcorrida, e, por isso mesmo, fez dela uma religião (sentido novo e não místico), enquanto que V., individualisticamente, quis conceder a entidades individuais o mérito desse trabalho.

Não se comparam ideias dispares e antagônicas. A comparação só teria cabimento, no caso, se colocado o problema nas bases em que o colocamos, isto é: a doutrina espírita não é, ou não deve ser mística, religiosa, porque, antes de tudo, ela deve velar pela Humanidade, e, pois, encarar a solução dos problemas Humanos como a condição primordial para a perfeição do espírito (argto da resp. 132 Liv, Esp.).

Os espíritas religiosos invertem o problema: atendem, primeiro, à alma e à moral cristã, para a saúde do corpo (como V. ensinou em outro livro), e, portanto, desprezam de fato, a Humanidade ou o lado material e econômico, contra, aliás, as recomendações da resp. 677 do Liv, dos Espíritos (lei do trabalho).

A verdade é que, enquanto persistir a fome, no mundo, não haverá fraternidade, nem liberdade, nem igualdade, nem moral cristã que possa impedir as guerras, obra do imperialismo econômico⁶. Nem ainda teremos meios de equilibrar os

⁶ Do discurso pronunciado pelo prof. Josué de Castro, presidente da F.A.O., na reunião do Conselho Mundial da Paz, em 18-23 de novembro de 1954, em Estocolmo, transcrevemos este tópico: “E’ difícil obter a Paz universal sem a unidade do mundo. Não se alcançará jamais uma paz estável num mundo dividido entre a abundância e a miséria, entre o luxo e a pobreza, entre o esbanjamento e a fome. E’ absolutamente necessário terminar com esta tremenda desigualdade social”.

nascimentos. Leia, para melhor se inteirar do que dizemos, o livro, de repercussão internacional, “Geopolítica da Fome”, de Josué de Castro. Por aí, se avaliará a profundidade do Marxismo, como, lamentavelmente, a pobreza das nossas costumeiras propagandas espíritas, sobre educação.

Foi por causa dessas e outras coisas que, para lhe sermos franco, procuramos mostrar que V. estava em contradição com a sua doutrina do “Espiritismo de Vivos”.

V., de fato, até certo ponto, deixou à banda o critério particularista da moralização dos espíritos desencarnados, para provar que, na vida terrena, sobram os carentes de assistência; e, portanto, os obsessores do outro mundo poderiam se espelhar, para se regenerar, nos exemplos deste mundo.

Por outro lado, V. viu que ensinar Espiritismo entre as paredes do “Centro” estava oferecendo pouco resultado, nestes tempos de hoje, de transmutações em tudo, e em que até os sussurros íntimos atravessam espaços e se irradiam, invisivelmente, até os ouvidos distantes e indiscretos.

V. quis reagir, em boa hora, contra o carrancismo, e apelou para o Ide e pregai, no sentido moderno: levar ao conhecimento das massas a singularidade dos fenômenos espíritas, cujos resultados morais não podiam ficar circunscritos aos salões, porque o seu conteúdo é proeminentemente social.

De fato. Não se trata de Ciência, como a química, como a astronomia ou como a biologia e suas ramificações, para as quais o silêncio dos laboratórios e dos gabinetes é o âmbito de seu

desenvolvimento, porque não são ciências sociais, embora unificadas, como todas as ciências, pela finalidade de favorecer os interesses da convivência humana, e, por isso mesmo, suas lições práticas são também ensinadas ao povo.

E aqui está como V., implicitamente, como alegamos em nossa carta, sentia que a educação deve partir do geral para o particular. O “Ide e pregai” é uma consequência dessa verdade. E, no caso, V. representou um doutrinador que soube cativar a atenção dos auditórios, como provam as diversas ovações de entusiasmo, pela sua pessoa, as quais V. fez muito bem em consignar no livro, porque foram atestados da receptividade da pregação.

A excursão agitou os meios profanos, E se os seus efeitos amorteceram, deve-se a culpa não só à descontinuidade do trabalho educativo — como V., atiladamente, o compreendera, ao prometer novas caravanas, — mas, também, e principalmente, às causas profundas que V. não penetrou, como adiante mostraremos.

Os seus opositoristas não souberam atingir o lado fraco da caravana, porque, ao invés de mergulharem a crítica no espírito da doutrina, a desviaram para o terreno mais pessoal, como as futilidades da censura ao seu vernáculo (pág. 26).

V. falava para o povo. O interesse era que a assistência ouvisse uma linguagem clara, simples, compreensível, atraente, pois que, só assim, o orador criaria simpatias para a causa. E, o resultado foi colhido. Suas palestras foram tão fluentes que, no dizer de um repórter, pareciam lidas.

Falar para o povo é muito diferente de falar para uma Academia de Letras, O prefácio de Rui Barbosa, na “Réplica”, ao mestre Carneiro Ribeiro, e as suas razões de advogado, na célebre demanda sobre “Cessão de Clientela”, são exemplos de purismo na linguagem e na terminologia. Um estilo, entretanto, diferente do que costumava usar, embora escoreitamente, nos seus discursos populares, o inesquecível orador e publicista.

Quem é que, lendo “Visita à Terra Natal”, de 1893, precisa de fazer esforço mental ou de ir a dicionário, para sorver os encantos da eloquência peregrina, com que Rui agradecera as homenagens recebidas? Que leitor não experimenta um gozo espiritual, ante a imagem que o orador criou para o cenário da Bahia, vista do mar “verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros”. Só quem conhece a baía de Todos os Santos, e a franja verde das árvores, como as frondosas mangueiras, que, em 1893, vistas de longe, cobriam as encostas da montanha, da orla ao cume, pontilhada, de longe em longe, por casas coloniais (hoje são as árvores que pontilham os flancos da montanha, no meio da casaria), poderá sentir a grandeza do realismo da comparação.

A “saudade”, a “estender os braços de toda a parte no longo amplexo do horizonte”, é um “amado fantasma evocado pelo coração”, irradiante e atrativo, triste e suave, que a riqueza da dição ruiarbarbosiana realçou na formosa expressão, deste sentimento:

*“Minha vida inteira, o remoto passado
fugitivo, recompunha-se-me, nalguns*

instantes, de uma infinita suavidade triste, como a das grandes afeições tenazes, que lutam contra a volubilidade dos sucessos, e procuram fixar-se à beira da corrente irresistível da vida, abraçando-se aos ramos imortais do ideal”.

Se o exórdio maravilhou a plateia, — a peroração, pela sua sublimidade, tocou o fundo d'alma, para emocioná-la até às lágrimas. Foi quando Rui invocou “o espírito severo de seu pai” e “o espírito sideral de sua mãe”, “autores benignos de seu ser”, aos quais entregou, como filho reconhecido, os troféus da homenagem.

[A Relatividade do Papel dos Oradores e Publicistas.](#)

Isso é para V. ver a influência da oratória no seio da massa popular. Os oradores exercem papel saliente na precipitação de certos acontecimentos, porque sacolejam as multidões, com o concurso das quais mais facilmente se modificam situações.

Os demagogos costumam tirar partido dessa força popular, para proveitos pessoais. Daí, muitos acreditarem que a autoria das revoluções cabe a determinados homens, providos de recursos, como da palavra fascinante, oral ou escrita. Há quem sustente mesmo que a Revolução Francesa foi obra dos filósofos, como Rousseau, Voltaire, etc., secundados por Mirabeau, Desmoulins e outros oradores e panfletários do histórico movimento das massas. Mas, é uma apreciação errada. E nós só vislumbramos a verdade, para reconhecer o erro, se, de fato, nos move a honestidade intelectual, quando buscamos no cabedal do

materialismo histórico, conhecido por Marxismo, as fontes das lutas sociais.

Esse estudo nos esclarece muito bem que não é a vontade pessoal a causa de qualquer eclosão popular. A sua causa encontra-se na perturbação da economia pública, gerando descontentamentos e ânsia de toda parte. À liberdade individual fica na dependência da necessidade geral. A crise econômica (um fato como se vê, material) provoca, incoertivelmente, o desgosto de todos, inclusive dos próprios afortunados, sujeitos a imprevistos que os podem prejudicar.

Por causa dessa crise, então, é que aparecem os reformadores e os revolucionários, inclusive os demagogos, a explorar o fenômeno social, que procuram atribuir aos adversários, para efeito de tomada do poder. Entretanto, ninguém, por melhor que seja a intenção, no Governo, solucionará a crise, se não se submeter às exigências dos fatores econômicos.

Assim, quando se diz que Rui Barbosa foi o autor do nosso 15 de novembro, não se diz uma verdade objetiva. Mais verdade teria dito quem se pronunciasse contra essa autoria, para afirmar, inversamente, que Rui Barbosa paralisou a revolução, porque, no poder, não cumpriu a sua doutrinação contra a enfeudação da propriedade ou o latifundiarismo!

Rui Barbosa, como outros, viu, inteligente que era, o divórcio do governo monárquico com as condições do país. “A atmosfera do império e da escravidão oprimia-nos, abafadiça, de todos os lados. Os partidos monárquicos brigavam, entesados,

na sua rixa de lagartos, na raiva preguiçosa de velhos estélios coriáceos, à luz de uma publicidade indiferente, ou hostil, como os raios do Sol que acariciam o torrão próspero, mas flagelam a estepe escalvada, no silêncio, no marasmo, na solidão moral da pátria, calcinada por uma esterilidade maldita”.

Eis aí como ele, no citado discurso, definiu a realidade nacional. Foi ela quem determinou, em última análise, a atividade dos elementos intelectuais contra um governo, que calcinava a pátria com uma esterilidade maldita. E, por sua vez, quem calcinava o governo não era a pessoa bondosa do imperador, Pedro II, mas o desequilíbrio moral, conseqüente ao choque das lutas de -classe: (escravidão) e aos privilégios de uma economia individualista (latifúndio, subordinação da economia do país a privilegiadas concessões estrangeiras, etc.).

A Preponderância da Realidade Objetiva

Rui Barbosa, entretanto, chefe de fato do Governo Provisório, por seu grande saber e sua autoridade moral, não soube enfrentar a crise, porque se deixara envolver pelos mesmos agentes que mantinham a base econômica do país, tanto assim que, em vez de reagir, preferiu demitir-se do governo. Num livro nosso, “A Unidade da Lavoura, pelo Cooperativismo”, págs. 9-13, focalizamos esse papel de Rui.

Lembramos que as leis da Natureza se aplicam ao movimento histórico dos povos, por meio do conhecimento da realidade objetiva. Para tanto, a inteligência compõe uma série de conceitos ou categorias, vasados na experiência, na prática, na verdade exterior dos fatos, e não nas sensações do

subjetivismo individual ou da consciência. Essas categorias formam o edifício da dialética materialista. Um estudo dialético, científico, objetivo, tanto na Natureza em geral, como da Sociedade. Logo, não deixa de ser um método de investigação dos fenômenos da vida, método manejável por qualquer pessoa, independentemente de seus sentimentos particulares, de suas crenças e convicções.

Assim, não vemos razões dessa ojeriza dos espíritas ao materialismo histórico e à dialética materialista: eis que, pelo primeiro, se conhecem as causas da evolução e das lutas sociais da Humanidade terrestre, e, pela segunda, se recorre à metodologia — lógica, afinal — do conhecimento da verdade, que se pretende descobrir.

O fenômeno Espírita é um fato, que se passa entre homens, e pertence à História. Por conseguinte, está sujeito aos mesmos princípios da ciência materialista, no sentido de ser estudado, etiológica e finalisticamente, fora de preconceitos e apriorismos. E é isso que Allan Kardec ensina, por outras palavras, em “Gênesis”, onde, de fato, reconhece que o Espiritismo não é apriorístico, porque se arrima na realidade de um fenômeno, e não pode afastar-se dos métodos e das verdades práticas da Ciência.

Portanto, se queremos orientar a Doutrina Espírita pelo rumo da Verdade, que é indivisível, não temos que ouvir opiniões de A ou de B, desta ou do outro mundo, mesmo que venham de Kardec ou dos Espíritos missionários. A verdade conhece-se pelas manifestações da Natureza, em qualquer plano da vida. Daí, o não concordamos com várias passagens do Livro dos

Espíritos e de Kardec, ou de “Emmanuel” ou de “André Luís”, quando vemos que elas fogem à lógica e não são confirmadas pelos fatos.

“Livro dos Espíritos” E a Atualidade. Natureza do “Partido Comunista”

É por esse motivo também que divergimos (V. está compreendendo bem que não sou eu que divirjo) do ensino da Federação Espírita Brasileira — Ensino anacrônico, estribado na letra dos livros de Kardec, e de comunicados de espíritos, como os de Roustaing, que foi muito bem analisado por Luciano Costa, no seu livro “Kardec e não Roustaing”, embora não estejamos a opinar sobre o tema da personalidade do. Cristo, senão que, de qualquer modo, a verdade só deve ser erigida em princípio, depois do consenso geral, e da sua confirmação-incontestável⁷.

A parte terceira, por exemplo, do “Livro dos Espíritos” capitula a liberdade, a igualdade, destruição, sociedade, etc. entre as “leis morais”. Entretanto, só poderemos conceituá-las no plano da realidade social, — para o que, então, se faz preciso recorrermos ao estudo das categorias do conhecimento, “que é um complexo processo de formação de categorias, noções e leis, que não são criações arbitrárias da inteligência humana”, mas “uma generalização de processos e fenômenos da Natureza, independentemente da consciência humana”. (Na origem do processo e da fenomenologia da Natureza é que deve começar a

⁷ “Estudos Psíquicos”, de Portugal, junho de 1955, transcreveu, de “Unificação”, Estado de S. Paulo, um artigo de J. Herculano Pires, sob o título “O método espírita de Kardec conduzirá o mundo à verdadeira Religião”. O articulista, cujas produções revelam uma inteligência superior, sustentou, com lógica e brilho, a tese que objetivou o nosso pensamento supra.

divergência entre o Espiritismo e a filosofia marxista, porque esta não reconhece a existência de uma “Ideia absoluta” extraterrenal, enquanto aquele a reconhece. No que concerne, porém, às verdades do materialismo histórico e da dialética materialista, — não pode haver divergência, uma vez que se discutem problemas humanos e suas relações com a Natureza e a sociedade, sobre as quais o ensino atual do Espiritismo se revela contraditório, impotente e anticientífico).

Pela letra do “Livro dos Espíritos”, a moral é uma dependência da vontade pessoal, e, pois, é mecânica e arbitrária. Logo, a liberdade sofre os efeitos desse individualismo, que entretanto, não confere com a realidade da Natureza. Leiamos a resposta 800: “As ideias só pouco a pouca se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos.”

Falando da desigualdade das aptidões dá-lhe por causa a “vontade dos que obram, vontade que é o livre arbítrio” (804) — sobre as desigualdades sociais, só elas desaparecerão “quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar” (806).

Pela resposta 863 e seguintes, os costumes sociais são criações da vontade, e, por isso mesmo, “a submissão a eles representa um ato de livre arbítrio”, que, pela resp. 866, é a determinante da fatalidade (casualidade, digamos), fatalidade, todavia, que “nunca existe nos atos da vida moral” (861),

Ainda, pela resposta 744, a guerra tornou-se uma necessidade, para a vitória da “liberdade e do progresso”.

“Esmagando os povos, a escravização”, conseqüente às guerras, “fá-los progredir mais depressa”. E, por aí, (resposta 745) se depreende que a culpa das guerras cabe aos homens e, pois, à vontade pessoal, levada pelo fatalismo.

A resposta 814 está calcada, no mesmo, personalismo, que faz de Deus um ente injusto e desrespeitador da lei de igualdade e de outras. Por que é que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros a miséria? — “Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que, nelas, entretanto, sucumbem com frequência.”

Sobre a emancipação da mulher, ao lado de verdades como a de que “ela acompanha o progresso da civilização” (n. 822), o leitor ignora qual será o caminho emancipacionista, porque falar apenas em “igualdade de direitos”, em combate “ao egoísmo”, em “fazer o bem e não o mal”, ou aconselhar que “não façais aos outros o que não quereríeis que os fizessem” e quejandas frases, não é, sequer, indicar, de modo-genérico, os princípios capitais da solução.

A resp. 822 não só priva o leitor de uma diretriz a tomar, como lhe aumenta a confusão. Que quer dizer, p. ex., “igualdade de direitos e não de funções”? Quais as funções fora da igualdade? E vem esta obscura resposta: “Ocupa-se do exterior o homem e do interior a mulher”. Logo, à mulher competem as funções do interior, e ao homem as do exterior. Poderá haver nada mais abstruso e atrapalhado?

A distinção consagra uma igualdade de direitos e uma desigualdade de funções. Então, onde a igualdade de direitos? Os fatos da experiência socialista provaram que a emancipação da mulher é uma consequência da libertação econômica popular, em face do que se cria um Governo, que elimina a exploração do homem pelo homem. E, daí, provém que, tanto externa, como internamente, o homem e a mulher se igualam no exercício das atividades sociais.

Logo, no “Livro dos Espíritos”, não se aprende coisa alguma sobre a importantíssima tese da emancipação da mulher.

O mesmo se concluirá, lendo o capítulo sobre “a marcha do progresso”, que parece decorrer do “homem” e não da sociedade, do “senso moral” e não das condições objetivas (resp. 779-780), motivo por que tem por obstáculo “o orgulho e o egoísmo” (resp. 785). Como se vê, ideias velhas, que as leis do Socialismo liquidaram, porque a moral é efeito e não causa.

O capítulo interessante da “caridade e amor ao próximo” discorre sobre conceitos gerais verdadeiros, mas ainda aí, se omitem as causas verdadeiras por que há falta de “caridade” e há falta de amor entre os homens.

A resposta 888 condena, em tese, a esmola e a substitui, implicitamente, pela assistência social. Como, essa, pelos particulares, é imperfeita e, hoje, lhe sucedeu outra mais eficaz, como a da assistência pelo Estado socialista, teremos, logicamente, por “amor ao próximo” e “por caridade”, de preferir a instauração do Estado socialista. Dessa forma, a palavra “caridade”, que tem uma significação individualista, adstrita à

“esmola”, deve ser substituída por “solidariedade”, que é o conteúdo da verdadeira assistência social.

Aliás, num comunicado de Fênelon (Evangelho Segundo o Espiritismo) sobre o “emprego da riqueza”, rejeita-se a, esmola, em tese: “Fazei a esmola, quando necessária, mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que, quem a receba, não se envergonhe”.

Quando V. levantou, estribado no “Espiritismo de Vivos”, a campanha da assistência social, foi contestado por diretores da Federação Espírita Brasileira, que alegavam ser “uma gota de água no oceano” da miséria geral. Ora, é preferível a assistência, no caso, ao serviço de esmola que a Federação, pelo Natal, distribui aos pobres.

Tendo escrito Allan Kardec, em “Obras Póstumas”, pág. 304, que — “trabalhando para os outros, o homem trabalha para si mesmo” ele deixou transparecer a superioridade do Socialismo.

Igualmente, os Espíritos, implicitamente, na resp. 685, deram à caridade um sentido socialista, e, portanto, substituiriam, hoje, a caridade pela solidariedade popular. Logo, o “fora da caridade não há salvação” é velharia. O certo é “fora da ciência não há salvação” — porque o regime socialista se funda em postulados da ciência, E o “Partido Comunista” (ou que nome se dê), correspondente à defesa dos mesmos, é, por conseguinte, de natureza científica, isto é, uma exigência da própria história do desenvolvimento da sociedade, ou da “lei econômica da correspondência obrigatória entre as relações de produção, e o caráter das forças produtivas”.

“Diferentemente das leis das ciências naturais, em que o descobrimento e a aplicação de uma nova lei decorrem mais ou menos sem entraves, — na esfera econômica o descobrimento e a aplicação de uma nova lei, que fere os interesses das forças da sociedade moribunda, encontram a mais forte resistência por parte destas forças. Consequentemente, precisa-se de uma força social, capaz de vencer essa resistência” (Stálin — Problemas Econômicos do Socialismo, na URSS).

O Pensamento Progressista de Kardec

Desta pequena amostra, se conclui, como temos dito, que, pelos livros de Kardec, de há um século, ficamos *in albis* sobre os problemas da Humanidade. Por conseguinte, o que temos de fazer é concretizar o conselho de Kardec, conselho que não foi pessoal, mas um fruto do próprio caráter realístico do Espiritismo. O aviso de Kardec, como V. sabe, é que, se a Doutrina Espírita não abandonar o domínio da utopia, ela se suicidará: e isso só não ocorrerá, se ela acompanhar os progressos da ciência (Gênesis, cap. 1. n. 55).

Ora, pela sociologia marxista (que também não é de (Marx), a moral, a liberdade, a igualdade, a paz, os direitos humanos, a cultura, o progresso, enfim, da Humanidade, são estudados com a mesma finalidade pretendida por Kardec, mas sob fundamentos científicos, completamente diferentes de um subjetivismo inoperante. Eis por que criticamos o individualismo da época, para responsabilizá-lo pelas contradições e omissões de Kardec. Isso significa que Kardec, hoje, não subscreveria vários conceitos de ontem. E quer dizer mais que as verdades do Marxismo

podem — e devem — ser ensinadas nos colégios espíritas, como o “Leopoldo Machado”, de Nova Iguaçu, Estado do Rio, porque elas nada têm a ver, nem com as crenças espíritas do seu proprietário, nem com o ateísmo de Marx e seus discípulos. Não se pensa, com isso, em condenar a Doutrina Espírita, mas em atualizá-la, elevando-a mais no conceito do público, hoje muito mais instruído que ontem.

Qual a finalidade do Espiritismo? Mostrar que o espírito é imortal, e que a sua humanização é uma necessidade à sua perfeição. Do conceito da imortalidade deriva o estudo das leis de relação entre os dois mundos, do além e do aquém.

Da humanização resulta a necessidade do respeito às leis da matéria, sem as quais o corpo humano, ou a sociedade humana, não poderá cumprir o seu destino. Isso significa que o espírito imortal necessita, para a sua fé e a sua tranquilidade, de uma Política de produção econômica, de que dependem a saúde do corpo, e a ordem justa nas realizações humanas. É o que se deduz da leitura da resposta 922 do Liv. dos Espíritos, combinada com outras, como as 132 e 766 - 772.

O materialismo de Marx não se preocupa com a primeira questão, porque — veja bem — ela é idealista, isto é, funda-se em discussões fora da realidade, que é a matéria, e o espírito não é realidade. O argumento é lógico, em face das premissas. Logo, a nossa preocupação e as nossas atividades devem se limitar ao estudo das leis da Natureza física dominadora, para lhe aproveitar as energias, em benefício da saúde humana. Esse método de estudo (dialética), aplicado à evolução histórica dos

povos, ensina-nos também que o homem está sujeito ao império das leis da natureza econômica (materialismo histórico).

A moral, por conseguinte, ou a ética do amor, da paz, da solidariedade, entre os homens, não deriva da vontade de ninguém, mas de uma necessidade social, porque, uma vez que os homens estejam privados do alimento ou do “pão nosso de cada dia”, eles se descontrolam, e apelam pelo próprio instinto de conservação, para o egoísmo das lutas de concorrência, que degeneram, afinal, em conflitos e guerras.

Portanto, ainda: a paz ou a extinção das guerras é imanente à natureza da economia. Se a lei da produção social, para acabar com a fome e o desemprego (resp. 930 e 888 do liv. dos Espíritos), for dominada pela inteligência, aí estará uma descoberta científica, que conferirá com as aspirações da Doutrina Espírita.

[A Produção Econômica, A História, A Moral e a Consciência Social.](#)

E é aí precisamente, nesse campo da economia, que o Marxismo se estende, não no interesse de acabar, à força, com a crença de ninguém, mas no de servir à felicidade terrestre ou à Humanidade, a todos os povos, indistintamente.

Ora, como essa felicidade é inerente também ao espírito imortal, (resp. 922), não se concebe, senão por ignorância dos assuntos, que um Espírita se revolte contra o Marxismo, e muito menos contra o Comunismo, que é uma lei — das que o Marxismo estudou do próprio desenvolvimento da sociedade humana.

Foi por isso que Sousa do Prado, que é o Espírita (de que temos conhecimento) de maior visão dos problemas sociais, desenvolvera, no “Jornal de Debates”, umas considerações, a respeito do chamado “Comunismo ateu”, à luz das quais, com o seu costumado aprumo de escrever e argumentar, mostrou que o cidadão Espírita deve ser comunista, ainda que — acrescentamos nós — não se conclua, daí, que ele deva militar no Partido Comunista, ou que seja obrigado a lutar pelo imediato advento do Comunismo. Restrição, aliás, que ele também admitiu⁸

Como se vê, o Espiritismo discorda da filosofia marxista sobre o sentido do realismo do espírito e suas consequências morais, pois, segundo ele, o espírito é um fato e uma das leis também da Natureza, tanto física ou psico-física, como social, Mas, não pode discordar da sociologia marxista, em relação à Humanidade, que é também objeto do Espiritismo, nem ainda dá moral comunista, que, como vimos, se atém às razões científicas da produção, para fundamentar o próprio dever de trabalhar por essa produção, que é “a posse do necessário”, (cit. 922), para a conseqüente fraternidade. Fim da moral espírita (V. comentário à resp. 888).

Estamos falando para um confrade de bem, e inteligente, e, pois, capaz de reconsiderar os termos de sua resposta à nossa carta, se quiser colocar a questão, como estamos colocando, no terreno adogmático.

⁸ Veja Capítulo VI.

Transcrevamos de Iudin e Rosental, do seu Dicionário Filosófico, este período, que sintetiza o conceito do Materialismo histórico:

“O materialismo histórico vê, no desenvolvimento da produção dos bens materiais necessários para a existência do homem, a força principal que determina toda a vida social dos homens e condiciona a transição de um regime social para outro. Nenhuma sociedade pode existir sem produzir bens materiais. Com a ajuda dos instrumentos de trabalho, da técnica, o homem, no processo da produção, atua sobre a Natureza e obtém os objetos necessários para a vida.

Da perfeição e desenvolvimento da produção material, depende o progresso da sociedade.

Desde o tempo em que o homem se elevou até o uso dos instrumentos e se converteu em — “animal que faz instrumentos” — começa a história da sociedade humana. No desenvolvimento das forças produtivas” (que são os homens e os instrumentos, pela técnica do trabalho) “da sociedade, encontra sua expressão o aumento do domínio do homem sobre a

Natureza. Com o desenvolvimento das forças produtivas” (sobretudo depois das leis descobertas da físico-química, permitindo a fabricação de novas máquinas de trabalho), “muda, também, a segunda parte necessária da produção material; as relações entre os produtores, as chamadas “relações de produção”, que, por sua vez, mudam o regime econômico. A mudança das formações econômico-sociais na História, — o regime comunista primitivo, o da escravatura, o da burguesia, o do Socialismo —, é antes de tudo, a mudança de umas relações de produção por outras mais progressistas”.

(Veja V., portanto, a eloquência da definição de Engels, que notamos na nossa carta, sobre a História da Ciência).

Em síntese: “as condições objetivas da produção material e as leis econômicas da vida da sociedade, são a base de toda a atividade histórica dos homens”.

Natureza do Materialismo Marxista

Entretanto, por explicar que, originariamente, as instituições políticas — ideias e teorias — ou a consciência social, dependem do modo de produção, ou que a história da evolução dos povos é a história dos próprios produtores dos bens materiais, o Marxismo se distingue tanto do “materialismo econômico”, como do “mecânico” e mais do “materialismo vulgar”.

Pelo materialismo econômico, gera-se o economismo, tudo se subordina à economia, que manda em absoluto sobre as ideias. Pelo materialismo mecânico, tudo na Natureza se explica pelas leis da mecânica, tudo é o resultado da influência externa: o choque de um corpo sobre outro. Ele nega, portanto, o movimento espontâneo dos objetos, suas mudanças qualitativas, as modificações do interior para o exterior.

É a doutrina de Hobbes, Descartes, Espinosa, Feuerbach.

E o “materialismo vulgar”, da escola de Buchner, Vogt, Moleschott, consiste em afirmar que tudo é matéria, de que é feito o Deus da natureza, para concluir pela explicação do pensamento em forma materialista vulgar.

O materialismo marxista parte de uma concepção filosófica da Vida, para afirmar, de fato, que a vida e, pois, o homem ou o espírito humano, teve uma origem material e que, fora da matéria e suas transformações, tudo o mais é imaginário, não é a realidade. Por conseguinte, o “espírito”, dos espiritualistas, é uma concepção idealista, sem o fundo da realidade, e, à base desse idealismo falso, eles explicam as instituições, para disso resultar o desconhecimento de muitas leis, maximè das da sociedade, em prejuízo do progresso.

Mas, o Marxismo não nega a importância da inteligência, nem das instituições, ou, vamos dizer, da ideologia, no curso da história.

“Uma vez surgidas, as instituições e ideias políticas e sociais se convertem em forças que atuam sobre as condições objetivas que as determinaram”. (Stálin)

Precisamente, para a explicação desse desenvolvimento da Natureza e da sociedade é que o Marxismo definiu a *dialética*, como método de estudo das leis naturais e sociais, à base do material, isto é, dentro do realismo da Natureza física e da sociedade humana.

A Dialética Materialista e a Doutrina dos Espíritos. Moral Científica

A verdadeira filosofia do Espiritualismo (Espiritismo - científico) não concorda com a tese marxista sobre a origem da vida e suas consequências, mas não pode discordar da metodologia marxista, na explicação da Natureza e das leis da sociedade,

Que diz método? - Que a Natureza é um todo único, em perpétua mutação, donde a interação dos fenômenos, sua conexão, sua interdependência, o movimento contínuo, a mudança do quantitativo em qualitativo e vice-versa, as contradições, toda uma série de fenômenos, que são criações das próprias energias da Natureza, e se adaptam analogamente, à unidade e ao perpétuo movimento da vida social.

Por isso, se diz que a “história da sociedade e a história da Natureza atestam que, no mundo, tudo se realiza dialeticamente”. No concernente à primeira, “o materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético no estudo da vida social

aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história (Stálin).

O Marxismo “é um método científico do estudo e conhecimento do mundo, e serve de guia para a ação”.

Ora, no “Livro dos Espíritos”, resps. 540 e 589, declara-se que a Natureza é una, tudo nela se incandeia e é transição, e que o espírito teve origem material, “do átomo primitivo até ao arcanjo, que também começou por ser átomo”. E na resp. 606 — que “a inteligência do homem e a dos animais são, originariamente, iguais.

A diferença entre as duas filosofias consiste, pode-se dizer, no conceito da sua matéria ou no conceito da sua natureza evolutiva. Para o Marxismo, não há independência entre o espírito e a matéria, e a morte, dissolvendo o corpo, dissolve, ipso facto, o espírito. O Espiritismo concorda com a origem material, mesmo por que o nada não existe (resp. 23), mas discorda quanto à finalidade da evolução. “O Espírito teve começo, mas não terá fim” (Resp. 78 e comentário à resp. 191)⁹.

À questão, em verdade, se limita, do ponto de vista científico, a saber se o espírito é uma realidade, e, pois, se é imortal, para daí, então, formular-se uma moral baseada no princípio da imortalidade do espírito. Essa moral, porém, não se opõe à moral marxista, porque ambas têm um ponto comum: a perfectibilidade do homem e o progresso social.

⁹ Veja a Nota complementar n.º 5, no fim do livro.

Com o que a moral marxista não combina com as razões subjetivas da moral espírita, e da sua origem divina. Uma vez, porém, que se coloca a questão no terreno da dialética científica, verifica-se que não tem importância, para o Espiritismo, o negativismo filosófico de Marx, por dupla razão: 1ª, porque, na espécie, não se trata de relações entre o mundo físico e o psíquico, mas de relações simplesmente, entre homens, das quais ninguém pode fugir; 2ª, porque Jesus, pai do Cristianismo, de que o Espiritismo é complemento, excluiu das discussões filosóficas os atos de beneficência, para as julgarmos pelos seus efeitos salutareos, sem interferência de quaisquer qualidades pessoais. A parábola do “bom samaritano” é um exemplo disso. “Deus assiste aos que obram e não aos que se limitam a pedir” (resp. 479,1 L. Esp.).

Que diz a moral marxista? Como ela, segundo vimos, parte das condições históricas e econômicas da sociedade, está claro que reflete a forma de organização da política dominante. A consciência não pode ser independente do sistema de viver comum. Assim o regime da propriedade e do aluguel do trabalho, pelo assalariado, como no sistema burguês, cria uma moral conseqüente, pela qual somos obrigados a respeitar a ordem capitalista reinante.

Mudando o sistema pelo socialista, que é um efeito das leis do progresso, a moral conseqüente só vem a ser, legitimamente, aquela que espelhe a nova situação econômico e social, isto é: o dever moral de todo cidadão consciente é não permitir o restabelecimento do regime capitalista, e lutar pela vitória do novo Comunismo criador e fraternal.

Pode-se, em sã consciência, contestar essa moral comunista? — Não. Porque ela arregimenta as consciências no dever de uma solidariedade dos homens e dos povos, não para o gozo da matéria, não para os prazeres do sensualismo, não para a nossa escravidão ao dinheiro, mas para a perfeição crescente da cultura do espírito, o que vale dizer, para o refinamento da verdadeira ideologia.

Essa moral objetiva, ligada aos interesses da Humanidade, é muito mais eficiente que a moral subjetiva do velho Espiritismo.

Vamos a este exemplo: no regime capitalista, é comum, a fome, mesmo entre pessoas instruídas. Estamos diante de uma centena delas, nessas condições. Mas, acontece que um rico lhes dá emprego e, pois, lhes mata a fome. Sobrevêm as eleições, em que o empregador é interessado.

Segundo a moral dita “cristã” ou “espírita”, os empregados devem acompanhar o seu protetor, por sentimento de gratidão, de acordo com a máxima — “não faças a outrem: o que não queres que te façam”, isto é: se qualquer dos empregados estivesse na posição do empregador, que os beneficiou, não quererá ser vítima de uma “ingratidão”. Por outro lado, se qualquer deles se rebelasse, para votar em terceiro, correria o risco de ser desempregado de novo e, por isso, seria vencido pelas contingências sociais a, que se submete a nossa liberdade. Se terminar votando, contra, e for desempregado, a própria sociedade justifica o direito do empregador, em face da “liberdade” desta e da “ingratidão” do despedido.

Hoje, já não é tanto assim, por causa das novas ideias socialistas, que estão avançando em todo o mundo.

Mas, de qualquer modo, a moral é subjetiva, razão porque Kardec escreveu, 1854: “a sublimidade da religião, cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo” (comentário à resp. 876). “Não sendo, natural que haja quem deseje o mal para si, desde que cada um tome por modelo o seu desejo pessoal, é evidente que nunca ninguém desejará para o seu semelhante senão o bem”. Na transgressão desse preceito, encontra-se “a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades” (Resp. 877).

Está bem claro o conceito subjetivista do cap. XI do Liv, dos Esp. “sobre a lei de justiça de amor e de caridade”.

Agora, vejamos o mesmo exemplo no regime socialista. A centena de necessitados encontra emprego, não por munificência do proprietário, mas por um efeito do regime democrático, que lhes assegura esse direito, como na nova China Popular. A gratidão, portanto, não é pessoal, queremos dizer: não se limita ao indivíduo, mas à própria sociedade, que conferiu ao empregado a liberdade econômica e, conseqüentemente, a liberdade do voto. O voto não se sujeita à gratidão pessoal, por atos particulares, mas ao merecimento do candidato, por seus serviços à causa da sociedade.

Eis por que o fundamento da moral comunista é objetivo, toma por direito pessoal o direito social, a sociedade é que fica no lugar do próximo. É como o regime socialista é o destruidor da miséria e da fome, que o capitalismo reacionário não expurga da

coletividade, porque precisamente se alimenta da exploração das massas trabalhadoras, pela desordem econômica, à cata do lucro mercantil, — é evidente que a moral comunista representa a “luta pela destruição do velho mundo da exploração e da pobreza. Por outros termos: é a luta pelo fortalecimento do Comunismo, que, como consequência da redenção econômica, livrará a Humanidade desses flagelos sociais, assegurando a paz no mundo, e, com a paz, o progresso da cultura, do pensamento e do amor. Só então se efetivará o sonho do Cristo — “de um mundo e um só pastor”, num ambiente em que poderemos, de fato, “amar ao próximo como a nós mesmos.

Por conseguinte, se os princípios da moral comunista assentam na verdade de uma organização sócio-política econômica, como a da experiência, em vários países, do Socialismo ou Comunismo (a nomenclatura pouco vale, em face do conteúdo da organização), só poderemos, como espíritas de verdade, considerá-la uma moral científica, que em nada perturba (pelo contrário) “a fé no futuro e a tranquilidade da consciência” (Liv. Esp. Cit., n. 922).

“Espiritismo” Reacionário

Deduz-se, daí, que V. foi infeliz no desprezo que pretendeu dar ao que chamou de “humanidadismo” comunista, — neologismo, aliás, abstrato e sem sentido. Seria o excesso de amor à Humanidade, um abuso de interesse pelo humanismo. Mas, por mais profunda a nossa dedicação à Pátria e à Humanidade, nunca se poderá qualificá-la de exorbitante ou abusiva.

Abuso tem havido, isso sim, dos espíritas, em transformar a doutrina cristã em foco reacionário, para combater uma política, que é impessoal e científica, como a do Comunismo. Ao invés de estudar o fenômeno” sociológico, como é a aplicação do Marxismo na União Soviética, na China, na Albânia, na Hungria, na Checoslováquia, na Romênia, na Bulgária, no Norte da Coréia e no leste da Alemanha, países, de população de cerca de um bilhão de habitantes, os nossos centros espíritas nivelam-se, nesse particular, às Igrejas do Clero, onde os padres, por ignorância ou por ordem do Papa, se fazem de instrumentos e realejos dos ecos da imprensa e dos publicistas alugados ao capital do imperialismo estrangeiro. Pode haver nada mais vergonhoso à verdade do que a chamada “Cruzada anti-comunista”?

Eis aí por que V. não nos compreendeu, ao declarar que havíamos posto em plano superior aos espíritas os doutrinadores comunistas. Referíamos-nos ao “espiritismo religioso”, responsável pela propaganda de uma moral, na melhor das hipóteses, incompleta, porque desconsidera o palco da Humanidade, para difundir conceitos errados, como os do “comunismo ateu”, do “irreligiosismo”, da “falta de liberdade de consciência”, do “materialismo ateu”, da “ditadura” e “tirania”, nos governos socialistas.

O Marxismo combate, filosoficamente, as religiões, mas não combate a liberdade religiosa, pois, sendo a religião uma realidade como é a do analfabetismo, não pode ser objeto de violência, que, dialeticamente, só se justifica, como medida; defensiva e moralizadora,

Ninguém, de bom senso, iria castigar os analfabetos, encafuando-os na prisão, por sua qualidade de analfabetos. O progresso científico é o da educação. Uma vez que o regime social mais capaz, de liquidar com o analfabetismo é o preconizado pelo Marxismo (que não é dogmático, e, pois, tanto o Socialismo, como o Comunismo, são formas de governo correspondentes ao meio adaptável à sua instauração), só nos resta aceitá-lo e defendê-lo, se estamos, de fato, integrados no espírito progressista, recomendado pela Doutrina Espírita, que, como V. bem disse, “deve colocar-se acima de tudo” (Caravana, pág. 137).

Análogas considerações nossas sobre a religião e o Estado. Os Governos socialistas estão resolvendo todos os problemas sociais, independentemente de qualquer intromissão religiosa na administração pública, mas seria praticar uma violência ao direito de liberdade de crença se eles obrigassem os cidadãos a ser ateus ou lhes fechassem as sedes do culto religioso. Corolariamente, o Governo seria forçado à violência contra aqueles, que, à sombra de religião, pretendessem solapar o novo regime libertador.

Fato é fato, e se o progresso humano depende desse fato, não há de ser, por violência, ou pelo terrorismo, que ele deixará de produzir seus efeitos naturais e necessários. Se a religião tiver que dominar o mundo, e, especialmente, fazer do “Brasil Pátria do Evangelho e Coração do Mundo”, lema inscrito na bandeira da Federação Espírita Brasileira, por V. também adotado (Caravana, pág. 247), não haverá força humana que impeça o curso do acontecimento.

Ainda aqui, no raciocínio que nos leva a esta conclusão, nós teríamos de aplicar os princípios da dialética marxista, em virtude dos quais o que vem do movimento da Natureza não pode ser contido pela vontade humana, sobposta, assim, à lei do Progresso, como está mesmo explícito na resp. 781 do Liv. dos Espíritos: “o homem pode embaraçar, mas nunca paralizar a marcha do progresso”.

Pois bem: os governos, inspirados na doutrina marxista (compreenda-se o sentido impessoal, razão por que Marx não se dizia marxista), só não reconhecem a liberdade que contravenha a liberdade do povo, pois, como se está vendo, a doutrina é a aplicação dos direitos das massas trabalhadoras contra o egoísmo de exploradores particulares, razão da seguinte definição de Engels: “o Comunismo é a doutrina das condições de libertação do proletariado”.

A doutrina, entretanto, é a.do conjunto das leis do desenvolvimento social, de que é efeito o Comunismo, que, por isso, se confunde com a doutrina, mas não é a doutrina marxista, que abrange, complexamente, outros aspectos do conhecimento filosófico.

Dentre eles, se compreende o estudo da moral e dos conceitos conhecidos pelo nome de categorias. E é aí que o Espírita tem por dever, se quer instruir-se, de estudar o Marxismo, e não apenas lendo-o “por curiosidade de saber”, como fez V., em viagem, com o “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, de Engels, (Caravana, pág, 93), prova, aliás, de sua inclinação natural pela cultura.

Se, porém, V., a cujo talento rendemos homenagens, ultrapassasse a “curiosidade” para chegar à observação real dos ensinamentos marxistas, certamente não teria pregado, na Caravana da Fraternidade, ideias que se chocam com a própria verdade, que é o caminho do Evangelho, e a força consolidadora do Espiritismo.

V., apresentando “o materialismo” como “o grande inimigo (Caravana, pág. 108), deu à palavra uma interpretação vulgar, cingindo-se, pois, à utopia da letra, e desprezando o conteúdo científico do materialismo, que Allan Kardec respeitou.

Declarando que “o materialismo dialético tem corroído maleficamente o Edifício Social” (Caravana, pág. 255), tornou-se portador de uma blasfêmia obscurantista, que é um dos inimigos da fraternidade.

Ironizando a luta do brasileiro consta “o pavoroso imperialismo” (o grifo é seu), apresentou-se, aparentemente, um reacionário (o que não cremos, porque V. pode praticar atos de reacionário, mas não é um reacionário, essa justiça lhe fazemos), a serviço indireto dos trustes norte-americanos, que são o maior inimigo atual da nossa soberania, V. que “gosta do Brasil” (sua carta a que respondemos).

Informando-se da barbaridade da morte de Delmiro Gouveia, em 9 de outubro de 1917, não a ligou ao pavor com que os imperialistas costumam impor-se à concorrência mercantil (Caravana, pág. 47). Eis aí um ato de barbarismo contra os brasileiros progressistas, numa demonstração de que o imperialismo é pavoroso mesmo.

V., afinal pregando com a mais louvável das intenções, a unificação espírita, fundada em razões do espiritismo individualista, está perdendo grande esforço de sua preciosa inteligência, porque não se pode separar da realidade social e das conquistas da Ciência o Espiritismo, como V está separando, em contraposição à sua campanha do “Espiritismo de Vivos”, que não se coaduna com a religião, que é uma ideologia caduca e eivada do mais reacionário e místico individualismo.

Propagandas Espíritas Utópicas. A Caridade.

Sem o conhecimento da evolução histórica da sociedade, como V., por certo, vira no citado “Socialismo científico” de Engels, não adiantam conceitos, certos em teoria, mas abstraídos das lutas sociais, como esses que V. mesmo costuma citar por palavras — “a melhor propaganda do Espiritismo é ainda pela educação” (Caravana, pág. 121), — “o Espiritismo é evolutivo no tempo e no espaço” (id., 312), — “acabar com as guerras”, como “solução do problema da felicidade humana” (id., pág. 150), — “onde há liberdade, aí está o Espírito do Senhor” (obra. cit., pág. 126), etc.

Como, porém, a educação, as diretrizes evolutivas, o acabamento das guerras, se os espíritas, em nome de uma doutrina de amor e de sacrifício, como é a do puro Cristianismo, pregam o apoliticismo estribados em que “nosso reino não é deste mundo”? O religiosismo, que nos induz à subserviência, e subverte o conceito da liberdade, da violência, da moral, e de todas as necessidades da vida planetária a neutralidade das

associações espíritas, diante das ameaças à integridade, independência, emancipação da Pátria? O conformismo, em face das violências tirânicas à paz universal e ao direito de autodeterminação dos povos?

Como é possível um “livre arbítrio” simplesmente idealístico e fatalista, condicionado à consciência individual e desrelacionado das forças produtivas da sociedade?

Nestas condições, se isso é que é Espiritismo, ele termina mesmo suicidando-se, como nos advertira o seu organizador Allan Kardec, e não pode ser levado a sério, porque se iguala ao clericalismo retrógrado e obscurantista, que “tem sido o pau de toda obra dos imperialistas contra a libertação das nações. Agora mesmo, a Guatemala é vítima de um monstruoso atentado à sua soberania pelos senhores do capitalismo imperialista da Norte-América; e um dos motivos, para a derrubada do Governo guatemalteco, é salvar a religião católica e a “civilização cristã” das garras do “comunismo”.

O pretexto, para essas atitudes passivas dos espíritas, é que o Espiritismo não é político, mas doutrina do “amor, do perdão e da caridade”. Tudo isso dito e praticado, abstratamente, porque dar esmola, construir albergues e pregar a fraternidade, em sessões espíritas, não é obra de amor eficiente, não nos perdoa dos males da ignorância, e não consolida a solidariedade dos homens.

Com o conhecimento, entretanto, das simples noções do materialismo dialético, descobre-se logo que a “caridade” das religiões é um mito, no sentido de uma atividade

contraproducente, porque ela vive precisamente daquilo que supõe combater — a miséria, a pobreza, a fome. Por isso, Alberto Torres definiu a caridade, como “um meio de curar a miséria, desprezando suas causas” (Alcides Gentil, “As Ideias de Alberto Torres”).

A Liberdade - O Livre Arbítrio.

Sem, do mesmo modo, atender às causas materiais, ou econômicas, e vincular a liberdade às demais categorias ou noções das leis do mundo, não poderemos fazer da liberdade e do livre arbítrio senão um brinquedo do fatalismo das forças arbitrárias e cegas da natureza, e, pois, nos submeteremos ao domínio delas, sem qualquer esforço intelectual para vencê-las.

Esse falso conceito da liberdade e do livre arbítrio não desaparece com o ensino atual do Espiritismo.

No entanto, o ensino do materialismo dialético mostra que “a liberdade é uma necessidade da qual se tem consciência”, e o livre arbítrio é a capacidade de se decidir com conhecimento de causa (Engels).

Ninguém é livre, dependendo da Natureza, que é uma necessidade. Assim, à medida que formos conhecendo as leis da Natureza, iremos superando a necessidade.

Éramos escravos das secas. Hoje, a seca não é mais problema.

Analogamente, o meio social constitui uma necessidade (Liv. Esp. 766). “Esse meio social tem suas leis independentes

do homem”.

Mas, o processo evolutivo das forças produtivas da sociedade foi se tornando conhecido, até que chegou a época — a era do Socialismo — de submeter essas leis à nossa vontade. Dal, resultou a libertação econômica do povo e, conseqüentemente, dos consumidores, o que vale dizer: “só o conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento da Natureza e da sociedade relativa, é a autêntica e verdadeira liberdade”.

Foi o que Engels descreveu como “da era da fatalidade à era da liberdade”, no seu livro “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, que o caro Leopoldo só leu “por curiosidade de saber”, mas que só leu “por curiosidade”, apenas, sem o que, com a sua inteligência brilhante, não teria deixado de aceitar as lições do grande mestre da Ciência.

“Tornando-se os homens senhores de sua própria organização social, tornar-se-ão, por isso mesmo, pela primeira vez, senhores reais e conscientes da Natureza. A anarquia na produção social dará lugar a uma organização consciente e sistemática. A forma pela qual os homens devem organizar-se em sociedade — forma até aqui, por assim dizer, outorgada pela Natureza e a História — será então obra de sua livre iniciativa. As forças sociais — criadas pelos próprios, como seres plenamente conscientes do que vão fazer, sabendo as causas sociais que farão esse movimento, produzirão, em medida sempre crescente, os desejados efeitos. A HUMANIDADE SAIRÁ, POR FIM, DO REINO DA FATALIDADE PARA ENTRAR

NO DA LIBERDADE”.

Eis aí, pois, como se pode compreender o livre arbítrio: “a capacidade de se decidir, com conhecimento de causa”.

O Caráter da Violência ou da Força

Nestas condições, é mais do que justa, — um direito e um dever —, a resistência armada que os países socialistas opõem à violência bélica dá civilização caduca.

Seria lógico que o nosso Governo concordasse na organização de sociedades destinadas à defesa e restauração do regime escravocrata, abolido a 13 de maio de 1888? Porque - repetindo as palavras de Saint-Just - “não se concebe a liberdade aos assassinos da liberdade”.

A China é exemplo das verdades do Marxismo, porque safando-se do imperialismo espoliador (como esse que espolia toda a América), e tomando posse dos meios de produção, serviço da Nação, emancipou-se do colonialismo ou da “era da fatalidade para a era da liberdade”.

Os colonizadores, porém, não querem resignar-se à lei da evolução, e, por isso, provocam, eles mesmos, a revolução e suas consequências.

Se qualquer de nós, para não usar de pancada, concitasse um animal estranho a não invadir o pasto reservado a mm outro, — com certeza o invasor continuaria, na calma, a manter-se indiferente à solicitação. Mas, ao brandir do cacete, o animal correria.

A mesma coisa sucede com os homens brutos. As advertências morais não infletem na sua consciência. Só a violência material lhes desperta a memória. Já para os homens sensíveis à espiritualidade, a violência física é contraproducente, porque lhes basta a ação moral, para o reconhecimento e o recuo do erro.

Pois os reacionários e inimigos da União Soviética e da China Popular são como esses animais, que só respeitam a força material, precisamente porque sua mentalidade vive impregnada do egoísmo, da exploração, do sensualismo e de todos os vícios da mentira do regime a que se adaptaram. Para enfrentá-los, portanto, só a violência. Eis por que a União Soviética e os demais países socialistas se armam. Armam-se de uma violência potencial, para a defesa, enquanto o armamento dos reacionários é ostensivo, para fins agressivos.

Assim, a violência dos explorados, tanto para a sua libertação, como para a manutenção da sua liberdade, é um direito, uma imposição das forças progressistas da sociedade. Com sua genialidade Marx foi lógico ao dizer que — “a força é a parteira de toda velha sociedade, prenhe de uma sociedade nova. Ela própria é um poder econômico”.

A história conta poucos revolucionários geniais, como Marx, Engels, Lênin, Stálin e Mao Tse Tung,¹⁰ porque experimentaram e sentiram, de fato, a teoria científica, lutando

¹⁰ Veja a Nota complementar n.º 3, no fim do livro.

por ela, no campo de batalha.

Com a experiência da derrota da revolução de 1848, em França, Marx sentiu que o emprego da força “não era um problema mais moral do que o emprego do fogo na vida diária”; o problema estava no uso inteligente da força, para a vitória da justiça.

Assim, o que qualifica a força, ou a violência, não é o seu emprego, mas o fim de seu emprego. Se o fim é assegurar uma emancipação popular, nada mais justo e consequente. Se a esse fim se opõe a força anti-emancipacionista, claro é que se trata de uma força injusta, apesar de amparada na “legalidade”.

A lei, como se sabe, é “a expressão da essência” de uma época. As leis da burguesia são condições de defesa de uma classe dominante, e, pois, revelam a violência de um poder. Temos a prova provada nas “leis” do nosso Congresso contra a liberdade de pensamento, ao negar à classe operária o direito de formar o seu partido, e pregar uma ideologia filosófica. Logo, no caso, quem está defendendo a lei da Natureza, que essa não é convencional, nem hipócrita, não é o Congresso ou o Estado, mas a classe oprimida. A opressão é uma violência. Ela, pois, é a responsável, a parteira da contra-violência.

Mas, não se cuida de uma contra-violência às pessoas do Poder dominante, porque, então, a força se dirigiria para um fim restrito a pessoas ou indivíduos. Não. Isso vai contra as leis da evolução, que não distingue homens, por serem elas a própria marcha da História. Daí, porque os comunistas, pela lógica científica, não conspiram contra os agentes do governo, mas

contra o governo reacionário, que se serve da violência: organizada para impedir o surto do progresso social. Eles, os reacionários, é que representam a brutalidade, o animalismo, e, para essa estupidez, o remédio é o emprego da força, diferente da daqueles, comunista, porque essa é exteriormente física, material, mas, interiormente, moral, no sentido do bem, enquanto a outra é cínica, porque se veste das roupagens da “civilização cristã”, do mundo livre etc., para, no Fundo, perpetrar toda sorte de atrocidades.

Violenta Contradição da Burguesia sobre a “Força”

A contradição da burguesia é evidente. Quando ela precisou de lutar contra as violências do feudalismo, para a libertação do capital, foi obrigada a usar da força, de que resultou a Revolução Francesa. Más, no Poder, a burguesia está fazendo o mesmo que os feudais de ontem, em matéria de degradação da força. Portanto, lógica foi a libertação do trabalho, pela revolução proletária de 1917.

Dado, porém, o campo extenso da vitória socialista no mundo, está se vendo que os Partidos Comunistas estão restringindo, o mais possível, o uso da violência contra a burguesia, para que, essa, diante da sua própria impotência, reconheça a inutilidade da força, armada contra a propaganda das ideias do Marxismo criador.

Eis a razão, da campanha da Paz, em todo o mundo, em face da qual os países de ideologias políticas diferentes podem coexistir em harmonia, mediante o respeito à autodeterminação dos povos e à liberdade das relações comerciais e culturais.

Provado, assim, que o Marxismo não é idólatra da força, e pois que os comunistas — falando em tese só dela usam, a serviço das leis da História e, pois, do progresso, — pode-se; avaliar a estupidez inconcebível dos governos capitalistas, massacrando os partidários do Socialismo e da Paz. E é de lamentar, por isso, quando V. está alheio à verdade, ao pretender ridicularizar a paz dos comunistas, “provocando guerrinhas e guerrilhas”, como declarou em sua carta.

Essa sua incosequência, porém, não se origina de sua vontade, pois que V, além de instruído, é homem de bem e de grande coração. A incosequência vem da interpretação literal — a que V, e os bondosos diretores da Federação Espirita Brasileira se apegaram dos livros de Allan Kardec, em relação à parte religiosa. V.V. fizeram do Espiritismo uma religião, contra o latente jorro progressista da Doutrina, já revelado pelo próprio Kardec.

[O “Livro Dos Espíritos” também se Interpreta em Espírito e Verdade](#)

Eis porque a Federação prega o neutralismo político, que é um auxílio aos reacionários, ligados aos Trustes norte-americanos, para a dominação do Brasil. A invasão da Guatemala, não pense, como a publicidade corrupta assoalha, seja o resultado do medo do governo de Washington pelo Comunismo, pois a Guatemala, além de não constituir, sequer, uma democracia popular, tipo Polônia, é um país pequeníssimo, um mosquito, em face da força armada dos Estados Unidos. O fim da invasão é mostrar a decisão do governo americano em não permitir que os povos da América Latina tomem o exemplo

da Guatemala, cujo governo, como se sabe, para elevar o nível de trabalho, de produção e de bem-estar do seu povo, desapropriou uma empresa norte-americana, que monopolizava à riqueza agrária do país. Os monopolistas norte-americanos temem que o exemplo se dissemine pela América Latina, o que, evolutivamente, a levaria a se emancipar do capital monopolista e caminhar, depois para o Socialismo.

Pois aí está. A Federação Espírita Brasileira, valendo-se da moral espírita, para recusar, aos partidários da Paz ou da “Liga de Emancipação do Brasil”, a sede dos centros espíritas, para conferências em defesa da Paz e da nossa soberania, coloca o Espiritismo numa situação de inferioridade, perante a consciência progressista, e se fica sem saber por que Kardec escreveu que “o Espiritismo se entende com todos os ramos da economia social”, e “se completa com a Ciência” e que “todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional” (Gen. Cit. Cap. 1, ns. 16, 17, 55).

Esse apego à letra do Livro dos Espíritos é contestado por Kardec, quando condenou a interpretação literal da Bíblia (Gen. cap. IV, v. 6). Por isso, não é verdade que aquele livro é infalível, como V. alegou, à pág. 261, do “Caravana da Fraternidade”. O próprio Kardec reconheceu que os missionários também podem falir (resp. 578), e “longe de tudo saber, podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas” (Liv. Esp., com à resp. 613), motivo por que “o Livro dos Espíritos, não esgotou a série das questões de moral e filosofia” (Liv. dos Médiuns, n. 443).

O “Livro dos Espíritos” não é livro de ciência, e, pois, não

é “monumental”, no sentido em que V. usou do termo, para lhe conferir a graça papal da infalibilidade. É um livro de revelações, para o estudo experimental nosso, algumas delas, como vimos, inaceitáveis e anacrônicas, e outras devendo ser postas em quarentena, até a prova futura da evidência.

Por exemplo, há espíritas, para os quais por força da resp. 537 do Liv. dos Espíritos, os fenômenos de Natureza, como os da tempestade e do deslocamento das nuvens, são manejados por Espíritos, o que não é, crível. Os fenômenos obedecem a leis físicas, alheias à vontade de espíritos e de homens, leis essas que, conhecidas, podem provocar a ação da nossa inteligência, para modificá-las, como é o caso da mudança do clima, por efeito de grandes obras hidráulicas da engenharia soviética, na Criméia e na Ásia Central.

A literalidade da resp. 536, sobre os fenômenos da Natureza, leva-nos ao fatalismo, que é inerente à religiosidade, “Nada acontece sem a permissão de Deus”, disseram os Espíritos. Logo, os terremotos, as tempestades, as guerras, a miséria, as injustiças, tudo são atos de Deus. Mas, na mesma resposta instrutiva, se diz que “Deus não exerce ação direta sobre a matéria”. Logo, os fenômenos aludidos são “obra dos agentes da vontade de Deus”, o que, indiretamente significa a mesma coisa, e, portanto, a guerra é obra de Deus,

Já ouvimos um oficial do Exército justificar a guerra, pelo estudo do catolicismo, ou pela religião. Ele referia-se ao texto bíblico da “revolta dos Anjos contra Deus”, para concluir, como fascista, pela inevitabilidade das guerras.

Ora, essa mitologia, aprovada mesmo pelos Espíritos (resp. 537), se contradiz com o princípio da unidade da Natureza, constante das respostas 589 ,607, 540 e outras, e com as descobertas de Meteorologia, que prevê, com certeza, os fenômenos atmosféricos, independentemente da vontade de quem quer que seja.

A ciência é também “obra de Deus”, diz Kardec, e, pois, as leis da meteorologia não dependem da vontade de homens nem de espíritos. Nem mesmo de Deus, que é a Lei do Universo, e, pois, não pode desfazer os imperativos da própria lei, sob pena de Deus ser o arbítrio e a desordem.

Essa mesma ciência desmoralizou a resp. 34. “As moléculas têm uma forma, porém não sois capazes de a apreciar”. Ora, isso não corresponde ao progresso atual da energia nuclear, que já foi além dos átomos.

A resp. 51 dos Espíritos, limitando a 4.000 anos, antes do Cristo, a vinda de Adão, é, até, implicitamente, contestada por Kardec, que também não foi claro, porque “as primeiras idades do mundo” (alegoria de Adão) ultrapassam aquele suposto limite de anos.

E assim por diante, o que vem confirmar a necessidade de uma atualização dos livros de Kardec, atualização que não pode ser inspirada e guiada pela Religião, que é, por natureza, mística, estática e individualista.¹¹

¹¹ Veja a Nota Complementar n.º 4, já atrás citada.

Absurdos do Misticismo

A crença religiosa aumenta o misticismo, como é o caso do Umbandismo e de outras religiões ecléticas.

Quando aludimos ao caso das nuvens, não foi por invenção. Lemos de uma feita, na “Revista Internacional do Espiritismo”, um artigo curioso — mas curioso, por sua relação com a mitologia dos deuses da atmosfera — do Prof, Arnaldo Santiago, O professor, não duvido de que seja uma bela pessoa, digna da estima pessoal, e um homem culto, em outras disciplinas, mas, pelo que temos lido de seus escritos, o Espiritismo, para ele, é mais uma doutrina de credence, do que de cultura.

Imagine V., caro Leopoldo, que o articulista em apreço tomou as configurações de umas nuvens, à guisa de cabeças e corpos humanos, como fatos, cabalisticamente significativos de acontecimentos sociais.

De outra feita, lemos na “Almenara”, de Pereire Guedes, que — diga-se de passagem — está perdendo seu tempo com uma revista que não anda, nem desanda, um tópico de artigo do mesmo prof. Arnaldo Santiago, que se escandalizara, revoltado, com a rejeição, pela União Soviética, das propostas de paz do presidente Eisenhower! Precisamente, tem sido o contrário.

Esses esgares do articulista assemelham-se aos daqueles sacerdotes, que, do púlpito, gritava contra os “diabos espíritas”. Diabos, porque difundiam a doutrina do pecado e da maldade.

Se o Comunismo é a antítese da paz e do amor, o Espiritismo também é.

Mas, felizmente, o Cristianismo e o Comunismo não se julgam por caprichos, opiniões pessoais e interesses de terceiros.

“Fora da ciência não há salvação” — este, sim, o lema justo, capaz de “reformatar o Espiritismo”, como V. mesmo preconiza (pág. 314, de "Caravana"), embora com razões inconsequentes.

Assim como o Espiritismo “só pode vir, depois da elaboração das CIÊNCIAS MATERIAIS” (Gen, cit. cap. 1, ns. 16 e 18), assim também a reforma do Espiritismo se impõe, em face das novas leis descobertas do materialismo histórico e da dialética materialista.

Por elas, não se concebe a passividade dos Centros Espíritas, diante do desrespeito frontal aos princípios da Justiça, aqui, no Brasil, como em toda parte, princípios a que os reacionários não querem se submeter.

O Comunismo não “nega a vida eterna”, como V, disse. Não nega, nem desnega. Nem sim, nem não, porque a sua função repousa numa base comum: o direito de viver.

Mas, esse direito não se compreende fora da liberdade econômica dos povos. A preferência do espírito progressista pelo Socialismo repousa precisamente na segurança do direito de viver, conseqüente a liberação dos meios de produção

social, como vimos.

V. me respondeu desta maneira: “O Espiritismo é tudo, da tudo, prepara-nos a solução de todos os problemas, dispensa muletas de comunismo, de fascismo, de democratismos. O espírita, assim, não precisa de ser outro ista qualquer para vencer...”

É aí que os imperialistas, estourando de contentamento, não se contém e conclamam: “Muito bem! Espiritismo é Espiritismo; espírita é espírita. Espírita-comunista é um contra-senso; espírita-fascista, outra asneira. Espírita-cristão, sim. As coisas do mundo pertencem à alçada da Política. E política não é religião. A religião e, portanto, o espírita, o católico, o protestante, o budista, todos, que deixem a política para os políticos.

O religioso obedece à ordem constituída, às leis da Política e do Governo. O contrário é ser “subversivo”, coadjuvante indireto do comunismo sanguinário e ateu.”

Frente a essa “teoria”, os espíritas só têm um caminho: reduzir-se à passividade, ante os crimes dos “políticos”, dos quais se tornam, assim, excelentes colaboradores. Os “políticos” continuam plantando a miséria e a pobreza, e os espiritualistas a colher frutos da miséria, para o alimento da “caridade”, sem nenhuma curiosidade pela causa das pragas sociais, porque a curiosidade, no caso, atentaria contra a “ordem social” e os “princípios” inalienáveis da Religião.

Tal é também a “teoria espírita” da Federação Espírita

Brasileira, isto é, dos seus atuais dirigentes, de cujo “programa e ação” V. mesmo confessa ter-se afastado. Naturalmente as razões do afastamento teriam sido de ordem doutrinária. (Caravana, pág. 314).

[Espíritas, em Tremenda Contradição. A Relatividade dos Conceitos.](#)

Em 1942, Ismael Gomes Braga, que escreve bem e é homem de bem e um dos dirigentes da Federação, nos escrevia *que o Espiritismo, o Socialismo e o Esperantismo eram inseparáveis.*

Hoje, entretanto, ele apregoa que o Marxismo e o Comunismo são doutrinas do materialismo, da força e da violência. Que os reacionários digam isso, concebe-se, porque o seu papel é esse mesmo de reagir à onda da Revolução ideológica. Mas, os cristãos progressistas, não.

A doutrina marxista (não faz mal insistir) coloca o Socialismo dentro das leis do Progresso, em bem da Humanidade e da cultura do espírito, ideal também do neo-espiritualismo, oriundo das experiências de Kardec.

Trata-se de um movimento reivindicatório de direitos, no qual a luta entre os antagonistas é inevitável. O Marxismo não é responsável por atos de violência. Ele não criou coisa alguma, porque não é nem Deus nem a Natureza. O que fez, foi analisar as leis da Natureza, e mostrar a sua ação análoga na vida da sociedade, para, desse modo, concluir que a História obedece a um império de circunstâncias sócio-econômicas, provocadas pelas forças produtivas, independentemente da vontade dos

homens. E, por isso, anulou as teorias idealistas, ou metafísicas, para admitir — que o conhecimento deriva da realidade objetiva, e, por conseguinte, só existe a ciência materialista.

O fato da incapacidade da Ciência, na solução de todos os problemas, não lhe tira o caráter realístico, porque, como, dissemos em nossa carta, “a História é a eliminação progressiva dos erros, isto é. de sua substituição por um erro novo, MAS CADA VEZ MENOS ABSURDO” (Engels).

Quando João Mangabeira, com o seu talento peregrino e sua cultura jurídica e sociológica, se enlevou com aquele pensamento de Rui Barbosa — “todas as coisas mudam sempre sobre uma base que não muda nunca” — para discorrer sobre a Democracia, o orador não contradisse o conceito de Engels, porque o imutável, aqui, é a relatividade; isto é, a base imutável é aquela em que se apoiam, essencialmente, os vários movimentos da Natureza e da sociedade.

Todas as ações e reações cosmológicas, por exemplo, se exercem num campo absoluto, embora em eterno movimento, fosse campo é a própria Natureza universal, fonte da energia que transforma tudo. Para os espiritualistas, Deus é essa fonte. Para os materialistas filósofos, o Deus é a mesma Natureza, criando, recriando e se transformando.

Em relação à sociedade humana, e, pois, à História da Humanidade, o imutável é o relativo a uma época, de que se torna a essência. O que, num século, é verdade incontestável,

no outro já não é.

A liberdade, por exemplo, é a base da democracia, na linguagem dos filósofos da Grécia. Mas, “o próprio conceito da liberdade redefiniu-se através dos séculos, de acordo com as circunstâncias históricas e o desenvolvimento das forças econômicas” (cít. J. Mangabeira).

A igualdade é outra base. “Mas, a Revolução Francesa aboliu todos os privilégios, exceto o da riqueza. Daí, a Democracia capitalista, cuja agonia entra na sua fase final” (Idem).

A evolução fez, porém, aliar ao conceito da igualdade a condição da oportunidade. “Assim, não basta a igualdade, perante a lei. É preciso igual oportunidade. E igual oportunidade implica igual condição.”

A fraternidade, outra base, sobre a qual tanto falam os espíritas, metafisicamente, por inexequíveis os meios apregoados, que não atingem a finalidade proclamada. Foi o que fez Laski escrever: “Uma sociedade como a nossa, baseada no I princípio aquisitivo, não pode satisfazer “de qualquer modo j profundo, o ideal da fraternidade” (id.).

Logo, “sem a redução da desigualdade econômica ao mínimo possível, nenhum mecanismo político permitirá ao homem comum realizar seus desejos e aspirações. Para isso, a renda social deve ser distribuída de modo que evite a disparidade clamorosa de homens a homens, que o regime atual determina”. “Todos deviam e devem, portanto, ter direito a

uma parte dos RESULTADOS DA VIDA SOCIAL. E as diferenças devem somente existir, quando necessárias AO BEM COMUM” (id.).

Dai, a “Democracia socialista, para cujo reinado marcha o mundo”.

Em síntese, poderíamos dizer que, hoje, a base imutável do governo é a democracia, e a base imutável da democracia é a unidade dos direitos humanos, consubstanciados na necessidade do direito de viver livremente em paz.

Ora, o que se vê de todas essas questões é que elas não afetam a liberdade da crença, senão aos seus motivos teóricos, quando trazidos ao debate da filosofia biológica, isto é, quando se indagam os fundamentos da vida e da morte ou o destino, do ser vivo. O mais em relação às necessidades humanas; não sabemos como se concluir pela irreconciliabilidade entre o Marxismo e o Espiritualismo.

Há uma base comum entre os homens, sejam ateus ou espiritualistas, e essa base é a Paz, é a Democracia fundada na unidade dos direitos humanos, através da socialização da economia, nos termos expostos.

As discussões, pois, sobre “comunismo ateu”, “materialismo soviético” e quejandos refrões só aproveitam aos imperialistas, interessados em que a evolução da História atual não se processe em paz, porque, de fato, a paz do Socialismo é a sua clava mortal,

É essa gênese da campanha anti-comunista que a maior parte dos espíritas e espiritualistas outros ignoram.

Espiritismo Religioso

Não estamos conversando com o dileto amigo Leopoldo, para revelar conhecimentos de Marxismo. Seria pedantismo, com gravame, ainda mais, para a nossa ignorância. O fundamental desta nossa conversa é mostrar o atraso e as inconseqüências dos espíritas, em face da realidade científica do presente.

Já estamos incapazes de conhecer o Marxismo a fundo, mesmo que o quiséssemos porque os nossos 71 anos, a serem completados no dia 17 de dezembro próximo, não nos permitem mais a necessária agilidade mental, e já amassaram a chapa sensitiva da memória, em prejuízo da receptividade e da contensão das ideias. O que fizemos, aproveitando o resto do aparelho estragado, foi aprender levíssimas noções do ensino marxista, ainda assim atrapalhadamente, mas que, nem por isso, nos inibiram a compreensão de, à luz dessa pouca luz, observar o obscurantismo dos espíritas anti-comunistas ou indiferentes à Política da Humanidade, à Política do Progresso, à Economia Política e à Política da economia social.

E observamos, por isso, que o Espiritismo religioso é coisa do passado, porque a religião, em essência, é misticismo, é fé em “revelações de espíritos”, baseada na própria fé dessa revelação, por ser de “espíritos”, tidos, então, como os senhores do nosso “livre arbítrio” e os sábios da

Humanidade.

E tudo isso, entretanto, colide com a Ciência, “a inexorável ciência”, respeitada por Kardec, que, dessa forma, não pode ser interpretado pelo método do materialismo dialético, que é Ciência, sem qualificativo algum de “ista”, espiritualista ou materialista.

A religião é avessa à dialética da Natureza, e cria uma: hierarquia artificial, arrimada em considerações arbitrárias. Ela é a mais responsável pela falsa teoria do individualismo, que, aplicado ao progresso social, ensina que o regime não-reforma os homens, e, pois, que só com a reforma moral do espírito ou com a mudança abstrata do pensamento, à custa da moral, é que a Humanidade alcançará a felicidade.

Isso foi o que V. quis afirmar também, mas tanto se contradisse, em duas palavras apenas, que terminou se inclinando pela influência predominante do regime. Realmente, à página 247 de “Caravana”, V. diz que “não é o regime, a forma de governo, o fator maior da felicidade”. “Estou com o grande Emmanuel, quando diz que a forma de governo do futuro será um socialismo diferente, cristão e superior, fundado, naturalmente, nos regimes aí em curso a digladiarem-se,

“Fundado nos regimes em curso”? Não. O pensamento de Emmanuel, para ser coerente, só poderia ter sido esta: “fundado em novo regime e não nos que aí estão em curso, a digladiarem-se”.

Ora, já com Kardec na mão, demonstramos que a perfeição começa das encarnações, para o êxito das quais, preliminarmente, se faz mistér a posse material do necessário (resp. 922) e essa posse, no interesse da fraternidade cristã (resp. 930), só se consolida no regime socialista “organização social criteriosa e previdente”, comentário ao cit. 930, porque nenhum melhor que ele organiza as bases da economia social, e preenche as condições sociais para uma nova moral, de paz, de amor, de cultura.

Mas, o ensino religioso nos afasta desse raciocínio, porque, desconsiderando as leis objetivas da sociedade desconsidera, ipso facto, o sentido realístico da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da democracia ou do “socialismo cristão”, como querem os espíritas seja chamado o regime da justiça social. Aliás, a Justiça não faz questão de nomenclatura, de nomes e adjetivos, porque o Cristo não julga a verdade, pela letra nem por exterioridades, mas por Obras efetivas, que, por si sós, definam a natureza do regime.

A religião sectariza, obnubila, anquilosa as inteligências, o brilho de muitas delas se apaga, pelo contato de um ensino opaco.

Tal orientação religiosa é a que convém aos ditadores, que, por isso mesmo, quando não dividem, de propósito, as religiões como faziam os imperialistas ingleses da Índia, oficializam uma delas, aquela que mais se coaduna com o voluntarismo, como fazem os governos de Portugal e Espanha, que são os mais abençoados por “sua santidade” o

papa, com as “ordens e comendas do Cristo”.

A religião, dessa sorte, passa a ser um apêndice da política, um instrumento precioso da política governamental. Ora, ela, ativa e diretamente participa dos conciliábulos do governo, como costuma fazer a religião católica; ora, ela é passiva, como “religião espírita”, contribuindo, indiretamente, para as atribulações do povo, subjugado por uma política malsã.

A Liberdade Econômica e a Cidade Espírita de Palmelo

Convenhamos que semelhante moral cívica não emana do Cristo, porque, “onde houver liberdade, aí está o Espírito do Senhor”, e não se compreende liberdade, como vimos, fora: das condições objetivas e econômicas que lhe assegurem o exercício.

Admitamos, para argumentar, que toda uma cidade se componha de espíritas, como é o caso da cidade mirim de Palmelo, em Goiás, onde todos são crentes espíritas, segundo lemos em revistas espíritas.

Ficarão eles libertos da crise econômica? — Não. Porque a economia local está ligada à economia da Nação. E si não podem ficar libertos economicamente, é claro que não poderão criar indústrias pesadas, para acomodar às relações sociais as exigências da vida moderna. Logo, é dever cristão defender a Pátria, e a defesa mais consequente é a luta pela emancipação nacional contra a compressora influência do imperialismo. Enquanto a Pátria, o todo, não estiver livre do

individualismo, as partes sofrerão as consequências da política do todo.

Em Palmelo não existe — diga-se — esse individualismo, mas ele existe, de fato, por ser utópico o socialismo ali estabelecido, pois, enquanto o povo de Palmelo não colocar, em suas próprias mãos, os meios de produção social, a sua vida de paz e liberdade é insegura. E o processo dessa colocação é difícil, si não impossível, por causa da conexão dos interesses locais com os nacionais. Se a nação está dominada pelo imperialismo, certo é que ele acabaria com Palmelo, se no lugarejo enxergasse um incentivo de luta anti-imperialista como é essa, em ponto-grande, a razão verdadeira da política dos Estados Unidos contra a pequena Guatemala, que, com a sua política emancipacionista, poderia provocar movimentos iguais em toda América.

Os Espíritas E Os Partidos Políticos

Por aí se vê também quanto de incongruência vai no Espírita e no cristão que se incorpora, como militante, em Partidos que, direta ou indiretamente, conservam os seus fundamentos doutrinários na Religião, como é o caso do “Partido Democrata Cristão” (PDC) e do de “Representação Popular” (PRP)¹². Já o Partido Comunista, afastando-se de

¹² Todo partido, ou instituição que se forma, sob “a proteção de Deus”, ou “para defender Deus”, ou “sob a bandeira da religião cristã”, transgride a própria doutrina do Cristo, em face da qual compete ao nosso livre arbítrio e responsabilidade dos nossos atos. Se Deus concordasse, direta ou indiretamente, com tais auxílios, homologaria as composições de privilégios, tão comuns entre os homens — o que iria contra os direitos de igualdade, de liberdade e de fraternidade, princípios substanciais da Justiça imortal, de que Deus é o Espírito inviolável.

qualquer ideia de religiosidade, não se funda, entretanto, no ateísmo, porque isso seria orientasse pelo “materialismo vulgar”, a que retro nos referimos, condenado pelo Marxismo, A base doutrinária do Partido Comunista (veja que não estamos falando como comunista, mas como livre pensador) assenta na dialética materialista ou científica, ou, para simplificar, na organização socialista da economia.

As mercadorias soviéticas não trazem a marca do Comunismo. O fim do Comunismo é a solução econômica, e a economia interessa a gregos e troianos, e, pois, apoiando-a numa base popular ou comum, seria um despautério, um absurdo, que ele restringisse a liberdade religiosa, ou perseguisse a religião, que é um motivo de divisão de ideias, e tem servido de pretexto para quebrar a unidade popular da economia.

Para quebrar, exatamente, essa unidade ideológica é que os imperialistas e os reacionários de todos os matizes fomentam a discórdia e a confusão, por intermédio de “Partidos” personalistas, não obstante os seus “programas populares”; e nada mais separativo e mais apaixonável do que a discussão religiosa.

[Preleções Morais Inócuas; Importância Capital da Fenomenologia Espírita.](#)

As preleções morais, por si sós, não modificam a mentalidade social. Se modificassem, já a Humanidade estaria regenerada com os ensinamentos da moral do Cristo, de há dois mil anos. A moral é uma questão de costumes, e “os costumes sociais são feitos pelos homens e não por Deus”

(Liv. Esp. resp. 863); e, portanto, ela se relaciona com o regime da propriedade econômica. Logo, a moral, na burguesia, difere da moral no Socialismo, por motivos de ordem objetiva e social.

A consequência daí a tirar-se também é que, de acordo com o espírito da Doutrina Espírita, o Espiritismo, se é a “verdade, o caminho, a vida”, medrará, com muito maior facilidade, nos regimes socialistas, onde a liberdade proporciona o estudo da Natureza.

Assim, enquanto o Brasil permanecer no regime desmoralizado em que se acha, apesar das sessões doutrinárias de moral cristã, da Federação Espírita e suas congêneres, e das “Caravanas de Fraternidade”, não será “pátria do Evangelho” ou o “Coração do Mundo”, mas da mendacidade, da corrupção e da incultura política. Incultura política, a que se deve o nosso atraso moral. A “Pátria do Evangelho” ou o “Coração do Mundo” localizar-se-ia, antes, hoje, na China, que no Brasil, porque a China, em cinco anos de democracia popular, fez para a instrução do povo e o engrandecimento industrial, o que não fez em cinco mil anos de dinastias religiosas.

Não tem V. dito e redito que a melhor propaganda do Espiritismo é pela educação?

E por que meio se revelou o Espiritismo e pretende vender, para regenerar o mundo? Pela fenomenologia. Ao contrário do que V. escreveu a pág. 128 de “Caravana”, citando Kardec, foi o fenômeno espírita, é ainda o fenômeno

espírita, a causa da convicção da imortalidade. Lê-se em Gênese, de Kardec: “Toda revelação desmentida por fatos deixa de e ser, se for atribuída a Deus” (cap. 1, n. 3). É, portanto, pelos fatos, que chegamos à verdade.

Ora, num país, onde a Ciência se priva do direito à livre investigação, o problema psíquico não pode ser devidamente considerado. É o que ora acontece em Portugal, onde o governo fechou as salas das instituições espíritas, e proibiu a divulgação das respectivas revistas, para ser agradável ao clero obscurantista.

Mas, também é verdade que um governo progressista não consentiria que constassem de seus programas oficiais, sobre, a educação da infância, as puerilidades do “ensino espírita” que se propaga no Brasil, uma vez que tal ensino é místico e anti-pedagógico.

Exemplo desse ensino “mediúnico” aparece nas colunas de “Mundo Espírita”, sob a assinatura de “Ideia”. Já existem até escolas com tal nome.

Quer-se, com a melhor das intenções-que a criança seja boa, fraternal, caridosa, crente em Deus, etc.

Não se podem antecipar conhecimentos que ela só reterá, mecanicamente, na memória, por lhe ser impossível atinar com problemas, como os religiosos e os sociais, que, só na idade adulta, se compreendem.

Ensinar religião às crianças é cumulá-las de concepções

transcendentes, que elas, quando muito, decoram, mas não assimilam. A grande autoridade internacional em pedagogia, professor Jesualdo Sosa, do Uruguai, manifestou-se contra essa orientação, à pergunta que lhe fizemos, a propósito, quando de uma sua visita a esta cidade.

A Fenomenologia e a Origem da Vida

A fenomenologia Espírita é uma questão de origem da vida. E essa origem está sendo objeto de incessantes estudos dos sábios soviéticos, como Oparin, conforme se verifica da notícia, publicada, em suplemento, pela “Imprensa Popular”, de 23 de maio de 1954, sob este título e subtítulo. “Não é mais um mistério a origem da vida. A evolução das proteínas, as matérias vivas e as gotas de coacervato, esboço de uma estrutura capaz de chegar à criação artificial de seres viventes, primitivos e extremamente simples. Ligados aos estudos que levam à solução de um dos mais apaixonados problemas da humanidade o nome do sábio soviético Oparin”.

Irá contrariar o Espiritismo esse estudo materialista? Não. 1º porque, sem a elaboração das leis da matéria, não se poderia estudar, pela experiência, que ela nos outorgou, o elemento espiritual (Gênesis cit., cap. 1, n. 18); 2º — porque, originariamente, o espírito descende da matéria (Liv. Esp., resps. 47 e 540).

Logo, o campo da luta ideológica entre as duas filosofias, a materialista e a espiritualista, se restringe, em verdade, ao problema da natureza do espírito, sua

perpetuidade, sua autonomia, seu destino. Saber se, de fato, a evolução da natureza viva, assim como proveio do elemento inorgânico, é capaz de produzir elementos vivos de outra natureza, distintos, desligáveis, por completo, do corpo, no momento da decomposição desta, para, desse modo, continuar uma nova vida no mundo etéreo do invisível.

É um novo problema, que a ciência soviética não repele, de antemão, porque o Marxismo não é dogmático, nem faccioso, O que não faz é acreditar em “revelações” destituídas do rigor científico.

A Liberdade Religiosa e a União Soviética

Portanto, não é verdade, como asseverou, em artigo, o nosso operoso confrade Ismael Gomes Braga, que, na União Soviética, é proibido o Espiritismo. Se todas as religiões, ali, são livres, é claro que mais essa sub-divisão do cristianismo não alteraria a norma da lei constitucional.

Certamente, é o que pensamos, não se permitiria um espiritismo, sob o disfarce de religião, para disseminar ideias contrárias ao sistema econômico imperante. As instituições, nos países socialistas, não gozam do livre arbítrio — o que seria uma contradição anti-progressista — de formar ao lado dos reacionários, para a desmoralização do regime em vigor, favorecendo, assim a espionagem e os golpes armados contra o governo popular. Vale dizer: não lhes é lícito pregar uma moral anti-social, como, entre nós, prega a Federação Espírita Brasileira, sob o fundamento do respeito à “ordem política” e ao neutralismo da religião. Com a Bíblia é que se pretende

justificar a neutralidade: “a César o que é de César; a Deus o que é de Deus.

No regime escravista, a moral recomenda a obediência do escravo ao senhor, porque a ordem pública repousa no comércio da escravidão. No regime liberal do capitalismo, é imoral o emprego da moral escravista, mas se propaga outra que não ofenda a “ordem” da propriedade particular. No Socialismo, a moral, logicamente, não admite mais a moral burguesa, nem a educação apolítica, que desinteressa o cidadão dos assuntos sociais, em prejuízo da ordem do trabalho e do progresso.

[Kardec e as Massas Populares](#)

Já demonstramos que a Doutrina Espírita é progressista, e que o Socialismo é uma etapa do progresso, para, daí, concluir, indiscutivelmente que em face do momento histórico, os Centros Espíritas não devem sujeitar-se à moral burguesa, mas ensinar a cultura da nova moral política, baseada nos conceitos científicos da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

As três palavras, no dizer de Kardec (Ob. Post.), “constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade”. Mas, Kardec, que também reconheceu, no artigo sobre “As aristocracias”, de “Obras Póstumas”, a divisão da sociedade em duas classes, a dominante e a dominada, tanto no feudalismo (quando se refere à “abolição dos privilégios”) quanto no capitalismo (“nova potência, a do dinheiro, que está

perdendo, pouco a pouco, o seu prestígio moral”), e previra, no comentário às resps. 781 e 783 do “Livro dos Espíritos”, as revoluções sociais contra “o edifício do passado”, (ontem, o feudalismo, e, hoje, o capitalismo), pretendeu situar a solução da “ordem social” e do “progresso da humanidade” no terreno de uma filosofia individualista e de uma moral abstrata,

Kardec, porém, falava há um século, e, ainda assim, apesar das suas contradições, deixava transparecer, em várias passagens, a importância das “massas populares” na solução dos problemas sociais, como se infere destes tópicos:

“Quem quer que desça ao âmago do Espiritismo filosófico (veja bem — “filosófico” e não religioso, que considere os horizontes que ele desvenda, as ideias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela FORÇA DAS COISAS” (essa “força das coisas” são as lutas de classe, as reivindicações populares, a “força viva”, o progresso, a evolução enfim — Vide comentário à resp. 783 e 785), “ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos e pela MORALIZAÇÃO DAS MASSAS”.

“... a massa se submeterá à inteligência e à moralidade”...

“... Ela se erguerá muito naturalmente pela força mesma das coisas”... “a massa lhes confiará seus interesses” (aos homens de inteligência e de moralidade). Obras Póstumas. Págs. 208 e 228-229, 9ª ed.

Kardec, aí, lobrigou a necessidade do progresso da Humanidade, mediante o prestígio da cultura científica, com o poder político nas mãos do povo.

Esse progresso da Humanidade deve preceder ao progresso da Humanidade espiritual. E foi o que sustentamos na carta ao amigo, quando invocamos aquele conhecimento das populações ocultas em relação ao da Humanidade (comentário, in fine, à resp. 521) e ao da finalidade da encarnação (resp. 132). E, com amparo nos princípios humanísticos, foi que achamos interessante a sua campanha do “Espiritismo de Vivos”.

A política doutrinária da Federação está invertida. Ela quer moralizar as massas populares, de um lado, com a moralização prévia dos espíritos (daí, a religiosidade pelas “revelações” medianímicas) e, de outro lado, com a preponderância da moral subjetiva e abstrata (daí o seu alheamento à Política, que é, entretanto, o motor da economia, condição essencial à sobrevivência da Humanidade e, pois, indiretamente, ao progresso da

Humanidade espiritual).

Reforma do Espiritismo. Agenda de Possível Convenção Nacional.

Eis por que, diante do exposto, concordamos com a sua sugestão de “reformatar o Espiritismo”, mas não pelos caminhos que V. e a Federação apontam através de um “Pacto áureo”, insubstituível, nem muito menos pelos ensinamentos religiosos, a que se deve, em grande parte, a responsabilidade da nossa ignorância política, à sombra da qual os imperialistas dividem o povo, em partidos e religiões, para melhor o explorar. Essa exploração é um crime contra as leis de humanidade, as leis do Cristo e a soberania nacional, que Kardec, no Liv. dos Espíritos, resp. 789, ressaltou como elo indispensável s solidariedade dos povos.

Assim, para ser coerente com a Crítica, que não se limita a indigitar os erros, mas sugere o conseqüente remédio, vamos em linhas gerais, traçar os pontos da reforma, apoiada, interpretativamente, na resp. 766 do Liv. dos Espíritos: “Deus, fez o homem, para viver em sociedade”.

Seriam estas, exemplificativamente falando, os itens da agenda:

- a) Natureza científica do Espiritismo;
- b) Sua independência das religiões;
- c) Suas relações diretas com os problemas humanos;
- d) Correlação entre a Política Social e a Doutrina Espírita;
- e) O Socialismo e o Espiritismo;

- f) O espírito progressista da Doutrina Espírita e as teorias sobre a Democracia;
- g) O materialismo de Marx-Engels-Lênin-Stálin e a moral espírita;
- h) Quais as afinidades e divergências entre a moral cristã e a moral materialista do Marxismo;
- i) A posição dos cristãos, era face do Socialismo e do Comunismo;
- j) Falsa propaganda de reacionários contra o Cristianismo, através do chamado “comunismo ateu”;
- k) Os regimes políticos e a Ideologia;
- l) Consonância do Cristianismo com a Democracia popular e o Socialismo;
- m) Deveres cívicos para com a Humanidade e a Pátria, independentemente de crenças;
- n) Incompatibilidade entre esses deveres e a neutralidade das associações religiosas ou leigas, para com a soberania e independência da Pátria, e, conseqüentemente, para com o movimento das campanhas emancipacionistas;
- o) A mesma incompatibilidade, em face da violação dos direitos humanos, em qualquer parte do mundo, onde haja opressão à liberdade de pensamento;
- p) A posição dos espiritualistas e, particularmente, dos espíritas, em face do facciosismo partidário;
- q) Idem, em face da campanha mundial da Paz, fundada em novos princípios de objetividade, através do intercâmbio das relações econômicas e culturais dos povos do mundo, independentemente dos sistemas de governo;
- r) O uso das sedes espíritas para conferências

culturais, sem embargo das divergências doutrinárias com o Espiritismo;

s) A influência do regime político na propaganda e na unificação da doutrina cristã;

t) A auto-determinação dos povos, seu desenvolvimento material e a respectiva solidariedade moral, em função da cultura do Espírito imortal;

u) A educação física e a eugenia, como fatores do refinamento das condições essenciais ao equilíbrio mental;

v) A lei de conexão universal e a unidade das forças materiais e das forças espirituais;

w) As leis da dialética materialista e as leis do Espírito, como potência da Natureza;

x) As novas descobertas da Genética e da Biologia, e a Doutrina Espírita,

y) Necessidade de uma renovação dos Livros de Kardec, em face do progresso da Ciência (Kardec, Gênese, cap. I, n. 55).

Dessa Convenção verificar-se-ia a procedência, ou não, de nova entidade espírita, ou a possibilidade do aproveitamento da “União Social Espírita”, formada em vários Estados, à parte das respectivas associações espíritas autônomas. Essas “Unões” pretendem a unidade do Espiritismo, e, portanto, seria natural que elas aderissem à Convenção, nem que fosse com restrições.

[O Neutralismo, Contestado por atos Passados da Federação Espírita Brasileira](#)

É possível que os radicais conservadores do Espiritismo

religioso nos incluam entre “as vítimas dos obsessores divisionistas”.

O “argumento” não é argumento. Primeiro, porque se limitaria a hipóteses imaginativas. Em segundo lugar, porque essas divergências constituem o princípio da resistência às ideias caducas e obedecem, por isso mesmo, à lei da luta dos contrários, ou das ações e reações, em busca de novo equilíbrio social.

Essa lei, indiretamente, é reconhecida por Ismael Gomes Braga, um dos porta-vozes da Federação, ao escrever, em “Elos Doutrinários”, que — “todas as discussões e agitações são boas”, “sejam de natureza doutrinária ou de organização”, e “não devem ser temidas, porque evitam estagnação e indiferença” (pág. 109-114).

Dessa forma, a culpa das “divisões” ou “discórdias” são conjunturas de um estado social e não pessoal. A responsabilidade, em suma, proviria mais das condições objetivas da sociedade em que vivemos, do que da vontade dos dissidentes.

A expressão “sinais dos tempos” simboliza essa objetividade, que se contém, igualmente, nas observações de: Kardec, Obras Póstumas, págs. 306 e 309, ao referir-se à unidade da Natureza, sob longos sofrimentos, de “laboriosa elaboração”.

Consequentemente, a moral, derivada da citada lei, não faculta à Federação que se aborreça com a crítica aos seus

atos. O aborrecimento é próprio do intolerantismo religioso, que não pratica a AUTO-CRÍTICA, uma das forças da dialética marxista.

De igual modo, não seria lícito que qualquer de seus diretores ofendesse, pessoalmente, o ou os autores da crítica, porque a verdade não se interessa por injúrias. Donde, mais este corolário: o ofendido não pode sair do campo agitado da doutrina, porque, senão, trocaria a seriedade da discussão por palhaçadas de circo ou por lutas de capoeira.

Mas, além destas razões de doutrina sociológica, vamos mais lembrar três documentos que desafinam com o neutralismo político da Federação Espírita Brasileira, com cujas atividades, aliás, eles se relacionam, e, até certo ponto, receberam a devida aquiescência, pelo menos implicitamente.

Já por isso se verá que a nossa iniciativa, ou a nossa crítica, na pior das hipóteses, não se poderia considerar absurda.

Ato ou Documento

Em 21 de abril de 1921, Manuel Quintão, espécie de primus *inter pares* da Fed. Esp., de que fora vice-presidente, pronunciou uma conferência sobre “Fenômenos de Materialização”, na qual preliminarmente, invocou o nome de Tiradentes, em homenagem ao patriotismo do glorioso mártir da nossa Independência.

“Antes de entrar no assunto”... “permiti” ... “façamos ligeira referência à data de hoje, em que a sociedade civil

comemora” ... “a conjuração mineira, que teve por epílogo a execução de Silva Xavier — O Tiradentes”.

E continuou: “porque o espiritista, meus senhores, e minhas senhoras, não é, como a muita gente ainda se afigura, UM SER INDIFERENTE E ALHEIO aos antecedentes e consequentes da sociedade que o cerca no plano material, e só preocupado com abstrações e presumidas hipóteses de uma vida futura”.

“Assim, pois, o espiritista se interessa, logicamente, pelos acontecimentos de seu tempo, e neles pode e DEVE intervir de modo benéfico”.

“E se a Pátria representa um conjunto de espíritos afins ... — “é claro que ao espiritista incumbe estudar, meditar, colaborar a história de sua pátria”.

Ora, não há diferença, no conteúdo ideológico, entre a atual campanha da “Liga de Emancipação Nacional”, contra o imperialismo norte-americano, e a emancipação trabalhada pelos inconfidentes mineiros, contra o domínio colonial português, que nos asfixiava.

Se a Federação achou digna de homenagem especial a data de 21 de abril de 1789, deverá também, identicamente, associar-se ao movimento libertador de hoje, porque a Pátria é indivisível no tempo: a de ontem, defendida por Tiradentes, é a mesma de hoje, defendida pelos componentes da “Liga de Emancipação Nacional”, que precisamente tem por fim impedir uma nova colonização do Brasil, ou que o Brasil venha

a ser, de fato, uma colônia dos Estados Unidos da América do Norte.

Mas, o apoio de hoje ao novo movimento emancipacionista deve ser mais decisivo, por mais justo e necessário que o de 1789. Naquela época, de obscurantismo, éramos colônia, e pretendíamos rasgar a carta da realeza de Portugal, que incluía o Brasil entre as suas possessões coloniais. Hoje, em pleno “século da luz”, defendemos uma conquista legalizada e reconhecida internacionalmente, há mais de um século.

O colonizador de ontem era representado por uma NAÇÃO AFIM. E essa afinidade muito concorrera para que preferíssemos o colonialismo português ao espanhol, no tempo em que Portugal ficou sob o jugo de uma dinastia ibérica. Hoje, o americano ainda é pior que o inglês. Suas conquistas têm sido a ferro e fogo, quando os governos do país, sobre que pretendem mandar, lhes criam embaraços, como, ontem, se deu com o México, e, hoje, com a Coréia, Guatemala, etc.

“O espírito americano é um espírito de violência; o espírito latino, transmitido aos brasileiros” ... “conserva sempre um respeito pela vida humana e pela liberdade.” São palavras de Eduardo Prado, em “Ilusão Americana”, pág. 225, onde se documenta a hostilidade do Governo e dos traficantes norte-americanos à emancipação dos nossos escravos (pág. 228).

Portanto, o ato da Federação Espírita Brasileira, pelas

páginas de “Reformador” (no número de março, deste ano), recomendando que as associações espíritas, “em absoluto”, não cedam suas sedes a campanhas políticas, porque o Espiritismo não é política, mas religião, determina, indiretamente, que os seus adeptos se alheiem da Política e se recusem a entregar as salas ou salões dos Centros Espíritas aos bandeirantes do movimento libertador da “Liga de Emancipação Nacional”, que é uma organização apartidária, mas política, no alto sentido sociológico, a que se referiu Manuel Quintão, porque visa a defesa da pátria. A recomendação da Federação Espírita, no caso, exprimiu um atentado ao patriotismo e à cultura da história de nossa pátria.

O atentado é um efeito do misticismo religioso da Federação, a colocar a Fé, como princípio da nossa vida de relação. E esse falso princípio foi, na conferência citada, sustentado pelo orador, o mesmo, Manuel Quintão, que, desse modo, se contradisse com a lei de causa e efeito, por ele mesmo invocada teoricamente (referência “aos antecedentes e consequentes da sociedade”).

De fato, Quintão, depois de afirmar que “Jesus não veio destruir a Lei”, declarou que — “a pedra fundamental da Verdade assenta na Fé, antes que no conhecimento e na inteligência”.

Ora, isso seria destruir a lei, a que Kardec deu cumprimento, relegando as contradições e obscuridades da Bíblia, para abrigar a doutrina de Jesus, ou cristã, nas faixas da Ciência (páginas citadas de Gênesis, etc.). Já os Espíritos

reconheceram a predominância da cultura intelectual, para a compreensão da moral. “O progresso moral decorre do progresso intelectual” (Liv. Esp.,”resp. 780). Logo, a pedra fundamental da Verdade assenta no conhecimento dos fatos, e não na “fé”.

2º Documento

O segundo documento, a nosso favor, e o papel histórico desempenhado por um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira, Augusto Elias da Silva.

Em verdade, Augusto Elias da Silva, português, foi uma figura tão nobre e ativa na propaganda do Espiritismo que, há pouco, o Reformador dedicou uma justa e tocante homenagem especial à memória desse valente propagandista do Espiritismo.

Augusto Elias da Silva, dirigindo o órgão da Federação, conclamou os espíritas à luta pela extinção da escravatura, no Brasil.

Ora, Deus nosso, que mais importância tem na vida do Brasil, a escravidão do negro ou a escravidão de todos os brasileiros?

No primeiro caso, trata-se de uma parte oprimida do povo. No segundo, é a Nação subjugada ao cativo.

No primeiro caso, pode-se conceber uma nação soberana, com a escravatura de uma classe, como, ainda hoje, até certo ponto, vivem escravizados os negros da

República da América do Norte.

Mas, no segundo, não é possível a concepção, porque o colonialismo é uma escravidão total, capaz de acorrentar o país ao peso do mais execrando despotismo.

E isso ocorre, sempre, quando se levantam os heróis da independência nacional, tidos, então, como “terroristas” ou “comunistas sanguinários”.

É o que ora se verifica nas lutas reivindicatórias de povos, pelo direito à sua soberania, travadas entre os ingleses, armados dos mais modernos apetrechos bélicos, e os nativos de Kénia, na África, e da Malásia, na Ásia. E, agora, o caso de Guatemala, cujo governo, ao defender a sua soberania política e econômica contra o monopólio de uma companhia norte-americana, foi invadida por agentes mercenários da dita Companhia, com o apoio decidido do Governo norte-americano, cuja desenvoltura chegou ao ponto de impedir o comércio marítimo da Guatemala com os demais povos, para que ela não gozasse da liberdade de comprar armas para a sua própria defesa!

Pois aí está. Então, é de se perguntar: — por que esse ensino bifronte da Federação Espírita Brasileira, no “estudo e na colaboração da história de nossa pátria”, para nos servirmos dos termos de Manuel Quintão? Se, ontem, ela exortava os espíritas à campanha redentora dos escravos, é certo que, com maioria de razão, deverá exortá-los à atual campanha de salvação nacional, guiada pela “Liga de Emancipação Nacional”, contra a tremenda ameaça do

imperialismo norte-americano.

No entanto, sucede o contrário. Como se vê da sua advertência, através de uma nota “Partidos Políticos” e de outras análogas, ela nega a sua sede a qualquer ato desse movimento libertador, sob o pretexto de ser “caso político” e de “propaganda comunista”, isto é, subscreve, sem o sentir, as mesmas cínicas razões do clero católico e dos exploradores da nossa Pátria!!

Evidentemente, pois, a atual diretoria da Federação Espírita Brasileira, elogiando Elias Augusto da Silva, pelo seu exemplo de luta pela libertação dos negros, está, de fato; menosprezando a memória do lutador, ao manter-se indiferente à campanha da nossa emancipação e aos insultos à nossa liberdade pelos agentes do capital monopolizador.

E essa flagrante contradição é devida — não há a menor dúvida, porque fatos são fatos — à predominância da fé religiosa nos destinos da Federação. A fé religiosa, fazendo-nos, sobretudo, “preocupar com abstrações e presumidas hipóteses de uma vida futura (palavras citadas de Quintão), só se interessa pelas relações sociais e humanas, quando essas não embaraçam a tranquilidade do exercício do seu culto. Assim, apraz-lhe aderir à comemoração oficial dos nossos heróis mortos, porque tudo se faz em sossego e platonicamente. Mas deixa de aderir à festa cívica, de igual fundo patriótico, da atualidade, quando a festa desagrada ao governo colonizador.

Quer dizer: a fé é conservadora, não é evolutiva, é

oportunista, é passiva e não ativa. Logo, é anti-científica. E neste caso, se contradiz com o espírito da doutrina de Kardec, que não foge à realidade dos fatos, que se curva “à inexorável ciência” e “procura a nossa felicidade nas coisas positivas e sérias, e não nas utopias” (palavras de Kardec citadas).

A doutrina não, admite a fé, mas a convicção. E a convicção, para ser dialética, é o resultado de manifestações inequívocas do fenômeno, objeto do exame. A fé não é o produto do sentimento e uma manifestação subjetiva. E “crença em Deus”, por motivo de tradição. Daí, por que a doutrina Espírita só ser “compreendida pode por pessoas esclarecidas, que não se deixem levar por preconceitos e chavões.

Fato, “aliás, assinalado por Kardec, em “Obras Póstumas”, pág. 244: “a doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais”.

Ê. mais uma consequência do seu caráter filosófico, fato igualmente reconhecido por Kardec: “O Espiritismo é uma doutrina filosófica, de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista” (idem).

Como a base de todas as filosofias espiritualistas é a crença em Deus, na alma e na vida futura, e todas as religiões, por sua vez, vivem da mesma crença, entendeu Kardec, para melhor compreensão, que era essa também a base do

Espiritismo, não, porém, como religião — aí é que está o quid da questão —, mas como filosofia.

Ora, a filosofia, que é amiga da Verdade, é uma disciplina calcada no conhecimento de leis científicas, que ela, dialeticamente, procura adaptar aos vários aspectos, gerais ou particulares, da nossa vida de relação. A verdadeira fé, portanto, para ser conseqüente, não pode ser pessoal, não pode vir do foro íntimo, não se confunde com a fé religiosa. Fé, em Espiritismo, é o resultado de uma convicção, oriunda do estudo de uma fenomenologia. É o reconhecimento da verdade, trazida pelos fatos. Fé científica e não religiosa.

Eis por que ainda que V. se acostasse em Kardec — não procede a declaração, a pág. 128 de “Caravana”, do seu pouco apreço ao fenômeno espírita, ao qual não atribui, principalmente, a conversão espírita. Concordamos, por isso, com este tópico do artigo “Escatologia”, de Mac Maynard, em Rev. Int. do Espiritismo, abril, 1954: “Uma análise perfuntória da evolução da Humanidade mostra-nos que a crença na vida futura é originária de fenômenos anímicos e espíritas”.

Se os assistentes dos fenômenos do Pará (Ana Prado), como V. argumenta, não se converteram, foi porque a prova não lhes bastou à convicção. Eles, possivelmente, não se interessaram por novos estudos experimentais, inclusive o conhecimento obtido através das experiências de terceiros.

Nós só acreditamos na doutrina, por causa da leitura de fatos relatados por pessoas idôneas. Como deixaremos de acreditar em tais fatos, se exprimirem uma ilusão comprovada. Essa, a importância do livro, mas do livro que convença, e não de livros de manifestações medianímicas,

que podem traduzir ideias pessoais, contraproducentes até. “A matéria é que primeiro fere os sentidos”, escreveu Kardec, em Gênese, cap. 1, n. 16.

Eis porque o desenvolvimento do materialismo precedeu ao do espiritualismo.

Não se pode conceber como alguém se converta ao Espiritismo por simples declarações de terceiros, ou por qualquer inflamada oratória emocionante. Isso é próprio das Religiões, que subordinam a nossa convicção falsa convicção, pois — ao respeito pessoal pela palavra de supostas autoridades.

Aqui, tais autoridades resumem-se no sacerdote; ali, no rei. E é precisamente para que os “fiéis” continuem provendo a “fé religiosa”, ensinada por governos e sacerdotes, “representantes de Deus”, que esses embaraçam a liberdade de pensamento, e proíbem, mesmo, a leitura de livros, contrários a fanatismos, como são os bons livros espíritas e, do mesmo modo, os livros comunistas.

3º Documento. Ainda o Neutralismo e Espíritas de São Paulo

O terceiro documento é o da “União Evolucionista Cristã”, fundada em 29 de agosto de 1951, cujo conhecimento só tivemos agora. Nela colaboraram eminentes confrades, como o Dr. Sergio do Vale, o Comandante Edgard Armond, o saudoso Lins de Vasconcelos, o Dr. Luís Monteiro de Barros, o Dr. Eurípedes de Castro.

Em síntese, o pensamento vitorioso foi esta; integrar a

consciência Espírita na consciência política do país, através de um partido.

No “Histórico” do documento, se diz que — “de há muito se fazia necessária uma consciente tomada de posição-político-social dos espíritas no Brasil”. Isso, para nos livrarmos da “disciplina partidária dos demais partidos políticos, que, sem exceção, jamais terão nosso desprendimento, idealismo, compreensão real de suas finalidades e espírito de viver”.

Mas, o valor, no caso, para corroborar a nossa tese, melhor se vê dos depoimentos de Pedro Ubaldi e Emmanuel, dois místicos, apreciados pela Federação.

O primeiro (que se recusou, por intermédio de seu secretário, aqui na Bahia, a assinar um manifesto dos “Partidários da Paz”, porque, segundo declarações do mesmo secretário, professor de História, a guerra era um fenômeno inevitável, dando, assim, a entender que a terceira guerra era coisa fatal, pois, não adiantaria a luta pela paz. Daí, foi que, em nossa carta, dissemos: “enquanto a moral comunista conforta a Humanidade, anunciando que a Paz vencerá a guerra, e, portanto, se os povos não se apassivarem, e, pelo contrário, se organizarem em lutas de defesa da Paz contra os vivedores de Guerra, o mundo não passará por tamanha desgraça, almejada pelos belicistas, já a moral espírita, da safra dos comunicados de espíritos, desconsola os terrícolas com a certeza de uma conflagração!” Como vê, não colocamos, como V. disse ia sua resposta, “Kardec em plano inferior aos doutrinadores comunistas”, mas sim, os espíritas

que se alimentam, auto-naticamente, da “safra dos comunicados”), o primeiro, como íamos dizendo, apoiou, calorosamente, a iniciativa da formação partidária, nestes termos:

“Admirei a genialidade da iniciativa, as suas diretrizes modernas e a perfeita concordância com as necessidades do atual momento histórico, sobretudo, no que se refere à eminente função social do Brasil no mundo”.

Suscitada a opinião de “Emmanuel”, pelo honrado médium Francisco Xavier, atendeu, dizendo:

“Cabe-nos louvar todas as iniciativas que guardem a felicidade coletiva por meta essencial, de vez, segundo cremos, na melhoria da unidade individual, em nossa tarefa de esclarecimento evangélico, devemos contribuir no engrandecimento do Todo. Admitimos que aos espíritas cristãos cabe o direito de participação dos serviços direcionais da vida pública”.

Aliás, as opiniões de Emmanuel costumam, sobre qualquer ponto debatido, revestir-se de uma linguagem palavrosa e, por vezes, desconcatenada, muito generalizada, sem definir a questão. Assim foi sobre a Paz e sobre a Profecia, a que V. rendeu louvores, mas que não rendemos,

por causa das incongruências do “comunicado”. V. espantou-se com a nossa crítica, por irreverente (“encontrando até no Emmanuel e no Kardec ausência de lógica, e contradições” — são dizeres de sua carta”).

Pois bem: ainda aqui, na resposta de Emmanuel à consulta, ele não foi conciso, nem preciso.

V., Leopoldo, que é professor de português, observe se há coerência entre a pergunta do consulente sobre — “a tomada de posição político-social dos espíritas, no Brasil” — e o porque da resposta. A consulta versou sobre a licitude de um organismo partidário anti-faccioso, de orientação popular, de natureza pública. No entanto, a resposta desviou-se, de qualquer modo, da pergunta, ao atribuir, pelo menos aparentemente, ao organismo projetado, uma função particular, qual “a da melhoria da unidade individual”. Mas, dí-lo, de maneira sibilina:

“Colaborando na melhoria da unidade individual, em nossa tarefa de esclarecimento evangélico, devemos contribuir no engrandecimento do Todo”.

O pensamento comporta dupla interpretação: não se sabe se o Evangelho faz depender do progresso individual o engrandecimento coletivo, ou se devemos engrandecer o Todo, por causa da melhoria individual. Franqueza, não estamos entendendo, por abstruso, o juízo de Emmanuel, a respeito.

Ele devia responder, como respondeu outro comunicante, de acordo com a pergunta do consulente. *Cujus est haec oratio? Ciceroni. Pro quo reo? Pro Miloni.*

— “Devem os espíritas tomar posição político-social no Brasil?” A resposta do outro comunicante, anônimo, foi clara: “Os espíritas devem tomar parte na política. E ilustrou, em seguida: “Não para defender interesses pessoais, mas, sim de toda a humanidade”... “porque o que se pede, no momento, é que o espírita se constitua num grande defensor das necessidades humanas” (Exatamente: confere com a resp, 922 do “Livro dos Espíritos”), “Propondo-se a nóvel entidade (União Evolucionista Cristã) a organizar os espíritas, orientando-os nos seus sagrados deveres para com a Pátria, não cria nenhuma forma de sectarismo político, doutrinário ou religioso, sugere, apenas, uma nova e diferente maneira de agir mais de acordo com a Natureza humana e com a ordem natural das coisas. O Governo é uma necessidade social. Pretender ignorar ou desprezar alguns desses problemas, distintos, mas inseparáveis, é diminuir, é atrofiar, é deformar o homem”.

A resposta atende ao espírito da Doutrina, em que isso pese às incongruências de Espíritos, pois, como mostramos em nossa carta, a população oculta (a Humanidade do além) é um reflexo da população terrestre. Logo, o progresso dos Espíritos é uma dependência do progresso da Humanidade, fenômeno natural que V. pretendeu amofinar, e desconhecer, através de um irônico “humanidadismo”.

Esse espírito, anônimo, constante do folheto da “União Evolucionista Cristã”, revelou-se muito mais esclarecido que Emmanuel.

[A Moral Espírita, A Moral Comunista e A Assistência Social.](#)

Mas, então — possivelmente V. redarguirá — que diferença existe entre a moral comunista e a moral espírita, se nivelamos princípios, de fundamentos opostos, a ponto de afirmar que o espírita pode, se não deve mesmo, aceitar a moral comunista?

Boníssimo amigo Leopoldo Machado: não raro, sentimos a distinção de muitas coisas que queremos definir, mas não sabemos expressamente definí-las. V. há de compreender que, das ideias aqui emitidas, a diferença existe, mas que só uma inteligência penetrante é capaz de apresentá-la, convincentemente.

Vamos, entretanto, às apalpadelas, ver se conseguimos a explicação imaginada.

Como se evidencia, o Espiritismo não se desinteressa pela sorte da Humanidade. Se a convicção deste conceito depende da palavra de Kardec, vejamo-la: “Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos é morais”. Por sua mesma essência, diz Kardec na última página seu livro “Obras Póstumas”.

Logo, ele se relaciona com os problemas econômicos, como aliás, é também expresso, nesse particular, o mesmo

Kardec, em “Gênesis” cit. n. 55, “entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas”...

Ora já vimos que o espírito procede, originariamente, da matéria (Liv. Esp., n. 540). Que o Espiritismo não pode fugir à lei da elaboração, que é a “eterna lei do trabalho”, lei da evolução (Ob. Post. pág, 309). Que, a Humanidade é um ciclo evolutivo da matéria. Que, dessa forma, está sujeita às leis concernentes à sua manutenção física.

Quem resolve os problemas dessa manutenção? — A, ciência político-econômica. Que é o Comunismo? — É um modo de aplicar a economia científica nas relações humanas. Qual será, então, a moral comunista? — A prática desses ensinamentos econômicos, em função da totalidade popular, para que, assim, todos os homens se nutram naturalmente, não vivam na ociosidade, e trabalhem uns para os outros, o que trará, conseqüentemente, pelo hábito, o reino da fraternidade e da união. Essa, a finalidade do Comunismo, que representa a fase final do Socialismo, depois de se desenvolverem, bastantemente, as forças produtivas, capazes, pelo acúmulo crescente dos produtos alimentares, de satisfazer o consumo geral.

Por isso, o princípio teórico do Comunismo é este: “de cada um, segundo a sua capacidade; a cada um, segundo as suas necessidades”. Mais amplo do que o princípio socialista: “de cada um, conforme sua capacidade; a cada um, segundo o seu trabalho”.

Não existe ainda, no mundo, esse regime comunista, senão o Socialista adiantado, como na União Soviética, que aceleradamente, aumenta a sua produção, visando a era comunista. Daí, o seu ciclópico esforço na construção de usinas e centrais elétricas, de barragens e canais, de formidáveis obras hidráulicas, desde o Polo Ártico aos desertos arenosos do centro da Ásia. Daí, também, a sua coerência e absoluta sinceridade pela Paz universal, desde quando as guerras obstaculizam o desenvolvimento da economia do Comunismo, que é a base política do Marxismo e, pois, do atual Estado Soviético que se fez e se faz, obedecendo aos princípios científicos da doutrina marxista.

Essa, a verdadeira moral comunista: trabalhar pela economia social ou pela vitória do Comunismo, porque o Comunismo é a solução radical do problema econômico, e, por conseguinte, a constituição definitiva da Paz,

A Doutrina Espírita, pois, por sua essência, não pode contrariar essa descoberta das ciências materiais, porque ela secunda a finalidade do Espiritismo, que, como V, diz à pág. 312 de “Caravana”, pelas palavras de Kardec, “é a união, a simpatia, a fraternidade”, etc.

Logo, se o que assegura a Paz da Humanidade é. a solução do problema econômico, e se uma dessas soluções, a que melhores efeitos está produzindo, é a do Socialismo marxista, não resta a menor dúvida de que o Espírita é lógico, aceitando os princípios humanísticos da moral comunista. É lógico mais ainda, se considerar, como provamos, que a

evolução e o progresso da população espiritual (do mundo dos Espíritos) decorrem do desenvolvimento progressista da Humanidade, uma vez que — não faz mal repetir — devemos cuidar, preliminarmente, da parte material da vida, em função da espiritualidade.

Donde se conclui que a fraternidade que V. e os mais distintos confrades pretendem enraizar no coração dos brasileiros, por meio de “caravanas”, não medrará.

É utopia sua, o imaginar que “duas Caravanas de Fraternidade, por ano, iguais à nossa”, “libertariam o povo, facilmente, de toda sorte de escravidões” (págs. 228-229). Puro utopismo, uma ingenuidade apenas de quem está alheio à realidade da vida, pois que, sem se resolver o problema das lutas de classe (problema econômico), a paz de indivíduos é fictícia. V. mesmo, com a sua “campanha do Kilo”, prova que não pode haver paz nos lares assolados pela fome. E se torna, como tantos outros abnegados, uma figura de apóstolo, a mendigar esmolas para as casas de caridade, como essa do “Lar de Jesus”, criação de sua inesquecível e bondosa Maria Barbosa, que foi sua venerável esposa.

É um apostolado, porém, que já perdeu sua supremacia na ordem dos fatores da comunhão fraternizante, porque se ressentido da desconexidade do trabalho social, é dispersivo, isolado e envolvível pela força reacionária, conforme já expusemos linhas atrás.

Não é que estejamos a condenar o sacrifício, *in totum*, pois, no Estado burguês, a assistência social pelos

particulares é mais eficiente, por vezes, do que pelo Estado. Não é exata, por isso, a sua declaração, na carta com que nos respondeu, de que “o Comunismo acha que só o governo deve cuidar das obras de assistência social”. O sentido não é esse.

Para melhor simplificação, digamos: a assistência deve ser uma obrigação de todos os particulares. Mas, isso não é possível no estado burguês ou capitalista, que vive exatamente da desunião dos particulares, como se vê da multiplicidade de camadas entredivorantes, inclusive dos partidos políticos. Logo, o dever — pelo menos, de consciência de todo Espírita — é trabalhar para que vença o Estado socialista, que isenta muitos particulares do enervante e atarefadíssimo trabalho de angariar donativos para as obras de caridade.

Como o Estado socialista significa a instauração da Democracia popular e não da “democracia” de grupos, que monopolizam o Estado e o comércio da economia social (portanto, não é, de rigor, a verdadeira democracia), fica compreendido que a assistência será também uma das funções específicas do Governo popular.

O Marxismo, Instrumento de Visão Social

Para se ter uma ideia precisa dos problemas sociais, fora, é claro, das paixões dos interesses contrariados, nós necessitamos de instrumentos de visão.

Um desses é justamente o Marxismo.

Se um de nós sustentar que o ar que respiramos é puro

e isento de poeira, comete um erro. Basta a luz solar coante de uma fresta para atestá-lo. Essa luz, então, se tornou o instrumento da verdade.

Houve, anos idos, quem duvidasse da existência dos germes infecciosos. O microscópio foi o instrumento que descobriu o nosso erro.

Assim também na vida social: guerras, conflitos, congressos, demagogia, concorrências comerciais, subida e queda de governos, nações armadas e nações fracas, egoísmos, crimes, paixões, loucuras, bolsas de mercadorias, briga de casados, mendicância, desemprego, fome, os nossos “paus de arara”, que são caravanas de desempregados à cata de trabalho e estabilização, as campanhas políticas e sociais, etc., etc., todo esse mundo que se agita diante dos nossos olhos não é visto pela maioria dos seus espectadores, por lhes faltar o instrumento dá visão. Um desses instrumentos é precisamente o Marxismo, que nos dá a conhecer a realidade da vida social, as causas dos seus embates políticos e econômicos, e nos apresenta uma solução. Trata-se de um estudo “assombrosamente lógico”, como disse um escritor.

[Um exemplo concreto, em face da moral burguesa e da moral comunista. notas contraditórias e reacionárias de “Reformador”, da Federação Espírita Brasileira.](#)

Vamos oferecer um exemplo concreto, e bordá-lo de considerações: — Um juiz de Minas, há pouco, deu ganho de causa a um empregado despedido pelo patrão. O empregado apropriara-se de pequena quantia, a mais, do seu ordenado; mas, apesar disso, reclamou a sua restituição ao cargo.

Justificou a apropriação do dinheiro, como necessidade invencível, em face da deficiência do ordenado e da fome de seus filhos.

Pela moral burguesa, adotada pela Fed. Esp. Bras., o reclamante praticou um crime, porque transgrediu a lei, a ordem social e a liberdade de terceiro, de quem quis forçar o reconhecimento de um aumento de salário, e, conseqüentemente, hoje ou amanhã, sem embargo da decisão favorável da justiça terrena, responderá pelo ato ilícito, porque “ninguém entra no reino do céu sem pagar o último ceutil”.

O crime, ou ato ilícito, ter-se-ia originado da prática de “doutrinas salvacionistas, de teorias extremas e subversivas, em visível contraposição à ordem pública e social”, que só “um Espírita de pouca cultura evangélica e intelectual” subscreve (V. “Partidos Políticos”, Reformador, setembro, 1951).

Uma moral, como se vê, religiosa, estacionária e acovardante, porque amortece, pela ameaça de um castigo futuro, o espírito de iniciativa contra uma ordem social caduca, e liga a nossa responsabilidade à transgressão de uma lei, que não se pode mais considerar lei, porque emana de uma infraestrutura econômica, condenada pela própria moral cristã (resp. 930, Liv. Espíritos).

E tem sido esse o ensino da Federação Espírita Brasileira, anti-patriótico e anti-social, porque aconselha o indiferentismo dos espíritas “pelos” problemas sociais e prega o servilismo, mediante a formal condenação da força

defensiva, ainda sob o fundamento da literalidade de um texto bíblico — “se lhe baterem na face direita, oferece a esquerda”.

O ensino religioso condena o uso da força, por hipocrisia, para o predomínio da força material do governo ou do oficialismo reinante.

Mas, o ensino filosófico encara o uso da força, por sua finalidade, conforme o sentido marxista, no caso. “Não é o emprego da força, mas o fim para que é empregada, o que a torna degradante” (Sidney Hook, apud Divulgação Marxista, v. 14, pág. 164). “A existência do Estado pressupõe a existência de corpos especiais de homens armados, obedecendo à vontade dos que controlam o Estado”. (Idem)

Se esse Estado e a força anti-popular, porque fundado na exploração das massas trabalhadoras, é natural que os explorados, se não são ouvidos em suas justas reivindicações, se organizem, para o uso oportuno da força.

“Em princípio, portanto, o emprego da força, — ainda que sempre perigoso — não pode ser sempre condenado. Ele não conduz mais frequentemente à brutalidade do que a humildade ao servilismo” (Idem)

Jesus não pregou essa humildade, contestada pela expulsão dos hipócritas do Templo, nem, outrotanto, trancou, o uso da violência contra os violentadores. “Quem com o ferro fere, pelo mesmo será ferido”.

É que o conceito da “liberdade evangélica” os religiosos

costumam aferrá-lo a um subjetivismo inoperante, desligado das condições objetivas da sociedade humana.

Ainda agora, o Reformador, março de 1954, prega uma liberdade sui generis.

“O Espírita é livre”, mas “não deve votar em candidatos, cujos princípios colidam com a moral cristã”, o que é conferir-se à moral um caráter faccioso ou, pelo menos, restrito a uma ideologia. Ora, já vimos que a “moral comunista” não é facciosa e consegue os mesmos resultados previstos pelo cristianismo, que aspira a uma organização social, sem desemprego nem mendigos (cit. resp. 930 Liv. Esp.).

Mas, a maior contradição da nota conselheira do “Reformador” ressalta da sua aquiescência ao voto em favor de “Candidatos católicos ou pertencentes a outras expressões religiosas”. Por aí, se submeteria, implicitamente, a liberdade Espírita à moral católica, que, como é notório, combate, sectariamente, o Espiritismo.

O Espiritismo não se subordina ao Estado, seja de que natureza for, porque o Estado é sempre a violência organizada. O Espiritismo respeita as leis da ciência, que pode, ou não, ser aproveitada pelo Estado. A ciência atônica, por exemplo, está servindo de instrumento opressor, nas mãos do governo atual norte-americano, com suas experiências de bombas de hidrogênio, para fins exclusivamente bélicos, a serviço do bárbaro imperialismo.

No entanto, o Vaticano é um Estado Exclusivista, a que

se sujeita o católico, em qualquer parte do mundo. Vale dizer: entre um candidato ateu, que não aceita os fundamentos da moral cristã, mas, de fato, é adepto de um materialismo científico, que a exercita, e outro candidato que prega a “moral cristã”, mas está dependente de um Estado sectário, unido ao capitalismo internacional, que desgraça a liberdade dos povos, a diretoria da Federação Espírita Brasileira prefere o segundo.

Em verdade, o saudoso Guillon Ribeiro, ex-presidente da Federação, preferia “Roma” a “Moscou”. Mas, seria o caso de se saber se ele, como espírito, pensará do mesmo modo.

Num livro medianímico, que dizem ser da autoria de Figner, “Voltei”, o comunicante reconhece os seus erros e a “opacidade de sua alma” (págs. 85 e 117). Ele, comerciante judeu, que era adversário da “ditadura soviética”, não viu, no além, “estabelecimentos comerciais, mas instituições consagradas ao bem coletivo”, sob uma “administração central da coletividade” (págs. 90 e 95). E, ao referir-se a Guillon, anunciou que está recomendara “o esquecimento dos casos pessoais, para fixar a mente no espírito coletivo da tarefa redentora” (págs. 103).

Parece, portanto, que as duas boníssimas criaturas, que eram Figner e Guillon, quando ainda, porventura, não estejam imunes de erros, em matéria de sociologia política, já não pensam, dogmaticamente, como estão pensando os ilustres diretores da Federação Espírita com relação aos problemas sociais, maximè aos relacionados com o Comunismo, de

propósito e com a mais requintada má-fé, adulterado pelos reacionários, servidores, da mais horrenda das organizações de classe, que é a do imperialismo anglo-norte-americano, que fizeram da ONU instrumento de sua maldade.

O espírita, ao contrário do pensamento político do “Reformador”, deve dar uma importância muito relativa à “ordem social” e à respectiva “lei”, e, pois, está no dever de combatê-las, em favor de nova legislação, se elas, evidentemente, não mais exprimem as forças progressistas da Humanidade.

Como poderia um Espírita concordar com a “lei” do governo português, ordenando o fechamento das sociedades espíritas?

No caso lembrado da sentença do juiz de Belo Horizonte, que, pela teoria da “cultura evangélica” da direção do “Reformador”, teria absolvido um “desonesto”, registrou-se um ato de justiça social e cristã.

Efetivamente, a Doutrina Espírita não só reconhece o direito do homem “à posse do necessário” (Liv. Esp. n. 922 e 930), como faz depender dos homens a aplicação das leis da sociologia, fora das quais a Humanidade não sobreviverá (Ob. Pós. pág. 209). “O Espiritismo não cria a renovação social” (Gênesis cap. XVIII, n. 25). “São os homens e não Deus quem faz os costumes sociais” (Liv. Esp. 863).

É claro que nos referimos aos “homens”, como um dos instrumentos das forças produtoras, e não como o seu

“criador” direto.

Mas, a necessidade e a liberdade da interferência humana no progresso social, como é o que queremos relevar, é a melhor contestação ao “neutralismo” da Federação Espírita Brasileira, que, ainda, pelo “Reformador”, março deste ano (1954), sob o título “Partidos Políticos”, reafirmou que — “o Espírita é livre, e as associações espíritas são neutras”,

Destas dez palavras repontam três contradições.

A primeira é que, pela lei natural, homens livres só podem fundar associações livres e não neutras.

A segunda é que “associações neutras” são escolas de homens neutros e não livres. Se uma pessoa jurídica, que é o conjunto de pessoas naturais, adota uma norma, como a da neutralidade, é evidente que a indica, como paradigma, aos seus associados, e é isso mesmo que a Federação aconselha aos espíritas, sob o fundamento bíblico de que “o nosso reino não é deste mundo”.

A terceira é que o homem, e, pois, as respectivas associações, não deve ser neutro, em face das respostas ns. 766, 767, 768, 795, 806, 880, 883 e outras, do Liv. dos Espíritos, combinadas com a resposta 132, pelas quais “o nosso reino é também deste mundo”, porque, “só mediante o trabalho do corpo, o espírito adquire conhecimentos” (Prolegómenos, do Livro dos Espíritos).

Isto significa que o direito de viver é igual para todos, e ele só é possível em sociedade, razão por que — “todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente” (resp. 767). Logo, não existe neutralidade, em face do interesse público ou dos direitos da sociedade nacional, o, que vem apoiar, de sobejo, a nossa tese contra o ensino individualístico metafísico da Federação, pelo qual o progresso deriva da ação individual e não da sociedade, e a ação individual, por sua vez, é mais representada pela iniciativa de espíritos.

Se o progresso é tangido por leis, contra as quais é impotente a vontade humana (é do Livro dos Espíritos, 781), está bem visto que ele resulta de uma ação social, e, por conseguinte, o ensino dos direitos humanos, inclusive do direito à Paz, deve ter um sentido sociológico, e, como tal, para ser efetivo, deve começar pela prioridade da educação das: massas populares, conforme o critério da pedagogia soviética. Eis aí a razão por que a União Soviética é a nação mais culta do mundo, pois basta que se saiba que, na recente inauguração, em Leningrado, da sede de um instituto de Ciências, compareceram 500 astrônomos soviéticos.

Por outro lado, se depende do “trabalho do corpo” a elevação crescente da inteligência espiritual, está claro que não podemos ser metafísicos, à espera da vontade de espíritos. Temos que apelar pelas leis que asseguram a existência do corpo. Essas leis são as da economia, a principiar pelas de produção. Mas, com a produção tem sua origem coletiva, é claro também que ela deverá ter um destino

social, para melhor segurança dos direitos pessoais.

E, desse modo, chegamos às fronteiras do Socialismo, para nele penetrar conscientemente, na hora precisa. As leis do Socialismo foram estudadas, sob os nomes de “materialismo histórico” e “materialismo dialético”, por Marx, Engels, Lênin, Stálin e os seus inúmeros discípulos.

Aplicando, pois, a ciência marxista aos destinos da sociedade humana, estamos concorrendo para a espiritualização da Humanidade, porquanto, diferentemente do que ensina, atualmente, a Federação Espírita Brasileira, sem o prévio progresso material este mundo, o mundo dos espíritos que nos cercam continuará sendo o reflexo do nosso atraso.

Essa verdade, como já notamos, deduz-se mesmo da observação de Kardec, ao asseverar que “o estudo do Espiritismo só podia vir depois da elaboração das ciências” (Gênesis, cit. cap. I, n. 18). Mais preciso ainda é ele quando escreve que “o homem tem por missão trabalhar pelo melhoramento material do planeta”. “Para nutrir essa população, sempre crescente, é preciso aumentar a produção”. Por isso mesmo, as relações entre os povos se fazem necessárias”) (Evangelho, seg. o Espiritismo, comentário à parábola dos talentos).

Ora, caro Leopoldo, o Socialismo é a única solução final do aumento da produção, e, portanto, assegurando o equilíbrio econômico da sociedade, retira da riqueza aquela situação monopolística, que gera “o supremo excitante do

orgulho, do egoísmo e da luxúria”, para usarmos dos mesmos termos de Kardec.

Vale dizer que o Socialismo é a arma mais eficaz contra o egoísmo predominante, uma vez que esse egoísmo não desaparece com o ensino moral cristão, à base exclusiva da reforma do indivíduo, mas à base da reforma social, eliminatória das causas da exploração do homem. Causas objetivas e materiais, e não causas subjetivas.

Nessas condições, o cidadão não pode isolar-se, para se declarar neutro, porque ele, como agente das forças progressistas da sociedade, precisa defendê-las contra as forças obscurantistas.

A neutralidade só se concebe no meio de um jogo de interesses particulares, como as questões de partidarismo faccioso, mas nunca perante os altos interesses da nação e da Humanidade.

A Federação Espírita Brasileira, como todos os Centros congêneres, é neutra, na luta das competições partidárias, mas não pode sê-lo, de direito, nas lutas em favor da Paz e dos movimentos reivindicatórios da independência e emancipação do Brasil, contra as tentativas escravocratas do imperialismo norte-americano, e muito menos na campanha mundial contra o emprego das bombas atômicas e outras armas de destruição em massa.

A sua “neutralidade”, pois, — repitamos — negando os seus salões a conferências em defesa desses princípios

humanísticos, atenta contra o espírito da Doutrina Espírita. E esse erro é uma consequência do religiosismo e da educação individualista mística, que transparece, de fato de várias passagens de Kardec, mas que, no fundo (e o “Espiritismo é uma questão de fundo”, no exato pensamento de Kardec), não pode prevalecer, diante das verdades práticas do Socialismo, que se identifica muito mais com a lei natural do que o regime capitalista (dedução lógica da resposta 795 do Liv. dos Espíritos).

Eis por que devemos ter cuidado na interpretação dos Livros de Kardec, e de certos comentários pessoais de Kardec, pois, como mostramos, não raro contradizem as leis do progresso atual, a que a doutrina tem de se cingir (Gênesis citado, n. 55, e n. 781 Liv. Esp.). Foi isso que fez V. dizer que estávamos “colocando Kardec em plano inferior aos doutrinários comunistas”, e o considerando “contraditório e sem lógica”. Nada disso, meu bom amigo. Procuramos defender a boa causa da doutrina cristã, que tem sua vanguarda no néo-espiritualismo.

Vamos lhe mostrar mais uma contradição de Kardec, ao comentar a “desigualdade das riquezas”. Hoje, Kardec não comentaria o problema daquele modo, completamente subjetivo, em desacordo com as verdades práticas da doutrina socialista, sustentada pelo Marxismo.

É falsa a razão, que ele subscreve, da diferença entre pobres e ricos. É falso o conceito da desigualdade, que toma como uma necessidade, porque a igualdade nos privaria do

“agulhão das descobertas e empreendimentos úteis”. Esse conceito não combina com as perspectivas da felicidade humana, ditadas pelas respostas n. 922 e 930 do Livro dos Espíritos, e está desmoralizado pela experiência socialista da União Soviética e dos países da Democracia popular, onde a igualdade, que é a oportunidade de iguais condições pela posse do necessário à vida, tem sido o estímulo da maior luta pela fraternidade e pela expansão do saber.

Eis porque a “cultura evangélica” não passa de uma “cultura” de citações bíblicas, sem nenhum resultado prático no progresso dos povos, se ela não vier acompanhada da cultura sociológica, como a do Marxismo, que é de uma “lógica assombrosa” na explicação dos fenômenos sociais da Humanidade.

Nesse particular, os espíritas do Brasil estão bem atrasados, por influência mesmo do misticismo da Federação Espírita Brasileira.

[Influência reacionária do ensino religioso da Federação Espírita Brasileira, nos meios espíritas. Um belo estudo de Aníbal Vaz de Melo](#)

Agora mesmo, lendo, por acaso, um artigo de Noraldino de Melo Castro, em “Mundo Espírita”, de 24-5-54, sobre a “concepção evangélica de Liberdade”, observamos o seu alheamento às verdades do Marxismo, ao declarar que — “o Marxismo é materialismo naturalista”. E, entre aspas, que “é Hegel decapitado”. E, ainda entre aspas, que é a “ditadura de uma nova classe”, perante a qual “de nada valem os direitos e as liberdades do indivíduo”. E acrescenta, como resultado

de opiniões de terceiros (como se infere das aspas), este absurdo: “É teórico e excessivamente ideológico. “Dentro de seu materialismo histórico, não há cabida para nenhum ideal e nenhuma verdade, no sentido em que sempre foram entendidas, de Sócrates a Hégel”.

Não se compreende uma doutrina “excessivamente ideológica”, sem “nenhum ideal”.

Seria absurdo que Marx combatesse as ideias e, pois, as ideias da perfeição humana. A filosofia marxista afirma que, originariamente, a matéria precede às ideias, mas que, pela evolução, estas infletem sobre as relações de produção, provocando novas concepções, novas teorias, novas instituições, a serviço da perfectibilidade cultural da civilização.

Certo está Aníbal Vaz de Melo, na interpretação do Cristo, em seu livro “Cristo, o maior dos anarquistas”. É um livro que todo espiritualista precisa ler com alma. Tirantes dois equívocos sobre a suposta identidade entre a anarquia e o Comunismo (quando cita Krishnamurti, para dizer que “o problema mundial é o problema individual”) e o louvor à doutrina de Malthus, “genial” (nota à pág. 233), condenada, entretanto por Marx, — não resta dúvida que o Autor harmoniza o sentido do Evangelho com a ciência moderna. “O Comunismo prepara o mundo para o Evangelho”, escreveu ele. Foi como já argumentamos. “Os soviets estão realizando, no terreno da economia aplicada, os fundamentos da sociologia avançada do Evangelho” (pág. 181).

O eloquente escritor demonstra que “materialistas não são os marxistas”. “Materialista é a suntuosa Igreja de Roma”, e, conseqüentemente dizemos nós, são também os espíritas que pregam o neutralismo, uma antítese das leis da energia, do movimento e da evolução, e a defendem, por uma falsa ideia da matéria e do espírito, desunindo-os intempestivamente, para fazer do homem um autômato!

A leitura da obra de Anibal Vaz de Melo entusiasma o leitor, pela grandeza que ele soube emprestar à personalidade de Jesus, transformado em militante do humanismo e da espiritualização da Humanidade.

Ao passo que o ensino apregoado pela Federação Espírita Brasileira é presunçoso, sectário, místico, involutivo.

Veja-se, por exemplo (V., Leopoldo, note que argumentamos com os fatos), esta tirada, em “Reformador”, julho de 1947, do fluente Ismael Braga, sob o pseudônimo de Cristiano Agarido (dizem que Herédia de Sá preferia a qualidade à quantidade da produção literária, motivo por que só elaborou, de verdade, um livro de poesias, e é o que a Editora da Federação devia imitar: produzir pouco, porém bom, e não essa prolifera “literatura medianímica”, que, em regra, só tem fraseologia ôca, que não nos orienta no conhecimento prático da vida de relação). Anunciou o ardoroso espírita que “nenhum valor teria qualquer decisão, ainda com unanimidade de votos,

a) Se atacasse a “maior obra evangélica do mundo”, os Quatro Evangelhos, de Roustaing, porque seria repudiar a

crença na mediunidade¹³;

b) Se proclamasse que o Espiritismo é apenas ciência e não religião;

a) Se abolisse o uso da prece.

Essas decisões pecariam pela base, — assinala o comentarista — porque o Espiritismo é sempre dirigido pelos Espíritos e não pelos homens. Mas, como vimos, não é esse o caminho da realidade: O Espiritismo foi uma revelação de espíritos, para nos preparar a felicidade com uma filosofia consoladora, diante do fenômeno da morte e nos ensinar que o Espírito “é uma das forças da Natureza”, força que se manifesta encarnada e desencarnadamente. Daí, por que “o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente”. Assim,

¹³ “Revelação”, quando muito, cria hipótese, para estudo confirmativo, mas nunca, por si só, uma verdade científica. Está no caso a “revelação” de Roustaing. Do contrário, teríamos de acreditar, igualmente, na obra “A vida de Jesus, ditada por ele mesmo” em 1885, através de uma médium francesa. Essa obra foi traduzida, também medianimicamente, pelo Dr. Ovídio Ribaudi, e mereceu os mais calorosos elogios de personalidades espíritas, inclusive da “Sociedade Magnetológica do Paraguai”, da “Sociedade Científica de Estudos Psíquicos” e do “Instituto Metapsíquico, de Buenos Aires.

Essa obra indica a genealogia humana de Jesus, mas o autor foi sincero e lógico, ao declarar: “Se bem que não se trata de um trabalho científico, a direção da Revista julgou conveniente publicá-lo, à vista dos juízos unanimemente favoráveis que, de todas as partes lhe chegam, a respeito da obra, cuja origem medianímica, por outro lado, lhe empresta feição especial, que não se encontra em nenhuma outra história da vida de Jesus (Vide: O Ribaudi — “Vida de Jesús dictada por el mismo”, 10ª ed. castelhana, Editorial Kier, Buenos Aires).

É o caso de perguntar: qual das duas medianimidades, a verdadeira? Ambos os ditados contam com outras manifestações favoráveis, mas com o mesmo gênero de “prova” — as “revelações”... Portanto, até o momento, a personalidade fluídica de Jesus é uma questão de fé religiosa, porque não gerou uma convicção científica, numa BASE DE FATOS, sobre os quais se ergue a filosofia espírita, segundo Kardec. (Vide artigo, bem lançado, de J. Herculano Pires, retro citado).

“o Espiritismo é o estudo das leis do princípio espiritual”, e “a Ciência — o das leis do princípio material” (Gênesis, cit. n. 16).

Mas, como o Espiritismo reconhece o monismo universal ou a “unidade da Natureza” (resp. 540 e 607, e Introd. Liv. Esp.), pode-se dizer, por isso, que a Ciência é uma só, e, pois, o Espiritismo é ciência e só ciência, ainda que sob terminologias diversas.

A vida planetária, ou a obra da civilização, é trabalho dos homens e não dos Espíritos, que, apenas, influem nos nossos destinos, excepcionalmente, em determinadas circunstâncias.

Não fosse assim, desapareceria praticamente a teoria do livre arbítrio, consagrada pela Doutrina Espírita. E, todas as vezes que os governos se sentissem em dificuldade, invocariam os “guias protetores” da Nação.

No entanto, os estadistas da U.R.S.S. dispensaram a religião na sua obra construtiva, que é a mais monumental da História, e que fez do povo soviético o mais instruído do mundo,

Se os Espíritos, amigos da paz, determinassem a orientação da história, certamente já teriam suprimido as guerras.

Por que é que o “Guia Ismael”, da Federação Espírita Brasileira, não traçou, ainda, uma diretriz sociológica para o Brasil? Pelo contrário: as recomendações políticas em que se inspira o “Reformador”, revista da Federação, nos

encaminham sempre para o amofinamento e o misticismo, como se vê da nota “A situação política”, outubro, 1945, na qual o conselheiro Emmanuel nos apresenta como “provação” a tarefa política, porque a missão do espírita “é consolar e instruir em Jesus” e “não trocá-la por um lugar no banquete dos Estados”, em que “todas as organizações do mundo são passageiras, em face da necessidade da renovação” (linguagem, inconsequente e confusa) “de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal, depreendendo-se daí” (nova confusão logomáquica) “que a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no espírito das criaturas”.

Em síntese, o conselho é pelo afastamento da Política, porque só nos integramos na lei do professo, se construirmos a felicidade geral na base do espírito das criaturas. Quem é que entende esse galimatias?

E V. ainda a repetir que “o Espiritismo não precisa de *ista*, porque resolve tudo”!

São essas coisas, deseducativas e frívolas, que arrastam os espíritas ao ridículo.

Ismael Braga, de uma feita, condenou o materialismo do Comunismo, porque era intolerante, não permitindo a disseminação da Doutrina Espírita na União Soviética.

Não é verdade. Todas as religiões vivem à vontade, ali.

O que se não permite é a intromissão indevida dos

sacerdotes, como sacerdotes, na política. Nem seria lícito que as associações religiosas fossem pregar ideias anti-democráticas e anti-pedagógicas, capazes de criar o apoliticismo, o mussulmanismo e a indiferença do cidadão, ante quaisquer explorações contra os direitos do povo¹⁴.

A Federação Espírita Brasileira, e a Memória de Augusto Elias da Silva

E são, infelizmente, essas ideias reacionárias o que a Federação Espírita Brasileira prega. Tanto assim que, de seu seio, não se levantou ainda um protesto contra o despotismo, do governo português fechando as sedes das associações espíritas de Portugal!

O “Reformador”, que Augusto Elias da Silva, em 1883, considerou um “órgão evolucionista”, passou a ser, em 1954, órgão “involucionista”, ao se denominar “mensário religioso de Espiritismo Cristão”. Essa obra de Augusto Elias da Silva, português, “caráter rígido e sempre disposto a defender os oprimidos”, na frase do seu biógrafo (homenagem do “Reformador”, de janeiro deste ano), involuiu, de fato, com o

¹⁴ O cineasta Alberto Cavalcanti esteve na União Soviética, e, em entrevista concedida a “Encontro” (N.º 1), de Recife, declarou que, ali, “a liberdade religiosa é a mais completa”.

Da mesma forma que Olímpio Guilherme, em “U.R.S.S. & U.S.A., reconhece a dificuldade do ocidental em julgar a União Soviética, que “é um mundo à parte”, “único país que conseguiu transformar, de alto a baixo, toda a estrutura social, econômica e política, sobre a qual se assenta a existência de um povo” (páginas 225-226), assim também Alberto Cavalcanti se sentiu tão impressionado com a viagem, que não duvidou da estranheza que suas palavras causariam a certos brasileiros. — “Mas, quando se chega lá, ACONTECE uma modificação na gente, fica-se impregnado de uma espécie de pureza, de grandeza, não sei direito o que é. Alguma coisa se modifica por dentro. Eu estou pensando na caçoada que estas bestalhões anti-comunistas farão, se lerem isto, que estou lhe dizendo, mas acredite que a gente se sente outra pessoa”.

simples cotejo das atitudes de ontem e de hoje.

“Afrontando o reacionarismo então dominante, esta folha, desde os seus primórdios, se bateu pela emancipação dos escravos é pela autonomia do Distrito Federal, afirmando, várias vezes, NÃO SER DIGNO DO NOME DE ESPÍRITA QUEM QUER QUE POSSUÍSSE CRIATURAS HUMANAS SOB O REGIME DA ESCRAVIDÃO”.

São palavras de entusiasmo com que o Reformador, de janeiro, deste ano, evocou a memória do iluminado Augusto Elias da Silva.

Hoje, a Federação, negou-se a assinar um memorial, em 1945 (mais ou menos nessa época), dirigido aos constituintes, contra o casamento religioso e pela laicidade do ensino, porque — alegação de seu presidente Guillon Ribeiro — não adiantava, no caso, a intervenção dos homens: “se os padres teriam ainda de dominar no Brasil, era porque assim Deus o queria”.

Hoje, ainda, a Federação, sob um falso fundamento de “neutralidade”, não se move, em face do perigo de uma ESCRAVIDÃO maior, como já evidenciamos, qual a da ameaça do novo imperialismo norte-americano. E vai ao ponto de equiparar à “agitação partidária” ou “facciosa”, contrária é “ordem social”, os movimentos reivindicatórios do Brasil, como os da luta dos “Partidários da Paz” e da “Liga de

Emancipação Nacional”, E os equipara — é bom relevar essa falta de cultura geral e evangélica — a movimentos subversivos, porque colhera a informação mendaz, na indústria de publicidade dos mesmos escravizadores imperialistas !!

Ontem, a 23 de dezembro de 1889, era a Federação Espírita Brasileira, que, por unanimidade de votos, enviava, ao Governo Provisório Brasileiro, uma mensagem de congratulações pelo advento da República, com a assinatura dos Drs. Dias da Cruz, Pinheiro Guedes, Augusto Elias da Silva e outros. Assunto puramente político.

E agora? A doutrina é a do silêncio, a do abstencionismo da vida sócio-política, porque os “esfloramentos” mensais do Evangelho, pela voz do Além, de Emmanuel, que ainda conserva ideias dos tempos de Roma, aconselha a prioridade das atividades do homem no campo do misticismo, por ser o roteiro da nossa salvação.

Entre parêntese: não vá V., imitando o costume de dirigentes da Federação para com os adversários, envolvermos entre as vítimas dos “obsessores”, como pretendeu envolver Elmira Lima, que, dentre outras coisas lhe chamou, aliás sem razão, “papa do Espiritismo” (pág. 148, “Caravana). Não duvidamos ser vítima deles, mas, na espécie, V. há de verificar que não estamos falando dogmaticamente, mas combatendo o dogmatismo de espíritas no seio da veneranda Federação Espírita Brasileira.

Voltando ao Exemplo Concreto, do Juiz de Minas

Mas, voltando, de novo, ao caso do juiz de Minas, absolvendo o “ladrão”, queremos completar o nosso raciocínio.

Sem o estudo da ciência materialista do Marxismo, não poderemos julgar esse simplicíssimo e vulgar incidente da vida diária social, à guisa de um microscópio, vê-se, pela lente do Marxismo, que a pessoa do “ladrão” desaparece, por completo, diante do volume da ladroagem em geral. E. isso nos leva a não qualificar também de “ladrão” o patrão ou empregador, porque a vontade humana, sociologicamente falando, é um reflexo do sistema de relações econômicas.

Portanto, aplicar a ciência marxista, fora do âmbito religioso, como deve sê-lo (V. resp. 793 Liv. Esp.), ao desenvolvimento da sociedade, é estar servindo à causa da nossa espiritualização, que começa pela arte de instruir a inteligência nas realidades da vida de relação, e não num sistema de moral subjetiva, que apouca, desfibra e atrasa o esforço do Conhecimento.

E nem se diga que o ato de juiz de Minas Gerais ferisse dispositivos da doutrina cristã, que, como dissemos, não repele as ideias progressistas do Marxismo, conforme se observa deste passo do Livro dos Espíritos, resp. 808: “Busca a fonte de tal riqueza e verás se é sempre pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça?”

Esse exemplo da “apropriação indevida” do empregado e outros muitos (greve, carestia da vida, roubos, furtos, misérias, assassínios, degradação sexual, etc., etc.) formam uma cadeia de fenômenos sociais, cuja etiologia não compreenderemos através das simples leituras dos livros de Kardec, que, aliás, reconheceu que “o Livro dos Espíritos não esgotou a série das questões de moral e filosofia” (Liv. Med., 343). Donde, ser necessária uma nova reforma do cristianismo na base dos novos progressos da Ciência.

Daí, a ideia de uma Convenção nacional a que já nos referimos.

A Base Imutável das Coisas

Como já dissemos, João Mangabeira, no seu eloquente discurso de paraninfo da turma de bacharéis de direito, da Bahia, em 1944, sobre o conceito da Democracia, mencionou este “profundo pensamento de Rui Barbosa”: “Todas as coisas mudam sempre sobre uma base que não muda nunca”. Assim, as Democracias mudam sobre a base imutável da maioria de votos livres. Qual a base, que relativamente não muda, do Marxismo? É a base econômica. Toda a superestrutura social é uma consequência da infraestrutura econômica. A produção, abrangendo as forças produtivas da sociedade e as relações de produção entre os homens, estereotipa a natureza moral da sociedade, através de suas ideias, suas teorias e instituições. A história dos povos é a história da sua produção, é a história das massas trabalhadoras. E o progresso que daí resulta é um efeito da transformação das forças produtivas e

consequente mudança das relações de produção. E essa mudança, por sua vez, determina novos modos de pensar, novas relações sociais, que infletem, outrotanto, sobre a natureza das forças produtivas, por uma lei de reciprocidade natural.

Foi o que fez Engels dizer:

“A produção econômica e a estruturação social, que dela se deriva necessariamente em cada época histórica, constitui a base sobre a qual repousa a história política e intelectual dessa época”.

Numa fórmula ainda mais sintética escreveu Stálin: “Conforme vive o homem, assim pensa ele” (Hist. do P. C. da U.R.S.S., pág. 167 e 176).

Dissemos que a base é imutável, relativamente, porque, em verdade, pela própria lei do movimento universal, nada é imutável. Imutável, sim, mas durante certo ciclo da história, quando se alcança o equilíbrio, imposto pela mudança revolucionária do antigo sistema de economia social. Isto quer dizer que, pela filosofia do Marxismo, “a única coisa imutável é a abstração do movimento” (Idem).

[O Materialismo em Função da Espiritualidade, e a Moral Comunista](#)

Mas, como se depreende desta pequena exposição (em que receamos claudicar, porque o Marxismo é uma coisa muito séria, uma árvore imensa, de que procuramos tirar apenas umas folhas, para mostrar a cor de sua vivacidade), o Materialismo

histórico é uma doutrina, em função da espiritualidade: não faz da economia o fim da sua jornada. Pelo contrário: condena o materialismo vulgar, o utilitarismo, o sensualismo, que esses, sim, pela Doutrina Espírita, é que são os inimigos da espiritualidade, porque pervertem as relações fraternais e aguçam as setas do egoísmo.

É por isso que os comunistas combatem a poligamia e a restrição à natalidade, porque entendem que as leis do progresso saberão criar, necessariamente, novas condições de vida, eliminatórias dos receios da super-população.

A educação da moral comunista, doutrinou o escritor soviético V. Kolbanovskii, está dirigida para a criação de relações entre os homens, baseadas nos princípios do humanismo socialista”. “As ideias de auxílio mútuo, de amizade sincera, das relações fraternais, e do profundo respeito pela dignidade da personalidade humana, devem tornar-se características de todos os operários” (Rev. Divulgação Marxista, v. 14).

E, para combater os males do egoísmo, os marxistas reclamam a queda da velha e caduca sociedade capitalista, como a responsável por tais males.

“A aniquilação da propriedade privada dos meios de produção, a libertação do trabalho da exploração, são

as bases seguras do futuro desenvolvimento progressivo da moral comunista, da libertação dos homens de todas e quaisquer sobrevivências de bestialidade que, durante séculos, eram apoiadas, cultivadas e fortalecidas, nos homens, pela sociedade exploradora” (Idem).

Está vendo, pois, V., nosso caro Leopoldo, que o chamado “comunismo ateu” é uma exploração da indústria anti-comunista, porque a liberdade natural do pensamento (liberdade para explorar o próximo não é liberdade, os exploradores são liberticidas) é inerente à moral comunista.

É bem verdade que há comunistas presunçosos, da espécie dos radicais e ortodoxos. Mas, como já revelamos, Marx repelia a qualidade de marxista, para que, assim, nós só respeitássemos as leis naturais do desenvolvimento da sociedade, eis que variam. Por isso, o Marxismo pode sustentar um princípio, em determinada época passada, mas, hoje, o desaceitar.

Recomendamos-lhe, a propósito, a leitura do opúsculo Problemas econômicos do socialismo na U.R.S.S.”, um livro formidável, de menos de cem páginas, de Stálin, que era estadista e escritor.

Em resumo: a moral comunista, como ela é, independentemente dos princípios filosóficos do Marxismo sobre a Natureza, está dentro da moral Espírita ou cristã,

A moral Espírita não pode renegá-la, sob pena de contradizer os fundamentos da criação da Humanidade e dos direitos humanos, fundamentos esses consagrados pela essência da Doutrina Espírita.

Onde a Diferença Entre a Moral Espírita e a Moral Comunista

A recíproca, porém, não se verifica, — e, aqui, é que começa a disparidade —, isto é, a moral comunista não abrange a moral espírita, por causa das diferenças filosóficas sobre a concepção da matéria e do espírito, em relação ao imortalismo.

O Comunismo não é filosofia. A filosofia é do Marxismo, que tenta explicar os fenômenos da Natureza por um prisma materialista, com exclusão do espírito autônomo, cuja existência ela não admite. Por isso, é evidente que se distinguem o Comunismo — uma instituição social, provinda de desenvolvimento da História - e o Marxismo, que é o estatuto das leis, estudadas, desse desenvolvimento.

Como o estatuto, de qualquer modo, é uma sistemática da inteligência humana, não é de admirar que ela falhe na explicação de vários fenômenos.

Se a base fundamental do Marxismo é a segurança da personalidade humana — razão da solução econômica —, a base imutável da filosofia espírita-cristã repousa na: imortalidade do espírito, razão por que “o Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual” {Gênesis, cap. 1, n. 16), sem, contudo, desprezar os objetivos do princípio

material, e, pois, concorda com as verdades do Marxismo.

“O elemento material e o espiritual são as duas forças vivas da Natureza” (Kardec). “Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.”

A filosofia do Materialismo dialético, porém, reconhece a indissolubilidade, não pelo dualismo, mas pelo monismo, da Natureza material. A inteligência, o espírito, o pensamento, tudo não passa de manifestações ou reflexo do corpo,

Quer dizer: a morte é o túmulo da nossa felicidade. E é aí que a moral Espírita leva vantagem à moral marxista.

“A evolução — desenvolvimento dialético — não se detém, nem mesmo no regime socialista. Ao coletivizar a produção, ao resolver as contradições sociais, ao elevar a cultura, o regime socialista vai destruindo as classes sociais, e, entre elas, o próprio proletariado como classe, criando as premissas para uma sociedade sem classes, a sociedade comunista, em que todos serão igualmente trabalhadores, sem distinção de manuais ou intelectuais. Terminará, aí, o processo histórico? Não. Terminarão, sim, as lutas de classe, com o desaparecimento das mesmas, mas perdurarão as contradições. Forças humanas e forças naturais, ignorância e Ciência, paixões e raciocínio, etc., continuarão provocando, já agora, numa evolução pacífica, novos e maiores progressos”.

São palavras de Harari em “Estudo do Marxismo”.

Como se vê, o Comunismo não completa a felicidade,

porque não expungirá as paixões deste mundo. Assim como um lar faminto é um lar sem paz, assim também um lar ferido pela morte é um lar sem paz espiritual. O Comunismo nutre a paz social, mas não nos preserva das dores que a morte de entes queridos nos causa. Essa paz de espírito, entretanto, o Espiritismo no-la outorga, porque, para ele, a morte não é o termo final da vida, mas uma ressurreição. Por isso, ele é, realmente, a doutrina-moral consoladora por excelência,

Uma vez que, pelo Marxismo, o espírito autônomo é uma quimera, o homem — que esse é que é o espírito, para os marxistas — não tem limites à sua liberdade moral, senão os opostos pela igual liberdade de terceiros ou da sociedade.

Quer dizer: o homem não responde por seus desvios da natureza, por suas paixões, por seus crimes, se tais atos se exercerem, sem o conhecimento de alguém. E, dessa forma, ficariam sempre impunes as nossas maquinações infernais, animadas pela certeza da sua irresponsabilidade.

Pela Doutrina Espírita, não. Ela, além de alimentar o nosso dever cívico para com a Pátria e os direitos humanos (ou digamos: — “dever do respeito aos princípios da moral comunista”), condensa mais ainda, na consciência de cada ser, o sentimento da sua responsabilidade perante o espírito imortal, o que será o mesmo que dizer — “perante Deus”, não o Deus pessoal da mitologia, mas um Deus, que não poderemos definir, mas que sentimos, por força da lei de causalidade: todo efeito tem uma causa. Se o fenômeno Espírita revela um efeito inteligente, certo é que existe uma correspondente causa

inteligente na história, ou na evolução, ou, como queiram, na dialética da Natureza.

Essa convicção humana no poder das forças do espírito imperecível, perante o qual prestaremos as contas dos nossos erros, sejam eles vistos, ou não, por outrem, ou definitivamente encobertos da sociedade, purifica muito mais a mente humana, e embeleza muito mais o sentido da fraternidade do que a moral materialista do Marxismo.

Eis como podemos, salvo melhor juízo, mostrar as vantagens da moral Espírita sobre a moral marxista.

É bem verdade que Lênin admite a purificação espiritual do homem pela convivência da paz social do Comunismo.

A convivência criará uma segunda natureza moral, pelo hábito, em face do que as paixões, a que nos referimos, se extinguirão naturalmente.

Em primeiro lugar, a tese depende de confirmação, pois o mundo ainda não conhece o regime do Comunismo.

Em segundo lugar, existe, o fenômeno da morte, que o Comunismo um não impede.

Em terceiro lugar, mal algum traz à sociedade a crença espírita (nos termos em que ela deve ser colocada, sem credices, nem religiosismos), desde quando ela, como o espírito do verdadeiro cristianismo, aceita o regime comunista ou qualquer regime de cooperação fraternal entre os povos.

Conclusão

Parece que, diante do exposto, situamos, nos seus devidos lugares, os problemas do materialismo científico e do Espiritismo ou neo-espiritualismo (ou Espíritologia, ou Escatologia, como escreveu o citado Mac Maynard “O Espiritismo tornou a Escatologia dos teólogos numa ciência positiva”).

O Marxismo não é dogmático, e, pois, não pode, aprioristicamente, arredar do estudo os fenômenos espíritas. Engels, em “Dialética da Natureza” os fulminou, por ilusórios.

Mas, está documentadamente provado que eles existem.

Resta, pois, à Ciência materialista ortodoxa demonstrar que o fenômeno não se relaciona com a existência do Espírito, por ser um produto exclusivo do pensamento cerebral do homem. A teoria de Pavlov não basta ainda.

Como o Espiritismo também não é dogmático, (Ob. Póst. pág. 245), não poderão os espíritas tolher a liberdade dos dentistas, como pregam certos centros espíritas, negando suas sedes à discussão de temas, que não importem na aceitação do Espiritismo.

Para evitar esse carrancismo foi que, ao elaborar os estatutos de um “Centro de Cultura Espírita”, de Ilhéus, consignamos este parágrafo: “De acordo com o lema cristão — “instrui-vos e amai-vos” — a sede da sociedade, a critério da diretoria, pode ser facultada a conferências e debates

sobre (emas sociológicos, relacionados com a filosofia espírita, ou com a cultura em geral”.

Em suma: confirmamos a nossa carta, por seus fundamentos objetivos. Confirmamos nosso parecer sobre as virtudes pessoais de Leopoldo Machado, e os seus serviços à causa espírita.

Discordamos, porém, da sua orientação doutrinária, pelo modo por que supõe unificar o Espiritismo. Nem a transcrição, que fez, em “A Caravana da Fraternidade”, da nossa carta a Júlio de Abreu, o favorece, para, assim se deduzir uma nossa contradição. Aliás, não sentimos nenhum constrangimento em desdizer-nos, porque costumamos nos submeter às razões justas de uma crítica fundamentada. Pensamos, de fato, que o Conselho Nacional da Federação poderia provocar uma reforma do Espiritismo, como V. a prevê no final do seu “A Caravana da Fraternidade”.

Mas, se o Conselho persistir no mesmo conservadorismo apático e religioso da Federação, é claro que quem com a razão estava era Sousa do Prado, que nos sugeriu uma nova organização, não para “combater” a Federação, propriamente, mas para defender o sentido realístico, sociológico e evolutivo da doutrina, E isso está certo, em face das razões desta carta e da nossa anterior ao amigo.

Não se compreende uma unificação com o exclusivismo adotado pela Federação, embora, nisso, não haja interesse pessoal dos seus ilustres diretores, senão uma compreensão

com que muitos confrades não combinam. Nesse caso, a não haver acordo, cada dissidência respeite a liberdade alheia, porquê, no fim de tudo, vencerá a verdade mesma, ainda que, na luta, transcorram séculos, que nada são diante da eternidade da vida.

Mas, o princípio unificador deveria começar pelo uso comum da sede da Federação. Todas as correntes espíritas, inclusive a “Sociedade Medicina e Espiritismo”, deveriam gozar da faculdade de fazer da Federação a sede de suas palestras e de sua atividade. O prédio, assim, se constituiria em prédio do Espiritismo, no Brasil.

Eis o que tínhamos a dizer sobre a sua resposta à nossa carta de 2 de setembro de 1953, e sobre o seu livro “A Caravana da Fraternidade”, que lemos com prazer.

E para que V. não repita que depreciamos o Espiritismo, em relação ao Comunismo, terminamos está com as mesmas palavras da carta anterior: — “Não falei, dogmaticamente, nem procurei argumentos, com raízes em minha cabeça, o que seria despautério, mas NO ESPÍRITO DA DOUTRINA ESPÍRITA, QUE ESTÁ ACIMA DE TODOS NÓS”.

EUSÍNIO LAVIGNE

IV

Natureza Sociológica da Paz

1 — Grande número de espiritualistas, — católicos, protestantes, espíritas, etc. — atribui ao “Movimento dos Partidários da Paz” uma atividade de ordem particular,

exclusivista ou política (sentido facioso), e, por isso, dele se afastam, em boa-fé.

Eis aí um profundo erro de observação, — consequência da nossa falta de cultura política.

A Lei da Evolução e a Paz

2 — Desde os estudos preparatórios, ou secundários, os alunos dos nossos estabelecimentos de instrução ouvem dos seus professores, como nós ouvimos, há mais de 50 anos, no afamado e extinto Colégio de S. José, do saudoso e benemérito Dr. João Florência Gomes —, que existe a lei da evolução, também chamada lei do progresso.

Por ela, a agricultura, a indústria, a engenharia, a medicina, os sistemas de viação e de comércio, as medidas sanitárias, a arquitetura, as modas, os costumes, as ideias, as filosofias, as artes, o Direito, tudo, enfim, que serve ao ser humano — da natureza viva às relações sociais — sofre os efeitos dessa lei do movimento eterno. Os pensadores e moralistas, seja Pitágoras, ou Jesus, Giordano Bruno, ou Fourier, Marx, ou Spencer, Comte, ou Allan Kardec, todos, espiritualistas ou materialistas, focalizam a existência dessa lei natural.

3 — A sua interpretação pertence à filosofia, que se divide, nesse particular, conforme determinados pontos de vista, e métodos de análise.

Mas, de qualquer modo — ou por considerações do Idealismo ou do materialismo —, o certo é que, independentemente das discussões filosóficas, os nossos

atos e, pois, as ideias que lhes correspondem, se modificam com o fato da transformação da economia social, de que depende, sem restrições pessoais, a vida do homem. Vimos, em verdade, como as descobertas científicas revolucionaram os hábitos da vida de relação, desde o concernente à defesa da saúde, ao manejo dos instrumentos de trabalho.

4 — Desse jeito, forçosamente havemos de admitir que —, se todas essas modificações emanam de uma lei (de Deus, para os espiritualistas, ou da matéria energética, para os materialistas), e se, reciprocamente, elas influem no domínio da matéria e do espírito ou pensamento —, o “Movimento Mundial da Paz” é um efeito dessa lei, que atinge a sociedade naturalmente. Ele exprime um impulso incoercível, de legítima defesa, da sociedade, ainda que indivíduos ou grupos de interessados não se conformem com o fenômeno, que não é obra de ninguém. À paz deixou de ser, como outrora se ensinava, o reflexo de concepções individuais, para revelar-se militantemente, um fenômeno, um problema de natureza social.

A Onu e o Movimento Mundial da Paz

5 — De fato. Que motivo provocou a organização defensiva da Humanidade, através da ONU — iniciativa dos Governos?

Diretamente, a ideia nasceu da ascensão das forças democráticas que derrotaram o fascismo. E, indiretamente, da revolução do pensamento filosófico, deixando o ocaso do individualismo para a aurora do Socialismo.

E que motivo provocou a organização do “Conselho Mundial da Paz”, iniciativa extraoficial? Diretamente, quem a provocou foi a reação fascista, empinando-se contra as ditas forças democráticas, a ponto de desviar de seus fins a Organização das Nações Unidas (ONU), como é prova a guerra da Coréia, a mais iníqua das guerras, tangida pelos fascistas norte-americanos, e alimentada à custa da ONU.

E, indiretamente, a criação do Conselho Mundial da Paz teve a mesma origem que presidiu à da ONU, isto é: o pensamento democrático, voltado para a primazia dos direitos do povo, em consequência da grande revolução no campo da filosofia, reagiu contra o restabelecimento do fascismo.

6 — Dantes, quando do liberalismo econômico, na era subsequente e vizinha à queda do feudalismo, as liberdades públicas e individuais logravam um clima de segurança. Hoje, esse liberalismo está sendo tragado pelos monopolistas dos *trustes* internacionais, que, para sobreviver, militarizam a economia dos países que dominam.

Vale afirmar: a moderna luta pela Paz, com o seu caráter ativo, popular e universal, adveio, em última análise, de uma crise econômica do liberalismo, que passou de liberal a opressor, escudado na ideia antiga da segurança da Paz pela força, consoante o lema do Direito Internacional — *si vis pacem, para bellum*.

Acobertando-se nessa caduca doutrina jurídica, os *trustes* macularam a ONU, dominando-a, como o provam as guerras da Coréia, do Viet-Nam, o Pacto do Atlântico Norte, e

o chamada Exército Europeu. Todas essas ações belicosas têm por pretexto a defesa da paz contra supostos agressores.

Em face da descaída da ONU, a Humanidade, por seus elementos representativos, reagiu. Surgiu, em resultado, o “Conselho Mundial da Paz”, e seguiu-se o histórico “Congresso dos Povos pela Paz”, em Viena, dezembro de 1952, com as suas resoluções por “um pacto de Paz entre as cinco grandes potências” — Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, China e França. Prevaleceu, então, a ideia de que os desentendimentos internacionais podiam resolver-se mediante negociações, e não pela violência da força material. O “Congresso dos Povos” enterrou o velho princípio do Direito Internacional — *si vis pacem, para bellum* — e o substituiu pelo *si vis pacem, para pacem*, para usarmos da expressão feliz do professor Sampaio Dorea.

7 - Assim como o mundo da economia caminha para o Socialismo, em virtude da lei natural do Progresso, assim também o mundo das ideias, como o conceito da Paz, evolui para um sentido mais alto, do particular para o geral.

Nas condições internacionais do momento, clareado por ensinamentos da sociologia, a isolada vontade humana, por si só, perdeu sua força moral nos destinos da História. A História: não se guia por leis convencionais, da autoria de homens, por mais respeitável que seja o seu saber individual, mas por leis científicas, que determinam a marcha dos acontecimentos.

Se, pois, para a vitória do Socialismo, que é a ciência da sociedade, a Paz se revela uma exigência substancial, é evidente

que o “Conselho Mundial da Paz” representa uma contra-resistência aos elementos retrógrados do individualismo. É um movimento histórico, que obedece às contingências da vida social. Verifica-se que a Paz é uma lei da sociedade, lei que, só agora, com o desenvolvimento das ideias socialistas, pôde melhor ser compreendida e aplicada.

Essa concepção da paz não convém aos partidários da guerra. Para eles, o conceito da Paz deve permanecer individualístico, porque, limitada aos desígnios e às aspirações pessoais, ela tende a sujeitar-se às abstrações, ao misticismo, à passividade. E, daí, vem a chamada “par interior da alma”, “paz da consciência”, “paz íntima”, “paz no coração”, “paz religiosa”.

Assim dividida pelo subjetivismo, ela deixa abertas as portas da maquinação egoística dos industriais da guerra.

Desorganizada, como tem sido, pelos ventos da falsa filosofia individualista, ela nunca chegará ao cume da unidade-social, que resulta da organização de forças dispersas, e que, precisamente por isso, é um dos pontos vitais para a vitória do Socialismo.

A paz social é a garantia única da paz individual, por que não é o indivíduo que mantém livre a sociedade, mas a sociedade, em ordem, que assegura o meio natural do desenvolvimento do indivíduo e do exercício dos direitos pessoais.

[A Paz, A Liberdade do Comércio Internacional e Os “Trustes”](#)

8 — Assim, quando o “Movimento dos Partidários da Paz”

encarece o valor da coexistência pacífica das Nações, por intermédio de contratos de compra e venda de mercadorias, e de convênios culturais, ele não traduz uma simples opinião de seus membros componentes, mas um pensamento popular, adstrito à irrefreável lei do Progresso.

Por isso mesmo, coerentemente, o Movimento da Paz não se intromete na política interna de país algum.

O fato de defender a independência política e econômica das nações, é uma ilação natural dessa sua atitude.

O fato também de propor medidas de caráter econômico e social, como os acordos comerciais e culturais, é uma consequência do conhecimento histórico das guerras: elas se originam de desequilíbrios econômicos, mas as modernas conquistas da Ciência, que é um patrimônio coletivo, solucionam as dificuldades decorrentes do desequilíbrio.

9 — Se os desafiadores de guerras supõem que barrarão o andamento da paz social, estão enganados. Os retrocessos são aparentes, como consequência do choque entre forças opostas.

Se sobreviesse a guerra que os negociantes da morte planejam, para o domínio do planeta, a lei do Socialismo e, pois, a paz social, mais depressa se cumpriria, isto é, o Capitalismo se liquidaria nos horrores de seu desespero, e logo triunfaria o Socialismo. Aí estão os exemplos das guerras de 1914 e 1939, pelos quais os belicistas profissionais perderam, na primeira, o importante mercado da Rússia Tzarista, e, na segunda, as

repúblicas da Europa Oriental e o imenso território chinês.

O “Movimento dos Partidários da Paz”, porém, quer evitar a perda de vidas preciosas. Seria contradizer os fundamentos da sua própria organização, o “Movimento da Paz” concordar com o sacrifício de vidas preciosas. Por mais

direitos humanos, seja contra a independência dos povos. Não penetra nas disputas entre o capitalismo e o Socialismo, senão para que se conserve livre o campo doutrinário, das divergências, para vencer a ideologia que o povo preferir, nas suas manifestações cívicas e eleitorais.

Ninguém com mais autoridade do que Stálin para opinar a respeito. O Movimento — disse ele em “Problemas do Socialismo na URSS” — “limita-se aos objetivos democráticos da luta pela manutenção da Paz”.

E acrescentou: “sob esse aspecto, o atual movimento pela manutenção da paz difere do movimento realizado no período da primeira guerra mundial, para transformar a guerra imperialista em guerra civil, uma vez que este último movimento ia mais além, e tinha objetivos socialistas”.

Logo, se o atual movimento, pretendesse imitar o da primeira guerra, ele se desvirtuaria de sua finalidade, que “não é a derrubada do capitalismo” (idem). Logo, ainda, o Movimento atual, para comportar em seu seio todos os homens adversários

da violência e do militarismo, não estimula lutas de classe, fica à margem das competições políticas, e muito menos é capaz de pregar guerras civis. Nem por pensamento, nem por ação, pode conservar qualquer sinal de beligerância.

14 — Como se vê, a organização moderna dos Partidários da Paz não é comunista, como assoalham os partidários da guerra. Ela não agita a luta de classes. Exerce atividade, em virtude de sua natureza social, que exige unidade de organização, para mais fácil consecução dos seus fins. E é de natureza social, por uma questão do desenvolvimento da ciência sociológica, por onde se verifica que a segurança da paz do indivíduo — e, com isso, a melhor garantia dos direitos pessoais — deriva da segurança coletiva, como vimos. Portanto, a Paz é uma só. Não quebra a paz individual. Por isso mesmo, ela não comporta diretrizes conflitantes, visando a preferência de ideologias filosóficas, religiosas e econômicas.

Por sua natureza social, não pode ser abstrata, mas objetiva; não pode ser passiva, mas ativa; não pode ser sectária, mas popular. A luta pela paz é uma luta de princípios, é uma expressão da cultura humana. Nada no mundo se adquire sem trabalho. A Paz é um bem inestimável do espírito humano. Portanto, ela só se alcança, se a conquistarmos, à força das ideias nobres, que a nossa inteligência é capaz de cultivar. Tal é o sentido do movimento pela paz e da luta pela paz. A paz conquista-se como se conquista, com o suor do rosto, o pão de cada dia, uma vez que ela, como o pão para corpo, é o lastro da nossa felicidade.

A Paz e o Colonialismo

15 — Por todas essas razões, o atual Movimento da Paz devia, como deve, receber o mais caloroso apoio das classes conservadoras do Brasil, para as quais a política de guerra, que o imperialismo nos quer impor, é o próprio suicídio.

Pergunte-se aos nossos comerciantes — a não ser pouquíssimos, ligados ao mesmo destino dos armamentistas — se desejam a guerra. E a resposta será negativa, O mesmo, com relação aos nossos industriais, aos nossos agricultores, aos homens de trabalho, enfim.

À falta de gado, e a carestia da vida são consequências ainda das guerras de 1914 e 1939. A chamada “guerra fria”, destinada a manter acesos os fornos da indústria bélica, é um tremendo peso à economia popular dos países explorados pelos trustes colonizadores. A nossa crise econômica e financeira tem suas raízes na nossa dependência comercial ao capital monopolizador estrangeiro.

16 — Ontem, a libra esterlina, sustentada pelo imperialismo inglês, que soube explorar a boa-fé dos povos com o seu pretenso amor à liberdade, a ponto de nos insinuarem, nas escolas, que a Inglaterra era a pátria da liberdade — e o gênio de Castro Alves endossou esse juízo, ao poetizar que a “Inglaterra fora um navio que Deus na Mancha ancorou” — encarnara o instrumento principal do colonialismo. À nossa política, durante o Império de D. Pedro II, permaneceu amarrada ao capital britânico, razão por que não possuímos um só estadista, da monarquia, que percebesse essa nossa

escravatura e promovesse a respectiva libertação nacional.

Em conferência sobre a notável figura do visconde de Mauá, o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha assinala a recompensa que o governo brasileiro conferiu àquele líder do nosso nacionalismo de uma feita, ante a ameaça de uma intervenção armada, pelo governo inglês, ao nosso, por falta de nossa pontualidade no pagamento de obrigações prestamistas, o patriota Mauá acudiu à premente situação do Gabinete ministerial, emprestando ao Brasil, particularmente, três mil contos, para solução da dívida. No entanto, tendo livrado o Governo brasileiro de uma humilhação, foi esse mesmo governo, sob a influência do capitalismo inglês, que, como sabemos, dificultava o nascimento das indústrias nacionais, — e a morte misteriosa de Delmiro Gouveia, o concorrente da indústria britânica de linhas, é um exemplo incontestável quem cruzou os braços, diante da falência de Mauá, levada a efeito pela negação propositada de crédito pelo Banco do Brasil.

17 — Desde a sua participação na nossa independência: política de Portugal, até o seu empenho pela abolição da nossa escravatura, a Inglaterra, habilmente, defendia, antes, a abertura de novos mercados para as suas indústrias, do que o interesse pela nossa independência e pelo humanismo. Tanto assim é que onde esse humanismo lhe obsta a expansão do, seu comércio, ela se tem aproveitado da sua potência militar para impor o seu domínio colonial. A subjogação armada das repúblicas livres de Transval e Orange — a guerra contra os boers, no princípio deste século

— é um exemplo demonstrativo disso. Ainda agora, os malaios, em luta pela sua liberdade, e os nativos de Kênia, são massacrados como animais, sem piedade, sob a denominação hipócrita de “terroristas”. E a discriminação racial na África do Sul é nutrida pelo oficialismo inglês.

A prosperidade e o equilibrado padrão de vida na Inglaterra provinham da exploração de suas colônias e dos países financeiramente submetidos à supremacia da libra esterlina no mercado internacional. A sua esquadra cobria todos os mares, não para assegurar, na palavra simulada de Cecil Rhodes e seus consócios imperialistas, a liberdade dos mares, mas, pelo contrário, para materializar a força dos canhões contra as tentativas de libertação dos povos colonizados.

Eis os fatos da História.

[Origem dos Conflitos Atuais. Adulteração Maliciosa do Movimento da Paz, pelos Desafiadores de Guerras.](#)

18 - A lei do progresso, porém, modificou o panorama do imperialismo inglês. Surgiu a concorrência alemã.

Pressentindo a sua derrocada econômica com o crescente prestígio da concorrência alemã, a diplomacia inglesa conluiou-se com a França, a Rússia czarista e outros, para isolar o rival imperialismo alemão.

Deflagrada a guerra de 1914, como consequência dessa rivalidade, formou-se contra a Alemanha uma aliança militar, que tinha como bandeira a “salvação da humanidade contra o

barbarismo alemão”.

O Brasil foi envolvido, como um dos aliados, nesse sanguinolento embate inter-imperialista, e, por isso mesmo, representando o papel de pau mandado, a serviço de patrões, não podia colher vantagens senão aparentes. O momentâneo desenrolar de suas indústrias, artificialmente protegidas com as tarifas alfandegárias sobre os produtos similares estrangeiros, não beneficiaram, devidamente, o consumidor brasileiro, ante a alta dos preços, mas, principalmente, grupos de industriais.

A vitória de qualquer dos poderosos beligerantes, — fosse o alemão, o inglês ou o norte-americano —, os obrigaria a refazer os seus prejuízos, à custa das nações fracas ou enfraquecidas pela guerra.

Com efeito, como é sabido da luta cruenta quem mais se aproveitou foi o comércio norte-americano. Nasceu nova concorrência entre o capital inglês e o capital norte-americano, ou entre a libra esterlina e o dólar. A Inglaterra saiu combalida. Diminuiu a sua influência na área europeia, sobretudo com a perda da Rússia czarista.

O mercado de café e o de cacau transferiram-se de Hamburgo para Nova York e não para Londres, como desejariam os ingleses.

19 — A catadura imperialista, em todas as épocas da história, manifesta-se: com o mesmo implacável egoísmo, que atinge à loucura do selvagismo e da ferocidade, quando as:

vítimas lhe opõem resistência objetiva e material. Foi assim o império romano, insaciável. Assim, o império francês. Assim, o espanhol, o inglês, e, agora, o norte-americano.

Mais do que os anteriores, porém, o imperialismo americano, por sua diplomacia, que, segundo declarações de Henry Wallace, é realizada pelos -agentes dos grandes *trustes*, o que confirma o depoimento de Eduardo Prado quando, há 60 anos atrás, no seu afamado livro “A ilusão Americana” a considerava “a escória da politicagem”, “distinguia-se pela corrupção”, era “egoística, arrogante às vezes, outras vezes submissa segundo os interesses da ocasião” -, caracteriza-se por sua generalização mundial, por seu maior recurso bélico, e pela sua mais profunda iniquidade. Bastam estes fatos: - o aniquilamento de cidades abertas, como Hiroshima e Nagasaki, no Japão, por meio da bomba atômica, não como medida de defesa, mas para fins políticos contra a União Soviética, que ficava, assim, conhecendo às possibilidades destrutivas da força militar norte-americana; à destruição sistemática da população do norte da Coreia, pelo lançamento de bombas incendiárias, que não respeitavam os monumentos históricos, e por meio da guerra-bacteriológica e química, extensiva às plantações é à contaminação das águas; as intervenções armadas contra os movimentos emancipacionistas de vários países, como o caso inédito da China; que, há cinco anos, vencera o bando de Chiang-Kái-Chek, provisionado, militarmente, pelos *trustes* da Norte-América, e, apesar de constituída por governo estável, de realizações maravilhosas, de que o povo chinês nunca imaginara gozar em tão pouco

tempo, não pôde ainda incorporar à sua administração formidável a ilha Formosa, porque, nessa, a esquadra norte-americana mantém o chamado “governo nacionalista” de Chiang-Kai-Chek, o único que o governo americano e seus satélites reconhecem como legal, Isto é: a política exterior norte-americana não toma conhecimento de uma nação de 600 milhões de habitantes, sob um governo firmado, já reconhecido por diversos países, nem há permitido que ela seja admitida na ONU, onde ainda é representada pelos antigos agentes da velha e extinta China de Chiang-Kai-Chek, detentor, pela força norte-americana, de uma ilha de 6 milhões de habitantes.

20 — Esse expansionismo dos trustes norte-americanos é mais agudo e selvagem, devido precisamente à mais corajosa, e inabalável resistência dos povos espoliados. Os imperialistas de ontem contavam com a desunião desses povos e o seu mais deplorável atraso político. Hoje, não. As nações colonizadas, como a Índia, a Pérsia, o Egito, a Indonésia, para não falarmos nas repúblicas libertadas da Europa Oriental, organizam-se, em luta pela sua independência econômica, como resultado tudo isso, em última instância, não só do fracasso da filosofia individualista, como da conseqüente ascensão do socialismo. Tamanha resistência mundialmente organizada gera o desespero dos *trustes* e, daí, a sua crueldade - mais desbragada.

21 — Os trustes têm explorado a boa-fé de muitos homens.

Do nacionalismo e do anti-comunismo fizeram uma

indústria de propaganda comercial, disfarçada em defesa do “mundo livre”, da “civilização cristã” e da “democracia”, e, nela, envolvem também a campanha surda contra as áreas de influência da libra esterlina.

Se os rebelados contra a colonização de sua pátria, como os da Malásia, os de Filipinas, os da Viet-Nam, os da China, etc., dispensam a amizade ursa dos americanos, ou o tal “auxílio” aos países sub-desenvolvidos —, que acontece? Os americanos, a título de defesa do nacionalismo, colocam-se a favor dos governos metropolitanos e dos ditadores, sob o pretexto de defesa contra a “agressão comunista” e a favor do nacionalismo. Se os rebelados, porém, como traidores da independência pátria, manifestam desejo de mudar de senhor apenas, então, inverso é o argumento: defende-se a soberania nacional contra os governos da metrópole colonizadora. A Pérsia oferece um exemplo curioso da concorrência entre o capital inglês e o americano. A diplomacia da América do Norte, fomentou a nacionalização do petróleo iraniano, na esperança de, por falta de recursos do governo persa, cair a companhia anglo-iraniana nas mãos preponderantes dos monopolistas americanos. Frustrado o plano, por pressão popular, devidamente esclarecida, os americanos uniram-se aos ingleses, e tramaram um golpe contra os partidários da livre nacionalização.

22 — Tem sido, analogamente, essa a política dos *trustes* na América latina. Os *trustes* precisam sempre de ditaduras pessoais, que lhes amparem a exploração.

Se um ditador não serve, por alimentar pretensões nacionalistas, é derrubado por conspiração por eles custeada, também a título de defesa da Pátria contra a subversão da ordem, “engendrada pelos comunistas”.

Se o governo qualquer é anti-comunista, como Perón, da Argentina, mas quer manter sua independência no comércio internacional, inclusive relações comerciais, com a. União Soviética, como aliás, as mantinham a Itália, de Mussolini, e a Alemanha, de Hitler, — os trastes, pela cadeia de seus associados em várias partes do mundo, investem contra esse governo, alcunhado logo de “fascista”, ditatorial e inimigo da paz”.

A campanha, por exemplo, de alguns políticos do Brasil contra Perón, é porque Perón não está atrelado, totalmente, como está o Brasil, aos monopólios norte-americanos.

A insaciabilidade pelos lucros máximos leva ainda os *trustes*, durante a simples ameaça de suas crises, a provocarem guerras entre nações amigas, sob pretextos maquiavelicamente urdidos. Foi o que ocorreu com a guerra do Chaco, entre o pobre Paraguai e a pobre Bolívia, cujos soldados se matavam, de parte a parte, no interesse exclusivo de companhias petrolíferas norte-americanas.

As notícias alarmistas sobre conflitos fronteiriços entre o Brasil e a Argentina são arranjos adrede maquinados, para um motivo de guerra, de que só lucrariam os fabricantes de: armas e os seus associados de matizes diversos.

23 — Ora, evidentemente os Partidários da Paz discordam dessa política intervencionista nos negócios internos das nações, porque ela, de fato, gera a desunião e as guerras.

Um dos itens do programa da Paz é educar o povo e instruí-lo, tanto, sobre as verdadeiras origens das guerras, marcadas sempre pelo entrechoque de egoísmos concorrentes, nas relações comerciais, quanto sobre sua desnecessidade na presente fase histórica do mundo, em que a Ciência se sente: aparelhada para nos elucidar sobre as causas do desequilíbrio econômico entre os povos.

24 — Essa educação, que, como dissemos, reflete, no que: concerne ao Brasil, o pensamento da nossa Carta Magna, tem revelado extraordinária força moral na opinião pública, previamente informada, ante qualquer rebate malicioso dos desafiadores de guerras. O desmascaramento dos seus planos-belicose, pelo mundial Movimento da Paz, os irrita sobremaneira, e, por isso, com o concurso da obtusidade e da venalidade dos elementos nativos, deturpam a natureza e os fins do empolgante movimento, como sendo de “propaganda comunista”, para justificar as perseguições aos partidários da Paz.

E, então, criaram o refrão — de “ser o Movimento da Paz um meio de desarmamento das democracias, a serviço do comunismo”.

O refrão é a confissão de uma política reacionária, que julga suprimir a lei do progresso com o guante da opressão de quem, acidentalmente, comanda nações.

O refrão pressupõe a paralisação dos sistemas sociais, e a preponderância da vontade particular na marcha da História esse o motivo por que, para os reacionários, não existe outra democracia senão a burguesa, aliás reduzida, hoje, a trapos.

Daí, também, dado o caráter personalista das suas teorias, a razão por que eles supõem estancar o ímpeto das novas ideias libertárias, pela eliminação física dos respectivos lutadores, à Tiradentes, que está redivivo. Uma estupidez sem nome, porque, quanto aos lutadores da Paz moderna, eles simbolizam uma etapa da vida social em ascensão, e, portanto, mortos uns, outros surgirão mais impávidos. Seria preciso que os imperialistas varressem do orbe terráqueo a própria Humanidade ou manipulassem, caprichosamente, as leis da Natureza.

O Movimento da Paz é a Defesa Da Humanidade

25 - Em suma: — seja a História da Civilização um produto da correspondência entre o desenvolvimento das forças econômicas e o conhecimento Humano, como pretendem os filósofos marxistas; seja uma obra de Deus, através dos seus missionários, como ensinam as religiões, ou, ainda, proceda ela da ação do espírito imortal, sob o estímulo das necessidades materiais, oriundos de um determinismo cosmológico, cujas leis supremas desconhecemos, como pensam filósofos espiritualistas; o certo é que todos, materialistas e espiritualistas, reconhecem a existência da lei do progresso no curso da História.

Logo, ela envolve o conceito da Paz, como envolve

também o pensamento em geral, inclusive as ideias religiosas, até certo ponto.

No regime capitalista, por exemplo, as religiões arregoam que a paz social deriva da paz do nosso inundo interior ou psicológico. À paz da alma é o principal. Esse conceito convém ao capitalismo, sobretudo na sua fase de decadência, porque a paz subjetiva não congrega, homogeneamente, os homens, num organismo unitário e militante.

Mas, no regime socialista, as religiões aceitam o princípio filosófico do Socialismo, que confere à paz social sua primazia sobre a paz íntima, porque, assim, melhor se equilibra a correspondência entre as necessidades individuais e as necessidades coletivas, ou entre o cidadão e o povo.

A filosofia individualista decaiu de sua importância, no reino da cultura do espírito. Logo, na supremacia da paz social, encontramos o conceito exato da Paz.

Pela teoria individualista, a paz se divide, ao gosto, às conveniências particulares, e ao conceptualismo dos seus autores. Ela não poderá, desse modo, atingir a perfeição, que consiste na unidade do amor entre os homens, independentemente de suas convicções filosóficas, políticas e religiosas, de sua nacionalidade, ou de sua posição econômica e intelectual.

Só a paz social nos abre o caminho à perfeição do amor. Une e não desagrega, porque sua força se concentra na unidade de todo, e não na unidade das partes.

26 - É de lamentar, portanto, que ilustres dirigentes de instituições baianas se mostrem indiferentes e, mesmo, hostis no Movimento Baiano dos Partidários da Paz, por alinhamento na controvérsia entre o capitalismo e o socialismo.

Nada disso. O Movimento é a manifestação objetiva de leis sociológicas, contra as quais são importantes as atividades dos obscurantistas. Seria, ele, de bom augúro, ou aconselhável, que os elementos progressistas da burguesia (que, como vimos, só têm a perder com a guerra mundial, preparada pelos imperialistas norte-americanos, para o domínio exclusivo do mundo) assumissem a direção desse Movimento, para livrá-lo da pecha de sectário. Qualquer guerra, que arraste, no seu torvelinho maldito, o nosso Brasil, leva-lo-á à miséria e à revolução sanguinolenta, que também interessa aos armamentistas, contanto que da hecatombe alcancem eles lucros fabulosos. Só se justificaria, para nós, a guerra, em defesa do nosso território, que é a sede da Pátria ou do nosso lar, ou em defesa da Humanidade, que totaliza as Pátrias: “Além desses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia” (Rui Barbosa).

Deve-se ao Conselho Mundial da Paz, e ao Congresso dos Povos pela Paz, em Viena, em dezembro de 1952, a vitória do armistício da Coréia, cujo problema foi debatido, naquele congresso, sem qualquer eiva partidária, e sob as irradiações do mais puro humanismo. E, com entendimentos, foi possível parar uma luta de extermínio, desencadeada, odientamente, com todos os requintes da maldade destruidora, sobre o povo coreano, — com maioria de razão é possível solucionar, por

meios pacíficos, as divergências internacionais de qualquer natureza.

O Movimento Baiano dos Partidários da Paz, ligado ao Conselho Mundial da Paz, não é baiano, nem brasileiro, se não no sentido formalístico, por imposições da nomenclatura regional.

Trata-se de uma defesa autêntica da Humanidade contra uma “civilização” que sempre viveu de conflitos e guerras, mas que, havendo chegado ao seu último marco, perdeu a orientação da ordem. Sucumbirá, desorientada, na sua própria desordem, para dar lugar a uma nova civilização de paz, de liberdade e de cultura, onde todos, espiritualistas e materialistas, possam, à vontade, sem peias, discutir os seus problemas, formular as suas concepções filosóficas, cujo triunfo certamente caberá àquela que melhor se adapte ao glorioso - destino da Humanidade, e que, para nós, pessoalmente, será, não o rotulado de hoje, mas o legítimo Socialismo cristão, que não pode afastar-se da Ciência, e portanto, se sujeita às leis .do Progresso,

Trabalhemos, pois, pela Paz internacional, em termos objetivos e sinceros, que, daí, virá, inelutavelmente, a Paz de cada povo, e a Paz de cada um de nós.

V

O Cristão e o Socialismo

I — Um anônimo enviou-nos, do Rio, um retalho de jornal, com impressões de Clement Attlee sobre a nova China, há

pouco visitada pelo chefe do Partido Trabalhista inglês.

O remetente, que supomos adepto do Espiritismo, marginou, com um traço vermelho, o final do artigo, onde Attlee declara que — “a cortina da ignorância, mais do que a cortina de ferro, desde o rio Elba até o mar da China, não permite aos operários que pensem por si mesmos, nem que se imprimam livros” que lhes abram as portas do pensamento livre.

O nosso correspondente anônimo, animado, por certo, do desejo de nos esclarecer, e de nos poupar o desgosto de uma “perturbação” post-mortem, quis, com isso, mostrar-nos que, nos países socializados, não há liberdade de pensamento, e que os cidadãos pensam pela cabeça dos governantes.

II – Em nossas cartas ao nosso ilustre confrade Leopoldo Machado, tivemos oportunidade de sustentar que o Espírita deve lutar pela felicidade do povo (argumento das resps. 766 e 877, Liv. Esp.). Na defesa, espiritual e corporal, do povo, concentrou-se a missão do Cristo, que, por isso mesmo, como bem escreveu o nosso distinto confrade Antônio José Alves, citando Renzo Castaldi, foi perseguido por motivos políticos e não religiosos¹⁵.

¹⁵ De fato, Jesus, segundo a sua sentença de morte, foi condenado, como “homem sedicioso, contrário ao grande imperador Tibério César”. “Congregando muitos homens ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos”, “negando o tributo de César”.

Eis por que Rui Barbosa comentou: “Foi como agitador do povo, e subverbor das instituições, que se imolou Jesus”. (Dita “sentença”, reproduzida, com o comentário de Rui Barbosa, pela revista portuguesa “Estudos Psíquicos”, Lisboa, dezembro de 1954).

As religiões não revolucionam a ordem social dominante, que acatam servilmente, com fundamento na literalidade do preceito bíblico “meu reino não é deste mundo”. Aí está uma das consequências malsãs, a que nos leva o ensino religioso das sociedades espíritas, para as quais, nessas condições, pouco importaria que o Brasil fosse bem ou mal governado, ou se tornasse colônia dos Estados Unidos. Eis aí também por que a Igreja Católica, que se diz a política, por efeito da sua natureza religiosa, sempre vive unida ao Estado mais poderoso, é ao capitalismo internacional, razão de suas “cruzadas anti-comunistas”, que, sob o pretexto de “defesa da religião”, são campanhas exclusivamente políticas e liberticidas.

Portanto, não há de ser, através dos ensinamentos da religião, de índole mística, subjetiva, apassivadora e exclusivista (para todo religioso, a única religião verdadeira é a sua), que haveremos de sistematizar a luta pela conservação natural da vida humana, e pela independência das nações, — luta que é, no entanto, um derivativo da Doutrina Espírita, para a qual a defesa dos direitos humanos é “uma consequência da necessidade de viver” (Livro dos Espíritos, resps. 703, 731, 789 e 880).

III — Como essa luta se organiza e se exercita no campo da Política Social, bem é de se ver que o Espiritismo não pode mais ser uma doutrina religiosa, mas uma doutrina que se incorporou à Ciência, já para uma prova objetiva da sobrevivência da alma, já para uma orientação dos nossos

Veja o Cap. VII: “Carta de um Espírita a um pregador de Espiritismo.

deveres sócio-morais deste mundo, porquanto a verdade é que — “meu reino é também deste mundo”, (Liv. Esp. 703, 706).

Kardec foi claro; “O Espiritismo, por sua essência mesma, participa de todos os ramos do Conhecimento” (“Obras Póstumas”, in fine, “Gênesis” cap, 1, n, 55, e “Liv. Esp.” Int., cap. XIII).

Logo, não se pode nutrir uma ideia precisa da socialização da China, por leitura direta do Espiritismo cristão, que especializa um fenômeno psíquico. Só poderemos fazê-lo, pela Ciência da história da Humanidade, — história, cujas leis foram descobertas por investigadores geniais, entre os quais, principalmente, os alemães Marx e Engels.

O conhecimento de tais leis relaciona-se também com a moral espírita ou cristã, na parte concernente às “leis do trabalho”, da “sociedade”, do “progresso”, da “igualdade”, da “liberdade” e da “justiça”, esfloradas, como “leis naturais”, por Kardec, na parte 3ª do Livro dos Espíritos.

IV — Reconhecido que a doutrina de Marx não é concepção de um homem, mas o conjunto de princípios de biologia social e das relações humanas, razão por que Marx não se considerava marxista, vocábulo que, por si só, indica personalismo, — é claro que o Marxismo se classifica no quadro das ciências sociais, para estudar, sobretudo, a sociedade humana e as respectivas leis.

Desse estudo resultaram as teorias do *materialismo histórico* e do *materialismo dialético* ou *dialética materialista*.

Por elas, se verifica que, em torno da economia e dos seus conseqüências, giram as lutas de classe, e que os sistemas de organização política refletem a natureza específica dos medos e das relações de produção econômica, cuja nova estrutura, por sua vez, desenvolve novos empreendimentos e novas ideias.

E mais: que esse desenvolvimento — e, pois, a História -, não obedece a causas fortuitas, nem à vontade dos homens, mas a leis da natureza, cuja concepção é materialista, releve-se, por nada existir além da matéria, com o que, aliás, concorda Kardec (Liv. Esp. resp, 23,) — Diga-se, de passagem, que a diferença filosófica entre o materialismo de Marx e o espiritualismo do Cristo só consiste na concepção das causas primárias da vida e da índole e destino da inteligência, que, para Marx, é manifestação do corpo físico, com cuja morte ela desaparece, e, para Kardec, é manifestação do espírito “cuja inteligência emana do elemento inteligente universal” (Liv. Esp., resps. 79 e 606) e que se perpetua, individualmente, na Natureza, de que é a força preponderante (Id. 79, 85, 91).

Donde se infere que as divergentes concepções não incompatibilizam a unidade do pensamento sobre as leis, restritas às relações humanas, do materialismo histórico, e muito menos sobre as leis da dialética materialista, que é um método de investigação, destinada a lutar pela supremacia da inteligência humana contra o cativeiro dos materialismos vulgares, como o sensualismo, o utilitarismo e o materialismo econômico, que são mais frutos do regime capitalista em decadência. Quer dizer: o Marxismo é também doutrina de libertação e de cultura espiritual.

V — Voltando, pois, ao curso da História, observamos, que o primitivo comunismo, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo, o socialismo e o moderno comunismo são resultados de leis que regem a evolução da sociedade, Dessarte, vale afirmar que o socialismo atual da China é um fenômeno científico. Logo, para julgá-lo, não poderemos, qualquer que seja a nossa crença religiosa ou filosófica, dispensar a dialética materialista, que é um método venha com que nome venha — aplicado ao exame da Natureza em geral, por meio do pensamento humano.

Ora, se perguntarmos a um Espírita (adepto do puro cristianismo), a um teosofista ou a qualquer espiritualista que aceite a reencarnação, se a Humanidade está sujeita à lei do Progresso, ele responderá afirmativamente, sem embargo das contra-marchas, provocadas pelos retardatários (Liv. Esp., 788,781).

A resposta confere com a ciência materialista, à Marx, pela qual “a aplicação de uma nova lei, que fere os interesses das forças da Sociedade moribunda, encontra a mais forte resistência por parte dessas forças” (Stálin — “Problemas Econômicos do Socialismo na U. R, S. S.). Daí, nasceu o “Partido Comunista”, para “vencer essa resistência” (Idem).

Logo, o Partido Comunista Chinês, como decorrência do Progresso, também se enquadra na categoria de um fenômeno científico, distinto das pessoas que o dirigem, e, por isso mesmo, a elas cabe a responsabilidade dos erros decorrentes, que, entretanto, como argumento contra a leviandade dos

censores, são um nada, em face da grandeza dos sacrifícios, a que elas se submetem, da missão cumprida.

VI - Mas, como vimos, os reacionários criam uma infinidade de sabotagem ao socialismo, que é progresso em relação ao capitalismo.

Desse modo, os novos regimes socialistas, por instinto de legítima defesa da sociedade, cerceiam, relativamente, a liberdade, isto é, vêm-se obrigados, por seus pró-homens, a estabelecer uma ditadura, de natureza especial ou singular, não sobre o povo (como são as ditaduras do capitalismo, — e aí estão as recentes eleições orais da Guatemala, com o povo inerme, frente à polícia armada), mas sobre os inimigos da libertação política e econômica da Nação, ditadura, todavia, que irá desaparecendo, à medida do fortalecimento do socialismo. Resguarda-se, com isso, uma “lei natural” contra “estados da natureza” (argumento analógico das reps. 776, 778, 794-796 e 840-842, Liv. Esp.).

A História ensina que, em todas as fases de transição: revolucionária, a liberdade passa por crises, por causa da resistência das velhas ideias.

Assim foi com a Revolução Francesa, de 1789. Somente, depois, a França se reconstituiu juridicamente. A Revolução proletária de 1917 só formulou sua Constituição, em 1936. A China, agora, após cinco anos, de reajustamento, promulgou sua Carta Magna.

O que a China não consente é a liberdade de propaganda

do sistema decaído (ver arts. 18 e 19 da sua nova Constituição), da mesma forma que o Brasil refrearia as conspirações monárquicas e qualquer tentativa restauradores da escravidão, extinta pela lei de 13 de maio.

VIII — Depreende-se, então, que as declarações de Attlee contra a liberdade de pensamento no mundo socialista não podem ser julgadas isoladamente, porque contrariam as verdades teóricas do Marxismo. E são suspeitas, porque descendem de “Partidos”, que se formara para barrar, capciosamente, os passos do verdadeiro Socialismo.

Por isso mesmo, tais Partidos procuram mistificar o povo, sob a bandeira de verdades respeitáveis (amor à justiça social, e à liberdade), com as quais tentam encobrir a adulteração maliciosa dos fatos que examinam (a prática da teoria marxista).

Attlee vangloria-se de “trabalhista” e “socialista”. No entanto, apoiou, ultimamente, o rearmamento da Alemanha Ocidental, o que atenta contra as normas socialistas, porque o socialismo marxista, combatendo a exploração do homem pelo homem, a qual eqüivale a um “estado da natureza” e não a uma “lei natural”, por “contrária à lei de Deus (resp. 778 e 829, Liv. Esp.), condena, ipso facto, a guerra, que é a mais cruel das explorações, e, correlativamente, defende a independência da Pátria, dentro da unidade da Paz universal (resp. 789, Liv. Esp.).

De qualquer modo, porém, Attlee não desconhece a prosperidade da China Popular, comparada com a do governo anterior. A agricultura moderniza-se. Incrementam-se as indústrias pesadas. Popularizam-se os institutos de Ciência e

de Arte. E isso é que deveria merecer a melhor atenção do nosso equivocado anônimo.

VIII — O povo chinês, libertando-se dos trustes estrangeiros, entrou, de fato, no gozo de sua plena liberdade, que os povos, colonizados pelo capital imperialista, não podem desfrutar. E entrou, de fato, — consideremo-lo bem —, porque, de direito, o marxismo-leninismo não separa da teoria à prática, sob pena de não ser, como é, a ciência da libertação do trabalho e do pensamento.

Sem a liberdade econômica dos povos (liquidação da exploração do homem pelo homem), não haverá mundo livre.

A burguesia, derrubando o feudalismo, concorreu para essa libertação, mas não a resolveu, porque representa uma classe privilegiada.

A questão social, no momento, gira em torno do poder político e econômico, cujo lugar a classe operária quer conquistar, por direito, e a burguesia se nega a desocupar. Já Eduardo Prado, católico e monarquista, reconhecia, há 60 anos, esse direito da classe operária (A Ilusão Americana).

Por outro lado, a teoria marxista defende, de preferência, o operariado, porque ele constitui a maioria da sociedade, e é a fonte direta da produção social.

Recomendando o aceleração da luta de classe, o Marxismo fá-lo por tática, para apressar o advento da comunidade sem classes, e, pois, por princípio, rejeita o

antagonismo das classes, só extinguível com a vitória do operariado.

Mas, como se sabe, o ritmo da vida social processa-se desigualmente, em diversos países. Atendendo a essas condições objetivas, o Partido Comunista não tenta erradicar, de vez, a burguesia (arts. 8 e 9 da Const. Chinesa), mas não dispensa a prioridade de direção da classe operária, (art. 1º da dita Const.), porque, só assim, se eliminam os privilégios de classe, e se nivelam, futuramente, os direitos humanos, numa sociedade igualitária (Liv. Esp., 793, 930, 931).

O Partido Comunista identifica-se, desse modo, em tese, com a lei natural da Justiça.

Ora, nenhuma religião, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina conseguiu aplicar essa lei da justiça social, ou construir o pacífico socialismo, secularmente sonhado pelos ideólogos. Isso, entretanto, se está cristalizando agora, com o socialismo científico. Por outros termos, para melhor agrado dos cristãos: respeitaram-se as leis naturais do amor e da fraternidade, mediante a aplicação da justiça econômica no campo realístico da igualdade dos direitos humanos.

E o sistema preferido combina exatamente com a previsão do “Livro dos Espíritos”, quando, atribuindo ao egoísmo a causa dos nossos males, aconselha que, para destruí-lo “pela raiz”, “é necessário que se reformem as instituições humanas, que o entrem e excitam” (resps. 913 e 914).

Ora, o capitalismo, depois de sua fase reequilibradora,

começou, pela sua própria natureza individualista, à degredar-se, “entretendo e excitando” o voraz egoísmo, de que os trustes se constituíram o mais graduado instrumento.

O socialismo, como vimos, reforma esses costumes hipócritas e cria, por uma nova educação correspondente, outra mentalidade, franca, com fundamento na justiça, no amor e na ciência.

Logo, o cristão só poderá combater, eficazmente, o egoísmo, através da luta pelo advento do socialismo científico, — o que só é possível, aderindo aos princípios do marxismo pedagógico ou da dialética materialista, que edifica “o direito de cada qual se pertencer a si mesmo” (Liv. Esp. resps. 829, 832,842).

Allan Kardec apontou a causa do mal, mas não nos instruiu sobre os meios científicos de destruí-la. Essa missão estaria, como está, reservada ao trabalho dos homens, (V. Gênese, cap. XVIII, n. 25, Obras Póstumas, pág. 209), isto é, ao Socialismo.

Foi o que tentamos demonstrar nas cartas ao nosso amigo Leopoldo Machado.

IX — Daí, a razão por que o espírita, ignorante da sociologia marxista, como, presumivelmente, é o caso do observador que nos pretendeu instruir, e cuja boa intenção agradecemos, não está capacitado para fazer um exato conceito do livre arbítrio e da liberdade, só por leituras, — repetimos: dos livros de Kardec, que generalizou ideias sobre

as “leis morais”, (“leis naturais”, resp. 648 Liv. Esp.), mas não nos ensinou a técnica do seu conhecimento e da respectiva aplicação social.

Só assim se explica a ingenuidade de revistas espíritas publicando retratos e notícias lisongeiras de estadistas reacionários, porque assistem a “sessões espíritas”, e se dizem defensores da “civilização cristã”, mas que, como Truman, seriam capazes de arrasar, com a bomba atômica, duas cidades indefesas do Japão, e que, como Eisenhower, implantam o fascismo na sua própria terra, para facilitar a ditadura mundial e monopolista do dólar, para fins de guerra e de dominação (comentário de Kardec às resps. 781 e 793. V. resp. 877) .

X — Mas, se, para o piedoso anônimo, a palavra de um inglês prova, bastantemente, a intolerância dos governos socialistas, vamos contestá-la, cora o depoimento, que sublinhamos, de uma delegação inglesa, divulgado pela imprensa.

“O Soviete dos Deputados e Trabalhadores (Conselho Municipal) realizou, pela primeira vez na sua história, uma sessão na presença de parlamentares estrangeiros. Os parlamentares britânicos foram testemunhas de Críticas dos Conselheiros de Moscou, por terem cumprido mal a tarefa do aprovisionamento da cidade. Os britânicos declararam-se surpresos, em face da frequência com que se operavam as críticas e auto-críticas no seio do Soviete de Moscou”.

XI — Em suma:

O socialismo é a paz, o emprego, a cooperação fraternal, a solução dos problemas pelos canais da Ciência,

O capitalismo imperialista costuma solucionar os problemas sociais, à sombra dos interesses da classe plutocrática, que vai ao ponto de escravizar cientistas. É a desordem, o egoísmo, a estupidez, a sucção do sangue da humanidade.

Nos países socialistas, há mais liberdade, porque as leis se promulgam, em função do trabalho popular (arts. 15 e 16 da nova Const. Chinesa). Nos países capitalistas, em função da propriedade particular da burguesia.

Os países socialistas praticam a liberdade do comércio internacional e se socorrem, mutuamente, como aí estão as suas demonstrações em favor do fato de coexistência pacífica; que foi o primeiro passo do governo de Lênin, convidando os beligerantes da guerra de 14 a celebrarem a Paz.

Os governos capitalistas impedem essa liberdade, como fazem com o Brasil, ora privado de comerciar direta e livremente com a China e a U.R.S.S.; mercados consumidores, de 800 milhões de habitantes, isto, porque o nosso governo capitulou, ante as exigências dos frustes norte-americanos.

Enquanto a União Soviética ofereceu à Polônia um Palácio da Cultura, em Varsóvia, e empresta dinheiro, materiais e serviços à Coréia do Norte, à China, à Índia, etc., sem nenhuma restrição à liberdade política e econômica desses países, — os Estados Unidos só contraem empréstimos, mediante condições

que garantam a supremacia do dólar, e a influência político-econômica norte-americana nos destinos do país contratante.

Os filósofos norte-americanos, comparsas dos dirigentes imperialistas, pregam o racismo e a geo-política, com que procuram justificar a sua predominância no mundo, e a liquidação física dos chamados povos inferiores.

“A própria forma da Terra abole a moral e sanciona o extermínio dos fracos pelos fortes” (Spykman — Leia-se, na Rev. “Problemas”, r., 57, maio de 1954, o fulminante artigo “A Geopolítica, arma ideológica dos imperialistas dos Estados Unidos”).

Essa política, segundo a ciência marxista, é, inapelavelmente, condenada pelos governos socialistas.

Eis por que os comunistas, dignos desses nomes, são patriotas e humanistas. Se o indivíduo não deve ser explorado por outrem, com maioria de razão os povos, ou nações, não devem ser dominados por outros povos ou nações (Liv. Esp., com. à resp. 781 e resp. 789, in fine). Donde se deduz que os financiadores do capital imperialistas e seus agentes, alienígenas, subpõem aos seus interesses a Pátria, a família e a liberdade religiosa, como os fatos provam em todos os países capitalistas, onde os patriotas e democratas são perseguidos e castigados, a título irrisório de “comunistas” e “traidores da Pátria”, à imagem dos “hereges” da Idade Média, que se rebelavam contra o obscurantismo e a corrupção.

Os *trustes* é que não têm pátria, desrespeitam a

propriedade particular, e são, de fato, ateus.

Os marxistas, ao contrário, defendem o nacionalismo ligado ao internacionalismo. A Humanidade é o conjunto das nações, que necessitam de segurança própria, decorrente, porém, da segurança da Humanidade.

Não cogitam, é certo, da existência de Deus, mas, lutando pela grandiosa obra do Socialismo, lutam pela justiça da solidariedade universal, — único meio que “nos leva ao Céu” (Parábola do Samaritano, Evangelho de Jesus).

XII — Os filósofos capitalistas admitem como “lei natural” o conceito darwiniano da “luta pela vida”, em que imperam as forças egoísticas da concorrência desenfreada, com todo o seu cortejo de iniquidades e misérias. É o “salve-se quem puder”, o *homo lupis homini*.

Mas, para o socialismo marxista, essa luta é “um estado da Natureza” (palavras de Kardec), e, desse modo, adotando outros mandamentos pedagógicos, a doutrina marxista submete a “luta pela vida” ao poder da inteligência, que educa, pelo estímulo sadio, e pela cooperação do trabalho, mesmo obrigatório (“quem não trabalha não come”), para que possamos vencer os nossos instintos bestiais e os caprichos cegos da Natureza.

Um o capitalismo — é a desordem, a submissão da nossa vontade à materialidade da Natureza.

O outro — o socialismo — é a submissão da natureza

material à vontade esclarecida do homem, para a consolidação da Paz e da fraternidade.

Pelo sistema socialista, a própria organização planificada do trabalho elimina a preocupação angustiante do ganha-pão, proporcionando-nos tempo para aperfeiçoar a inteligência, e nos libertando da fúria dos lucros mercantis, que, no capitalismo, embaraçam a amplitude do pensamento criador, e atrofiam o estudo das leis da biologia e da Natureza, — motivo por que a União Soviética é, hoje, a nação de maior quantidade de técnicos e cientistas. A inauguração de um Instituto Científico, de Leningrado, há pouco, compareceram 500 astrônomos.

XIII — O Socialismo respeita as leis, que o capitalismo tem deturpado, da conservação e reprodução da espécie.

Isso nos leva a dizer, com segurança, que o Socialismo reabilita a propriedade e a maternidade. “A propriedade legítima é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem” (resp. 884, Liv. Esp., que, assim, confirma a ilicitude da exploração do homem pelo homem).

E a maternidade, de que depende o grau demográfico de um povo, encontra obstáculos à sua função natural, nos países capitalistas, onde a abundância de filhos cria situações insolúveis para os pais, por falta dos meios de subsistência, — o que não ocorre no regime socialista, onde os problemas se colocam sob a égide da Ciência, em face da unidade das classes trabalhadoras e “da organização social e previdente”, capaz de regular, estatisticamente, todas as necessidades, inclusive a

da reprodução da espécie (V. Liv. Esp., resp. 693 e 930).

XIV — Pode-se avaliar, desses contrastes, a extensão e a profundidade do nosso obscurantismo, dificultando, e proibindo mesmo, em nossas escolas, o ensino do Marxismo, que, na União Soviética e nos demais países da democracia popular, faz parte dos programas do curso secundário.

Por isso, em face do liberalismo democrático, achávamos que as sociedades espíritas deveriam incorporar, nas suas doutrinações, a crítica do Marxismo, à guisa das cadeiras de “legislação comparada”, das nossas Escolas de Direito.

A decisão não significaria “propaganda comunista”, nos termos geralmente usados, mas uma afirmação de que o Espiritismo é, também, cultura sociológica.

Não se trataria de “agitação política”, mas de uma ampliação do estudo dos fenômenos sociais, a serviço do Conhecimento Geral.

Com efeito. O Comunismo não passa de estado de coisas, a que se pretende chegar, e em que se extinguirá, por completo, a propriedade privada da produção social, que, ora, pelos comerciantes e proprietários, era regime de concorrência, é explorada, a benefício próprio (a burguesia).

Ele, porém, depende do elevado nível da produção econômica, que, por sua vez, é uma consequência do conhecimento das leis da Natureza, como as da eletricidade e das demais fontes da energia. Foi o que fez Lênin dizer que

“comunismo é eletricidade”.

Tais leis, porém, foram descobertas pela inteligência humana. Assim, em última instância, as leis do materialismo histórico e dialético resultaram do esforço progressivo do espírito, o que nos faz concluir que as duas filosofias antagônicas (materialismo e espiritualismo) se concertarão neste ponto; a causa do progresso social reside na iluminação da inteligência, provocada pelos fatores e interesses econômicos (V. Liv. Esp., resps. 132, 783).

Só o que há é que, perante o Marxismo filosófico, a inteligência é uma função, desenvolvida, do cérebro, ao passo que, perante o Espiritismo, é do espírito. Isto é: se o pensamento é o resultado da matéria evoluída, segundo os materialistas, bem se pode conceber, teoricamente, que ele pode, subsequente, gerar outras formas de matéria irradiante e quintessenciada, liberta (o espírito), — dado que não há limites à evolução da energia. Justamente o fenômeno espírita, confirma, na prática, a concepção teórica em apreço.

Ora, evidentemente, o estado de coisas previsto (Comunismo) não é incompatível com as crenças particulares, nem com a liberdade das apreciações filosóficas sobre a genealogia do Espírito, objeto de uma controvérsia, que se desenrola à parte das lições da experiência histórica do mundo em que vivemos, sem que contrarie a interdependência dos fenômenos da Natureza (comentário de Kardec à cit, resp. 132) (idem resp. 540 Liv. Esp.);

A compatibilidade, no caso, reforça a tese, que

continuamos a sustentar, da insubsistência do chamado “comunismo ateu” ou “comunismo materialista”. Os radicais marxistas, sim, não creem em Deus, por descrerem de qualquer religião, e às opiniões de alguns se deve esse reparão que contestamos. É que eles, por serem os consequentes defensores do socialismo-comunismo, unificaram-no ao materialismo, para, daí, concluir que o comunista deve ser, também, ateu.

Se não somos os equivocados, achamos, nessa indistinção, uma confusão de ideias.

Em rigor, “Comunismo” não é doutrina, nem causa, mas efeito da evolução histórica, que determinou uma doutrina, que, por sua vez, acelera novos impulsos ao progresso, devido à lei de reciprocidade ou causalidade. É como o feudalismo, o escravismo, o capitalismo, que são tipos em sistemas constitucionais da vida política e social de um povo. Ninguém diz que qualquer desses sistemas é ateu, uma vez que todos eles dispõem sobre interesses comuns, em garantia da ordem, da justiça, da liberdade e de outros direitos inerentes à segurança de cada indivíduo, em sociedade.

As pessoas pensam, desigualmente, em matéria de religião, mas a sua maioria absoluta ainda professa religião ou o religiosismo. Daí a necessidade do Estado leigo.

Ora, o Comunismo difere do conceito estatal em voga (Estado, violência latente), mas, de qualquer modo, sendo um tipo de organização social, que exige disciplina, pode ser chamado “Estado Comunista”, em falta de outro termo mais

significativo, ou, se quiserem, “Democracia comunista”.

Nestas condições, “Comunista”, em verdade, é o que é adepto do Comunismo.

Ora, se o Estado — representando o conjunto dos interesses sociais organizados — é neutro em relação aos sentimentos pessoais dos cidadãos, — já o mesmo não acontece com esses, dos quais aquele tem o dever de garantir a liberdade moral, e o direito, por outro lado, de lhes negar a neutralidade, diante da defesa do interesse público. O Estado que se afastar desse caminho, passará a ser um Estado autocrata, que concentra a força Policial, para prestigiar uma minoria partidária, ou as pessoas dos ditadores.

Portanto: o comunista, partidário do Comunismo, é livre nas suas concepções religiosas e filosóficas; pode ser, ou não, espiritualista, mas não pode, sob pena de contradição, ficar neutro na defesa do regime, que lhe assegura, precisamente, a liberdade econômica e, corolariamente, a liberdade moral regime que é, por excelência, o objeto do Marxismo.

Por isso, todo comunista é marxista, mas com restrições dos fundamentos filosóficos do Marxismo sobre o conceito da matéria, isto é, pode ser totalmente marxista (materialista), ou pode sê-lo, apenas, com relação à doutrina histórica da libertação popular, e não aceitar as razões da filosofia biológica, e, desse jeito, ser espiritualista.

Como, igualmente, pode divergir da orientação dos Partidos comunistas, sem prejuízo, porém, da unidade operária,

como, por vezes, fazem certos dissidentes, criando novos “Partidos comunistas” ou “socialistas”, para gáudio do faciosismo divisor, que enfraquece a causa comum.

“Concomitantemente, a moral espírita abraça a moral comunista, em face do dever de solidariedade humana, alheia a crenças religiosas (parábola do Samaritano). Tem, porém, fundamentos mais amplos e profundos, retirados de uma fenomenologia, que os marxistas ortodoxos repelem, por ilusória ou metafísica (V. Engels, “Dialética da Natureza”); mas, por indiscutivelmente real, é tão lógica quanto o Marxismo, enquanto não provarem a suposta ilusão metafísica, ou salvo se provarem, cientificamente, que a causa do fenômeno não procede do espírito imortal, mas do corpo mortal.

— A veneranda Federação Espírita Brasileira tornou-se, como se sabe, propagandista do Esperanto, cujas organizações, nos diversos países, se afastam das discussões políticas e religiosas, mas propagam — o que não deixa de interessar à alta Política da coexistência pacífica dos povos — o nacionalismo e o internacionalismo linguísticos, isto é: pleiteiam dos governos a oficialização do Esperanto, sem prejuízo da língua nativa, de modo que a Humanidade se limite ao uso de duas línguas, — a nacional e a internacional.

Aí está uma bela obra de confraternização, que se amolda perfeitamente, ao Cristianismo, — fundamento lógico do ato da Federação Espírita Brasileira.

Assim também poderia proceder em relação ao atualíssimo problema social do Comunismo, pelo modo por que

o situamos no plano terreno.

XV — Resultado final: — entre as duas civilizações, a do capitalismo e a do Socialismo, ou a da Norte-América e a da União Soviética, o cristão não pode sequer titubear, sob pena de querer, servir a Mamom e a Deus. Quer dizer: o cristão que se diz anti-socialista ou anti-comunista, por ignorância, por venalidade ou por que seja, não é, de qualquer forma, um moderno cristão, porque não penetrou na essência progressista do Cristianismo, que a Doutrina Espírita vivificou, harmonizando-o com a Ciência, de que o Marxismo, em sociologia política e econômica, é a mais alta expressão.

E o homem, intelectualmente honesto, deve fazer da Ciência o guia principal do seu pensamento e das suas ações em sociedade.

* * *

Sem essa orientação, o Espiritismo deixa de ser cultura, porque se limitaria ao estudo subjetivista da alma.

A filosofia espiritualista clássica baseia-se em tal subjetivismo, motivo por que a crítica dos marxistas a renega, sob a fórmula das seguintes considerações:

“O subjetivismo da ciência é o esforço para privar as leis da Natureza e as leis da Sociedade de seu conteúdo objetivo, - ou para substituir o método científico objetivo de conhecimento por um método subjetivo qualquer.”

Por isso, não pode existir “subjetivismo em sociologia”.

“O idealismo é o ponto de vista subjetivista”.

Exemplo de método subjetivo: “a futilidade dos raciocínios sobre a alma”.

“Procura-se edificar a fisiologia e a psicologia sobre a base da introspecção”.

“Em consequência das deformações subjetivistas na fisiologia, subsistem ainda ideias — das quais muitos ainda se não livraram — sobre a alma, a psiquê, consideradas como entidade misteriosas e incognoscíveis, às quais se não podem aplicar as normas habituais da pesquisa rigorosamente científica e objetiva”.

“Malgrado os pontos de vista dos subjetivistas, dos machistas, dos agnósticos, os resultados obtidos pela física moderna demonstram o caráter objetivo da Ciência, a cognoscibilidade das leis da Natureza, a capacidade da ciência de penetrar nos segredos mais profundos do sistema do Universo”.

“A luta da Ciência materialista de vanguarda contra as teorias subjetivistas e as demais teorias idealistas é, em suma, uma das expressões da luta implacável que a história vê desenvolver-se entre as classes, entre a classe operária e a burguesia, entre o Socialismo e o capitalismo”. “Contra o subjetivismo nas ciências da Natureza” — artigo I. Zhdtmov, in “Problemas”, N° 47, julho de 1953).

* * *

A verdade, porém, é que Allan Kardec, em face da objetividade dos fenômenos psíquicos, alheios à vontade e ao pensamento do “médium” e dos assistentes, vinculou o espiritualismo aos ramos da ciência positiva ou materialista, desanuviando, dessarte, do “mistério” e da “incognoscibilidade” o problema da alma. Foi o mesmo que libertar a doutrina cristã do subjetivismo das religiões. Só assim, em verdade, ela poderia adaptar-se ao Socialismo científico, para não se acomodar às ideias oportunistas e muçulmanas. Abandonando os métodos subjetivos, Allan Kardec, pedagogo, discípulo de Pestalozzi, quis, com isso, provar que a alma não é uma “entidade misteriosa e incognoscível, mas uma realidade histórica, ainda que adulterada. Já que, nessas condições, não poderia encobrir qualquer sentido de “privar as leis da Natureza e as leis da Sociedade do seu conteúdo objetivo”, ou de desprezar “o método científico objetivo do conhecimento por qualquer método subjetivo”.

Desse modo, a interpretação progressista, de Kardec, supressas as contradições, por força dos novos tempos, conforme a nossa análise anterior, estabelece o seguinte dilema para os homens de Ciência: ou o fenômeno espírita é uma lei da Natureza, e, portanto, fundamenta a criação de uma disciplina pedagógica especializada, ou representa uma visão subjetiva, semelhante à dos alucinados, e, pois, já prevista e incorporada à medicina materialista.

Isso quer dizer que Kardec, de qualquer maneira, teve o mérito de revolucionar o secular problema da filosofia espiritualista, e de obrigar a ciência materialista a estudá-lo, por

um novo aspecto.

O Espiritismo forçou os cientistas à abertura de um concurso de filosofia, em torno da tese da imortalidade do espírito. Em face dos FATOS ESPÍRITAS, os alicerces da filosofia materialista abalaram-se, com o conseqüente descrédito do dogmatismo da ciência oficial no caso.

Se a veracidade do fenômeno Espírita não se manifesta no seio da natureza objetiva, mas, como uma ilusão na mente de determinadas pessoas, segundo os materialistas, é certo, todavia, que esses não puderam explicar-lhe, convincentemente, as causas. “

Resulta, então, que a hipótese Espírita continuará de pé enquanto não contestada com dados científicos. E foi essa a conclusão a que chegou o sábio fisiologista Carlos Richet, como já havia sucedido com o seu colega italiano Ernesto Bozzano. Ao livro de Silva Melo, “Mistérios de Além Túmulo”, responderam, documentadamente, Carlos Imbassahy e Pedro Granja, em “Fantasmas, Fantasias e Fantoques”.

* * *

Para a doutrina de Kardec, “a capacidade da Ciência, de penetrar nos segredos mais profundos do sistema do Universo” significa a mesma capacidade crescente da nossa inteligência, ou a penetração progressiva do Espírito nos áditos da Natureza.

A doutrina dos espíritos assinala precisamente que o desenvolvimento da História é obra do pensamento humano,

sob o império das forças ambientais e dos fatores complexos das relações econômicas, que, por sua vez, se relacionam com as lutas do próprio espírito humano, pesquisando, descobrindo leis e aplicando-as às surgentes necessidades sociais.

Daí ser exato que o antagonismo capital entre as duas filosofias consiste, como escreveu Engels, no “modo de encarar o problema filosófico de relação entre o pensamento e o ser, ou entre o espírito e a Natureza”.

Para os marxistas, o progresso resulta, principalmente da ação da natureza material (leis físicas, do Cosmos, e leis econômicas, da sociedade humana). Mas, para os neo-espiritualistas, a Natureza é que se subordina à Ciência, como obra da inteligência evoluída dos homens, e, por conseguinte, o que prevalece, em última instância, no Universo, é o poder imortal do espírito, como o verdadeiro determinismo da vida.

O espírito é a energia que se intelectualiza, por efeito de energia maior, criadora, a que, por conveniência de entendimento comum, se convencionou chamar DEUS.

E essa nova concepção espiritualista concilia-se, perfeitamente, com a doutrina atual do Socialismo, que, pela filosofia marxista, é, por fim, a aplicação científica das leis naturais da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, — conclusão concorde com a teoria de Kardec, para quem as três palavras constituem, por si sós, “o programa de toda uma ordem social CAPAZ DE REALIZAR O MAIS ABSOLUTO PROGRESSO DA HUMANIDADE (“Obras Póstumas”).

Bahia, Outubro de 1954.

EUSÍNIO LAVIGNE

VI

Sousa Do Prado, A Federação Espírita Brasileira, As “Palavras De Emmanuel” e o “Centro Espírita 18 De Abril”

(Um parêntese, na 2ª carta a Leopoldo Machado)

1 - Certamente, não faltam espíritas de visão sociológica igual à de Sousa do Prado, pseudônimo de José de Sales de Sousa Ribeiro, nascido em Portugal, mas, de há muito, brasileiro nacionalizado. Conhecemos confrades distintos, como Antônio José Alves, José Maria Macedo dos Santos, Daniel do Nascimento e José Augusto de Alvarenga, que pensam também como aquele, apesar de mais modestos, sem cartas de doutor.

Mas, com a cultura e os recursos dialéticos com que Sousa do Prado sabe situar os problemas sociais no campo do Espiritismo, propriamente, ainda não vimos quem melhor o fizesse.

Alguns confrades não o toleram, por questões mais de ordem pessoal. É que sua crítica, por vezes, se reveste de rude franqueza e de uma ironia cortante. O criticado sente-se ofendido, e, daí, não é difícil a queda no despenhadeiro do terreno pessoal.

Esse temperamento, porém, não lhe esmaece a honestidade.

Já lemos um elogio caloroso de Manuel Quintão ao talento e às qualidades polemísticas de Sousa do Prado. O louvor, porém, não lhe reduziu a liberdade de criticar os atos de Manuel Quintão, levados à sua apreciação¹⁶.

II — É comum, nos meios espíritas, julgar-se a vida particular de terceiro, abstratamente, em comparação com a “moral cristã” do pretense julgador. Se esse (hipótese figurada) costuma cumprir as suas obrigações financeiras em dia, e aquele, não — procura-se atribuir a desigualdade do cumprimento a um menosprezo à moral: o primeiro é honesto, e o segundo é desonesto.

Eis aí uma forma de julgamento, que é falsa, por sua subjetividade.

A nossa volição subordina-se ao determinismo das condições objetivas do ambiente social. Por isso, o rico pode ser mais pontual nos seus compromissos do que o pobre, uma vez que a nossa vontade, se, de fato, influi nas nossas deliberações, é certo, contudo, se guia pelo reflexo de fatores objetivos ou materiais.

¹⁶ Manuel Quintão, em “Reformador”, de 16-9-32, escreveu; “E porque a tenha (Sousa do Prado, à consciência) fortalecida na fé, e acrisolada na índole de uma vida modesta, mas operosa e limpa, diz o que sente como quem sabe o que diz e porque o diz ao contrário daqueles que calam o que sentem para dizer do que não sabem nem sentem. Verdascando soléncias acadêmicas e benefícios sectaristas, argumento por argumento, o ardoroso polemista não tergiversa nem condescende, e. é toda uma sequela pitoresca de Leonídios e Tritões, que lhe dançam na escumilha do estilo, faiscante de gemas preciosas. Não é, portanto, um livro (“Padres, Médicos e Espiritistas”) doutrinário apenas, quanto ao fundo; é também uma obra literária de feição inconfundível, e até agora, para nós, única no gênero”.

De modo que o verdadeiro critério da honestidade repousa na extensão social dos nossos atos e pensamentos. Não existe o bem, nem o mal, abstratamente considerados. Igualmente, os direitos e os deveres.

O rico costuma pagar as suas obrigações, não tanto por amor ao bem e ao dever, em si, mas por motivos de defesa própria, para consolidar o seu crédito financeiro, perante a sociedade capitalista, responsável pela formação do código ético em vigor.

O pobre, não raro, perde esse crédito, em virtude mesmo e da desorganização social (V, “Livro dos Espíritos”, resp.930). E é essa que, por seus dirigentes, distingue da moral o direito, para melhor facilitar a imoralidade do explorador contra os fracos ou explorados. Assim, quando, em virtude das comuns crises econômicas, o devedor não paga os seus títulos, fica ele sem razões de apelo à moral, porque o direito, consubstanciado na *lei-convenção*, se interpõe, de espada em punho, e, por isso, faculta ao credor apoderar-se dos bens do devedor, em praça pública, por meio de um processo o Direito Processual —.

A distribuição anárquica do trabalho, num sistema de concorrência desenfreada, a cata do lucro do capital, gera o enriquecimento de uns e o empobrecimento de outros, e, conseqüentemente, o desemprego, que se torna, assim, um objeto de especulação mercantil.

É a tese marxista da “exploração do homem pelo homem”, condenada, demagogicamente, por estadistas burgueses, e, cientificamente, demonstrada pela doutrina do Comunismo.

A pobreza resulta, então, em última análise, de um desequilíbrio social, oriundo, em regra, de uma exploração desumana, que determina, quase, sempre, nos pobres, a impossibilidade material de pagar os seus compromissos, e que, não raro, influi nos seus hábitos morais.

III — Por isso, a moral comunista já é diferente da moral burguesa, porque, além do mais, não dissocia do direito a moral, para que a moral signifique um dever de lutar pelo próprio Comunismo, isto é, por uma organização social, que *assegure a liberdade dos direitos humanos*.

Desconhece-se, por aí, o bem abstrato, ou a moral abstrata.

A moral do indivíduo está, indissoluvelmente, ligada ao direito da sociedade, e, reciprocamente, o direito individual se liga à moral da sociedade.

Essa moral identifica-se com a Doutrina Espírita, pois não se concebem duas verdades colidentes sobre um mesmo assunto.

Mas, para essa identificação, faz-se mister o desbaste das arestas contraditórias ou confusas dos enunciados do “Livro dos Espíritos”, para harmonizá-los com a moral socialista, que é científica, porque se baseia numa realidade econômica, comprovada pela experiência da União Soviética, para a qual “o conceito da felicidade e da segurança individual está subordinado à felicidade e à segurança da comunidade” (Olympio Guilherme, “U.R.S.S. e U.S.A.”, pág. 232, livro editado

este ano, e que nos foi oferecido pelo nosso prezadíssimo confrade José Maria Macedo dos Santos).

Em verdade, busque-se no “Livro dos Espíritos” o vício mais deletério do homem, e Kardec responde que é “o egoísmo”, por “incompatível com a justiça, o amor e a caridade” (resp. 913).

Mas, como destruir o egoísmo? E Allan Kardec entra em generalizações, para concluir que a chave do problema está “na educação moral”, isto é: o fundamento da desordem social é o egoísmo, que só o Espiritismo é capaz de combater, porque “transformará os hábitos, os usos e as relações sociais” (Id., 917).

Mas, o remédio, expressamente indicado por Kardec, está em desacordo com as razões implícitas do mesmo Kardec, porque ele atribui ao egoísmo a responsabilidade das nossas imperfeições, quando, no entanto, pelo espírito progressista, que ele confessa, da doutrina, se verifica que o egoísmo é efeito e não causa dos males da sociedade humana.

Realmente. Como definiram os Espíritos a moral? Pela prática do amor ao povo. “O homem procede em quando tudo fez pelo bem de todos, porque, então, cumpre a lei de Deus” (Id, resp. 629).

E qual o primeiro direito, de todos, a ser objeto do nosso procedimento? - “O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o de viver” (Id. 880).

E como se pode viver? Em primeiro lugar, em sociedade. “Deus fez o homem, para viver em sociedade” (Id., 766).

Portanto, fora das relações sociais, é impossível à vida humana.

Concomitantemente, a vida necessita de energia fornecida pela combustão dos alimentos, oriundos “dos produtos do solo” (Id. 706). Logo, sem a economia agrária não se pode viver, e é dela e por ela, que se formam, primitivamente, as relações sociais. Por outros termos: o indivíduo depende do trabalho social da produção alimentar.

E é obra dos homens ou dos espíritos esse trabalho da produção?

A descoberta das leis econômicas não saiu do Espiritismo; mas da Ciência. Conforme frisamos em nossa anterior carta, Allan Kardec, não só em “Gênesis”, como em “Obras Póstumas”, reconhece que não cabe ao Espiritismo essa tarefa. “O Espiritismo não cria a renovação social” (Gên. cap. XVIII, 25). “Nem fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão” (Ob. Post. 209).

E as religiões, a moral cristã, ou o Espiritismo já modificaram os costumes de um povo, de modo a criar condições sociais que abatessem o egoísmo, e firmassem os princípios concretos da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade? Não se conhece um só caso. O Brasil, “pátria do Evangelho”, é um dos países mais desorganizados, conforme mostrámos em nossa carta anterior.

A América do Norte, com a sua grandeza material, está presidida por um governo selvagem, dominado pelo belicismo,

Agora observemos o contraste: — o Socialismo, pela concepção marxista, já forneceu o mais espetacular exemplo daquela civilização de fraternidade a que se refere a resposta 793 do “Livro dos Espíritos”, e o comentário de Kardec em “Obras Póstumas”, pág. 207. “O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da Justiça para todos, e o da Justiça será o da Paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças” (Cit. Ob. Post.).

Logo, a explanação de Allan Kardec, em “Obras Póstumas”, sobre o egoísmo e o orgulho, suas causas, seus efeitos, e os meios de destruídos” está em contradição com os fatos e com a essência da doutrina, que é progressista, e não pode, sob pena de suicídio, contrariar as verdades da Ciência, que finca o seu primeiro marco no conhecimento dos fatos.

O comentário de Kardec, no caso, envolveu-se em preceitos de religião, com sua mora] individualista, para concluir, que, “sem a fé” ou sem “crer em Deus e na vida futura” “não se modera o orgulho”, “impossível destruir o orgulho e o egoísmo”, responsáveis pelo não “advento do reinado da fraternidade”. Razão por que — declara o comentarista — “os interesses mundanos passam a ser o acessório”. “O principal é a vida futura”.

Não é exato.

Como já provámos, o espírito procedeu da matéria (cit.

resp. 540 Liv. Esp.); a vida humana necessita da economia animal, ou da nutrição física; e é pela encarnação que a inteligência se desenvolve (resp. 132 Liv. Esp.). Logo, o principal, neste mundo, é a solução dos interesses mundanos, quer dizer, dos interesses da Humanidade deste mundo. O progresso da moral é uma consequência (efeito e não causa) do progresso econômico. Correlativamente, a moral — pela lei da interdependência dos fenômenos e da causalidade — influi, e pode, até, ser causa de novas ideias, na luta pelo desenvolvimento da sociedade. Aí, então, com a vitória do “reinado da paz”, em virtude da vitória do Socialismo, ou da vitória da inteligência sobre as leis da Natureza, devidamente compreendidas, é que o espírito humano está mais capaz de espiritualizar-se, isto é, de conhecer a natureza da “crença em Deus”, da “vida futura”, das recompensas e castigos ou da imortalidade, enfim.

IV — Em suma: a educação moral relaciona-se com a solução da economia, que deve ter a prioridade. À economia que resolveu, pelo menos com mais êxito, os problemas da educação, foi a socialista, à Marx. O inimigo do Socialismo, sobretudo no momento, é o imperialismo anglo-norte-americano.

Logo, à luz da pura doutrina cristã, o espírita precisa de lutar pelo Socialismo, por etapas, e contra o imperialismo, a todo o tempo. Porque é pela liberdade das massas populares que o indivíduo se liberta e se moraliza; e, com essa libertação, poderemos planejar todos os problemas da vida em sociedade.

Assim, a luta deve objetivar o campo social da pobreza, e não o campo individual do pobre. E não prover as necessidades do pobre, pelo recurso, humilhante e precaríssimo, da esmola, e da sua irmã “caridade”.

O aforismo “fora da caridade não há salvação”, de Kardec, perdeu o seu significado de outrora. A caridade, hoje, melhor se compreende como solidariedade, moral ou material.

Quando os. Centros Espíritas pedem donativos para os pobres, pelo Natal, e pela Sexta-feira da Paixão, apelam para a solidariedade material, contra a miséria e a fome.

Centenas de anos, a “religião cristã” vem trilhando esse caminho. Mas a fome e a miséria aumentam por toda parte, e as classes poderosas, por seus filósofos, levam o aumento à conta do crescimento da população, motivo por que eles pretendem resolver o angustiante problema, com medidas anticoncepcionais e com guerras. Quer dizer: tais filósofos da “civilização cristã”, da América do Norte principalmente, tão admirada por certos espíritas, amedrontados com o “materialismo comunista”, acham na morte e no assassinio coletivo a solução para os problemas da vida !!

Mas, a Ciência, libertando-se dos preconceitos religiosos, tomou a si a defesa dos pobres e dos explorados, e montou o laboratório do Socialismo, numa sexta parte do mundo. Disso resultou à substituição da caridade pela educação e pela assistência social, como dever do Estado, mas do Estado popular e não do Estado burguês, que vive, precisamente, mais da divisão de classes, inclusive de “ricos” e “pobres”, origem da

“caridade” religiosa e das candidaturas dos amantes da caridade ao “reino do Céu”.

Consequentemente, o Espírita progressista tem o dever de preferir o Estado socialista ao Estado burguês, porque os fatos provam que a “lei do progresso” está com o primeiro (Liv. Esp., 776-785, combinados com a interpretação científica). E os “Centros Espíritas”, para ser coerentes com a mencionada lei, deveriam explicar o sentimento da caridade, pelo modo por que o encaramos, para que os seus sócios não permaneçam na ignorância de verdades, de que precisam saber, e não lhes sobrevenha a revolta, pela sonegação da liberdade de cultura, como, revoltado, escreveu o escritor Olympio Guilherme, sobre sua viagem à União Soviética, nestes termos:

“Minha primeira impressão da Rússia produziu em meu íntimo uma sensação de surda revolta contra todos os elementos e todas as circunstâncias que me haviam, até então, negado o conhecimento verdadeiro do que se passava no mundo soviético.

Esse sentimento de revolta acabrunhadora justificava-se, porque todas as fontes de cultura onde eu havia procurado solidificar minha educação toe haviam recusado, sistematicamente, deliberadamente, o conhecimento da verdade sobre a União Soviética, que

agora eu tinha a sensação de descobrir, por iniciativa própria, arrostando com todas as consequências da minha curiosidade. Eu não me podia conformar, sem íntima revolta, com a propaganda que até então destilava, em meu espírito, como um filtro deformante, todas as mentiras, todas as intrujices de que é capaz a paixão política, quando a serviço de interesses subalternos.

É essa propaganda criminosa a maior responsável pela mediocridade da cultura contemporânea, no que essa cultura pode concorrer para o levantamento do nível intelectual das massas e das elites, através da difusão da experiência e do aprimoramento de todo o saber humano, que vai do simples manejo de um trator até as elucubrações mais transcendententes da filosofia.

O prejuízo que essa propaganda causou à cultura mundial, neste último terço do século, foi infinitamente mais grave, porque de consequências muito mais profundas, do que o provocado, no terreno puramente econômico, pela Guerra Fria” (Ob. cit, pág. 229).

Eis aí como um insuspeito escritor, honestamente, abre “as cortinas de ferro”, para nos exhibir o grandioso panorama da cultura soviética, “que vai do simples manejo de um trator até as elucubrações mais transcendententes da filosofia”, e, assim, nos convencer de que a “cortina de ferro” não passa de uma “propaganda criminosa”.

V — Argumentar-se-á que os “Centros Espíritas” ficam à parte desses debates, porque eles, os debates, podem provocar atritos políticos, e toldar o ambiente de serenidade das sessões, motivo por que a religião se deve separar da; política.

Pois, aí está: nesse falso argumento, temos uma prova exuberante de que religião é incultura, é crença sem raciocínio, é fideísmo, e, pois, é a única responsável pela abstenção de espíritas às lutas pela paz objetiva e pela independência dos povos.

Tendo dito Allan Kardec que o “Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos, físicos, metafísicos e morais”, ele admitia que as associações espíritas não devem ficar alheias à cultura humana, e, pois, — se, como vimos, só por estupidez, velhacaria ou pusilanimidade, se tem ocultado ao povo o conhecimento do progresso científico da U.R.S.S. — os centros espíritas, associando-se a esse silêncio, estão concorrendo para a ignorância, para a disseminação de “todas as mentiras, de todas as intrujices de que é capaz a paixão política, quando a serviço de interesses subalternos”. E, precisamente, pensam que se isentam do dever social, porque se acolhem atrás da cortina de passividade das religiões.

O que nos parece certo, em face do pensamento evolutivo da Doutrina Espírita, é que as associações espíritas deveriam conter duas ordens de estudo: uma, social e filosófica, e a outra, experimental, para efeito científico, filosófico e moral.

A primeira, através das sessões doutrinárias, abrangeria o ensino das ciências sociais e políticas, em confronto com a filosofia do Espiritismo, e, portanto, não só os Centros Espíritas deveriam facultar as suas sedes a conferências sobre qualquer ciência, inclusive a economia política, como ainda manifestar-se sobre todos os movimentos sociais, apartidários, de defesa da Humanidade e da Pátria. Nesse sentido mesmo, segundo já demonstrámos, a Federação Espírita Brasileira regozijou-se com a instauração da República e com a luta antiescravagista, que terminou com o 33 de maio de 1889. A educação apolítica é velharia.

Como, entretanto, existe a segunda parte, referente à fenomenologia — o que vale dizer, referente ao estudo das relações entre este e o outro mundo, ou ao do problema da imortalidade, que, sem fatos, não poderia ser objeto da ciência, mas apenas da religião —, não seria lícito que os Centros Espíritas se imiscuissem em campanhas partidárias ou em assuntos comuns às entidades de classe.

Essa parte especial do Espiritismo — a razão mesma de sua existência — pode definir-se como o estudo da “química da alma”, e, evidentemente, está fora de qualquer manifestação estranha à sua natureza específica, da mesma forma que uma associação de químicos poderia ajuntar-se à luta pela Pátria e

pela Humanidade, mas não concorrer com interesses outros alheios ao campo da química. Isso, porque a normalidade da vida da associação dos químicos está na dependência da normalidade da vida nacional, e se relaciona com a cultura dos povos, do mesmo modo que, numa Pátria, sob o jugo da tirania, os Centros Espíritas podem ser fechados, como aconteceu na Alemanha de Hitler, e, agora, na Espanha de Franco, e em Portugal de Salazar.

VI — Esse o critério que nos parece o justo para a orientação das sociedades espíritas do Brasil.

No entanto, a Federação Espírita Brasileira, por sua ilustre diretoria atual, afasta-se dessa diretriz, porque seria — diz ela — uma demonstração de incultura evangélica.

Vai se ver, num sub-parêntese que abrimos, a improcedência dessa atitude, em face do Evangelho “em espírito e verdade”. Pelo que, iremos ampliar o nosso comentário à nota da Federação sobre “Partidos Políticos”.

Como sabemos, quem colabora no desenvolvimento da Ciência está servindo a Deus, que julga o colaborador por sua sinceridade e pela respectiva projeção social da obra. Essa, a filosofia do Espiritismo, ou, pelo menos, a moralidade do seu ensino.

Por isso, Marx-Engels e Lênin-Stálin, ateus, serviram mais a Deus do que trilhões de espiritualistas.

Seria ridículo admitir-se que Deus desprezasse um sábio

da natureza, por motivos de crença religiosa. Violar-se-iam os próprios fundamentos da Justiça, que é Deus. Contradição inconcebível.

Agora, uma consequência dessa verdade: o eleitor, no exercício do voto, não deve opor reservas à crença do candidato, senão à sua inidoneidade para o mandato político.

Não obstante, o “Reformador”, na mencionada nota “Partidos Políticos”, março 1954, admite essa absurda reserva, ao advertir, de um lado, que — “todos nos sentiremos jubilosos com a eleição de candidatos espíritas” — e, de outro lado, que — “não se concebe que o Espírita vote em candidato, cujos princípios colidam com a moral cristã” (Depreende-se uma alusão ao materialismo filosófico, à margem da crença em Deus e na alma).

Tamanha distinção, por facciosa, pode ser admissível entre os adeptos do espiritismo religioso, não porém entre os do Espiritismo científico.

O espírita, em pleito político, exerce o voto, como cidadão e não como proselitista, nem como profissional.

É que a preferência do voto une-se, principalmente, à capacidade política do candidato, e não à sua profissão e, muito menos, à sua ideologia religiosa.

O candidato, uma hipótese, pode ser Espírita e médico, mas o eleitor, Espírita e médico, não deve levar em conta tais qualidades; para efeito preferencial do voto ao confrade e ao

colega, porque elas, até certo ponto, podem influir, mas não determinam a capacidade política do candidato.

Irrespondível o raciocínio, em face da realidade.

O deputado federal Roberto Morena é comunista. Nenhum, na Câmara, todavia, o excede em operosidade e coerência política, ainda que não queiramos concordar com suas ideias. Lutando pela soberania do Brasil, nunca dele se ouviu qualquer restrição à liberdade religiosa.

Já, inversamente, vários deputados espiritualistas, sobretudo sacerdotes católicos, defendem a intolerância religiosa, por subordinados a preconceitos de religião, e ainda votam, como votaram, em favor de atos do governo, antetatórios da nossa soberania, como o famigerado “Acordo Militar Brasil-Estados Unidos”, que restringe e, por vezes, suprime a nossa liberdade comercial, a benefício do monopolismo norte-americano.

Pela teoria dos diretores da Federação Espírita Brasileira, o eleitor espírita, entre o comunista Morena e o padre Ponciano, deve votar no reacionário padre católico, por ser espiritualista. Evidentemente, o disparate é uma consequência do desvirtuamento da Doutrina Espírita, colocada na categoria de religião.

Cessaria, porém, a controvérsia, perante o Espiritismo, cientificamente doutrinário, que “demonstra, no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência, no da materialidade, o que é possível e não é” (Gênesis, cit. cap. XIII, nº 8). E é esse

realismo que nos faz considerar o espírito, em sua origem, como modificação da matéria (Liv. Esp., 63 e 540), embora ambos, espírito e matéria, emergissem da unidade da Natureza, e, por força da energia universal, se separassem depois, para destinos diferentes (Idem, 78, 79, 83, e comentário à resp. 191),

Em tais condições, o estudo do Espiritismo não desconceitua a teoria materialista do conhecimento, e, pois, há de enfrentar a vida social, em função das leis materiais do desenvolvimento da sociedade, como as da economia.

Aplicando-se, pois, a teoria à prática, segue-se que o voto preferencial dos eleitores deve recair nos concidadãos mais senhores dessas leis, ou, em linguagem mais clara, nos que estiverem mais bem inteirados dos problemas da administração pública, a começar pelos da produção agro-industrial, de cuja estabilidade depende a solidez dos programas educacionais.

Por esse sentido é que deveria moldar-se a nota do “Reformador”.

“Candidatos espíritas”, “candidatos católicos”, “candidatos protestantes”, são expressões próprias do ânimo faccioso das religiões, que mais reclamam do eleito a prova de sua fidelidade às respectivas crenças, quando, em verdade, o objetivo legal; no caso, é a prova da competência em matéria de ordem sócio-política.

Por isso, não seria despropósito que a Federação indicasse o nome do deputado Campos Vergai às preferências do eleitorado, porque, à sua qualidade de espírita, alia o

conhecimento dos problemas imanentes à nossa segurança nacional, e o seu contacto com o “materialismo” dos comunistas não prejudicou- a “moral cristã”, que ele tem sabido respeitar.

VII — É claro que não estamos censurando a liberdade de religião dos sócios da Federação Espírita Brasileira, o que seria um contrasenso. Trata-se de um comentário à doutrina, perante um grande propagandista do Espiritismo, como é V., representando um interesse geral. Nada de contrariar liberdade de ninguém, mas que dessa não se faça um princípio de verdade oracular, perante o público, a que assiste, também, o direito, por seus elementos divergentes, de contestá-la, em função da mesma liberdade de pensamento.

Agora mesmo, recebemos da veneranda associação um livro — “Palavras de Emmanuel”, sobre “questões científicas, sociais, filosóficas, históricas, religiosas, morais”.

— “O Socialismo é uma bela expressão de cultura humana, enquanto não resvala para os polos do extremismo” (pág. 67) .

“Extremismo, como “totalitarismo”, é uma expressão muito usada pelos reacionários, em face das novas ideias revolucionárias. Opondo-se, pela violência, à lei natural da “cultura humana”, eles mesmos deram causa à contra-violência desse modo, extremistas são os reacionários. E também, até certo ponto, devem considerar-se como tais os “neutros”, que cruzam os braços diante das violências à cultura humana.

O certo, porém, é que não há “Socialismo extremista”.

— A pág. 119, diz-se que a medicina não se espiritualizou ainda, “em razão da febre maldita do ouro”.

No Socialismo predominam as forças do trabalho livre (a inteligência, pois), e, no capitalismo, a concorrência pelo lucro do ouro (uma coisa, pois).

Num exemplo pequeno, pode-se observar essa diferença.

Pelo cooperativismo, que é uma forma pré-socialista, prevalece o voto pessoal, nas assembleias; mas, nas das sociedades anônimas, predomina o número das ações: um portador de cem ações pesa mais na votação que 200 acionistas, de 95 ações.

Deduz-se que o Socialismo entreabre melhores possibilidades para a nossa espiritualização, porque nos liberta do absolutismo do ouro.

Mas, a filosofia de Emmanuel não nos instrui sobre o assunto. Pelo contrário: divaga, sem nos oferecer elementos para uma conclusão própria.

“Os apóstolos dessas realidades não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da Humanidade”. Que quer dizer isso? Nada. Serão os apóstolos os autores do novo ciclo? Ou será que, por influência do novo ciclo, surgirão os apóstolos? De qualquer modo, não nos indica o meio real de arredar o obstáculo (o ouro) da espiritualização da Medicina, que, entretanto, por socializada na União Soviética, já se livrou da “febre maldita do ouro”.

A Paz, que é o ideal da Humanidade, entra nas cogitações do sociólogo Emmanuel como motivo de divagações Literárias, de subjetivismos, de frases -soltas. Confusão, enfim.

“Não acreditamos em paz ambiental, sem paz dentro de nós mesmos” (pág. 132). Essa opinião infringe a “lei de sociedade” do “Livro dos Espíritos”, porque, sem a sociedade em paz, ninguém, em sã consciência, pode viver em paz. Material e moralmente. — “Não pode haver paz num mundo conturbado pela miséria e pelas guerras” (Emmanuel). Está certo, contradizendo a sua assertiva anterior. No entanto, lá vem nova confusão ao declarar que “a paz da consciência, pelo dever cumprido”, é o distintivo da paz do homem. Esse conceito nos levaria à prática do egoísmo, porque confere à consciência e a deveres subjetivos o papel de criadores da paz. Irreal.

A paz objetiva do ambiente social é o que determina e assegura a paz do homem, e, portanto, nos obriga a cuidar do próximo, dos nossos semelhantes, da sociedade, do povo, enfim. Esse trabalho pela paz social é que nos predispõe à “paz da consciência pelo dever cumprido”.

A mesma logomaquia religiosa ressuma da sua distinção entre “Ciência” e “cientificismo”, a ponto de subordinar todos os nossos conhecimentos à ideia de Deus, ou como ele escreveu: “a física da Terra, obra instável dos indivíduos, não poderá prescindir da lógica de Deus”. Ele distingue a “cultura terrestre” da “sabedoria do espírito”, que é “o conhecimento divino”. O dualismo, pois, da “cultura” e da “sabedoria”.

Ora, segundo Kardec, a cultura é a sabedoria do espírito,

no tempo e no espaço, isto é, independentemente de estar encarnado ou desencarnado.

Pela ciência, a cujas verdades o Espiritismo se sujeita, ou melhor, para evitar circunlóquios, digamos: pelo Espiritismo científico, todos os fenômenos da Natureza se ligam unitariamente, e, pois, não necessitam, para o nosso conhecimento, da “fé em Deus”.

Se “a Ciência esclarece que a energia faz o movimento” (palavras de Emmanuel), certamente, explicará, um dia, outras forças desconhecidas da Natureza, porque, afinal, “a ciência humana pertence também a Deus” (Kardec). “Dado que a ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a ciência Seria repudiar a obra de Deus” (Obras Póstumas, págs. 208-209).

Em relação ao “Trabalho”, Emmanuel emaranha-se nas espirais de um simbolismo vazio. “O trabalho é um relógio contra as aflições que dominam a alma”, e, por ele, um dia, “converteremos a Terra, nossa casa e nossa oficina, em glorioso paraíso, sem necessidade de transferência para Júpiter e Saturno”.

Admite-se, aqui, a unidade da “cultura terrestre” e da “sabedoria divina”, porque, para o conhecimento da vida ou da cosmobiologia, como diria Aníbal Vaz de Melo, não precisaremos sair da Terra.

Evidentemente, as palavras de Emmanuel retratam as mesmas discussões teológicas dos tempos medievais, coisa,

entretanto, que foi relegada ao desprezo, por Kardec, em várias passagens do livro “A Gênese” (Cap. I, ns. 50, 55, 60).

Tais ensinamentos de Emmanuel, pelo menos os que mencionamos, afrouxam a confiança nas forças do trabalho humano, e só servem para desviar dos estudos científicos o espírito da mocidade.

VIII — O religiosismo debilita as nossas forças morais, e, por isso, constitui um dos objetivos da propaganda do imperialismo econômico. As missões evangélicas, com que os americanos procuravam catequizar os chineses à sabedoria da Bíblia, invadiram o Brasil, com a perda da China, libertada de tais “missões”. Nas estações de rádio, de mistura com os reclamos comerciais, ouvem-se diariamente as palestras luteranas, sob o sotaque de “pastores” americanos.

Todos os pregadores religiosos, conscientes uns e subconscientes outros, tendem a grudar a consciência dos jovens inexperientes ao Deus da Bíblia, para que melhor o governo se arme contra o “comunismo ateu e materialista”, que nos fecha as “portas do Céu”.

A indústria do anti-comunismo é uma função da desonestidade, a mais cruel que a História já registrou. E tem sua base na luta de classes, nesta tempo histórico em que a Democracia, apoiada na organização do operariado e dos trabalhadores rurais, que representam a maioria absoluta da população, assume a sua posição, contra a autocracia burguesa, que abandonou o liberalismo de outrora, em face da caducidade do regime capitalista, Já Eduardo Prado, católico e

monarquista, previra a ascensão da classe operária no destino político dos povos (A ilusão Americana) — ... “Os operários, que afinal, são a força, são o número, são a justiça e serão o poder de amanhã”... (pág, 175).

O provérbio do Evangelho, — “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino do Céu” revela, simplesmente, “a pobreza de espírito” do rico.

O rico burguês considera-se livre, quando nada lhe falta à comodidade, mas, apesar de, materialmente, liberto, não raro se amofina na luta pela soberania da Pátria, face às exigências do capital colonizador, O pobre operário, que não goza da mesma liberdade, sabe, entretanto, lutar pela soberania do povo.

V. repare mais em que a maioria dos ricos, premidos pelas circunstâncias do império capitalista, não guarda, em regra, a honestidade social, ao ponto de sujeitar à rede de seus negócios um séquito de intelectuais, que se transformam em instrumentos do egoístico explorador e agentes da mistificação coletiva. E é por isso que a guerra contra o Comunismo fixou o seu quartel general na classe dos poderosos.

V. deve conhecer, nessas condições, espíritos ricos, que são anti-comunistas e pregoeiros da “moral cristã”, — enquanto espíritos pobres há que não temem dizer verdades contra os detentores do poder; e esses espíritos são, de fato, os mais possuidores daquela “fé que transporta montanhas”, e proclama a Verdade de “cima dos telhados”.

Mas, nem a Bíblia, nem os livros de Kardec, nem o lirismo, em perífrase, das palavras de Emmanuel explicam o sentido filosófico do apotegma evangélico.

Só pelo Marxismo atinamos com a profundidade do pensamento de Jesus.

IX — Poucos confrades, no Brasil, falam essa linguagem, dolorosa, mas verdadeira.

E é daí que se descobre a razão do nosso juízo sobre Sousa do Prado, que deu motivo a este capítulo,

Dos espíritas do Brasil é um dos poucos que, com maestria, sabe adaptar o Espiritismo às realidades da ciência sociológica.

Levantamos, há poucos anos atrás, pelas colunas do “jornal de Debates”, a tese da compatibilidade do Espiritismo com o estado socialista ou comunista, que, sendo o regime da libertação, não pode, logicamente, impedir a liberdade filosófica ou religiosa da população, a não ser que os reacionários pretendam abusar da liberdade para a restauração do regime opressor.

Pois bem: certo adepto do materialismo marxista, entrando na lide, reconheceu que, de entre os polemistas, o que mais sabia discutir era Sousa do Prado¹⁷.

¹⁷ Em uma carta a Daniel do Nascimento, escreveu o marxista Raimundo Carvalho: “Com efeito, Sousa do Prado é um homem notável, de extraordinário saber. Tenho-o na conta de Mestre. Sabendo, como poucos, esgrimir uma varinha mágica constante do que se compreende por personalidade sui-generis, Sousa do Prado é simplesmente

Estamos especificando uma face intelectual desse confrade, sem que, daí, se infira a diminuição do mérito de muitos outros, como Carlos Imbassahy, Pedro Granja, Júlio de Abreu,

212 , 213

goras sobre o nosso aperfeiçoamento espiritual. Tudo, porém; sem qualquer resultado prático.

Mas, bastaram poucos anos de pedagogia socialista, à Marx, conseqüente à direção da classe operária no poder, para que a Polônia e os demais países da Democracia Popular se livrassem do analfabetismo e experimentassem a grandeza moralizadora da nova mentalidade cultural.

O jogo, a prostituição, os furtos e roubos são vícios que, por mais severas que sejam as leis do Estado, e constantes os

genial e encantador no esposar esta contradição ideológico-filosófica: espírita-comunista. Só ele, Sousa do Prado, tal sabe ser. Que eu conheça, mais ninguém. “Espírito e Matéria” (seu segundo artigo, em “Jornal de Debates”) é autêntica obra prima, na qual, em que pese meus objetivos esforços, nada encontrei de contrário ao desideratum libertador. Foi o que de assas maravilhoso li, no sentido de uma associação espírito-material. E nada vi com olhos de mãe. Acontece, porém, que arte é arte. Sem forçar, devo dizer: Sousa do Prado se me afigura o homem mais inteligente de quantos haja eu conhecido”.

conselhos dos moralistas, se alastram, crescentemente, nos países capitalistas sobretudo naqueles que se submetem ao imperialismo norte-americano.

Esses negros vícios, entretanto, não preocupam mais a vigilância Policial, na U.R.S.S. A grande preocupação da política soviética é vigiar as quadrilhas de espiões que a “democracia” anglo-norte-americana dissemina pelo “mundo livre”, para, além do mais, fomentar desordens e golpes militares contra os povos que marcham para o Socialismo, como a gloriosa China.

Logo, para terminar este parêntese: a educação individualista, religiosa e subjetiva não resolve a questão social nem as duras dificuldades desta vida. Fora da Ciência, não há salvação.

E a ciência unicamente alcança a sua liberdade nos países onde as leis da economia guiam a sociedade. E isso só é possível, com o estudo e a aplicação científica da teoria materialista do conhecimento, ou com o Marxismo, que, com as restrições já assinaladas, não é incompatível com o espírito do cristianismo renovador.

E isso já foi anotado, mesmo, por um sacerdote católico, Koulischer, da Bélgica:

“Pode-se aceitar a concepção materialista da história como método de estudo da evolução da sociedade humana”, sem concluir pela aceitação dos ensinamentos filosóficos do materialismo científico. Vale dizer: pode-se ser um perfeito marxista, sem abandono das convicções religiosas” (Charles,

Hainchelin — Les Origines de La Religion, pág. 31).

E o nosso profundo espiritualista Aníbal Vaz de Melo: “O estudo da evolução da Terra leva-nos à convicção de que Marx tinha razões ao fazer a sua interpretação econômica da História. A filosofia marxista, embora não monopolize totalmente a verdade, contém grandes parcelas da verdade” (A Era do Aquário, pág. 47).

Assim se pronunciam as inteligências socialmente honestas, sem a primazia das quais os corações honestos pouco valem. V. resp. 780, Liv. Esp.)

Bahia, junho de 1954.

EUSÍNIO LAVIGNE

VII

Recreação

“Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira, abriu, em seu número de junho de 1952, duas colunas, para um artigo de Vinícius, sob o título “A vida e os divertimentos”, que assim começa:

“O materialismo revela-se sob vários aspectos. Uma de suas modalidades consiste, sem dúvida, nessa infinidade de entretenimentos que se sucedem, sem solução de continuidade”.

A proposição transcrita ajusta-se também ao espiritualismo clássico, anacrônico, a entreter os homens com

uma infinidade de ideias místicas e religiosas, todas as quais favorecem o materialismo sensualista, que o autor pretendeu condenar. Comprova-o a natureza do próprio artigo, metafísico e subjetivo, sem qualquer conteúdo realístico, de que, entretanto, em rigor, não se afasta a pura doutrina espírita, ou a Metapsíquica.

Em verdade, o articulista reclama contra a superexcitação do povo, com a “zona sensorial em constante estado de exaltação”.

Mas, por que tudo isso? — Porque, depois das “horas forçadas do labor cotidiano”, diz o prelecionador, os homens empregam o seu passatempo nos “cinemas, nos teatros, nos circos, no futebol, nas boites, nas corridas, nos jogos, nas excursões, etc.”...

Esses “excitantes mentais”, na linguagem do comentador, parecem-se com “as sensações novas”, do agrado das crianças, que “vivem do exterior, não refletem, nem meditam”. “A criança desconhece o plano subjetivo. Nada de abstrato, tudo concreto”.

Por esse modo de raciocinar, o nosso povo está na idade da criança, porque não conhece “o plano subjetivo”.

Como então adquirir a maturidade? — Abandonando tais “divertimentos”, ou fugindo do “exterior” para o “interior”, onde “está tudo”, porque é onde se encontra a “fonte inexaurível de maravilhas, prodígios e milagres”. “É — continua o lírico pregador — nas profundezas da alma, região inacessível aos rumores externos, que se concebem as obras de Arte, as

descobertas da Ciência e a filosofia da vida”. E porque não tem sido essa a rota da Humanidade, tira o autor, personalisticamente, esta inadequada conclusão:

“Não é, pois, de admirar que os frutos dessas árvores se tomem cada vez mais raros nos tempos que correm. O materialismo hodierno refinou-se na técnica, na indústria, na produção, em série, a granel, sem originalidade, porque obra do artificialismo mecanizado”.

E lamentando: “Semelhante progresso generalizou-se, invadindo a Política, a Escola e os templos. A própria fé estandardizou-se, obedecendo ao padrão oficial”.

Mas, como conciliar “a vida” com os “divertimentos”, se o doutrinador moralista reconhece, afinal, a “necessidade das diversões”, úteis “principalmente à mocidade”? Com esta conselho vago: “colocando os entretenimentos em seu devido lugar”. Não indica o lugar. Apenas se aproveita de um conceito comum — “não se vive para comer” — para aplicá-lo, seriamente, sem graças de palhaço, aos divertimentos, que — confessa ele — “são para a vida, mas a vida não é uma série de palhaçadas”.

Mas, como, de acordo com as suas premissas, o autor sugere que “voltemos as vistas para o nosso interior, isolando-nos do bulício que vem de fora”, porque “do tesouro da alma nos

virá a riqueza que o ladrão não rouba, a traça não rói e a morte não arrebatá”, infere-se que o lugar do divertimento se situa no nosso interior, de conformidade mesmo com o ensino do “excelso Educador” — “o reino de Deus não procede do exterior”, porque “está dentro de nós”.

Virtualmente, nega-se ao homem o direito de divertir-se. Porque, ou bem cuidar do exterior (diversões), ou bem do interior (meditação), ou as duas coisas a um só tempo, isto é, entretermo-nos, com o pensamento fixado no “reino de Deus”.

Eis aí uma das modalidades da pregação do misticismo, através da explicação metafísica dós versículos da Bíblia. Mais uma prova essa de como a doutrina de Jesus não pode mais interpretar-se por velhos adágios bíblicos. O Caminho, segundo a moral espírita, deve, de preferência, ser o do bom senso e o da Ciência. Ainda hoje, há quem pense em subordinar a Ciência à religião, porque S. Paulo escreveu que “a Ciência incha, mas a caridade edifica” (I. Eps. Cor., capítulo 8.1).

O artigo, encampado pelo “Reformador”, não nos parece um bom roteiro para os espíritas.

As descobertas da Ciência e as obras de Arte não dependem do recolhimento espiritual ou da fé em Deus. Pelo modo de ver do autor, entretanto, sem a consciência da “espiritualidade, que desabrocha do reino de Deus”, o progresso das indústrias, da técnica e da produção não tem originalidade, não passa de artificialismo mecanizado.

Isso, porém, não é verdade. Nunca o mundo foi

testemunha de tanta originalidade nas descobertas científicas como ora se verifica na União Soviética, onde a indústria carbonífera, *verbi gratia*, chegou a tal perfeição que os mineiros, quilômetros abaixo do solo, trabalham confortavelmente, à luz elétrica, imunes da poeira dos carvões, com trens elétricos de transporte, e com máquinas automáticas, que, à simples pressão em botões elétricos, conduzem, para fora do subsolo, todo o minério extraído.

A abertura dos canais de Panamá e de Suez consumiu dezenas de anos. Mas, o de Volga-Don, de extensão maior, construiu-se em três anos, devido precisamente ao progresso da técnica, pois, quando da construção desse canal, os soviéticos já fabricavam escavadeiras que, em cada dia, faziam o trabalho de dez mil homens.

Tudo isso prova que Deus, o princípio energético do Universo, não leva em conta, para os efeitos do conhecimento, o subjetivismo da crença divina, porque, do contrário, transgrediria as suas próprias leis. As leis da Vida são objetivas e não subjetivas, e, por conseguinte, o seu conhecimento só pode ser objetivo/como causa e efeito da generalização dos fenômenos da Natureza e da cognoscibilidade das leis. É no cadinho do estudo da Biologia e da Física-Química — da Vida e da Matéria — que se desenvolve a espiritualidade. Por isso, Lênin, em sociologia e política, foi um segundo Cristo, porque revolucionou a civilização materialista, sistematizando o Socialismo, que determina a luta contra o barbarismo das guerras e, ao mesmo tempo, pela consolidação da Paz e da cultura da Ciência. E Lênin não acreditava em Deus, ou nesse

Deus das religiões. Mas, ninguém soube melhor penetrar nas profundezas da alma do que ele, que viveu toda a vida a pensar e a agir. Não, pensando para o interior — o que seria egoísmo —, mas para o exterior, onde, realmente, permanecem as origens da “filosofia da vida”. Aí, sim, o campo das nossas investigações, com as quais firmamos a argamassa da nossa educação espiritual.

Não passa de uma linguagem figurada essa distinção, que, em verdade, não existe, senão como regra metodológica, entre o nosso interior e o nosso exterior, uma vez que, conforme lição de Kardec, o espírito é uma coisa, uma unidade viva, que, por isso mesmo, não pode, neste mundo, manifestar-se fora da natureza e, pois, fora da sociedade (Liv, Espíritos, ns. 251-255 e 766-772).

Isto quer dizer que o espírito vive do exterior ou da realidade objetiva, que lhe é inerente, e as sensações são intrínsecas a essa objetividade, são qualidades do próprio ser, e, portanto, “viver para o interior” é infringir as leis da sociabilidade.

Eis por que a moral não se pode considerar um fenômeno subjetivo, porque “não tem raízes nas particularidades biológicas do homem, mas nas condutas da vida social”.

Ora, se a recreação constitui uma necessidade ao equilíbrio funcional do corpo humano e, pois, do espírito, é evidente que ela reclama movimento na vida exterior, ao contato com a sociedade, e, nestas condições, o seu processo educativo obedecerá aos ensinamentos da experiência científica, e

não aos simples versículos da Bíblia, que nada ensina, a respeito, mas apenas revela conceitos teóricos, ou nos observa regras genéricas. Ela mesma nos recomenda que vivamos alegres, e cuidemos do corpo, sem o abuso do sensualismo. Mas, não passa, daí, o conselho.

Igualmente, a pedagogia marxista condena todas as diversões que estimulem o egoísmo. Porque o egoísmo é a expressão degenerativa do ego, isto é, do nosso “interior”. Mas vai além o conselho, pela prática de um ensino científico ou natural, baseado em progressiva ordem político-econômica.

Portanto, o fenômeno das diversões não é uma questão que dependa de crença ou de meditação no “reino de Deus”, uma vez que a “recreação do espírito” é uma necessidade orgânica do homem, exercitável sob os imperativos das leis que regem a vida coletiva.

A criança precisa do brinquedo. O adulto carece também de distrair-se. O operário e o escritor ou o cientista, perante o trabalho, estão com a atenção fixa e, pois, abstraídos de tudo, que perturbe o raciocínio. Sair desse serviço para outro análogo que exija esforço especial da atenção, seria sobre-excitar a mente, por contrariar a própria lei do trabalho, que se refaz pelo repouso e pela distração. E os jogos, o teatro, o cinema, as cenas movimentadas da arte são excelentes derivativos do cansaço. Deixar, por exemplo, um árduo e absorvente trabalho, para, em seguida, ouvir conferências, ou pregações religiosas, é, de qualquer modo, cansar a atenção ou os órgãos sensoriais.

Em suma: — os divertimentos são necessários. à. boa

função cerebral. O que está passando despercebido aos observadores superficiais, no momento histórico e revolucionário do mundo, é a decadência da civilização capitalista, que subverte os princípios da moral e do Direito, e faz das utilidades recreativas, como a dos esportes, um manancial de lucro e de especulação mercantil.

O problema não se resolve com as reformas individuais, como a do nosso “interior”, à maneira do misticismo da Federação Espírita Brasileira, mas, precisamente, com a modificação da vida exterior ou das relações sociais, à base do Socialismo científico, que planifica o trabalho e não deixa margem para a ociosidade e as explorações egoísticas.

Os evangelistas, como declara o artigo, condenaram o acúmulo de “tesouros na Terra”. Mas, para levar-se em consideração o versículo da Bíblia, deve ser ele interpretado como uma condenação à riqueza acumulada e dividida em mãos e entre mãos particulares. Nunca, em poder da sociedade, porquanto o maior acúmulo de obras e de riquezas, em função das necessidades sociais, augura um crédito à felicidade das gerações futuras.

Secas, empobrecimento do solo, degradação dos costumes, escravatura moral e econômica, dos povos, regimes militaristas, obscurantismo religioso, ameaças de extermínio, pela bomba atômica, da própria Humanidade, uma série enfim, inumerável, de brutais violências à liberdade e à cultura, — eis a herança que a burguesia plutocrática criou para a vida atual. Pois bem: os nossos educadores espiritualistas, apegados

ainda às ideias do individualismo político, e da metafísica religiosa, tornam-se reacionários e colaboradores dessa bárbara civilização, cujas primeiras raízes remontam à época da queda do primitivo comunismo. Como escreveu V, Nikolaiev: “Toda a história da sociedade humana, após a decomposição do regime comunal primitivo, é a história da luta de classes”. (V. — V. Nikolaiev, rev. “Problemas”, “As bases científicas da política do Partido Comunista da União Soviética”).

O Marxismo é a escola ativa pela sobrevivência, ou recomposição da vida comunal, inspirada no conhecimento das novas leis da Economia Política e do seu reflexo nas relações humanas e na mentalidade do indivíduo.

Desse modo, o Marxismo revela-se um ensino multiforme, visando a uma sociedade de trabalho pacífico e fraternal, orientado, não pelo “estado da Natureza”, a que se referiu Kardec (Liv. Esp., n. 776), ou pela acirrada “luta pela vida”, - como poder material do mais forte, mas pelas leis naturais da Técnica, da História e da Filosofia, que consolidam a cultura e a coexistência pacífica dos povos.

A doutrina cristã, para ser coerente, não pode, em absoluto, repelir essa sociologia política do Marxismo, porque - ambas, embora sob fundamentos opostos, convergem o seu ideal sublime para a vitória das leis sociais do trabalho, sob a égide do amor e da justiça.

A vida dos mosteiros representa uma comunidade, é um exemplo homeopático do Socialismo, com sua fonte abastecedora no amanhã da terra, obrigando a pesquisar a

Natureza, e na solidariedade, como força moral indispensável.

Elimine-se, daí o religiosismo, dogmático, místico, reacionário, e teremos a visão real daquele mundo “de um só rebanho e um só pastor”, com que, simbolicamente, o Cristo quis nos entremonstrar a Humanidade em paz, sob o comando consolador da unidade da Ciência, que é Deus.

Bahia, 5/3/55¹⁸.

EUSÍNIO LAVIGNE

VII

“Tartufo Desmascarado”, de Sousa do Prado

Em carta, de Lindoia, S. Paulo, a Sousa do Prado, a quem me ligam velhas relações de sincera amizade, dei, a pedido do não menos amigo Antônio José Alves, ambos, por sinal, portugueses de nascimento, a minha opinião sobre o livro, cujo título encima este comentário.

Dentre outras passagens da minha carta, estas:

“O seu livro é um brado de revolta, perfeitamente justificada, contra o fascismo e o capitalismo reacionário. E como o trabalho precisava, quanto possível, de ser completo, para sua maior eficiência — expressivo e não vago ou abstrato —, você tinha mesmo necessidade de desmascarar os fascistas e reacionários alienígenas e inalienígenas, a fim de que não

¹⁸ Em homenagem ao dia do aniversário de minha mulher, Odília Teixeira Lavigne, médica, a quem devo ainda estar vivendo, para pensar e trabalhar pelas causas sociais.

vivêssemos enganados com esses senhores”.

“Você não teve meios termos. Ardeu-lhe no coração o amor à Humanidade, a luta pela sobrevivência da Justiça e da Verdade, neste mundo flagelado por uma turma de bárbaros egoístas, que subjugarão o poder político e econômico dos povos inermes e despreparados. E continuam ainda, infelizmente, dominando a metade do globo, com o concurso de muitos daqueles adeptos de religiões, que nos recomendam “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”.

Por isso, você, com a sua linguagem candente, patriótica e humanística, não infringiu as normas do Espiritismo. Gondim da Fonseca, Espírita confesso, escreveu que “defender, no Brasil, o monopólio estatal do petróleo é uma virtude cristã, um ato de amor à terra e de amor ao próximo”.

Cristo deu o exemplo, expulsando do templo os vendilhões hipócritas.

A contestação, portanto, ao seu livro, para ser considerada, imitar-se-ia a provar que o autor, confessando-se espírita, transgrediu os preceitos morais do Espiritismo, e, como adepto do Comunismo, não justificou a compatibilidade das duas doutrinas, — a do espiritualismo e a do comunismo.

Antes de tudo, devemos ter bem na mente o que significa o fascismo. É uma obsessão contra a Cultura da inteligência e do sentimento. As classes dirigentes que monopolizam o mundo capitalista, temendo perder os seus privilégios econômicos, de

exploradoras dos povos, organizaram, em vários países, ditaduras brutais, a título de defesa da “civilização cristã” e do “mundo livre” contra os “regimes comunistas”.

Tamanha obsessão ainda não se transformou em guerra pavorosa, porque dois fenômenos históricos a contiveram, até o momento.

Os dois fenômenos são: a organização da campanha mundial da Paz, sob o nome do “Conselho Mundial da Paz”, que agora mesmo, a 22 de junho, deste ano de 1955, vai reunir-se em Helsinque, capital da Finlândia; e a potencialidade da União Soviética, a serviço de uma diplomacia pela coexistência pacífica das nações. Duas forças em defesa da Paz: a vontade unida dos povos (força moral) e a preparação militar dos países socialistas (força material).

Por conseguinte, o fascismo é a organização dos selvagens instintos da animalidade para impedir a libertação das classes exploradas. É, nem mais nem menos, que o espectro da violência, da bestialidade e do terror contra a harmonia da Vida, que se perpetua na multiplicação material dos seres.

O espiritualista, pois, que se acolhe a um partido fascista, sob pretexto de combate ao Comunismo, infringe as leis do direito à vida, porque protege reacionários, que, para contrariar a evolução das ideias, não recuam diante do extermínio das massas populares.

Que se lute, ideologicamente, contra os sistemas políticos,

inclusive o Comunismo, compreende-se. Mas, que se pretenda erguer uma barreira material ao estudo do Comunismo (e todo estudo se exerce teórica e praticamente), é o que há de mais aberrativo, perante a liberdade de pensamento, — princípio que glorificou a vitória da Revolução Francesa, de 1789, e pelo qual Jesus Cristo se sacrificara.

O Comunismo foi a primeira etapa natural da convivência da humana. Os grandes pensadores, como Marx, Engels, Lênin, após estudos aprofundados, com o auxílio de outros tantos pensadores que os antecederam, chegaram à conclusão de que a Natureza nos reconduzirá ao Comunismo, não ao primitivo, mas a um outro consentâneo com as novas condições históricas,

O Comunismo não é, como se vê, criação de Marx. O Marxismo é uma doutrinação das causas e da razão do Comunismo, como o verdadeiro sistema da justiça social.

Ora, podem esses pensadores incidir em erros de observação. Mas, para verificá-los, é indispensável que não levantemos obstáculos à Ciência, à Cultura e à Paz. Pois bem: o imperialismo econômico, concentrado, atualmente, nos *trustes* norte-americanos e nos seus satélites, criou, para dominar, pela força, o mundo, uma ditadura férrea, com que modela o seu tipo de “democracia”, como ora existe na Venezuela, em Guatemala, em Portugal, etc. Por meio desses “Governos republicanos”, a “democracia” plutocrática norte-americana monta a sua máquina de dominação, com que mais se enriquece, à custa, bem se vê, do empobrecimento da

burguesia e da classe trabalhadora dos países dominados.

O “Tartufo Desmascarado”, de Sousa do Prado, mostra o cenário realista desses trogloditas da nossa civilização: — cobrem-se do manto das conquistas da ciência, para encobrir a fereza dos seus instintos canibais.

Destarte, o crítico que pretendesse diminuir o valor do livro, por motivos de expressões duras e ríspidas, embora dispensáveis ou substituíveis algumas, como o final da nota 25, fevelar-se-ia alheio à essência fundamental da obra.

Porque, em verdade, por mais fortes os qualificativos, eles não definirão a monstruosidade dos criminosos da Humanidade e do progresso.

A crítica ao livro de Sousa do Prado, em face da sua finalidade humanística, corajosamente exposta, não pode limitar-se a questiúnculas de despeitos pessoais. Pelo contrário. O dever do verdadeiro crítico é interpretar as passagens, porventura obscuras, dentro de um sincero esforço colaborativo, recomendado pela importância mesma do assunto, de interesse comum.

Por isso, em que pese à nossa incompetência, vamos dizer algo sobre certos trechos de “Tartufo Desmascarado”, que poderão parecer dissonantes dos princípios doutrinários, tanto do Marxismo, como do Espiritismo.

No cap. “O Comunismo não é ateu”, pág. 29, o autor escreveu:

“Entre um ateu, que pratica o bem, e um espiritualista que faz o mesmo, não há dúvida de que o ateu vale cem vezes mais, porque o primeiro faz o bem pelo próprio bem, ao passo que o segundo, em noventa e nove por cento dos casos, não faz o mal por medo das consequências na outra vida, e pratica o bem por interesse da recompensa futura”.

Os marxistas não adotam o lema do “bem pelo bem”, porque é abstrato e formalista, sem significação social, logomáquico e nada mais.

Assim como a arte — “uma das formas da consciência social” — deve exprimir, pela forma, uma realidade, que é o seu conteúdo (vide Rev. Divulgação Marxista, pág. 92, n. 2), assim também o pensamento do escritor, a arte da palavra, deve refletir uma correlação entre a. ideia e a vida social.

A “arte pela arte” é formalismo inexpressivo. Igualmente o é o “fazer o bem pelo bem”, se não dermos, de imediato, a tradução do bem.

Seria como se disséssemos: “não faças o mal, por desamor ao mal”. O mal seria a negação do bem, e o bem — a negação do mal. Fantasia. Ou, ainda, de acordo com outro modo de dizer: a ignorância é a causa dos nossos males. Mas, uma “ignorância” sem pés, nem cabeça. Indefinível.

Se aos religiosos, por exemplo, que tanto se desentendem, impetrássemos uma solução, eles responderiam que o mal se resumiria na ignorância de suas respectivas religiões. O padre responderia que — “é não conhecer o

catecismo católico”, caminho do Céu; para os ministros protestantes, como para o magnata Rockefeller, “a falar muito em Deus, em preceitos de consciência e no amor ao próximo”, “lágrimas nos olhos. Bíblia na mão”, “um gênio em construção capitalista” (Gondim da Fonseca), a ignorância do homem é desconhecer a Bíblia; o Espírita — que é ignorar Kardec; os sanitaristas e médicos — que é o desprezo das regras da higiene e da saúde; os economistas — que o abandono dos princípios da Economia; os educadores, — a falta de educação; para certos políticos, — a indisciplina partidária; os psicólogos e moralistas encontrariam, no egoísmo, “o grande mal da sociedade”.

Ora, evidentemente, com tantas díspares opiniões, nós nos contorceríamos nas malhas dos “círculos viciosos” ou nas esgrimas de palavras, por si sós incapazes de determinar qual seria a Ignorância, derivativa dos múltiplos males condenados.

Mas, a intervenção marxista-leninista, no caso, derime a controvérsia. Porque — inspirada, não nos subjetivismos dos pensadores, mas na objetividade da coexistência social — nos adverte, preliminarmente, que a sociedade tem andado dividida entre os que mandam e os que obedecem; entre reduzido número de poderosos, sustentados pela força militar, e a maioria absoluta do povo, desarmado discricionariamente; entre ricos e pobres; entre exploradores e explorados.

É ou não é? Não adianta dizer que não é, porque é mesmo. Allan Kardec, em “Obras Póstumas”, no capítulo “Aristocracias”, expressa essa realidade.

Portanto, para o Marxismo, o supremo mal da sociedade é “a exploração do homem pelo homem”. Esse, o formidável valor da análise social do marxismo-leninismo. Descobrimo a etiologia e a natureza do mal, na sociedade, e aplicando ao corpo doente o remédio salvador, encontrado no socialismo científico, ele faz cessar a desordenada luta de classe, e já nivelou, numa enorme extensão geográfica do mundo, os direitos pessoais inalienáveis, na base de uma justiça igualitária, com raízes no senso popular. (No Livro dos Médiuns, cap. XXVIII, Kardec edita uma dissertação de Erasto, contra os falsos profetas e os espíritos orgulhosos que “retardam a obra de emancipação da humanidade”, E Erasto se pronuncia, com dialética irrefutável, deste modo: “Tende a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é. pelo bom senso das massas, e nisso se vos oferece mais um critério de opinardes”. Percebe-se, aí, o reconhecimento da vitória futura do Socialismo.)

Eis, pois, que o Socialismo, em suas gradações, peculiares às circunstâncias de tempo e lugar, resolve, aplicado inteligentemente, os complexos problemas da política, da economia, da moral, da educação, da liberdade religiosa, etc,

Destarte, seria mais acertado proclamar: a ignorância do socialismo é a fonte principal dos males da Humanidade. Isto é: o mal é “a exploração do homem pelo homem”, e o bem é a aplicação inteligente do Socialismo. Isso é mais positivo e compreensível.

“Como age você? o único mal é a

exploração do homem pelo homem; a única tarefa, instaurar uma ordem social em que não haja lugar para aquela exploração; o único dever, contribuir para a luta em prol dessa ordem social; a única pauta para julgar a conduta humana, verificar se contribuiu ou se se opõe à causa do Socialismo” (Do livro Lênin, sua vida e sua obra, de D. S. Mirski, apud Divulgação Marxista, pág. 60, n. 11).

Como vimos, o bem, pelo pensamento marxista, concretiza-se, sobretudo, na luta pelo Socialismo, — com o que concorda o Espiritismo, que se aclima às verdades da Ciência.

Mas, com que objetivo luta o homem pelo Socialismo, “que é a ciência da sociedade”? Não vemos outro senão esse: para a garantia dos direitos pessoais, dos direitos do homem, dos direitos à integridade individual, porque tais direitos dependem, principalmente, da segurança coletiva. Não há ninguém que dedique sua atividade, pelo bem coletivo, sem visar a compensação de um direito próprio. Se é materialista e seu pensamento paira numa esfera de ordem política, ele pratica todas as renúncias, a serviço da causa, sim, mas porque a renúncia é uma condição de sua vitória moral, sem o que se desprestigiaria e não ascenderia ao poder almejado. Se é espiritualista convicto, sua renúncia ainda é maior, porque, servindo à sociedade, ele sabe que serve a Deus, isto é, não importa que não receba a recompensa dos homens, porque Deus, infalivelmente, a dará, nesta ou na outra vida.

Faz-se o bem, não por amor ao bem, que seria uma expressão verbalística, mas por uma correspondência obrigatória entre os direitos do indivíduo e da sociedade, — indivíduo e sociedade, que são coisas concretas, materiais, passíveis de uma definição real e que, mutuamente, se abastecem, na órbita das utilidades e necessidades biológicas,

Logo, tanto os espiritualistas, como os materialistas objetivam, nas suas ações, uma recompensa. Seja na outra, ou nesta vida, mas sempre uma recompensa: — a nossa liberdade, a nossa saúde, a nossa instrução, os prazeres da vida em comum, o respeito à nossa personalidade, que tudo isso, em última análise, representa o prêmio da Justiça, Prova-o a natureza finalística do Direito; sem interesse, não existe ação, em direito. Não seria justo que o homem se dedicasse à sociedade, sem correspondente dedicação por parte da sociedade. Nas relações particulares, quando alguém transgride essa correspondência, diz-se que ele praticou uma ingratidão, que não deixa de ser uma falta de justiça. Corolariamente, idêntico raciocínio, com relação à sociedade, que possui seus órgãos representativos, para a manifestação “dos seus direitos e deveres.

Em parêntese, esclareçamos: Estas considerações servem; para tornar mais claro o pensamento do autor, que, positivamente, não quis afirmar a superioridade do materialismo vulgar ao espiritualismo, quando escreveu o período por nós, transcrito, de pág. 29 de seu livro.

Ele se referiu, certamente, aos que, não acreditando em

Deus, nem na vida futura, nem sabendo mesmo o que é Marxismo, e não esperando, pois, qualquer recompensa, nesta ou na outra vida, nem temendo qualquer castigo, se sentem bem, apesar disso, sacrificando-se pelo seu próximo, cujo sofrimento faz com que eles sofram também; o que demonstra o seu adiantamento espiritual, em contraposição ao atraso dos que, dizendo-se espiritualistas, só por medo ou por interesse procedem da mesma forma, e que são realmente em grande número;

Fechado o parêntese, continuemos:

Nos termos em que vínhamos argumentando, a morai se confunde com a prática da justiça social, E, por levar em conta essa verdade, é que a moral comunista converte as nossas virtudes em obras de solidariedade humana, pela paz e pelo progresso cultural de todos, indivíduos e povos.

Por idênticos motivos, a moral espírita, que é “trabalho, tolerância e solidariedade”, confraterniza com a moral comunista, não obstante a diversidade dos fundamentos respectivos, criados pelos filósofos.

Seria bom uma explicação, a propósito.

Como ensinou Marx, o progresso, no capitalismo, tem sido originado da concorrência entre classes antagônicas. “As forças produtivas desenvolveram-se graças ao domínio do antagonismo de classe”; No Socialismo, ao contrário, predominam as relações de cooperação fraternal, que se desenvolvem, pela emulação de todos os trabalhadores.

Colaboração Geral, e não antagonismo de classes entredevorantes (Vide G. Glezerman, em “Problemas”, n. 53, janeiro de 1954, em artigo “A lei da correspondência obrigatória entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas”).

Ora, o espírita, — e, pois, a sua moral —, não pode, por uma consequência da doutrina de Jesus, deixar de ser socialista, porque o regime é contra o egoísmo e, por conseguinte, nele, desaparecem os vícios decorrentes do egoísmo, que, segundo Kardec, é “a verdadeira chaga da sociedade”, de onde só desaparecerá com “destruição da causa” (Liv. Esp. n. 913).

Mas, pelo fato de o Espírita concordar com a tese do Marxismo, não se segue que, com isso, está servindo ao materialismo filosófico dos marxistas.

O Socialismo é um efeito da lei natural do desenvolvimento histórico, enquanto que o Marxismo é uma formulação metódica da História, cujo estudo, evidentemente, se sujeita ao grau, variável, do pensamento humano.

O Socialismo é uma realidade objetiva, de interesse comum, razão por que Sousa do Prado, escreveu, muito bem, que “o Comunismo não é ateu”,

O Marxismo é um trabalho de pesquisa da inteligência humana, obra de um pensador, de um filósofo, mas não do pensamento em geral ou da filosofia, embora os seus adeptos a consagrem no altar da verdadeira filosofia. Quando Marx, no

fim da vida, pedida que não o chamassem de “marxista”, ele queria dizer que sua doutrina não era uma lei absoluta da Natureza, mas o resultado de observações pessoais, subordinadas a novas experiências e a novos conhecimentos.

Aí está, pois. A moral é uma só, em verdade, O que varia é o sistema doutrinário dos filósofos, a pesquisarem sempre as causas dos fenômenos de toda espécie, seja no homem, na sociedade ou na natureza cosmológica.

A filosofia espiritualista, como se infere do livro “Tartufo Desmascarado”, sufraga esses princípios de justiça, perante os quais se verifica que a recompensa é um direito, oriundo da coexistência humana, isto é, um direito natural, uma justa consequência do interesse lícito.

Mas, como dizíamos, qual o fiador da recompensa? Quem garante a execução da justiça reparadora? A pergunta leva-nos às fontes perquiridoras do destino do ser, ou à controvérsia sobre, das duas doutrinas, a espiritualista e a materialista, qual a capaz de resolver o secular problema entre o espírito e a matéria, ou entre a natureza e a vida.

Precisamente, ao atingir o ápice do pensamento especulativo, observamos que é a Espírita que nos dilata mais a visão do problema, solucionando-o por um prisma singular e completo.

O instrumento de que nos servimos para a análise é a medianimidade, que vale dizer; a fenomenologia Espírita REVOLUCIONOU o conhecimento da matéria, do espírito e da

natureza, com os métodos da própria ciência dos materialistas.

A luz dos novos conhecimentos psíquicos, a justiça dos materialistas é manca. Sua ação reparadora só abrange o campo desta vida. E, no entanto, no campo da vida terrena, multiplicam-se os criminosos, que morrem em paz, sem uma reparação por seus crimes, enquanto, ao revés, os benfeitores da Humanidade se exaurem de trabalho, sem qualquer amparo à sua abnegação, à sua velhice, às suas dores, à sorte da sua família, não raro impiedosamente desprezada.

Onde a justiça, no caso, alentada pela doutrina materialista? Nenhuma. Renegação à memória do criminoso? Honrarias póstumas ao benemérito? Mas, semelhante desprezo, de um lado, ou semelhante prêmio, de outro, de modo algum impressionará mais a pessoa do falecido, justamente porque sua individualidade se extinguiu no túmulo de seu corpo físico. Ao passo que, como o autor de “Tartufo Desmascarado” sabe melhor do que nós (e aí estão várias obras espíritas, de sua autoria, constantes da primeira folha do seu livro), o princípio da imortalidade do espírito, dentro da lei reencarnacionista, está, implicitamente, ligado à ideia de Deus, não o Deus dos ensinamentos religiosos, mas o da força inteligente da Natureza, gerando o determinismo do nosso destino, nos desígnios de uma Justiça indefectível, que os olhos humanos ainda não sabem distinguir.

O materialismo, logicamente, nos conduz à falta de piedade pelo nosso próximo fisicamente imprestável, porque, desse, nada mais útil podemos esperar. O espiritualismo é o

inverso, aquele corpo inútil conserva um espírito capaz de recompensar, na mansão da eternidade, a nossa assistência carinhosa.

Mas, se o leitor Espírita estranhar a passagem, que comentamos, de Sousa do Prado, como sendo uma heresia à verdade, podemos, entretanto com serenidade, por outra interpretação, mais lógica, verificar que o valente polemista não escreveu um absurdo.

De fato, nos materialistas à Marx, ou, digamos, nos que são considerados os verdadeiros comunistas, a hipocrisia, em teoria, é inadmissível. Também, perante a Doutrina Espírita, a mesma coisa devemos afirmar, com relação aos verdadeiros espíritas. Mas, assim como há “espíritas” hipócritas e egoístas, conhecem-se também “comunistas” de idêntico jaez. É que os primeiros não compreendem ou não estão no estado de compreender e praticar o Espiritismo. E os segundos se situam no mesmo plano da incompreensibilidade, mas, de qualquer modo, ficam flexíveis ao orgulho, à vaidade e ao egoísmo, em face da falibilidade da justiça terrena, conforme atrás denunciámos.

Então, existe uma causa deturpativa do ensino espírita, à qual devemos atribuir a generalização das imperfeições, que tanto revoltaram a pena do escritor e Espírita Sousa do Prado.

A razão está no carácter exclusivamente religioso que se empresta ao Espiritismo. A religião contém dois defeitos: favorece o misticismo e o individualismo.

Ela aconselha o desapego às coisas deste mundo, para que o adepto viva a pensar nas benemerências do Céu e permaneça indiferente à Política, que provoca discórdias e, assim, pode perturbar a fé religiosa.

Tal é o ensino praticado pela Federação Espírita Brasileira e suas filiais.

Foi essa a principal divergência nossa com o nosso disinto e inteligente conterrâneo, prof. Leopoldo Machado.

O místico é individualista, por natureza, e, portanto, encaminha-se, sem sentir, para um egocentrismo, arrasador do espírito coletivo. Quem vive muito a cuidar de si, termina, para a sua defesa pessoal, por sé valer das armas da traição e da malignidade.

O individualismo é oportunista. Por ele, o mundo ficaria no que está. A prática da caridade aos pobres é significativa, A pobreza torna-se um campo de experiência e de prova da fé religiosa. Não se luta contra as causas econômicas da pobreza. Vale dizer: não se pratica a verdadeira caridade.

Nisso, se descobre a razão por que os religiosos do mundo capitalista são os melhores instrumentos da burguesia reacionária, para a sustentação do capitalismo. A política do Vaticano é um exemplo, mesmo com suas encíclicas “socialistas”, como a *Recum Novarum*, que, como provam os argumentos de Sousa do Prado, é mais uma mistificação (pág. 63 e seguintes).

O presidente da Federação Espírita Brasileira enriquecera-se, pelo sistema capitalista. Impregnando-se da mentalidade capitalista, teria, certamente, de ser envolvido nas malhas desse regime. Por isso, ele bitola a honestidade e a moral pelas linhas paralelas da religião e do capitalismo. Foi o que fez Sousa do Prado incluí-lo, como “a quase totalidade dos espiritualistas”, na categoria dos tartufos.

Além disso, Sousa do Prado, espírita, quis, também com. “Tartufo Desmascarado”, mostrar que a moral Espírita não é incompatível com o regime do Socialismo, mas, pelo contrário, o regime socialista é que é o ideal para as relações fraternais humanas, e, por conseguinte, cria o ambiente impróprio à hipocrisia, à presunção, à estupidez e a tantos vícios platonicamente condenados pelas religiões e pelos “espíritas” religiosos.

E ele tem razão, conforme retro mostramos.

“A solução do problema do aniquilamento das sobrevivências de bestialidade não é realizável dentro do capitalismo. Somente na sociedade em que forem liquidadas as classes exploradoras, e criadas as condições para relações verdadeiramente humanas entre os homens, se abre uma possibilidade real de aniquilar as sobrevivências da bestialidade humana. Isso, EM PROPORÇÃO CONSIDERÁVEL, É CONSEGUIDO, PELO FATO DE QUE A

CULTURA SE TORNA A REALIDADE PARA O POVO TODO” (Vide Rev. Divulgação Marxista, n. 14-1-47, artigo de V. Kolbanovskii, “sobre a moral comunista”).

É claro que, perante a Doutrina Espírita, não dominará este mundo a filosofia marxista, porque ela não completa o aperfeiçoamento espiritual, contra o orgulho, a vaidade e a inveja. Essa tarefa caberá ao puro espiritualismo, por essência Consolador e lógico. Lógico, por científico. Científico, por realístico e não religioso. Não seria despropósito, que os espiritualistas de todo o mundo, em contraposição à filosofia materialista do Marxismo, organizassem a “União espiritualista, pelo comunismo”. Em verdade, como o demonstra “Tartufo Desmascarado”, os primeiros cristãos praticavam o comunismo, que, não mui longe, poderá se renovar, na Terra, com a ajuda das recentes descobertas de leis agro-biológicas (V. cap. V, “Fala Jesus, o Cristo de Deus”).

O misticismo religioso foi relegado por Kardec. Assim, a moral Espírita deve estribar-se nas lições da Ciência, e abandonar as credices religiosas e as “revelações” suspeitas de “espíritos”. Allan Kardec tem que ser atualizado, diante dos próprios termos capitais do seu ensino, quando reconhece que, pelos fatos, é que conhecemos a Verdade¹⁹. As “revelações”, enquanto não confirmadas pelos fatos, — palco da Ciência —, que fiquem de ‘quarentena, não podem figurar na categoria de

¹⁹ Veja a Nota Complementar n.º 4, no fim do livro.

princípios aceitáveis²⁰.

O desapego, aconselhado pelas religiões, às coisas deste mundo, desvirtua a doutrina científica de Kardec, porque o mundo é um só. A vida, começando da matéria, aperfeiçoando-se na matéria e intelectualizando-se com a matéria, tem que ser, unitária e indistintamente, encarada pelo prisma de sua situação real. Se o espírito vive neste planeta Terra, por efeito das leis do determinismo, é, por certo, preferentemente, neste mundo que ele tem de prover suas necessidades, para o maior proveito de sua ascensão espiritual. Sustentâmo-lo nas cartas, ao nosso prezado amigo Leopoldo Machado, que, neste livro, publicamos.

Porque assim não se orientam os espíritas religiosos, é que os vemos se afastarem, neutralmente, dos problemas político-sociais, em prejuízo da Humanidade, e, pois, da própria razão de ser do ressurgimento do cristianismo, que é a nova Doutrina do Espiritismo.

Nessas condições, oportuno é o livro “Tartufo Desmascarado”. O Espírita não pode, em tese, ser místico e alheio nos interesses vitais dos povos e da Pátria, É de seu dever, como um dos mandamentos da boa educação, estudar a História da nossa economia e as razões que obstaculizam o

²⁰ “Desde que a ciência sai da observação material dos -fatos, tratando-se de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas” (Livro dos Espíritos, Intr.).

“Anteriormente a Terra não existia; foi tirada do nada — o texto é formal (da Bíblia). Eis, porém, que à ciência positiva, a inexorável ciência prova o contrário”. (Idem, n.º 59).

nosso progresso, incorporar-se à campanha da nossa emancipação econômica, da defesa do nosso petróleo, da luta contra o imperialismo agressor, principalmente dos trustes norte-americanos (que exploram, também, o povo norte-americano), etc.

Isso não significa que nos privemos das sessões experimentais ou do intercâmbio extra-terreno. Elas, quando bem guiadas, são proveitosas à nossa paz. Aliviam-nos dos tormentos morais, em face de verdades que os espíritos, não raro, nos transmitem. Daí, ser, de fato, o Espiritismo a doutrina consoladora, prometida por Jesus.

Com a sua costumada franqueza e probidade intelectual, Sousa do Prado elaborou, pois, um livro precioso, sem embargo dos reparos que, no interesse da causa, lhe fizemos, com ânimo de crítica construtiva e nunca de censura derrotista. O livro tem o valor de uma sagrada exortação: que os homens de bem e os verdadeiros espiritualistas se unam ao movimento de libertação da Humanidade, quer do jugo do materialismo grosseiro, gerador das guerras, quer do da desconsoladora filosofia materialista, renegante da individualidade imortal.

“Tartufo Desmascarado”, defendendo a Humanidade, defende, ipso facto, a pátria brasileira e todas as pátrias, contra os seus escravizadores, e agentes venais (Vide “Nota complementar n. 1”). Um clamor de justiça e solidariedade humana sobre a qual o Cristo edificou a sua doutrina. Por isso, bem que Sousa do Prado, parafraseando Gondim da Fonseca, em “Que sabe você sobre petróleo”? ao alertar os que blasonam

termos derrotado a *Standard Oil*, pelo fato da vitória da Petrobras, poderia aplicar estas palavras aos que julgam não competir ao Espírita cuidar de Política e, muito menos, desmascarar os tartufos, “porque esses, por si mesmos, se desmoralizam”:

“Ou esses opinantes e seus afilhados espíritas são ingênuos, ou sabidos de mais. Se ingênuos, urge adverti-los; se sabidos de mais, urge precavermo-nos contra a sua sabedoria e as suas traças”.

E foi o que fez Sousa do Prado, em “Tartufo Desmascarado”, dizendo verdades, ainda que duramente, e apontando aos desprecatados os inimigos da verdade.

Bahia, junho de 1955.

EUSÍNIO LAVIGNE

IX

Cristianismo e Espiritismo

É muito comum ouvirmos dizer, já em periódicos, já em livros, já em discursos, que o Espiritismo é uma religião. Alguns, prevendo as consequências de tal assertiva, procuram remediá-la com uma ligeira modificação, que não me parece alterar o sentido da frase, e declaram que o Espiritismo é a Religião. Ora, o Espiritismo possui apenas uma parte religiosa.

Outros restringem, ainda mais, o terreno das atividades doutrinárias e ensinam que o Espiritismo é o Cristianismo, que

todo espírita é cristão, ou que não há Espiritismo fora da Bíblia.

Essas denominações, a nosso ver, têm o inconveniente de pôr balizas à extensão do nosso campo, de limitar a nossa expansão doutrinária, quando o Espiritismo abrange, não somente a religião ou uma religião; quando não fica encortilhado num só catecismo religioso, com desprezo por todos os demais, senão que abraça todos os sistemas, todas as grandes Mensagens, todas as Revelações, igualmente enviadas ao Orbe pelo Senhor, como faróis disseminados por toda a parte, e em todos os tempos, para iluminar o caminho que devemos percorrer.

O Espiritismo, estudando e ventilando, comentando todas as religiões, com forte razão se ocupa com o Cristianismo, porque é e era a religião dominante na região em que nasceu, quer se trate da parte fenomênica, que começou a atrair, nos Estados Unidos, a atenção dos modernos pesquisadores; quer se trate da Codificação, apresentada pelos Espíritos, na França, ao grande Iniciado, que foi Allan Kardec,

Vindo, portanto, do Ocidente, as mais impressionantes lições dos Espíritos, é natural que estas se reportassem, de preferência, à religião que ali imperava, e nos apresentassem, como princípios morais, os postulados do Cristo, inegavelmente de inteiro acordo com as prescrições que nos traziam em referência à conduta humana.

Grande número de nossos confrades, trabalhados por muitos séculos de Cristianismo, esquecem-se, entretanto, de que a Doutrina Espírita é universal, que compreende todos os

credos, quando eles não se afastam da Lei; que pode vicejar em todas as regiões, sem suscetibilizar as respectivas doutrinas, porque possui um fator comum a todas, visto que, emanadas de Deus, trazem os ensinamentos que nos devera guiar aos altos fins a que fomos destinados. -

Não obstante, a tendência de muitos é a de enfileirarem o Espiritismo numa seita cristã; é transformá-lo numa entre as muitas religiões já existentes, com seus dogmas, seus pontos de fé, suas vedações, seus mistérios, suas interpretações escriturísticas, suas prescrições sem base, suas proscricções sem justiça, seus livros intocáveis, embora lhes falte a prova e o argumento; seus ensinamentos à base da fé, em vez da base da demonstração, e, conseqüentemente, com as diversas ramificações e divisões e subdivisões, consoante a diversidade de interpretações testamentárias, a variedade exegética e a multiplicidade dos modos especiais de ver de cada sociedade, de cada comunidade ou mesmo de cada indivíduo.

Nesse declive, iremos acompanhando os erros ancestrais, e breve teremos as fulminações e os anátemas tão comuns à intolerância sectária. Cada uma estabelecerá a salvação de acordo com seus cânones; a verdade já não flui do fato, nem da concordância do ensino Espírita no tempo e no espaço, nem da sua generalidade, nem do cadinho das provas e experiências, senão das respectivas cartilhas, das respectivas cabeças, ou das respectivas iluminações, que soem baixar sobre uns tantos privilegiados, como a pomba do Espírito Santo sobre certos protegidos do Senhor.

Dá-se um fato mais, muito a nosso desfavor, se procurarmos comparar o novo credo, oriundo do Cristianismo Espírita ou do Espiritismo Cristão, com as demais disciplinas religiosas, é que se procura excluir nas festas espíritas tudo que é belo, e já vemos a proibição de flores, de música, de ornamentos, de produções literárias, de poesia, de qualquer manifestação artística, E como se não bastasse, temos ainda os sacerdotes da nova fé com a cara fechada para risos e sorrisos; a alegria passou a ser um pecado como o era a limpeza em certas comunidades. E enquanto as demais religiões conseguem ainda atrair as multidões pela solenidade de suas procissões, pela profusão das luzes, pela majestade dos templos, pela suntuosidade das cerimônias, pela beleza do conjunto, dir-se-ia que procuram os novos levitas tornar tediosas as reuniões, pela sua monotonia; fúnebres pelo seu aspecto; desagradáveis pelo seu caráter; vazias pelo seu programa; incompreensíveis pelas dissertações, agrestes pela intransigência. Seria à interdição das dádivas da natureza, da revelação do bom gosto, das fórmulas de arte, de progresso, de fraternidade, de beleza.

Prisioneiros em seus currículos, não percebem que o Espírito também progride pela Arte, e quanto maiores forem os seus pendores artísticos, tanto melhor poderá compreender as belezas da Natureza que o cerca. Esse conhecimento artístico é um grande passo na Espiritualidade,

Fechados, ainda, nos textos neo-testamentários, afastam, clara ou veladamente, as demais faces do ensino espírita, e passam a compartilhar de erros seculares, que a pátina do tempo

vai avolumando,

Põem, assim, de lado, toda a parte filosófica, a única que nos poderia fazer compreender as desigualdades que vemos espalhadas por toda a Terra, as injustiças que parecem dominar no seio das sociedades, o sofrimento que coube ao gênero humano, o que tudo nos faria descrer do Criador, ou da sua obra ou do seu propalado amor às criaturas. E esta dúvida é caminho certo para o ateísmo.

Nada há nas Escrituras que nos explique porque devem ir uns de roldão para a esquerda e outros para a direita de Deus-Padre, ou para os extremos da beatitude e do infortúnio, quando é infinita a gradação das faltas. E tanto assim o entendeu a Igreja, que foi obrigada a instituir o Purgatório, a fim de preencher a lacuna doutrinária; contra essa novidade, entretanto, se insurge o Protestantismo, que nela não vê base escriturística.

Não se poderia, ainda, explicar a condenação do réprobo, e muito menos aquela divisão sem compartimentos, sendo tão curta a vida terrena e tão precários os meios de aperfeiçoamento humano.

Só a noção das leis que regem a vida, a compreensão do que seja o adiantamento progressivo, o conhecimento da Evolução, permitem perceber tudo o que forma essa parte filosófica, tão necessária ao esclarecimento dos mistérios que nos envolvem; só a Filosofia nos dará a chave dos problemas que abrangem o ser, o destino, a dor, o livre arbítrio, os problemas da vida; sô ela nos fará ver Deus por outro prisma,

que não o da entidade arbitrária, distribuidora de graças e desgraças, conforme não se sabe o quê, e isto, por certo, fará que não vejamos nele o Justo, como o proclamam.

Toda esta parte esclarecedora é desdenhada pelos neófitos, que a julgam dispensável, quando não inútil, diante dos textos. E a relegam a segundo plano ou a plano nenhum,

Há, ainda, a parte científica, aquela onde, pela observação e pela experiência, vamos possuir a certeza; aquela pela qual podem todos pensar da mesma forma, porque a Ciência suprime as incertezas e a variedade dos pareceres.

Esquecem-se de que a “Nova Revelação” veio com o caráter da prova, não só para distinguir-se das revelações anteriores, já inadequadas à nossa época, onde predomina a investigação, como para que o homem possua um sucedâneo seguro que o ponha ao abrigo das vacilações, das situações dúbias, como vem acontecendo até agora, onde os guias são os livros sagrados, cujas raízes se perdem na noite, das idades e para os quais não há documento que lhes prove a autenticidade, nem há por onde descobrir o veio capaz de resolver as dificuldades de que estão inçados.

As demonstrações, em matéria espírita, libertam-nos de dar tratos ineficientes à imaginação; já não há opiniões contraditórias, nem axiomas indecifráveis, nem princípios indemonstráveis; já não existe o areai movediço das crenças, as dunas varridas pelos temporais das lutas religiosas; já não há as colisões irrefreáveis, a multiplicidade de proposições colidentes; já não se pode falar da variedade quase incrível de

crenças e de crenças. A prova reduz tudo a princípios incontestáveis. Eles não são ditados pela força coercitiva de um Chefe, mas pela imposição das leis naturais. Aquela desaparece com o Chefe, ou se modifica com outros Chefes, ou se apaga com o tempo; a estas o tempo revigora e os fatos fortalecem.

Tudo isto, porém, é esquecido por aqueles a quem a corrente da fé estabeleceu na alma sulcos profundos. E de tal forma, que a crítica histórica, o poder convincente da lógica ou a força probante dos fatos esmaecem, deixando em seu lugar as convicções muitas vezes insustentáveis, quase sempre injustificáveis, nenhumentemente prováveis.

Daí a afirmativa de que o Espiritismo é o Cristianismo, sem maiores explicações; daí os discursos exaustivos em que a extensa gama doutrinária é afastada para ficar o autor repisando nos textos, interpretando textos, decifrando textos, adivinhando textos.

Dessa cristianização exagerada, entretanto, não proviria mal, se se mantivessem todos dentro dos axiomas morais, embora a restrição impedisse os voos para maiores altitudes e melhores esclarecimentos, visto que não chegaremos a alturas muito elevadas se confinarmos o nosso saber e não exercitarmos o nosso raciocínio.

O pior, porém, está na paixão sectária a que nos conduz o excesso de religiosidade. Ele não só nos leva ao desprezo de tudo que possa trazer a certeza, como nos induz a profundas crenças doutrinárias. Exemplifiquemos.

Temos visto grande entusiasmo pelos ensinamentos de Paulo. Por mais, porém, que admiremos esse grande vulto apostólico, pela sua coragem, pelo seu sacrifício e pela sua atividade na propaganda de um ideal, não podemos, - entretanto, aceitar muitos de seus princípios, inteiramente ao arripio da lógica, e, sobretudo, das lições basilares do Espiritismo.

Assim é que ele nos ensina que, “justificados pela fé, temos paz com Deus”. (Rom. 5, 1); que, “ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé lhe é imputada pela sua justiça”: (Rom. 4, 5-8); que, “assim como pela desobediência de um só homem, foram todos constituídos pecadores, assim também pela obediência de um só todos serão constituídos justos”; (Rom. 5, 19); que “aquele que não conheceu pecado o fez pecado por nós para que nos tornássemos justiça de Deus”, (Cor. 5, 21); que “só se morre uma vez”; (Hebr. 9, 27); II Cor. 5, 10; Rom. 14, 10-12). E ainda mais.

“Sem derramamento de sangue não se faz remissão” (Hebr. 9,22); “Jesus com um único sacrifício de si mesmo aniquilou o pecado”. (Hebr. 26, 28); “Deus suportou os vasos de ira preparados para a perdição, e os vasos de misericórdia que de antemão preparou para a glória”. (Rom. 9, 22); “de graça sois salvos pela fé e isto não vem de vós, é de dom de Deus”. (EL 11, 8); “não há quem faça o bem”; (Rom, 3, 11); “porque todos pecaram”. (3, 23).

Já está longa a lista. Em suma, afirmando que o Espiritismo é o Cristianismo como-los como sinônimos; ficam no

mesmo pé de igualdade, com as mesmas proporções e de tal ponto identificados que não há distingui-los.

Ora, vimos das citações de Paulo, que os seus ensinamentos se acham em completa oposição aos princípios espíritas; não podem, portanto, estar aqueles no mesmo pé em que estão estes. E só citamos Paulo, em poucos textos, para não alongar demasiadamente este trabalho.

O Novo Testamento está cheio de lapsos que é preciso elucidar e corrigir. São inúmeras as causas de erro, e por mais longe que lancemos a sonda perquiridora não encontramos por vezes a fonte do distúrbio.

Com um pouco mais de estudo veremos, ainda, que os princípios religiosos dominantes já se encontravam em religiões mais antigas, sem que isto aliás venha em desabono do Cristianismo, visto que o Cristo já assegurava que não veio destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento. Entendemos que falava da lei moral, pois esta é que a grande Lei, a única que se poderá impor para o progresso espiritual da humanidade.

Queremos mostrar que, se as leis que o Cristo nos trouxe já existiam em outras doutrinas, em outros códigos, em outras religiões, não se compreende o exclusivismo cristão. Por que o Espiritismo só se haveria de ocupar com uma, e tê-la como o caminho único a seguir?

O que nos leva a esta digressão não é buscar expelir dos nossos quadros o estudo do Cristianismo; nosso escopo é evitar a criação de novo credo, é impedir que nos encerremos dentro

de uma seita; que transformemos o Espiritismo em mais uma religião como as outras, e contra as outras constantemente empenhada num duelo de versículos; que apaguemos as luzes trazidas pela Filosofia e destruamos a base da prova em que assenta todo o nosso edifício doutrinário.

Não é possível restringirmo-nos aos textos do Cristianismo, quando há outros princípios religiosos perfeitamente enquadrados no Espiritismo e até de melhor feição.

O símbolo budista da roda das vidas sucessivas é a reencarnação em sua máxima clareza; não se pode comparar ao dogma do Céu e Inferno, ao da ressurreição, a de lobos e ovelhas irremissivelmente separados.

O Nirvana, com a paz espiritual e a felicidade pela tranquilidade do espírito, cabível a todos os seres depois da experiência planetária, está muito mais de acordo com os nossos ensinamentos do que a monotonia da mão direita de Deus Padre e as desventuras eternas da mão esquerda.

A tese do progresso pelo esforço próprio, após as quedas e soerguimentos, que Buda pregava, não se pode comparar à salvação pela fé, ou pela graça, ou pelo prévio arbítrio da escolha divina, conforme a pregação de Paulo.

O amor a todos os seres, neles compreendidos os animais, conforme as religiões do Oriente, é mais curial que o simples e único amor humano. Pedro, entretanto, chega a aconselhar que matemos os animais e os comamos.

É imprescindível o ensino Espírita para que escoimemos os velhos textos das impurezas que lhes foram acrescentadas, ou lhes forneçamos os elementos necessários que lhes faltam, nesta altura dos nossos conhecimentos.

O Cristianismo estacionou; o que se aduzir ao Novo Testamento já será o Consolador Prometido; já é a parte que compete ao Espiritismo, e o Espiritismo tem uma amplitude que só longos anos de estudo farão compreender e atingir.

Em síntese, o Espiritismo não é o Cristianismo, *tout court*, senão que o Cristianismo é uma parte do Espiritismo, inegavelmente de real e indiscutível valor, pelos ensinamentos que nos trouxe o Grande Missionário, mas para os quais são indispensáveis os esclarecimentos que os Espíritos vêm acumulando.

O Cristianismo é parte de um todo. Tê-lo unicamente como o Espiritismo ou pô-lo a par do Espiritismo é transformá-lo em Protestantismo, é conservá-lo numa das muitas divisões da Reforma. Seria mais uma seita com tinturas de reencarnação e manifestação de mortos.

Isto é que era preciso deixar patente.

CARLOS IMBASSAHY

X

[Carta de um Espírita a um Pregador de Espiritismo](#)

Rio, 26/6/54

Meu caro José Fuzeira:

Saúde e Paz.

Estou com sua carta, que agradeço, e a que respondo.

Diz V.: — “O meu antigo anseio de atrair prosélitos, apagou-se. Na época atual, ou seja, no pequeno intervalo que falta para o terceiro milênio, essa tarefa já não pertence aos homens”.

Permita-me que discorde, pois entendo que, isso que afirma, é “cruzamento de braços”; é fatalismo comodista... principalmente quando acredita “nas hecatombes morais e materiais que se aproximam para afundamento desta civilização...” Essa opinião do grande Emmanuel, ou que lhe atribuem, parece estar errada em muita coisa.

Ainda diz o prezado amigo: “A campanha desta hora undécima é a de que nos amemos e nos unamos em fraternidade cristã; pois. Deus é Deus da Paz, do perdão, da tolerância e não de brigas, quaisquer que elas sejam”.

Portanto, deixemos que esmaguem a Humanidade...

Não creio que ficar indiferente, apático, e não participar das lutas cívicas ou políticas, seja servir ao Espiritismo. Tal atitude não se justifica, e só os que se deixam impregnar de misticismo ficarão à margem das vanguardas do Espiritismo científico, e da marcha progressista para uma nova civilização SOCIALISTA — que terá por lema: “A cada qual segundo suas necessidades, e de cada qual segundo sua capacidade de trabalho”. Não permitindo a MISÉRIA, o desemprego, a fome, a prostituição, as

guerras e as injustiças que tanto infelicitam a Humanidade.

No momento, o que mais deverá interessar aos espíritas esclarecidos, é o estudo e propaganda do Espiritismo em seu aspecto social e cristão, mais do que o fenomenal e religioso. O Espiritismo deverá contribuir para o grande “Movimento Mundial da Paz”, e contra a Guerra com que o imperialismo e obscurantistas de todos os matizes ameaçam envolver novamente à Humanidade na mais feroz das carnificinas. A maioria dos espíritas, por desconhecerem os fundamentos do Socialismo Científico, do Marxismo, etc. deixam-se intoxicar pela propaganda facciosa e interesseira dos neo-fascistas heróis da bomba atômica, do “napalm” (gasolina gelatinosa) e da guerra bacteriológica massacradores de povos para quem as guerras se tornaram uma necessidade, sendo “subversivo” o Movimento da Paz, e licitas as propagandas guerreiras. É triste dizê-lo, mas até confrades nossos, dirigentes e doutrinadores espíritas, se aliam aos que buscam entrar a marcha do progresso, difamando e deformando a grande realidade da Democracia Socialista em Ascensão já em quase metade da Terra, e a caminho da realização da maravilhosa utopia da Sociedade de Bellamy. Já leu o Amigo José Fuzeira aquela excelente obra “Daqui a Cem anos”? O grande clarividente americano, escreveu linda utopia — mas já em ensaios, para a desejada realização, nos países do Socialismo. O “Movimento Mundial da Paz” também bastante contribuirá para o surgimento daquela maravilhosa civilização! Entraremos então no ciclo crístico. O preceito do Decálogo que ordena: NÃO MATARÁS, será cumprido extinguindo-se definitivamente o mais monstruoso dos crimes: à QUERRA. Os

Exércitos e Marinhas de Guerra; Exércitos fratricidas, estarão então substituídos pelos Exércitos da Paz: Exércitos Agrícolas, Exércitos Industriais, Exércitos Científicos! É possível que até já, assistamos às tais hecatombes morais e materiais de que V. fala — mas não deveremos ser fatalistas. O que se passa, são as dores do parto de uma nova Civilização que surge. A maioria dos espíritas ainda não se apercebeu da grande reforma político-social já em ascensão na metade do mundo, e que arrastará, em muito breve, a outra metade.

Espíritas reacionários, encafuados no seu misticismo e alheamento aos grandes problemas sociais, políticos e humanos, precisam de se esclarecer e saber, como diz o Dr. Eusínio Lavigne, “que se não deve desligar a sociologia Espírita que Kardec, afirmou, precisar de acompanhar as verdades descobertas”. Pois não se podem conceber espíritas reacionários! “É mil vezes preferível o materialista evolucionário”, porque está, segundo a expressão de Sousa do Prado, “pratica o Evangelho sem o pregar, enquanto que aquele o prega sem o praticar...”

Espíritas que vão no cordão a fazer coro com os que sempre se empenharam em manter a Humanidade no atraso, na escravidão e na miséria, alheando-se ao estudo da Sociologia — do assunto mais palpitante da atualidade — estão errados. Cristo também se bateu, até ao sacrifício, pelo Comunismo daquela época, bem como seus seguidores, que foram perseguidos, presos e lançados às feras, como hoje lançam ainda os comunistas às feras dos carrascos Policiais — mais ferozes que os de então, porque torturam... antes de matar. Diz bem o Amigo

José Fuzéira: “Ai do Cristianismo em espírito e verdade — o Comunismo daquela época — (parêntese meu), se a causa, logo, desde o início, não houvesse sido iluminada ou santificada com as perseguições e com o sangue dos mártires e dos justos, a começar pelo próprio Jesus”.

Sim, Jesus foi quem primeiro clamou a favor dos humildes e dos que sofrem, e contra os ricos e exploradores das massas espoliadas. Por assim ter pregado, foi o primeiro homem a ser condenado à morte como revolucionário, inimigo do governo, e agitador do povo.

Corroborando essa verdade, diz Renzo Castaldi, em primoroso artigo, em “Jornal de Debates”:

“As primeiras associações cristãs chamavam-se COMUNIDADES (e o nome diz tudo). O primeiro grupo cristão formado pelo Cristo e pelos apóstolos, era um grupo comunista, um grupo onde tudo era comum, onde ninguém possuía nada de seu. Isto está dito claramente nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. As epístolas de São Paulo são nitidamente comunistas. Os cristãos dos primeiros séculos da nossa era foram perseguidos porque eram comunistas, não por motivos religiosos. O império Romano estava cheio de deuses das mais variadas procedências: um, a mais ou a menos, não fazia diferença. Havia

dezenas de deuses que sabidamente significavam um deus “verdadeiro e único”, só os nomes variavam, conforme o país donde eram originários. O CRISTIANISMO FOI PERSEGUIDO COMO MOVIMENTO POLÍTICO DE LIBERTAÇÃO DA CLASSE OPRIMIDA. Foi perseguido só por isso: não por motivos religiosos.

A perseguição terminou quando os dirigentes da Igreja se bandearam da classe oprimida para a classe opressora, A Igreja — todo o mundo sabe — não foi mais perseguida a partir do momento em que renegou o Comunismo, em que deixou de defender a classe explorada, para aliar-se à classe exploradora, em que deixou de ser — no verdadeiro sentido da palavra — cristã. O Cristianismo, porém, continuou existindo, manifestando-se, através daquilo que a Igreja — transformada em esteio do Capitalismo — chamou “heresias”.

Todas as heresias, que foram exterminadas a ferro e fogo pela Igreja, eram comunistas, de acordo com os ensinamentos do Cristo, de Paulo e dos primeiros cristãos. Foram exterminados por ser comunistas, isto é, por motivo políticos, por motivos resultantes da luta de classes,

não por dissensões teológicas a respeito de ninharias. Assim aconteceu com os Maniqueus. (Prisciliano, austero bispo espanhol, foi queimado vivo no ano 385, por combater a aprovação da propriedade pela Igreja. Santo Agostinho, maniqueu disfarçado, só se salvou devido aos seus excepcionais dotes intelectuais, e às altas amizades de que desfrutava. Santo Ambrósio tem páginas de veemente repulsa à instituição da propriedade, aceita pela Igreja, páginas essas citadas, com todas as minúcias, na. “Cidade do Sol” de Tommaso Campanella).

Assim aconteceu com os Milenários, com os Cátaros, com os Albigenses, com os Valdenses, com Wycliffe, com João Huss e com Tomás More. Com os Anabaptistas e com os Puritanos.

Uma prova de que o Cristianismo era comunista é que, ainda hoje, os conventos são propriedade coletiva das ordens, não havendo neles propriedade privada dos frades e monges. A própria Igreja, na sua organização atual, é um órgão de estrutura comunista, onde tudo é propriedade coletiva da Igreja, e não do Papa, dos Cardeais, ou dos bispos. (Pelo menos é o

que consta).

Todas as ordens religiosas do mundo antigo, todos os Templos, tinham organização comunista. Santos cristãos, tais como São Lucas, São Clemente, São Marcos, São Jerônimo e Santo Ambrósio, foram nitidamente comunistas.

“A Cidade de Deus”, de Santo Agostinho, é uma utopia de fundo comunista, Todas as Maçonarias antigas, igualmente, desde as do Egito remoto (pedreiros livres) até as que promoveram a Revolução de Cromwell, a Revolução Americana e a Revolução Francesa, eram de fundo comunista.

Entre os precursores do Socialismo figuram nomes tais, como os de Thales, Anaxógoras, Platão, Tomás de Aquino, Tomás More, Tomás Campanella, Francis Bacon, Abade Mably, Barrington, Varaisse, Holberg, Moxelly, Adan Smith, Os Enciclopedistas (com Diderot e Voltaire à frente), Babeuf, Saint Simon, Hegel, David Ricardo, Fourier, Owen, Stuart Mill, Proudhon, Blanqui, Eduardo Bellamy.

O Socialismo desses precursores, generoso e nobre, era, porém, utópico. Não

chegaria nunca a ser realizado. Desconhecia as leis científicas da História, Perdia-se na Metafísica, ou em ideias erradas a respeito das verdadeiras causas do progresso. Ignorava, ou só suspeitava muito vagamente, o papel fundamental do fenômeno econômico (das maneiras de produção) nas transformações da sociedade humana. O Socialismo Científico — REALIZÁVEL — só podia surgir depois do Método Dialético Marxista e do Materialismo Histórico.

E surgiu brilhantemente, no histórico Manifesto de 1848, assinado por Marx e Engels.

Falar sobre o Manifesto de 1848 é tarefa ociosa (será possível que ainda exista quem o desconheça?)

Marx e Engels lançaram as bases científicas. Lênin e Stálin desenvolveram-nas, investigaram, e demonstraram as leis científicas da transição do Capitalismo para o Socialismo. E REALIZARAM AS TEORIAS, DEMONSTRARAM EXPERIMENTALMENTE AS LEIS CIENTÍFICAS QUE SÃO O ALICERCE INABALÁVEL DO SOCIALISMO

CIENTÍFICO, DO MARXISMO.

As obras completas de Lênin e Stálin também estão catalogadas, e foram publicadas na íntegra pelo Instituto M. E. L. O que ainda não há em português, existe em espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, etc. Só as obras de Stálin (que compreendem toda a teoria e prática da construção do Socialismo, e o pensamento criador mais alto da nossa época) são mais de trinta volumes.

Assim como para conhecer Newton é preciso ler Newton, para conhecer Darwin é preciso ler Darwin, para conhecer Marx é preciso ler Marx — para conhecer Stálin é preciso ler Stálin. (E sentir vergonha, depois, de ter demorado tanto para travar conhecimento com a obra científica DO MAIS PODEROSO ESPÍRITO CRIADOR DA NOSSA ÉPOCA).

A transição direta do Capitalismo ao Comunismo, tão temida pelos ignorantes (às vezes letradas), É IMPOSSÍVEL. Quem sonha com ela é utopista incorrigível, que nada de concreto fará pela evolução da Sociedade. Entre o Capitalismo e o Comunismo há tuna etapa intermediária

indispensável, que é o Socialismo.

Distinga-se bem: Comunismo é a socialização de todos os bens, NUMA SOCIEDADE SUPERIOR, COMPLETAMENTE DIFERENTE DESTA NOSSA DE HOJE. Socialismo ou Coletivismo (que é o que vigora na URSS, na China e nas Democracias Populares) é a socialização dos MEIOS DE PRODUÇÃO NUMA SOCIEDADE SEM CLASSES.

Nenhum país pode passar diretamente do Capitalismo ao Comunismo. O COMUNISMO SÓ É POSSÍVEL APÓS O DESENVOLVIMENTO E PLANIFICAÇÃO DE TODA A PRODUÇÃO E DESFRUTE, E DA ELEVAÇÃO DO NÍVEL CULTURAL (MORAL E INTELECTUAL) DE TODA A SOCIEDADE transição que apenas sob o regime socialista pode ser realizada.

Todas as imbecilidades que têm sido ditas pelos reacionários e obscurantistas a respeito do Comunismo ficam reduzidas ao seu verdadeiro porte, com esta simples constatação, tão óbvia que nem uma criança analfabeta a poderia ignorar.

É o caso de dizer: Porque é que esses

gratuitos detratores do Marxismo não estudam, antes de dizer bobagens?

Nenhum deles se atreverá a dizer uma palavra a respeito dos outros assuntos que desconheça: televisão, motores, teoria atômica, ou relatividade.

Tratando-se de Marxismo, porém, que é infinitamente mais difícil e mais complexo (a Sociologia é a ciência mais complexa, em todas as classificações) soltam candidamente as suas batatadas, com a mais absoluta inconsciência...

É de fazer pena” O SOCIALISMO É O RESULTADO INEVITÁVEL DA EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE. DENTRO DAS LEIS CIENTÍFICAS FATAIS QUE REGEM ESSA EVOLUÇÃO.

Ele é a REALIZAÇÃO MATERIAL do sonho de todos os utopistas, de todos os reformadores, de todos os idealistas dos últimos milênios (místicos, maçons, cristãos sinceros, positivistas, espíritas, espiritualistas, materialistas, evangelistas e todos os mais que lutam pela evolução).

O SOCIALISMO É A BASE: O ALICERCE DA EVOLUÇÃO POR TODOS

ESPERADA. Ele virá, em todos os países, aconteça o que acontecer, façam o que fizerem os reacionários, os retrógrados. Só os imbecis, loucos ou tarados podem cometer a asnidade de tentar entravar-lhe a marcha. Será dado o passo DECISIVO e gigantesco para a frente, que a Humanidade aguarda há tantos séculos: EXTINÇÃO DE CLASSES, DEMOCRATIZAÇÃO REAL DA SOCIEDADE, FRATERNIZAÇÃO MUNDIAL DOS POVOS.” (Jornal de Debates, 1/8/52),

Não termina aqui está belo artigo de Renzo Castaldi. Mas o que aqui transcrevo seria suficiente para esclarecer muitos confrades distintos, bem-intencionados, mas errados em suas concepções sociológicas e no Bem-postulado do Cristianismo.



A sua ação em prol da Campanha contra o Suicídio, é meritória. Mas, incomensuravelmente mais bela, oportuna, necessária — e a que todos os espíritas se deveriam associar — é o “Movimento Mundial da Paz” que visa acabar com o

maior e mais estúpido flagelo — a GUERRA! Se este grande movimento de todos os povos da Terra, não triunfar, então, ai de nós — as trombetas do Apocalipse soarão aos ouvidos desta Humanidade infeliz, incrédula e incauta, Como espíritas, devemos compreender o significado do “Movimento Mundial da Paz” e colaborar nele. Combater o suicídio é nosso dever. Mas, repito, incomensuravelmente mais importante, é o dever de combater a monstruosidade da Guerra — onde morrem milhões e milhões de criaturas que não querem morrer, enquanto que quem se suicida, morre porque quer, e fazendo uso de seu livre arbítrio. O seu objetivo, pretendendo fundar uma instituição idêntica à National Save-a-Life League, de Nova York, é plausível, e merece simpatia. Mas a ação em prol do Movimento da Paz, conforme conclama o Dr. Eusínio Lavigne no seu trabalho: “Natureza Sociológica da Paz”, que V. leu, deverá ter prioridade. O seu movimento pretende salvar aqueles que preferem desertar da vida, indo voluntariamente para o outro mundo: enquanto que o da Paz, de que é Presidente Joliot Curie, é mundial, e salvará os que, pela Guerra, seriam, a contragosto,

atirados violentamente para lá.

Foi pensando assim, que eu lhe telefonei para a Televisão Tupi, quando V. ali expunha o seu empreendimento, perguntando-lhe, de público, porque não defendia também o “Movimento Mundial da Paz”, que visa acabar definitivamente com as guerras que fazem muito maior número de vítimas, Arnaldo Nogueira, que dirigia esse programa de “Ideias e Imagens”, frisou-lhe bem o recado, mas V. não aproveitou a oportunidade para dizer algo, sobre tão importante assunto, aos milhares de telespectadores que o observavam e escutavam. Poderia ter prestado relevante serviço a uma das Causas mais nobres da atualidade,

A Campanha contra o Suicídio, talvez estivesse bem entregue ao “Exército da Salvação” — que ainda aí “salvando” toda a gente... militarmente, à norte-americana.

Convenhamos que, a melhor forma de acabar com o suicídio, é modificar o regime social, de maneira a que não haja ricos e pobres, mas que todos tenham o conforto de que necessitam dignamente. E isso só o pode dar, conforme já vimos, o Socialismo

Científico. Sabemos que há sofrimentos e provações inevitáveis, provenientes do “Karma”, mas, já basta o que não podemos modificar nem evitar, como os desastres, as doenças, os desgostos, etc. A miséria material, porém, embora condicionada ao “Karma”, não provém dele, mas do procedimento criminoso dos exploradores, e da ingenuidade dos explorados, que a isso se sujeitam. São sofrimentos que os homens podem evitar, e não evitam porque não querem. O religiosismo é, em parte, responsável pela apatia e conformismo ante os aparentes fatalismos que tolhem as iniciativas mais nobres, e que removeriam muitos dos obstáculos à conquista dos bens sociais e da felicidade, embora relativa, a que todos aspiram e a que todos têm direito.

Em mensagens espíritas, captadas pelo médium José Maria Macedo dos Santos, e assinadas por José do Patrocínio, foi-nos dito o seguinte:

Meu amigo: Poderá parecer descabido, despropositado, que um “morto” volte ao cenário dos “vivos”, e troque ideias contigo, fraternalmente e com suavidade. É que o vosso mundo, que eu já conheci, através de

variadas experiências humanas, vive um momento decisivo para a sua evolução, De um lado, estão homens com almas de escravos, que teimam em não progredir, em espremer, em esfomear, pela sua avareza, a maioria da Humanidade; e do outro lado dessa barricada — constituída de ódio, de vaidade e de ambição sem limites acham-se aqueles que solucionaram o problema do homem, dando a cada um segundo suas necessidades, sem a ignóbil exploração de uns pelos outros. O maior acontecimento mundial, que a Terra já teve, após a vinda do Messias, foi esse, onde se nivelaram interesses, se extinguiu a vaidade, e se liquidou a ambição. É algo de grandioso, pelo ineditismo da judiciosa solução, que fez, de escravos, homens livres, libertando-os de pelas que os jugulem a coisas materiais.

A propaganda insidiosa, paga, sem escrúpulos, mente deturpa os fatos e a conseqüente verdade, porquê? É que são duas faces da

Humanidade que se enfrentam, tendo uma, fatalmente, que desaparecer sem deixar quaisquer saudades.

Os homens, no seu todo, têm necessidades semelhantes, distinguindo-os somente o respectivo grau de cultura ou de sensibilidade. Se Jesus nos concitava a nos amarmos, fraternalmente, uns aos outros, Isaías profetizava que “Algures viria o tempo da paz e da felicidade para todos”.

É que o ódio vai ser banido da face da Terra. Deus assim o quer.

Shakespeare, no seu famoso Hamlet, afirmava, com toda a propriedade: “ser ou não ser, eis a questão”. Por que há de uma pequena minoria insultar os demais, exibindo suas faustosas riquezas e suas baçanais, se, no mundo, há de mais para todos, sem os gastos astronômicos com armas e engenhos de guerra?

O precioso livro de Bellamy²¹, que tanto te encantou, porque demonstra, na verdade, como viver em paz e com alegria, traz aquela imagem do côche, que tanto era de então, como de agora.

A maioria dos homens, de tirante ao ombro, a puxar a privilegiada carruagem, não poderia ser bem da atualidade?

Paz e um abraço fraternal do
Irmão

José do Patrocínio

E noutras mensagens, que não transcrevo aqui na íntegra porque um tanto longas, continua o mesmo esclarecido espírito:

Quem é, enfim, mais cristão, mais consequente com o “fazei aos outros o que desejais que vos façam”? Os que usam tal etiqueta, mas perseguem, fraudam e matam, ou aqueles, que se dizem ateus, mas são fraternos, ao extremo de todos serem iguais perante a Lei, extinguindo assim a fome, o meretrício e a vagabundagem, pois “quem não trabalha

²¹ Eduardo Bellamy. “Daqui a cem anos”.

que não coma”, e todos são compelidos a trabalhar, porque, ali não existe a falsa caridade que determinadas casas pretendem fazer? Num mundo fraternal, a Caridade não subsistirá para que, em seu lugar e com eficiência, se faça justiça. A Caridade vexa a quem a recebe. Os únicos seres que a podem praticar, porque para tal têm tudo, são Deus ou os seus enviados, como o divino Jesus.

Esses homens, que, embora cristãos pelo procedimento, irreverentemente se afirmam ateus, para que um abismo os distinga, estão mais próximos dos sublimes ideais de Cristo, do que esse mundo que prega a piedade, a renúncia, o sofrer agora para fruir uma hipotética bem-aventurança no futuro. Aqueles são sinceros, porque são fraternos, e extirparam o cancro social que todos vêm, mas sem pieguices, sem rótulos piedosos, e sem religiosismos, que eles, definitivamente não aceitam, O “amai-vos uns aos outros”, está com eles, porque embelezaram, no seu setor, a fisionomia da vida. Isto é uma verdade irrefutável, porque comprovada.

O pavor apossou-se desse mundo farisaico, que são esses líderes

retrógrados, que não querem acompanhar a Humanidade na sua arrancada ascensional. Mas o Mundo evolverá, mesmo sem eles, porquanto ficarão à margem dos acontecimentos, como coisas inúteis”.

E noutra comunicação:

Meu amigo: é bem conhecido que os ladrões, para que os deixem agir, abrem os pulmões, clamando: Pega ladrão! É o que atualmente acontece com aqueles que anseiam por uma nova guerra, para que se empreguem os muitos milhões de desempregados que essa super-civilizada atirou à fome e ao conseqüente desespero. E, assim, bradam que a sua civilização, que se apregoa cristã, e se diz ocidental, está em perigo... pelos russos.

Mascaram assim seus criminosos preparativos bélicos, com o fim único e exclusivo de mais encher seus cofres, à custa dos inconscientes, que pegarem em armas, e se deixarem massacrar por tão repelentes objetivos. A célebre esquadra invencível, que a Espanha de Isabel, a Católica, enviou à Inglaterra para a escravizar, perdeu-se, sem que houvesse

necessidade de disparar um só tiro, na Mancha, que a amortalhou. Napoleão, tanto quis, que tudo perdeu, e mais tarde, em Santa Helena, no seu desterro, fez um balanço de sua vida, e verificou que, de definitivo, nada conseguira. Hitler, e antes dele, Mussolini, sonharam escravizar os povos, e, mais tarde, tiveram o fim de todos os ambiciosos sem escrúpulo. Aos herdeiros, dessa avassaladora ambição, que tanto enchem a boca de “democracia”, que futuro os aguarda? De certo que será idêntico.

Porque prepassam pelo mundo, uma infinidade de insânias?

É que os homens se deixam contagiar pela ambição crescente e ininterrupta, no vasto campo dos lucros criminosos; e isso findará dolorosamente para eles.

Os tempos cada vez mais exigem que se viva e propague a Verdade. Demais, esta é como a Luz, irradia continuamente, aromatizando as almas, e impondo-lhes a era nova da socialização do mundo.

É visível que os grandes argentários a temem, e por isso se apegam à batina é à farda... para que os padres mintam e a farda

mate.

Os perversos negociantes de armas conseguiram mais um meio de impingir seu vil comércio. Porque o fazem, esses que vivem no país onde as bíblias se vendem aos milhões, e conhecendo o “NAO MATARAS” e o “NAO LEVANTES FALSO TESTEMUNHO”?

É que, para eles, comércio é comércio, negócio é negócio, e, DA LEI, só dois dias por semana se ouve falar, quando das suas reuniões culturais. Razão de sobra teve Vitor Hugo, quando disse, que a Guerra, devia ser profundamente desmoralizada, pois ela só atesta o grau de bestialidade, porque de incompreensão dos homens.

Se lembrarmos César, bem como o Senado Romano, veremos que eles não queriam aceitar o Cristianismo, porque o denominavam de “doutrina estrangeira”. Naqueles tempos, os cristãos eram tidos como sem Deus, sem pátria, nem família, e fanáticos bebedores de sangue. Então, vezes sem conta, Nero ou seus íntimos, chamavam cristãos a quantos, sob qualquer motivo, lhes caíssem em desagrado —

mesmo que o não fossem!

Lá ou agora, uma vida humana, não possuía o menor valor de respeito.

Uma Ideia não se destrói com torturas, só se substitui, eficientemente, quando outra a sobrepuja. Demais, as ideias são bem como os pregos, que quanto mais se lhes bate, mais profundo penetram. Separar o homem do homem é não só um absurdo, como um crime. E, se temos contas a ajustar, uns com os outros, pretender isolar o homem, é algo de monstruoso.

Não devemos odiar, mas o que se vê nesses países piratas, que querem passar por democratas e civilizados, e se dizem cristãos como ninguém, é o incitamento à loucura do ódio; e, assim, entoam hosanas ao assassínio a frio e premeditado, que é a guerra.

Nietzsche, esse filósofo que se não deixou envenenar pela brutalidade da guerra, exclamou: Quem sentir valores acima, cem vezes superiores ao bem estar da pátria, da sociedade ou do parentesco do sangue, ou de raças, portanto valores internacionais — tornar-se-ia hipócrita se

procurasse desempenhar o papel de patriota, é o aviltamento de homens perante homens, que alimenta, admira ou enaltece o ódio nacional”.

Demais, há somente dois grupos na Terra: os sofredores e os que causam sofrimento. E, na eterna luta entre o bem e o mal; são desiguais as perspectivas, sendo por vezes necessário um século para edificar o que um só dia destruiu. Já que nos não é dado criar, nada destruamos.

Recear a verdade, ser escravo de convenções, é um crime.

A Verdade não se impõe, porque a Natureza em si a revela.

Já Goethe dizia que sempre fossemos sinceros, repetindo a verdade tantas vezes quantas se fizesse necessário.

A verdade é igual em todos os povos, mas cada povo arquiteta uma verdade só para si, a que chama de seu idealismo ou de seu nacionalismo.

Ninguém será livre, se se não libertar de todo o preconceito e é um fato que existe uma ciência dos povos e, assim, dos

homens, representada pelo coração, além da dos livros.

Precisais de libertar-vos da ilusão da pátria, bem como da crença ou do predomínio desta ou daquela raça. A pátria, é bem o mundo no qual estais, e a crença deve ser a da tolerância e a do perdão contínuo, visto que as raças se confundem, para vermos nelas um todo, homogêneo.

Devemos ser Samaritanos das almas, e dar mensagens vivas de fraternidade aos homens, que: são todos nossos Irmãos.

Schiller, já há 150 anos, dizia que havia trocado a sua pátria provisória, pela comum, que é a da Humanidade no seu todo.

Aceitemos os homens como são, mas não nos associemos às suas fantasias ou loucuras. Apesar de saber que os conselhos não se devem dar a. ninguém, pois quem tem senso deles não precisa, e quem o não tem não reconhece sua utilidade, eu, limito-me a transmitir-vos o que pude aprender aí, ou, depois, por aqui.

No mundo que aí vem, a caridade material desaparecerá, porquanto é um

dever que se vos impõe assistir, dividir eficientemente, de forma a. que o mendigo esfarrapado e fétido, não mais exista. Se tudo é de Deus e se todos somos irmãos, é um crime reter aquilo de que o semelhante precisa.

Reparai ainda em que a vida não é mais que uma certa soma de acontecimentos. O mais humilde, de qualquer de nós, tem no seu íntimo, um infinito. E esse infinito, nos lembra o Todo!...

Procuremos demonstrar o parentesco divino, que em todos os tempos, liga um homem a outro homem. Que os homens do mundo deem as mãos, fraternalmente, uns aos outros, a despeito de todas as mentiras e de todos os ódios, e que se não separem mais, almejando o bem comum.

Tempo virá e como que já é chegado, em que se chocarão convicções e dever, cidadania e humanidade — o homem convencional e o homem livre!”

E, continuando em sua série de brilhantes comunicações, ainda nos deu mais está o grande espírito de José do Patrocínio.

Amigos: Ainda é da mais premente oportunidade, que continuemos apreciando o vosso tormentoso dia que passa.

Como vedes, cada vez mais se extremam as posições de cada um dos grupos, que representam o capitalismo sem Deus nem Lei — pois Jesus Já a ele se referiu mordazmente — ou quantos aspiram a que haja, para toda a coletividade, indistintamente, um novo dia sobre a face da Terra, sem a torpe quão vergonhosa exploração do homem pelo homem.

A luta afinal, ferir-se-á entre explorados e exploradores, que se arvoram em donos de tudo quanto aí existe.

Jesus nunca mendigou, como afirmam determinados fariseus da atualidade, visando a contentar os esfaimados e oprimidos, ele veio dar e não receber. Não veio solicitar dos homens aquilo que lhes não pertence, mas que momentaneamente lhes é concedido, para que melhor sejam postos à prova.

O progresso é bem aquele carro sem travão, da frase de Junqueiro, e a avalanche vem descendo a serra, impetuosamente, não havendo forças humanas que a

detenham.

O mundo exige que a verdade se revele em tudo e em todos. Como folhas sopradas por violento tufão, as mentiras ou as convenções, caem estrepitosamente.

O mundo inteiro pertence ao homem livre. Notai que as forças mais poderosas, arrasadoras de cidades ou de reinos, são impotentes contra o homem que possua a vontade e a intrepidez de ser livre.

Os grandes banqueiros, industriais ou negociastas, querem uma nova guerra, para assim obter mais lucros; mas quem haverá de empunhar armas não serão eles, nem seus filhos ou netos. Para o fazer, contam com a escória, a plebe, que forma os degraus por onde eles sobem, visto que são esses quem lhes faz a fortuna.

Estejamos ao lado dos oprimidos, porque há deles por toda a parte, Jesus os amou, e lhes dedicou o melhor de seu precioso tempo.

O choque, mais hoje, mais amanhã, virá, porquanto a atmosfera terrena como que se encontra irrespirável. Na mão de um insignificante número, está aquilo que Deus

deixou no mundo, para todos os seus filhos.

Já Tibêrio, afirmava, que os soldados derramavam o seu sangue e morriam, unicamente para defender a riqueza dos poderosos. Enquanto que estas tudo têm, os que se sacrificam, não possuem um só palmo de terra, onde possam ser amortalhados.

Tudo indica, que esta geração, tem um encontro marcado com o Destino. Estamos as portas do grande dia. de Juízo de uma, época, que se caracteriza pela maldade e pelo terror. Vem aí, pois, o dia do Deve ou do Haver, do prêmio ou do castigo.

Veneno e remédio parecem-se terrivelmente, mas seus efeitos são diametralmente opostos.

Na atualidade, a mocidade caminha às cegas, sem desejar saber para onde a empurram, e vive artificialmente a vida sem mérito, porque sem horizontes morais, do futebol, que os governos do mundo habilmente exploram, para, com isso, a cocainar.

Profeticamente, Vitor Hugo, disse que este século seria grande e forte. E, será,

pois, os homens instintivamente caminham, a passos apressados, para a sua definitiva carta de alforria, porquanto, a que existe, é quimérica. Esta final de século, vai dar aos homens possibilidades tais, que em poucos anos, eles evolverão mais que até agora em alguns séculos.

A luta trava-se entre quantos almejam o *statu-quo* passado e atual, cujas raízes provêm do feudalismo, e aqueles que acham, com razão, que o mundo é por demais suficiente para a todos fazer felizes. O dia da felicidade e da justiça para todos, profetizada por Isaías, vai ter plena confirmação, a princípio, imperfeita, até que todos se adaptem ao “fazei sempre o que desejais que vos façam”.

Todos os povos são devedores uns aos outros. Pagai vossa dívida comum, cumprindo vosso dever todos juntos.

Urge que caminheis do homem nacional, para o de cidadão do mundo! E refletindo, como é necessário, como é vosso dever, chegareis à conclusão de que só tendes duas pátrias, que são a terrestre e a espiritual.”

Outras comunicações, inclusive de Emmanuel, captadas

por Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, e trazidas por Macedo, vêm corroborar as mesmas ideias e convicções dos espíritas progressistas, que bem sabem encarar o Espiritismo em seu aspecto social e moral. Ao amigo José Fuzeira, como pregador de grande valia, desejo-lhe as maiores luzes e assistência do Alto — para que melhor ensine e oriente os que escutam seu verbo — procurando seguir no rastro luminoso do Cristo.

Um abraço do velho confrade e amigo de sempre

ANTONIO JOSÉ ALVES

Nota Complementar Nº I (Nótula Nº 3)

O Espiritismo, em sua face religiosa, condena o suicídio, porque “só Deus tem o direito de dispor da nossa vida (Resp. 944, Liv. Esp.).

A infração da Lei divina redundará em sofrimento do suicida, “expiando a falta imediatamente, ou em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interrompera” (id., 957).

O remédio preventivo ministra-se pela auto-educação.

Quer dizer, então, que o suicídio tem por causa um desvio moral, de desobediência a Deus, motivo por que as suas consequências são também pessoais.

Eis aí uma interpretação individualista e metafísica, ou mística, que está em desacordo com os fatos verificados pela sociologia.

Ora, já vimos que a “revelação espírita, apoiando-se em

fatos, tem que ser essencialmente progressista, como todas as ciências de observação” (Gênesis, cit n.55).

Pois bem, numa das respostas a Kardec, os Espíritos entremostraram o filão da verdade, na seguinte passagem: “Demais, eliminai da vossa sociedade os abusos e preconceitos, e deixará de haver desses suicídios” (resp. 949).

Exatamente. É a lei do Socialismo, demonstrada pelo materialista Karl Marx. Modifique-se a vida social, e o indivíduo andar, pensando e praticando, conforme o sistema corrente das relações na vida econômica e social.

Assim, o fenômeno do suicídio tem que ser estudado de acordo com as novas leis da sociologia marxista (que não é de Marx, que foi simplesmente o organizador genial, da mesma forma que Kardec codificou os princípios gerais do neo-espiritualismo).

A justiça de Deus é a prática da CONFRATERNIZAÇÃO. “Quando os homens compreenderem a justiça, e praticarem a Lei de Deus, TODOS OS POVOS SERÃO IRMÃOS” (Liv. Esp., resp, 743).

Ora, hoje, com os exemplos dos povos, com línguas, raças e costumes diferentes, que transformaram os seus países da antiga “Rússia czarista”, em UNIÃO Soviética, ficou provado que a aplicação dos princípios do Socialismo científico, consolida a confraternização, motivo por que a resposta n. 744, do “Livro dos Espíritos”, condicionando a liberdade e é progresso à necessidade da guerra, exprime uma situação de fato,

concernente ao estado de barbaria (resp. 742), mas, hoje, incompatível com as novas leis da civilização (Vide resp. 776) .

Logo, o suicídio, como as guerras, tem seu fundamento no desequilíbrio econômico da sociedade; e o modo de combatê-lo não há-de ser por sentimentos subjetivos, mas, conseqüentemente, pela luta coletivamente organizada, única que nos abre as possibilidades de uma destruição definitiva dos obstáculos ao direito de viver.

Aqui está. A interpretação religiosa do “Livro dos Espíritos” é negativa e reacionária, ao passo que a científica, pelo Socialismo, nos salva do “suicídio”, como explicitamente declara Kardec: “Entendendo com todos os ramos da economia social, o Espiritismo assimilará, sempre, todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas, e abandonado o domínio da utopia, SEM O QUE ELE SE SUICIDARÁ” (Gênesis cit, n. 55, cap. I).

“O Livro dos Espíritos”, explicado ao pé da letra, é um aleijão de contradições, porque, por ela, pela letra, Deus é o senhor da nossa vontade e o responsável pelos males humanos (leiam-se as respostas supra-referidas), o que atentaria contra a própria teoria Espírita do “livre arbítrio” (resp. 532).

O sentido filosófico do Livro deve ser este: “estamos sujeitos às leis da Natureza, obra de Deus, e não à vontade de Deus. E são, pois, essas leis, conhecidas, que modificam, quando aplicadas, o panorama do mundo social e mental, ou objetivo e subjetivo”.

O religiosismo dos espíritas cria-lhes uma visão estreita, da vida terrena. O materialismo de Marx, pelo contrário, incentiva o homem à luta contra os desesperos da vida e à colaboração fraternal, e, pois, neste particular, se ajusta ao ensino do Cristianismo.

Essa a realidade, que muitos dos nossos doutrinadores espíritas não querem reconhecer.

Eis por que, a propósito de um suicídio, achamos belo, digno de ser subscrito por qualquer espiritualista, este suelto, de um materialista, partidário do Comunismo:

A TECELÃ E A ESPERANÇA –
Trabalhando, trabalhando ao pé de um tear,
urdindo fios, no correr dos anos, sentindo
esvair-se a mocidade e a saúde, Rute
Rodrigues Campos, tecelã, casada, quis
matar-se.

Amava o seu trabalho, gostava de fiar que produzia era para enriquecer apenas o patrão. Restava-lhe a fadiga crescente, a vida mais difícil, e um salário-mínimo, que não lhe podia mitigar a fome. E foi por isso que, no seu desespero, a tecelã resolveu tomar grande quantidade de soporíferos. Socorrida a tempo, posta fora de perigo, afirmou: “Se me salvarem desta, em outra hei de me matar. Noutra será inútil chamar médico. Será bom providenciar logo a vinda

do da polícia”.

Foi esse o meio que ela escolheu para exprimir a sua revolta. Diante da exploração brutal, em que os seres humanos são transformados em peças da engrenagem da fábrica, postas fora, gastam, como sucata, a tecelã se viu desesperada.

Não viu que a salvação está em se ligar às suas irmãs tecelãs, aos seus irmãos operários, e resistir à exploração, lutando contra ela. Sem luta, sucederá sempre o desespero, mas, com a luta, logo surge a esperança, porque classe social nenhuma, no mundo, é tão poderosa, QUANDO UNIDA, e tão rica de possibilidades para vencer a luta, como a classe operária.

Volte à vida, tecelã; transforme o seu desespero em revolta, e a revolta em parte da luta, que é sua e dos seus companheiros de trabalho. Se o patrão a transformava em uma peça da fábrica, saiba que a luta reconhece em você uma criatura humana, cuja vida é tão preciosa quanto digna de ser feliz. (Da “Imprensa Popular”, Rio, 8/12/54).

Nota Complementar Nº 2 (Nótula Nº 4)

A inobservância e o esquecimento da origem e da natureza OBJETIVA dos fenômenos, à luz dos quais Kardec formulou a doutrina conhecida pelo nome de Espiritismo, têm concorrido para o estacionamento e adulteração da mesma. A filosofia espiritualista não sobreviverá à morte do Espiritismo, que lhe é a base mais racional e lógica, precisamente por causa da realidade dessa fenomenologia.

Com efeito, Em face da Doutrina Espírita, nenhuma comunicação de espírito representa valor intrínseco, sem ser confirmada por FATOS, sobre os quais repousa o edifício da Ciência. Eis por que Kardec sentenciou que — “O Espiritismo e a Ciência se completam, reciprocamente” (Gênesis, Cap, I, n. 16).

E, logo depois, em abono da tese: “O Livro dos Espíritos foi a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado - de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos FATOS”. “É notório que, da publicação desse livro, DATA A ERA DO ESPIRITISMO FILOSÓFICO, até então conservado no domínio das experiências curiosas” (Idem, nota ao n, 52).

Por isso, “apoiando-se em fatos, a revelação Espírita tem que ser ESSENCIALMENTE PROGRESSIVA, COMO TODAS AS CIÊNCIAS DE OBSERVAÇÃO (Idem, n. 55).

Logo, não podemos aceitar, como verdades, as revelações de Emmanuel ou de qualquer espírito, quando não

consagradas pela experiência, pois a ÚNICÀ AUTORIDADE, no caso, é a universalidade, verificada, do ensino (Idem, n. 54).

No entanto, está se constituindo praxe, no “Espiritismo Brasileiro”, aceitar, como princípio doutrinário, tudo quanto vem de Espíritos, por intermédio do honrado médium Francisco Cândido Xavier. Daí a importância dogmática, que, sem mais exame, se tem, erradamente, conferido às revelações de Emmanuel e de outros espíritos, muitas delas, sem sentido prático na vida de relação.

Isso é a continuação, afinal, do “domínio das experiências curiosas”, contra as quais se erguera “o ponto de vista filosófico” da Doutrina Espírita.

Subscrever conceitos de Espíritos, simplesmente por oriundos de Espíritos, e por vindos através de médiuns honestos, é subordinar a Ciência à religião, porque a “Religião” é que atribui a uma origem espiritual, sem prévias indagações, os ditados medianímicos, à guisa das “verdades” da Igreja Romana, ditadas pelo papa.

Só esse argumento anti-subjetivista basta para provar que o Espiritismo não é religião.

Mesmo que algum dia triunfasse a hipótese materialista, pela qual os fenômenos espíritas não se ligam com a existência autônoma do espírito imortal, ainda assim, Allan Kardec teria ampliado o campo da Ciência materialista, a exemplo dos dedicados alquimistas, precursores da moderna

química.

O Espiritismo mudaria de nome, mas teria sido o germe de uma nova psicologia científica, ou de uma teoria química do pensamento, do espírito, da alma, ou do que se convencionou chamar “energia mental do corpo físico”.

Nota Complementar Nº 3 (Nótula Nº 6)

Quem conhecer a vida de Luís Carlos Prestes hã-de entronizá-lo, também, entre os grandes da Humanidade, na luta pela redenção dos povos.

Na inquebrantabilidade do caráter, ninguém o excede; sendo, mesmo, a esse respeito, a maior glória do Brasil, pela sua tenacidade heroica na defesa da nossa soberania, e da grandeza do povo brasileiro. E, ainda agora, na clandestinidade, sob a perseguição Policial, orienta o movimento libertador contra o imperialismo norte-americano.

Sacrificou, por seu amor aos princípios humanísticos, todos os seus interesses pessoais, como as perspectivas sedutoras que uma brilhante carreira lhe abria no nosso mundo oficial — a ele, que se revelara o mais distinto aluno da Escola Militar.

Poucos homens suportariam os castigos físicos e morais, por que ele, em nove anos de prisão política, atravessara.

Privado, no cárcere, de falar e de ler, e com a infelicidade de ser testemunha de torturas políticas, como as

infligidas ao alemão Berger, — Luís Carlos Prestes nunca se amedrontou, nem fraquejou nas suas atitudes e convicções.

É de assombrar essa sua resistência moral, que o salvou do despenhadeiro da loucura, tão comum em situações análogas.

Com a força de sua consciência no poder imperecível da Justiça e da Verdade, ele, na prisão, incomunicável, aparelhou sua própria defesa mental, bi-personalizando-se, em diálogos, de si para si, sobre problemas do Conhecimento,

Convenhamos que só um homem dotado de excepcionais virtudes de espírito é capaz, nessas condições, de conservar intacta a fibra do lutador intemerato e destemido.

Nota Complementar Nº 4 (Nótula Nº 12)

A tal respeito, vem a propósito transcrever aqui as seguintes claras comunicações, de págs. 225 e 226 de “Os Espíritas e as questões sociais”, de nossa autoria, em colaboração com Sousa do Prado, ditadas por Manuel e pelo próprio Kardec, em que não se notam os imbróglios que costumam caracterizar as de Emmanuel:

Meu amigo:

Tens razão nos teus reparos (a respeito de certas contradições, que se notam entre o “Evangelho segundo o Espiritismo” e outros livros de Allan Kardec). Mas... se a obra de Allan Kardec

fosse absolutamente perfeita, é que ele seria o próprio Deus em pessoa, porquanto a perfeição absoluta só a Deus pertence. O erro é a principal característica de todas as obras humanas, ou se trate de encarnados ou de desencarnados de certa categoria; e esse iluminado espírito, que conheceis como Allan Kardec, se não tivesse errado não teria sido homem. Levaria tempo a explicar-te os motivos que o fizeram interessar-se pelo comentário dos Evangelhos, embora tratando somente das máximas morais, que, a seu ver, não dariam margem a controvérsias. O que é importante saber-se, e a tal respeito não há nenhuma dúvida, é que o ponto fraco de sua obra foi ter cogitado do citado comentário evangélico. Os Evangelhos, como muito bem sabes, assim, como os restantes livros que compõem as Sagradas Escrituras, ou seja, a BÍBLIA, não têm nenhuma característica de autenticidade, nem poderiam tê-la, mesmo que não levássemos em conta os erros de tradução, as alterações e interpolações que lhes têm feito. É claro que qualquer espírito, encarnado ou desencarnado, só poderá explicar absurdos com outros absurdos, ou

com sofismas. Por isso mesmo é que o valor da obra de Raustaing é muito duvidoso. Eis porque há contradições entre o “Evangelho segundo o Espiritismo” e os restantes livros de Allan Kardec. Vê se podes seguir, o mais possível, este conselho, abstêm-te, sempre que possas, de citar passagens evangélicas, que o bom-senso e a lógica repilam, e não esqueças nunca: o código dessa luminosa doutrina, que é o Espiritismo, é O LIVRO DOS ESPÍRITOS, no qual – a pesar de uma ou outra contradição e incongruência, modificáveis pelo tempo, pelo progresso e pela evolução, como sucede com qualquer outra ciência — sé encontram as lições sensatas dos mais adiantados Espírito que se podem comunicar com esse mundo.

Manuel

Ouçamos, agora, a confirmação dessa comunicação dada pelo próprio Kardec, no Centro Cristão-Espírita, de Lerida (Espanha), que se encontra no livro “Roma e o Evangelho”, de José Amigó y Pellicer, traduzido por Bezzera de Menezes e editado pela Federação Brasileira, e que Sousa do Prado transcreveu naquele nosso livro:

Vosso livro (“Roma e o evangelho”) não é um trabalho perfeito, mas sim de

grande utilidade; mas útil para o povo eu alguns dos meus livros, que convirá reformar.

Nota Complementar Nº 5 (Nótula 5c)

Em suas lúcidas dissertações sobre espírito e matéria, materialismo e “materialismo”, constantes do livro “Os Espíritas e as Questões Sociais” de nossa autoria – dele e desses que confundem o materialismo de Marx com o materialismo vulgar, interpretou o conceito de Lavoisier, sobre a transformação da matéria, deste modo singular.

A verdade é que, no sentido de admitir que tudo é matéria, também nós, os espiritistas esclarecidos, somos materialistas, porque admitimos que o espírito, e até o próprio Criador, se compõe da quinta-essência da matéria; mas, não é disso que se tratam em nossa roca de ideias. Do que se trata é do materialismo vulgar, antônimo de espiritualismo, dos que, desde antes do Marxismo²² não admitem a existência do espírito, nem a sua sobrevivência.

E, para esses, a vida começa no

²² Moraes Silva, em seu Dicionário da Língua Portuguesa, publicado em Lisboa, em 1813, ou seja: cinco anos antes do nascimento de Carlos Marx, já ensinava: “MATERIALISTA, s. c. Pessoa, que diz no universo não há senão matéria, e nenhum ente de espiritual nem Deus mesmo”.

berço e acaba na sepultura, aliais, parece-nos, que, para o próprio Marxismo, à inteligência, ou seja: o espírito é uma manifestação do cérebro, função da matéria, e, portanto, morre com o corpo, o que quer dizer que a vida propriamente dita, ou seja: a existência humana começa no berço e acaba no túmulo. A matéria de que o corpo do indivíduo se compunha, como tudo o resto, transforma-se, depois: mas, tanto se pode transformar em outros indivíduos, como em batatas ou nabijas, que irão alimentar outros indivíduos, transformando-se, depois, em outras coisas, visto que a transformação é continua...

O que Lavoisier afirmou — que “não é espiritualístico”, como escreveu o nosso opositor, nem também materilístico... — foi que “nada se cria, nem nada se perde; tudo se transforma” (L. Troost, Abrégé de Chimie); mas, esse princípio fundamental da química refere-se à matéria já criada, existente no mundo material propriamente dito²³, em que o espírito a-pesar-de

²³ Lavoisier, en pesant les corps mis en présence dans ses diverses expériences, demonstra que les reactions chimiques sont Impuissantes à rien, ni à rien détruire. Cette loi signifie que la quantité de matière QUI SE TROUVE DANS LE MONDE est invariable*. (E. Bouant, “LA CHIMIE des Écoles Normales d'Instituteurs et du Brevet

matéria, segundo o conceito espiritista, acima referido — não se transforma, progride, dado o seu caráter de individualidade indestrutível. Mesmo porque os Espíritos não são matéria já existente no mundo, nem nele permanecem, transformando-se; muitos deles veem de planetas mais atrasados, e tantos outros, já demasiadamente evoluídos para permanecer na Terra, vão reencarnar em planetas mais adiantados, não se transformando, mas progredindo sempre, sem se modificar na sua essência...

Supérieurs”, Eug, Belalain, Edit., Paris, 1905, pag. 8).

Para quem ainda saiba menos que nós, isso, que aí fica, devidamente trocado em miúdos, quer dizer: “Lavoisier, pesando os corpos de que se serviu em suas diversas experiências, demonstrou que as reações químicas são impotentes para criar ou destruir seja o que for. Essa lei significa que a quantidade de matéria QUE SE ENCONTRA NO MUNDO é invariável.